

Alison Felipe Gesser

**FUNCIONALIDADES DO PRETÉRITO PERFEITO ESPANHOL  
EM TRADUÇÕES PARA DUBLAGEM: ANÁLISE DE CORPUS  
FÍLMICO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Leandra Cristina de Oliveira

Florianópolis  
2018

Gesser, Alison Felipe

Funcionalidades do pretérito perfeito espanhol em traduções para dublagem : análise de corpus fílmico / Alison Felipe Gesser ; orientadora, Leandra Cristina de Oliveira, 2018.

326 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

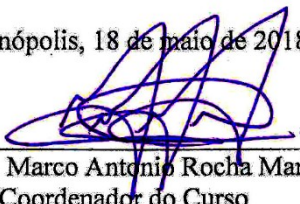
1. Linguística. 2. Pretérito perfeito do indicativo espanhol. 3. Gramaticalização. 4. Multifuncionalidade. 5. Tradução Audiovisual. I. Oliveira, Leandra Cristina de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Alison Felipe Gesser

**FUNCIONALIDADES DO PRETÉRITO PERFEITO ESPANHOL  
EM TRADUÇÕES PARA DUBLAGEM: ANÁLISE DE CORPUS  
FÍLMICO**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Linguística” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 18 de maio de 2018.



---

Prof. Dr. Marco Antonio Rocha Martins  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**



---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Leandra Cristina de Oliveira  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina



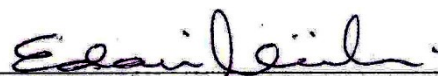
---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Carla Regina Martins Valle  
Universidade do Estado de Santa Catarina

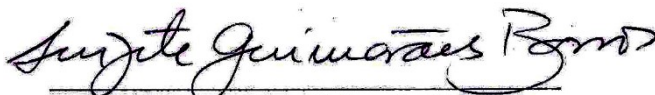


---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Carolina Parrini Ferreira  
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Edair Maria Görski  
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Luizete Guimarães Barros  
Universidade Estadual de Maringá

*A Sol, luz e inspiración.*



## AGRADECIMENTOS

De coração aberto, agradeço:

À minha família, pelo apoio constante. Em especial à *Solange*, minha mãe – a quem dedico esta dissertação –, e ao *Anderson*, meu irmão.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. *Leandra* Cristina de Oliveira, minha orientadora desde o Bacharelado em Letras Espanhol, pelo apoio, amizade e oportunidades ao longo destes anos acadêmicos. Obrigado por tudo!

Às demais professoras da banca, Dr<sup>ª</sup>. *Carla* Regina Martins Valle, Dr<sup>ª</sup>. *Carolina* Parrini Ferreira, Dr<sup>ª</sup>. *Edair* Maria Görski e Dr<sup>ª</sup>. *Luizete* Guimarães Barros, pela leitura desta dissertação e valiosas contribuições.

Às professoras Dr<sup>ª</sup>. *Ana* Kaciara Wildner (*in memoriam*) e Dr<sup>ª</sup>. *Meritxell* Hernando Marsal, pelos aportes trazidos durante a defesa do meu TCC da graduação, quando esta pesquisava dava seus primeiros passos.

Às belas amizades que (apenas) começaram na Academia: *Elys* Regina Zils, *Giovana* Reis Lunardi, *Graziele* Nack, *Maria* Helena Nunes Almeida e *Mary* Anne Warken Soares Sobottka.

À *María Alejandra* Godoy Roa, pela parceria e também risadas, que, sem dúvidas, tornaram mais leve e feliz o Mestrado! Obrigado pela ajuda com o *RStudio*!

Ao grande amigo Wenderson Phelipe da Silva *Santana* – daqui para o mundo, daqui para a vida –, a maior surpresa do Mestrado, especialmente por tantas coincidências. Por muito pouco (mesmo!) nossa amizade não começa durante o intercâmbio!

Ao México e às pessoas que conheci nesse país incrível, por terem me recebido de braços abertos durante o intercâmbio na Universidade de Guadalajara. Embora tenha acontecido na graduação, a experiência foi fundamental para a realização desta pesquisa.

À voz do Capitão Nascimento em contexto mexicano, o dublador José Arenas, pela contribuição ao estudo através de contato via rede social.

Aos colegas do CEEMO pelas discussões nos encontros do Projeto. Em especial, ao *Camilo* Urón Santiago pela revisão das amostras que transcrevi para o corpus filmico desta dissertação.

Aos colegas Agata Lechner Salvio, Carlos C. Solís, Gabriel Carbonel Reyes, Line Crettex, Mariana Martinez Stasi e Vanessa Tissier, pela aproximação aos informantes hispano-falantes.

Aos *senses* Ana, Debora, Jali, Nanda, San e Sil, pela amizade, conversas e risadas!

Às minhas queridas Hilda e Micheli: de forma leve, divertida e especial, nossa amizade se mantém ao longo dos anos.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC, pelos debates e ensinamentos.

À CAPES, pelo apoio financeiro.



## RESUMO

Com base no processo de gramaticalização – sob a ótica do Funcionalismo Linguístico norte-americano – e convocando estudos da Tradução Audiovisual, analisamos, nesta dissertação, a expressão temporal de passado codificada pelas duas formas do pretérito perfeito do indicativo no idioma espanhol: o pretérito perfeito simples (PPS) e o pretérito perfeito composto (PPC), com ênfase nesta última, uma vez que diversas pesquisas discutem a complexidade dessa forma verbal na língua em questão. Para o exame linguístico, elaboramos, a partir do filme brasileiro *Tropa de Elite* (2007), um corpus constituído da transcrição de enunciados presentes em três materiais: áudio original, em português; tradução ao espanhol neutral (dublagem em contexto mexicano); e tradução ao espanhol peninsular (dublagem produzida na Espanha). A partir de um controle estatístico da frequência de uso das duas formas de passado e sobretudo da funcionalidade desempenhada pelo PPC no corpus filmico, analisamos os dados em uma perspectiva quantitativa e qualitativa buscando testar as hipóteses formuladas. Assim, no que se refere ao emprego dos pretéritos, verificamos: (i) maior frequência de ocorrência do PPS em comparação com o PPC, tanto na dublagem neutral como na dublagem peninsular (contraste entre formas em uma mesma amostra); e (ii) maior frequência do PPC na tradução ao espanhol peninsular, comparada com a tradução ao espanhol neutral (contraste entre amostras, com interesse em uma forma). Nesse sentido, o corpus reflete a alta produtividade do pretérito perfeito simples na expressão de situações passadas no espanhol falado em contexto hispano-americano. Na dublagem produzida na Espanha, como consequência do estágio mais avançado do PPC peninsular na trajetória de sua gramaticalização – fato atestado em estudos resenhados nesta dissertação –, a frequência de emprego dessa forma verbal é alta, praticamente igualando-se à do PPS. Em direção à frequência das funções nas traduções hispânicas, confirmamos parcialmente nossa hipótese sobre a funcionalidade, pois, na dublagem neutral, (iii) constatamos mais valores do Estágio 3 (PPC Relevância Presente), seguido do Estágio 2 (PPC Continuidade), quando o esperado era frequência de uso inversa. No que se refere à dublagem peninsular, (iv) verificamos que o pretérito perfeito composto codifica valores do Estágio 3 (PPC Relevância Presente) e Estágio 4 (Perfectivo/Aoristo), resultados que estão de acordo com a hipótese formulada, pois a dublagem peninsular reflete a gramaticalização do PPC no espanhol falado na Espanha. Além disso, contrastamos as duas traduções para

dublagem e (v) observamos que, em diversos casos, o tradutor poderia ter empregado o PPC, mas optou majoritariamente pelo PPS – e, com menor frequência, por outras formas e estratégias de tradução –, fato que sugere existir um condicionamento do espanhol neutral utilizado em traduções para dublagem no universo hispânico, confirmando a hipótese que prevê preferência dessa variedade linguística ao emprego da forma simples em detrimento da forma composta. Durante o percurso desta pesquisa, decidimos aplicar um teste de percepção online a falantes nativos, com o propósito de verificar a aceitação/rejeição por parte de espectadores mexicanos, peruanos e argentinos – representantes do grande público da dublagem neutral – sobre usos dos pretéritos que observamos no corpus. A partir da aplicação do referido instrumento, no qual oferecemos aos informantes vídeos (extraídos do filme) com o contexto de interação das duas formas controladas, verificamos: (vi) aceitação tanto de PPS como de PPC nos contextos durativo, experiencial e passado recente; e (vii) por um lado, aceitação de PPC em contexto de subjuntivo somente entre os informantes da Cidade do México, e, por outro, alta rejeição desse mexicanismo sintático na percepção dos espectadores localizados em Lima e Buenos Aires. Em direção às conclusões, apesar do condicionamento do espanhol neutral na ocorrência do pretérito perfeito composto (item em (v)), os usos de PPC Relevância Presente identificados nessa amostra (item em (iii)), somados à constatação de um mexicanismo em uma tradução que se pretende geograficamente ampla (item em (vii)), sugerem ser pertinente considerar a própria evolução do PPC em direção à multifuncionalidade como resposta à ocorrência de certos valores nessa dublagem, já que correspondem ao momento de transição entre estágios de gramaticalização dessa forma verbal nas variedades faladas pelo público-alvo. Assim, entendemos que a língua – por ser um organismo vivo, natural, cuja gramática está sempre emergindo para desempenhar funções a serviço da comunicação – busca resistir ao condicionamento próprio do espanhol neutral, uma força externa, relativamente artificial.

**Palavras-chave:** Pretérito perfeito do indicativo. Gramaticalização. Multifuncionalidade. Tradução Audiovisual. Dublagem. Espanhol neutral.

## RESUMEN

Basándonos en el proceso de gramaticalización – bajo la óptica del Funcionalismo Lingüístico norteamericano – y convocando estudios de la Traducción Audiovisual, analizamos en esta tesis la expresión temporal de pasado codificada por las dos formas del pretérito perfecto de indicativo en la lengua española: el pretérito perfecto simple (PPS) y el pretérito perfecto compuesto (PPC), haciendo énfasis en este último, ya que diversas investigaciones discuten la complejidad de esta forma verbal en la lengua en cuestión. Para el examen lingüístico elaboramos, a partir de la película brasileña *Tropa de Élite* (2007), un corpus construido desde la transcripción de enunciados presentes en tres materiales: audio original en portugués, traducción al español neutral (doblaje en contexto mexicano) y traducción al español peninsular (doblaje producido en España). A partir del control estadístico de la frecuencia de uso de las dos formas de pasado y, principalmente, de la funcionalidad desempeñada por el PPC en el corpus filmico, analizamos los datos desde una perspectiva cuantitativa y cualitativa buscando probar las hipótesis formuladas. Así, en lo que a los empleos de los pretéritos se refiere, verificamos que: (i) hay una frecuencia de ocurrencia mayor del PPS en comparación con el PPC, tanto en el doblaje neutral como en el doblaje peninsular (contraste entre formas en una misma muestra); y (ii) una frecuencia mayor del PPC en la traducción al español peninsular comparada con la traducción al español neutral (contraste entre muestras con interés en una de las formas). En este sentido, el corpus refleja la alta productividad del pretérito perfecto simple en la expresión de situaciones pasadas en el español hablado en el contexto hispanoamericano. En el doblaje producido en España, como consecuencia de la fase más avanzada del PPC peninsular en su trayectoria de gramaticalización – hecho sustentado en estudios reseñados en esta tesis – la frecuencia de empleo de esta forma verbal es alta y prácticamente se iguala a la del PPS. En dirección a la frecuencia de las funciones en las traducciones hispánicas, confirmamos parcialmente nuestra hipótesis sobre la funcionalidad, pues en el doblaje neutral (iii) constatamos más valores de la Fase 3 (PPC Relevancia Presente), seguida de la Fase 2 (PPC Continuidad), cuando lo esperado era una frecuencia de uso invertida. En lo que se refiere al doblaje peninsular, (iv) verificamos que el pretérito perfecto compuesto codifica valores de la Fase 3 (PPC Relevancia Presente) y de la Fase 4 (Perfectivo/Aoristo), resultados que están de acuerdo con la hipótesis formulada, ya que el doblaje peninsular refleja la gramaticalización del

PPC en el español hablado en España. Adicional a esto, contrastamos las dos traducciones y (v) observamos que en diversos casos el traductor podría haber empleado el PPC, sin embargo, optó mayoritariamente por el PPS – y, con menos frecuencia, por otras formas y estrategias de traducción –, lo que sugiere que existe influencia del español neutral utilizado en traducciones para el doblaje dentro del universo hispánico, confirmando la hipótesis que prevé una preferencia de esa variedad lingüística hacia el empleo de la forma simple en detrimento de la forma compuesta. Durante el curso de esta investigación, decidimos aplicar un test de percepción en línea a hablantes nativos, con el propósito de verificar la aceptación/rechazo por parte de espectadores mexicanos, peruanos y argentinos – representantes del amplio público del doblaje neutral – sobre usos de los pretéritos que observamos en el corpus. A partir de la aplicación de dicho instrumento, en el cual ofrecemos a los informantes videos (extraídos de la película) con el contexto de interacción de las dos formas controladas, verificamos que: (vi) hay aceptación tanto del PPS como del PPC en los contextos durativo, experiencial y pasado reciente; y (vii) por un lado, hay aceptación del PPC en contexto de subjuntivo solamente entre los informantes de Ciudad de México y, por otro lado, existe un rechazo alto de ese mexicanismo sintáctico en la percepción de los espectadores localizados en Lima y Buenos Aires. En dirección a las conclusiones, a pesar de la influencia del español neutral en la ocurrencia del pretérito perfecto compuesto (ítem (v)), los usos de PPC Relevancia Presente identificados en esa muestra (ítem (iii)), sumados a la constatación de un mexicanismo en una traducción que pretende ser amplia geográficamente (ítem (vii)), sugieren que es pertinente considerar la propia evolución del PPC en dirección a la multifuncionalidad como respuesta a la ocurrencia de ciertos valores en ese doblaje, ya que corresponden al momento de transición entre fases de gramaticalización de esa forma verbal en las variedades habladas por el público objetivo. De este modo, entendemos que la lengua – por ser un organismo vivo, natural, cuya gramática está siempre emergiendo para desempeñar funciones al servicio de la comunicación – busca resistirse a la influencia propia del español neutral, una fuerza externa relativamente artificial.

**Palabras clave:** Pretérito perfecto de indicativo. Gramaticalización. Multifuncionalidad. Traducción Audiovisual. Doblaje. Español neutral.

## ABSTRACT

Based on the American Functionalist Theory, on the process of grammaticalization and on Audiovisual Translation studies, this thesis analyzes the temporal expression of the past codified by two forms of past tense in Spanish: *pretérito perfecto simple* (PPS) and *pretérito perfecto compuesto* (PPC), with emphasis on the last one, since there are several researches discussing the complexity of this verbal form in the Spanish language. From the 2007 Brazilian film *Elite Squad*, we elaborated a corpus, for the linguistic examination, that was composed by the transcription of statements from three materials: original audio, in Portuguese; translation into neutral Spanish (dubbing in Mexican context); and translation into peninsular Spanish (dubbing produced in Spain). From a statistical control of frequency of the two forms of past and above all of the functionality performed by PPC in the filmic corpus, we have analyzed the data in a quantitative and qualitative perspective seeking to test the formulated hypotheses. Thus, with regard to the use of the past tenses, we have observed: (i) a higher frequency of PPS in comparison with PPC, both in neutral dubbing and peninsular dubbing (contrast between forms in the same sample); and (ii) higher frequency of PPC in the translation to the peninsular variety, compared with the translation to the neutral variety (contrast between samples, with interest in one form). Thereby, the corpus reflects the high productivity of PPS in expressing past situations in the varieties of Spanish in Hispanic American countries. In the dubbing produced in Spain, the frequency of PPC is higher, practically equaling that of PPS, due to a more advanced stage of that verbal form in the trajectory of its grammaticalization in the peninsular variety, which was attested in studies reviewed in this thesis. In relation to the frequency of functions in the Hispanic translations, we have partially confirmed our hypothesis about the functionality of the forms, since, in the neutral dubbing, (iii) we have found more values of Stage 3 (PPC Present Relevance), followed by Stage 2 (PPC Continuity), when we were expecting the inverse frequency. As regarding to the peninsular dubbing, (iv) we have verified that PPC encodes values of Stage 3 (PPC Present Relevance) and Stage 4 (Perfective/Aorist), which is in accordance with the formulated hypothesis, since the peninsular dubbing reflects the PPC grammaticalization in the Spanish spoken in Spain. In addition, we contrasted the two translations and (v) we observed that, in several cases, the translator could have used PPC, but they opted mostly for PPS, and, less frequently, for other forms and strategies of translation,

which suggests that there is a conditioning to the neutral dubbing, confirming the hypothesis that foresees the preference to PPS in Hispanic American varieties instead of PPC. During the course of this research, we decided to apply an online perception test to native speakers, with the purpose of verifying the acceptance/rejection by Mexican, Peruvian and Argentine spectators (representatives of the huge audience of neutral dubbing) about uses of the past tense that we observed in the corpus. From the application of this instrument, in which we provided the informants with videos (extracted from the film) that contained the interaction context of the two controlled forms, we verified: (vi) acceptance of both PPS and PPC in durative, experiential and recent past contexts; and (vii), on the one hand, acceptance of PPC in a subjunctive context only among informants from Mexico City, and, on the other hand, high rejection of this syntactic Mexicanism in the perception of spectators located in Lima and Buenos Aires. Towards our conclusions, in spite of the neutral Spanish's conditioning on the use of PPC (item in (v)), the uses of PPC Present Relevance identified in this sample (item in (iii)), added to the finding of a Mexicanism in a translation that intends to be geographically broad (item in (vii)), suggest that it is pertinent to consider the evolution of PPC towards multifunctionality as a response to the occurrence of certain values in this dubbing, because they correspond to the moment of transition between stages of grammaticalization of this verbal form in the varieties spoken by the target audience. Thus, we understand that language – as a living, natural organism whose grammar is always emerging to perform functions in the service of communication – seeks to resist the conditioning of the neutral Spanish, an external and relatively artificial force.

**Keywords:** Past tense. Grammaticalization. Multifunctionality. Audiovisual Translation. Dubbing. Neutral Spanish.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Relação entre Tempo e referência temporal .....	114
Figura 2 – Estágios de gramaticalização, funções e subfunções do PPC .....	153
Figura 3 – Exemplo de formato de texto em uma tradução para dublagem.....	175





## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – <i>Express Scribe</i> : tela de trabalho .....	206
Imagem 2 – <i>RStudio</i> : tela de trabalho .....	215
Imagem 3 – Teste de percepção: coleta de dados do perfil do informante .....	226
Imagem 4 – Teste de percepção: apresentação de ocorrências sem oferta de contexto .....	227
Imagem 5 – Teste de percepção: apresentação de ocorrências com oferta de contexto em vídeo.....	228
Imagem 6 – Teste de percepção: inserção de conteúdo por parte dos informantes.....	229



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ocorrências de PPS traduzidas ao espanhol como PPC .....	35
Quadro 2 – Estágios de gramaticalização do PPC.....	51
Quadro 3 – Síntese dos valores do PPC .....	52
Quadro 4 – Elementos léxicos e pragmáticos associados ao estilo .....	85
Quadro 5 – Síntese dos estágios e da funcionalidade do PPC nas variedades hispânicas consideradas.....	96
Quadro 6 – Gramaticalização de “ <i>habere</i> ”: de construção lexical a construção gramatical.....	100
Quadro 7 – Gramaticalização de “ <i>habere</i> ”: surgimento de novas funções .....	101
Quadro 8 – Etapas de gramaticalização de < <i>haber</i> + participio> como forma verbal composta .....	106
Quadro 9 – Exemplo de macrodomínio, domínio e microdomínio codificados pelo PPC .....	113
Quadro 10 – Estrutura de Tempo considerando formas temporais no espanhol.....	116
Quadro 11 – Sistema aspectual do espanhol .....	124
Quadro 12 – Variedades e subvariedades aspectuais no espanhol .....	127
Quadro 13 – Tipos de <i>Perfect(o)</i> .....	130
Quadro 14 – Funções e subfunções aspectuais codificadas pelo PPC. ....	132
Quadro 15 – Síntese dos elementos que causam impacto na leitura aspectual do PPC.....	132
Quadro 16 – Classificação de verbos .....	134
Quadro 17 – Pares eventivos .....	136
Quadro 18 – Complementos adverbiais de duração, localização, fase e frequência.....	138
Quadro 19 – Gradiente de certeza das modalidades epistêmicas .....	146
Quadro 20 – Tipos de legendas a partir do critério linguístico .....	171
Quadro 21 – Condições para a comunicação nos polos da <i>inmediatez</i> e <i>distancia</i> .....	181
Quadro 22 – Corpus fílmico: exemplo de organização .....	208
Quadro 23 – Corpus fílmico: variáveis e etiquetas .....	210
Quadro 24 – Corpus fílmico: exemplo de organização após etiquetagem .....	211
Quadro 25 – Corpus fílmico: exemplo de situação de etiquetagem ....	212
Quadro 26 – Corpus fílmico: exemplo de situação de etiquetagem ....	212
Quadro 27 – Corpus fílmico: exemplo de situação de etiquetagem ....	213
Quadro 28 – Corpus fílmico: variáveis e etiquetas .....	216
Quadro 29 – Corpus fílmico: variáveis e etiquetas .....	216

Quadro 30 – Corpus filmico: exemplo de situação de etiquetagem.....	217
Quadro 31 – Corpus filmico: exemplo de situação de etiquetagem.....	218
Quadro 32 – Teste de percepção: regiões dialetais contempladas .....	220
Quadro 33 – Teste de percepção: ocorrências selecionadas.....	222

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Valor do PPC nas notícias publicadas na Cidade do México .....	63
Tabela 2 – Valor do PPC nas notícias publicadas em Lima.....	81
Tabela 3 – Valor do PPC nas notícias publicadas em Buenos Aires.....	88
Tabela 4 – Valor do PPC nas notícias publicadas em Madri.....	94
Tabela 5 – Frequência de uso do PPS e do PPC em contextos interrogativos na dublagem neutral .....	148
Tabela 6 – Frequência de uso dos dois pretéritos no corpus filmico...	232
Tabela 7 – A frequência de uso do PPC em nível de função nas traduções .....	235
Tabela 8 – A frequência de uso do PPC em nível de subfunção nas traduções .....	236
Tabela 9 – Estágios de gramaticalização do PPC a partir das funções identificadas nas traduções.....	239
Tabela 10 – Noções temporais identificadas sob o escopo de PPC Passado Recente na dublagem peninsular .....	257
Tabela 11 – A frequência de uso do PPC em nível de subfunção dos Estágios 2 e 3 nas traduções.....	271
Tabela 12 – Escolhas tradutórias da dublagem neutral em contraste com enunciados de PPC na dublagem peninsular.....	281
Tabela 13 – A percepção de espectadores hispano-falantes sobre uso de PPC em contexto durativo.....	285
Tabela 14 – A percepção de espectadores hispano-falantes sobre uso de PPS em contexto durativo .....	289
Tabela 15 – A percepção de espectadores hispano-falantes sobre uso de PPC em contexto experiencial.....	293
Tabela 16 – A percepção de espectadores hispano-falantes sobre uso de PPS em contexto experiencial .....	296
Tabela 17 – A percepção de espectadores hispano-falantes sobre uso de PPC em contexto de passado recente .....	299
Tabela 18 – A percepção de espectadores hispano-falantes sobre uso de PPS em contexto de passado recente.....	303
Tabela 19 – A percepção de espectadores hispano-falantes sobre uso de PPC em contexto de subjuntivo .....	306



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Dub. – Dublagem

Inform. – Informação

Mex. – Mexicano

Pas. – Passado

Penins. – Peninsular

Port. – Português

CA – Complemento adverbial

CE – Conversa espontânea

E – Evento

ES – Entrevista sociolinguística

H – Momento de fala

PPC – Pretérito perfeito composto

PPS – Pretérito perfeito simples

PRES – Presente

Q – Questionário

R – Ponto de referência

TAV – Tradução Audiovisual





## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Introdução.....</b>	<b>29</b>
1.1	Justificativa .....	36
1.2	Objetivos .....	37
1.2.1	Objetivo geral.....	37
1.2.2	Objetivos específicos .....	37
1.3	Questões e hipóteses .....	38
<b>2</b>	<b>Pesquisas sobre o fenômeno .....</b>	<b>45</b>
2.1	Nossos estudos antecedentes.....	45
2.2	As formas simples e composta do pretérito perfeito: <i>canté e he cantado</i> .....	47
2.2.1	O PPC na diacronia: do latim ao português e ao espanhol modernos.....	47
2.2.2	Os pretéritos no espanhol americano: valores linguísticos....	53
2.2.2.1	Os pretéritos no espanhol mexicano.....	53
2.2.2.2	Os pretéritos no espanhol peruano .....	71
2.2.2.3	Os pretéritos no espanhol argentino .....	82
2.2.3	Os pretéritos no espanhol peninsular: valores linguísticos.....	89
2.2.4	Síntese dos valores linguísticos atuais .....	95
<b>3</b>	<b>Funcionalismo, gramaticalização e multifuncionalidade: um diálogo entre o objeto e as bases teóricas da pesquisa .....</b>	<b>97</b>
3.1	Processo de gramaticalização: o PPC em evolução .....	99
3.2	O PPC e o (macro)domínio funcional TAM .....	111
3.2.1	O PPC e a categoria Tempo .....	113
3.2.2	O PPC e a categoria Aspecto .....	121
3.2.3	O PPC e a categoria Modalidade.....	145

3.3	A multifuncionalidade do PPC: recuperando os estágios de gramaticalização e estabelecendo macrofunções, funções e subfunções .....	151
<b>4</b>	<b>Tradução Audiovisual .....</b>	<b>159</b>
4.1	Breve contextualização da Tradução Audiovisual.....	159
4.2	Legendagem e dublagem .....	170
4.2.1	Aspectos e processos da legendagem .....	170
4.2.2	Aspectos e processos da dublagem .....	174
4.3	A escolha pela dublagem .....	179
4.4	Traduções para dublagem no universo hispânico .....	183
4.4.1	Dublagem em contexto hispano-americano: o espanhol neutral .....	184
4.4.2	Dublagem em contexto peninsular.....	196
<b>5</b>	<b>Metodologia .....</b>	<b>199</b>
5.1	Composição do corpus.....	201
5.2	Organização do corpus.....	207
5.3	Tratamento estatístico .....	209
5.4	Primeira análise quantitativa e qualitativa: o corpus filmico .....	218
5.5	Delimitação, criação e aplicação do teste de percepção .....	219
5.6	Segunda análise quantitativa e qualitativa: o teste de percepção .....	224
<b>6</b>	<b>O uso dos pretéritos no corpus filmico: análise e discussão dos dados.....</b>	<b>231</b>
6.1	A frequência de uso das formas de passado.....	231
6.2	A frequência de uso das funções do PPC.....	234
6.3	A funcionalidade dos pretéritos nas traduções para dublagem .....	242
6.3.1	As funções do PPC na dublagem neutral.....	242
6.3.2	As funções do PPC na dublagem peninsular .....	249

6.3.3	Contraste entre as traduções para dublagem: a hipótese do neutral .....	270
6.4	A percepção de espectadores hispano-falantes sobre usos dos pretéritos na dublagem neutral .....	284
6.4.1	Percepção sobre uso de PPC em contexto durativo .....	284
6.4.2	Percepção sobre uso de PPS em contexto durativo .....	288
6.4.3	Percepção sobre uso de PPC em contexto experiencial .....	292
6.4.4	Percepção sobre uso de PPS em contexto experiencial.....	295
6.4.5	Percepção sobre uso de PPC em contexto de passado recente .....	298
6.4.6	Percepção sobre uso de PPS em contexto de passado recente .....	302
6.4.7	Percepção sobre uso de PPC em contexto de subjuntivo ....	305
	<b>Considerações finais.....</b>	<b>311</b>
	<b>Referências.....</b>	<b>317</b>



## INTRODUÇÃO

Neste estudo, analisamos a expressão temporal de passado codificada pelo pretérito perfeito simples (PPS) e pelo pretérito perfeito composto (PPC) do indicativo no idioma espanhol, essencialmente<sup>1</sup>, e no português brasileiro. O objetivo principal é observar as funções desempenhadas pelas formas verbais citadas e sua complexa oposição na língua espanhola, com ênfase na multifuncionalidade do PPC – fenômeno morfossintático que tem sido estudado por diversos pesquisadores hispanistas (AIROLDI, 2015; ALBANO, 2016; AZPIAZU, 2013; BERMEJO CALLEJA, 2017; JARA YUPANQUI, 2013; LOPE BLANCH, 2008a [1961]; 2008b [2004]; MORENO DE ALBA, 2003a [1972]; 2003b [1974]; 2003c [2001]; OLIVEIRA, 2007; 2008; 2010; OLIVEIRA; GESSER, 2014; 2015; RODRÍGUEZ LOURO, 2008; ROMANI, 2006; SQUARTINI; BERTINETTO, 2000; entre outros).

Com base na gramaticalização do pretérito perfeito composto – processo que levamos em conta sob a ótica do Funcionalismo Linguístico norte-americano – e convocando estudos sobre a Tradução Audiovisual, temos, nesta dissertação, como amostras de análise, os enunciados presentes no material de áudio do filme brasileiro *Tropa de Elite* (2007), em três versões: (i) áudio original, em português; (ii) tradução ao espanhol neutral<sup>2</sup> (dublagem em contexto mexicano); e (iii) tradução ao espanhol peninsular (dublagem produzida na Espanha).

---

<sup>1</sup> Dizemos que o interesse recai essencialmente sobre o espanhol por conta da complexidade e da multifuncionalidade por trás do PPC nesse idioma. Não obstante, nossa reflexão também contempla em alguma medida o português brasileiro, haja vista o texto original examinado neste estudo ter sido escrito nessa variedade linguística, servindo de partida para os dois textos traduzidos ao espanhol.

<sup>2</sup> Assumindo uma perspectiva funcionalista de língua, defendemos que nenhum uso linguístico pode ser considerado neutro – pragmática está sempre em jogo durante a interação –, então, naturalmente é questionável a nomenclatura “espanhol neutral” ou “dublagem neutral”. Conforme explicamos na seção 4.4.1, a variedade hispânica em questão também é conhecida como “espanhol internacional”, entre outras denominações. Nesta dissertação, contudo, empregamos “neutral” pois o termo é utilizado especialmente em traduções audiovisuais, com ênfase na dublagem praticada na América Hispânica, enquanto “internacional” remete a todo o universo hispânico – incluindo, então, também a Espanha, o que não é o caso das traduções praticadas em contexto mexicano, que não têm como público-alvo os espectadores espanhóis.

A existência, em uma mesma sincronia, de pelo menos duas traduções filmicas hispânicas de uma obra cinematográfica brasileira aponta, basicamente, para duas questões inter-relacionadas: uma de natureza econômico-tradutória e outra de natureza linguística – em sentido amplo, não apenas estrutural –, sendo aquela decorrente desta última. Por um lado, reconhece-se a necessidade de serem levados em conta públicos linguisticamente distintos no âmbito de um mesmo idioma – o espanhol –, fato que fragmenta o mundo hispânico, quando menos, em dois mercados de tradução audiovisual: (i) o da América Hispânica, onde é praticada a dublagem em espanhol neutral<sup>3</sup>, uma tradução, geralmente feita em contexto mexicano, destinada aos países hispânicos do continente americano; e (ii) o da Espanha, onde é comercializada a dublagem em espanhol peninsular, produzida nesse país e para esse público específico.

Como justificativa para tal realidade, por outro lado, está o fato linguístico que vem sendo discutido há séculos pelos cientistas da linguagem: a língua muda. Sabemos que, como característica inerente, a língua apresenta a propriedade de mudar ao longo do tempo, o que pode ocorrer por inúmeras razões e em diferentes níveis linguísticos. No caso do espanhol, que é falado em mais de 20 países e conta com mais de 522 milhões de falantes em todo o mundo<sup>4</sup> (MORENO FERNÁNDEZ; OTERO ROTH, 2016 [2007], p. 40), é ainda mais esperada a variação linguística. Sobre o que apresentamos até o momento, isto é, a coexistência de traduções sincrônicas de uma mesma obra ao espanhol, entende-se que essa realidade decorre do fato de haver forte variação diatópica atuando sobre o idioma em questão.

Nessa direção, e delimitando o escopo desta pesquisa, é de nosso interesse, precisamente, o seguinte objeto de estudo: a expressão de passado codificada pelas duas formas verbais do pretérito perfeito do indicativo, isto é, o pretérito perfeito simples (*canté*) e o pretérito perfeito composto (*he cantado*). Embora o olhar recaia essencialmente sobre o idioma espanhol, representado, nas amostras de análise, pelas variedades neutral (dublagem em contexto mexicano) e peninsular

---

<sup>3</sup> Mas não apenas. Como veremos no Capítulo 4 – dedicado à produção de dublagens no universo hispânico e outras questões –, existe a possibilidade de oferta de outras traduções no contexto hispano-americano, como dublagens nas variedades mexicana e argentina do espanhol, por exemplo.

<sup>4</sup> Somando-se nativos, falantes de habilidade limitada e aprendizes de espanhol como língua estrangeira (MORENO FERNÁNDEZ; OTERO ROTH, 2016 [2007], p. 40).

(dublagem em contexto peninsular), o português brasileiro também é considerado em alguma medida ao longo da investigação, haja vista a pertinência do contraste entre o texto original e os textos traduzidos, no tocante à amostra fílmica analisada.

Concernente ao espanhol – idioma em que o objeto de estudo apresenta maior complexidade, conforme estudos resenhados nesta dissertação –, o uso das formas *canté* e *he cantado* geralmente é diferenciado, didaticamente, via critério temporal<sup>5</sup>. É o que observamos, por exemplo, no manual de gramática “*Dificultades del español para brasileños*”, no qual o PPS é definido como tempo verbal que “*expresa hechos pasados ocurridos en un periodo de tiempo terminado*” (CHOZAS; DORNELES, 2003, p. 56); e o PPC, em oposição à forma simples, como tempo verbal que “*expresa hechos pasados ocurridos en un periodo de tiempo no terminado, en el que el hablante se siente aún inmerso*”. Para os autores, expressões temporais como “*ayer*”, “*anteayer*”, “*anoche*” e “*el año pasado*” – períodos de tempo acabados – corresponderiam ao emprego da forma simples, enquanto expressões como “*hoy*”, “*esta mañana*”, “*este año*” e “*toda mi vida*” – períodos de tempo não acabados –, ao uso da forma composta.

A diferenciação exposta acima, relativamente frequente em alguns materiais didáticos<sup>6</sup> destinados ao processo de ensino e aprendizagem de espanhol, além de ignorar a possibilidade de uso dos pretéritos em outros contextos, parece ser insuficiente para descrever o emprego das duas formas verbais mesmo no âmbito da temporalidade. Como breve exemplificação, em algumas variedades desse idioma – nas do continente americano, especialmente – é possível o uso do pretérito perfeito simples em períodos de tempo não acabados, conforme observamos a partir das ocorrências a seguir, originalmente publicadas na rede social *Twitter*:

---

<sup>5</sup> Embora esta pesquisa não se destine diretamente a uma reflexão pedagógica, desenvolve-se por um afã aplicável, colocando em discussão um objeto complexo do ponto de vista tanto da aprendizagem do espanhol como de sua tradução, consoante, desse modo, ao apelo de Moreno Fernández (2004, p. 43): “*se trata de que los lingüistas redacten sus informes sobre los usos lingüísticos pensando que esa información puede tener una aplicación práctica (debería hacerse más ‘lingüística aplicable’)*”.

<sup>6</sup> Além do citado “*Dificultades del español para brasileños*” (CHOZAS; DORNELES, 2003), verificamos explicação semelhante em outros materiais didáticos: “*Español [básico I]: curso de español para hablantes de portugués*” (DURÃO, 2001, p. 184-185) e “*Gramática de espanhol para brasileiros*” (MILANI, 2006, p. 211-214), por exemplo.

- (1) *Confieso que **hoy llore** viendo las noticias. La gente que está en la frontera me hizo llorar* (Falante de Medellín, Colômbia. Disponível em: <<https://twitter.com/CatrionaMorphay/status/636364907634630656>>. Data e hora de publicação: 25/08/15, 21h29<sup>7</sup>).
- (2) *En el #Atlántico, [el huracán] #Danny se degradó a depresión tropical y **esta mañana se localizó** a 2,725 km al este de Cancún* (Falante da Cidade do México, México. Disponível em: <[https://twitter.com/SEMARNAT\\_mx/status/635841567031435264](https://twitter.com/SEMARNAT_mx/status/635841567031435264)>. Data e hora de publicação: 24/08/15, 10h50).
- (3) *Tengo la sensación de que las chicas que **viajaron este año** a Disney no disfrutaron nada por estar metidas en el celular* (Falante de Córdoba, Argentina. Disponível em: <<https://twitter.com/AldiSampaolesi/status/625878425534898176>>. Data e hora de publicação: 28/07/15, 1h00).
- (4) *Toda mi vida **quise** estudiar arquitectura, quedé en la USB [Universidad Simón Bolívar] en matemáticas y no pude cambiarme porque no habían ni salones ni profesores* (Falante de Caracas, Venezuela. Disponível em: <[https://twitter.com/Denisse\\_077/status/636368072148918272](https://twitter.com/Denisse_077/status/636368072148918272)>. Data e hora de publicação: 25/08/15, 23h42).

A partir de dados da língua em uso, apresentados nas ocorrências acima, observamos o emprego da forma simples em situações didaticamente previstas para o uso da forma composta: “**hoy llore**”, “**esta mañana se localizó**”, “**viajaron este año**” e “**toda mi vida quise**” – ocorrências de (1) a (4), respectivamente. Em uma tentativa forçada de seguir à risca a lógica “tempo acabado vs. tempo não acabado”, estendendo, nesse sentido, os limites da regra citada, uma interpretação do dado em (2) poderia considerar que a notícia em questão, divulgada pela Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Naturais do México, tivesse sido publicada em um período daquele dia que não a manhã – à tarde ou à noite –, o que caracterizaria “*esta mañana*” como um período de tempo acabado, justificando o uso do PPS “*se localizó*”. Entretanto, o dado foi publicado às 10h50 – fuso horário da capital mexicana –, indicando que o emissor se encontrava cronologicamente no mesmo período de tempo do evento noticiado: “*esta mañana*”.

---

<sup>7</sup> Os horários de publicação correspondem ao fuso horário de cada capital hispânica: Bogotá, Cidade do México, Buenos Aires e Caracas – dados apresentados de (1) a (4), respectivamente.



Indo além do critério temporal, estudos recentes<sup>8</sup> têm observado a influência de outros fatores na escolha do hispano-falante por uma ou outra forma verbal de passado. Contextos de dúvida/certeza, de negação, experienciais, interrogativos, entre outros, podem causar impacto na oposição entre o pretérito perfeito simples e o pretérito perfeito composto no espanhol.

Antecipando brevemente discussão realizada em capítulos subsequentes, o amplo leque de contextos de uso atribuído ao pretérito perfeito composto é explicado, a partir da gramaticalização e sob a ótica do funcionalismo, como resultado da atuação das categorias Tempo, Aspecto e Modalidade, principalmente no que diz respeito ao PPC no espanhol, forma verbal complexa que expressa multifuncionalidade (OLIVEIRA, 2010). Nesse sentido, importa ter em mente três considerações inter-relacionadas sobre o pretérito perfeito composto, especificamente: (i) trata-se de uma forma verbal multifuncional, como dissemos; (ii) suas funções podem variar parcialmente entre as regiões, os países e as variedades hispânicas, isto é, a variação diatópica tem impacto no uso linguístico; e (iii) no espanhol, entre outras línguas, o PPC é uma forma verbal em processo de gramaticalização.

Este último ponto é imprescindível para a compreensão do pretérito perfeito composto, pois, a depender do estágio de gramaticalização em que se encontre o PPC dentro da trajetória de evolução prevista na literatura, uma variedade linguística pode apresentar usos não identificados em outra. É o que se observa no contraste entre o espanhol mexicano e o espanhol peninsular, por exemplo, estando esta última variedade em estágio mais avançado, comparada com a primeira, conforme os resultados discutidos por Oliveira (2010), entre outros estudos.

Paralelamente à heterogeneidade presente entre variedades de um mesmo idioma, também é de interesse contribuir, em alguma medida, para a reflexão sobre as diferenças entre o espanhol e o português, minha língua de formação acadêmica e minha língua materna, respectivamente. Em um olhar contrastivo, entende-se que as duas formas do pretérito perfeito no espanhol – tanto *canté* como *he cantado* – podem ter como equivalência, no português brasileiro, o pretérito perfeito simples: “cantei”. Apesar da existência da forma composta no português, o PPS é a forma verbal que detém, nesse idioma, parte significativa do leque de funções atribuído ao PPC no espanhol.

---

<sup>8</sup> Em sua maioria, os que citamos no primeiro parágrafo.

Exemplificando esse ponto contrastivo, pisando no terreno profissional da Tradução, existe uma indicação por parte de agências e empresas especializadas nesse tipo de serviço linguístico, no sentido de que os tradutores estejam atentos às diferenças de significado (ou função, em nossos termos) concernentes ao pretérito perfeito composto nos dois idiomas que estamos discutindo. Segundo o material “*Guías de estilo del español latinoamericano*”, fornecido pela empresa Ccaps Translation & Localization a seu grupo de tradutores, a orientação é que a forma composta seja sempre traduzida pela forma simples em traduções na direção espanhol > português (CCAPS, 2017, p. 15)<sup>9</sup>. O entendimento da empresa é que o pretérito perfeito composto deve ser empregado, no espanhol, para fazer referência a fatos passados que têm relação com a zona temporal na qual se encontra o falante – “*este fin de semana hemos recibido muchas solicitudes*” –, enquanto no português essa forma verbal é utilizada para indicar um fato que vem acontecendo com frequência – “*ultimamente, temos recebido muitas solicitações*”, conforme explicação e exemplos oferecidos no guia citado.

Naturalmente, o cuidado em não se deixar levar pela forma linguística, tendo em conta suas funcionalidades, é importante no trabalho do tradutor, para não gerar problemas de significado no texto traduzido. Contudo, é questionável, para determinados contextos de uso, a padronização estilística “PPC espanhol = PPS português”, pois, como será visto ao longo deste estudo, há casos em que o pretérito perfeito composto compartilha funções entre os dois idiomas, fato que deveria autorizar a tradução do PPC pela mesma forma linguística na língua de chegada em casos sem ambiguidades semântico-pragmáticas.

A justificativa para essa diferenciação entre formas e funções – a qual é uma preocupação no meio profissional, como pudemos ver –, está no fato de que o português e o espanhol, apesar da origem compartilhada que remete ao latim, apresentam ritmos distintos no que concerne ao processo de gramaticalização do pretérito perfeito composto

---

<sup>9</sup> “*Al traducir del español al portugués, debemos sustituir el pretérito perfecto compuesto por el “pretérito perfecto”*”:

*Original: No ha sido posible establecer la conexión.*

*Usa incorrecto: Não tem sido possível estabelecer a conexão.*

*Usa correcto: Não **foi** possível estabelecer a conexão.*

*Original: Sus archivos han sido copiados con éxito.*

*Usa incorrecto: Seus arquivos têm sido copiados com sucesso.*

*Usa correcto: Seus arquivos **foram** copiados com sucesso”.*

do indicativo, resultando daí a diferença nos usos linguísticos, naturalmente refletida em traduções. O quadro apresentado a seguir, adaptado de Oliveira e Gesser (2015), ilustra brevemente essa disparidade<sup>10</sup> entre os dois idiomas:

Quadro 1 – Ocorrências de PPS traduzidas ao espanhol como PPC

<b>Áudio original (português brasileiro)</b>	<b>Dublagem neutral (contexto mexicano)</b>
(6) É, Capitão, mas as peça nova que o senhor encomendou não <b>chegaram</b> , não, viu.	(7) <i>Capitán, pero las piezas nuevas que ordenó no <b>han llegado</b> todavía.</i>
(8) Para a canção! Cessa... a canção! Xerife! Esse é o pior turno que eu já vi na minha vida!	(9) <i>¡Dejen de cantar! ¡Dejen... de cantar! ¡Sheriff! Este es el peor grupo que <b>he visto</b> en toda mi vida.</i>
(10) Você <b>perdeu</b> a noção do perigo, meu irmão?	(11) <i>¿<b>Has perdido</b> la noción del peligro?</i>
(12) E você já <b>procurou</b> saber o que é?	(13) <i>¿Y no <b>has intentado</b> averiguar por qué?</i>
(14) Normal? Vocês <b>ficaram</b> malucos, porra? Furto dentro de quartel é crime militar!	(15) <i>¿Normal? ¿Se <b>han vuelto</b> locos? ¡Hurto en el cuartel es crimen militar!</i>

Fonte: Adaptado de Oliveira e Gesser (2015, p. 52).

Cabe abrir um parêntese para registrar que, embora compreendamos a possibilidade de lançar o olhar primeiramente às funções, isto é, tê-las como ponto de partida, optamos por iniciar o exame linguístico a partir das formas – de PPS e PPC, em específico –, tendo em vista as limitações desta pesquisa, principalmente no que se refere ao tempo disponível para sua realização, associado à complexidade das amostras selecionadas para a análise<sup>11</sup>. Essa escolha,

<sup>10</sup> Situando o leitor no que diz respeito aos usos linguísticos apresentados no quadro, observa-se, nas ocorrências da coluna à direita, o uso do PPC espanhol em contexto de continuidade – dado em (11) –, contexto de experiência – (12) – e em contextos modais – de (13) a (15). Nas ocorrências em (11) e (14), verifica-se, ainda, a presença da negação. No contraste com o áudio original, representado pelas ocorrências da coluna à esquerda, observa-se que as funções expressas pelo PPC espanhol podem ser codificadas, no português brasileiro, através do pretérito perfeito simples – dados de (6) a (10).

<sup>11</sup> Conforme detalhamentos apresentados no Capítulo 5, dedicado à Metodologia, uma das etapas desta pesquisa consistiu na transcrição do material

contudo, não implica um interesse limitado à forma; apenas determina o critério utilizado para a seleção (entre milhares) de ocorrências, transformadas em dados para análise. Além disso, nossa proposta não contempla a criação de rótulos (novas classificações) para as funções identificadas, o que é possível em pesquisas de cunho funcionalista, pois entendemos que há trabalhos que já o fizeram<sup>12</sup>, os quais servirão de respaldo, nesse sentido, durante a análise da multifuncionalidade do pretérito perfeito composto do indicativo.

### 1.1 JUSTIFICATIVA

Conforme dissemos em linhas introdutórias deste trabalho, a oposição entre as duas formas do pretérito perfeito no espanhol é fenômeno linguístico bastante investigado por pesquisadores hispanistas. Contudo, quando buscamos olhares direcionados a materiais de áudio – tanto original como traduzido, extraídos de obras cinematográficas –, a literatura disponível se torna um pouco restrita, especialmente no que se refere ao comportamento do fenômeno na dublagem neutral: praticamente não há trabalhos que problematizem a influência dessa variedade<sup>13</sup> no uso dos pretéritos<sup>14</sup>.

Nessa direção, esta pesquisa se justifica pela relevância em observar a expressão de passado codificada pelas duas formas do pretérito perfeito em um corpus relativamente menos explorado: a amostra fílmica. Consideramos pertinente olhar o comportamento do objeto linguístico, especialmente: (i) no âmbito de duas traduções ao espanhol, que tiveram como língua de partida o português brasileiro; e (ii) em dados da língua em uso a partir do material de áudio de um produto cinematográfico, compreendido, aqui, como representante de

---

nas três versões de áudio, um trabalho atento e bastante demorado. Numericamente, essa tarefa abrangeu 1h55 de áudio do filme em cada variedade linguística, totalizando quase 6 horas de material transcrito e aproximadamente 54.600 palavras. O tempo cronológico dedicado à transcrição foi longo.

<sup>12</sup> Em sua maioria, os estudos citados no primeiro parágrafo, no âmbito do Funcionalismo Linguístico ou a partir de outras perspectivas teóricas.

<sup>13</sup> Conforme discutimos na seção 4.4, o espanhol neutral é uma variedade linguística relativamente artificial, criada para uso em meios de comunicação de massa.

<sup>14</sup> Segundo o alcance de nossas leituras, um dos poucos trabalhos nesse sentido é o de Bravo García (2008), que tenta descrever o comportamento de alguns fenômenos no espanhol neutral – incluindo o pretérito perfeito composto –, conforme resenhas na seção 4.4.1.

língua real, não artificial, e que não deve, portanto, ser descartado da análise linguística.

Nossa proposta é, ainda, reafirmar que a discussão e resultados alcançados na Linguística são úteis para o processo de tradução. Assim, o entendimento da gramaticalização – de seus princípios, mecanismos de mudança, entre outros – permite descrever e compreender a (multi)funcionalidade de formas verbais como o pretérito perfeito composto, conhecimento que contribui positivamente para o trabalho do tradutor, especialmente quando ele deve fazer escolhas tradutórias que envolvam formas linguísticas em evolução.

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo geral

Tendo como ponto de partida um controle estatístico, o objetivo geral desta dissertação é descrever o uso do pretérito perfeito composto (*he cantado*) – com interesse especial em sua (multi)funcionalidade –, observando a relação existente entre essa forma verbal e o pretérito perfeito simples (*canté*) no idioma espanhol, a partir de enunciados em três materiais de áudio do filme brasileiro *Tropa de Elite*.

### 1.2.2 Objetivos específicos

Considerando o objetivo geral acima, os objetivos específicos deste trabalho são os seguintes:

- ⇒ Analisar estatisticamente a frequência de uso das duas formas nas amostras estabelecidas para a análise, bem como oferecer reflexão quantitativa e qualitativa sobre os dados obtidos.
- ⇒ Identificar, após quantificação das ocorrências de passado – a partir das formas de PPS e PPC, especificamente –, utilizando fatores de análise capazes de auxiliar na interpretação do significado e dos contextos de uso, quais funções são desempenhadas pelo pretérito perfeito composto nas duas amostras de áudio traduzidas ao espanhol, correspondentes às dublagens neutral e peninsular – produzidas, respectivamente, no México e na Espanha.

- ⇒ Quantificar as funções desempenhadas pelo pretérito perfeito composto, determinando sua frequência em contraste com os estágios de gramaticalização previstos na literatura, com o propósito de observar a multifuncionalidade do PPC nas amostras.
- ⇒ Através da aplicação de um teste de percepção a falantes nativos de países hispano-americanos, verificar a aceitação/rejeição de determinadas escolhas tradutórias observadas na dublagem neutral, discutindo-as a partir dos valores do PPC (descritos na literatura) nas variedades hispânicas e dos resultados obtidos através do instrumento de coleta.

### 1.3 QUESTÕES E HIPÓTESES

Levando em consideração estudos a respeito do objeto linguístico, apresentamos as questões e hipóteses formuladas para esta pesquisa, optando, nessa apresentação, pela correspondência de uma para uma:

- ⇒ **QUESTÃO 1** – No que se refere à frequência de uso das formas no idioma espanhol<sup>15</sup>, qual é a diferença de emprego do PPS e do PPC nas amostras traduzidas, isto é, na dublagem neutral (contexto mexicano) e na dublagem peninsular (Espanha)?
- ⇒ **HIPÓTESE 1** – Segundo diversos estudos sobre os pretéritos no espanhol<sup>16</sup>, o PPS tem maior frequência de uso comparado com o PPC, tendo-se em conta o contraste entre as duas formas no âmbito de uma mesma variedade diatópica do espanhol. No que se refere à frequência do pretérito perfeito composto na comparação entre variedades hispânicas, essa forma verbal é

---

<sup>15</sup> Como já constatamos em Gesser (2015) o uso categórico do pretérito perfeito simples no áudio original – amostra em português brasileiro –, importa, neste momento, questionar de modo contrastivo sobre a frequência de uso dos dois pretéritos nas traduções ao espanhol.

<sup>16</sup> Airoldi (2015), Jara Yupanqui (2013), Lope Blanch (2008a [1961]; 2008b [2004]), Moreno de Alba (2003a [1972]; 2003b [1974]; 2003c [2001]), Oliveira (2007; 2008; 2010), entre outros.

empregada mais frequentemente no espanhol falado na Espanha. Desse modo, nossa hipótese é que, como reflexo do uso debatido na literatura, nos enunciados das duas traduções ao espanhol *canté* esteja presente em maior número de ocorrências em comparação com *he cantado*. No contraste apenas do pretérito perfeito composto nas duas traduções hispânicas, esperamos que essa forma verbal apresente maior frequência de uso na dublagem produzida em contexto peninsular, comparada com a dublagem neutral, uma vez que pesquisas atestam o avanço no estágio de gramaticalização do PPC no espanhol falado na Espanha<sup>17</sup> em comparação com as variedades hispano-americanas – tema debatido no Capítulo 2. Além disso, consideramos que a menor frequência do PPC na dublagem produzida em contexto mexicano também esteja associada ao condicionamento próprio do espanhol neutral, variedade linguística que dá preferência ao emprego da forma simples em detrimento da forma composta<sup>18</sup>, questão mais bem discutida no Capítulo 4.

- ⇒ **QUESTÃO 2** – Em direção à (multi)funcionalidade do PPC, especificamente, quais funções serão identificadas nas duas traduções para dublagem do corpus filmico em análise?
- ⇒ **HIPÓTESE 2** – Como consequência da diferença na frequência de uso do PPC nas duas traduções ao espanhol, resultado do condicionamento próprio do espanhol neutral na dublagem produzida em contexto mexicano e dos estágios de gramaticalização díspares do PPC no contraste entre a Espanha e a América Hispânica<sup>19</sup>, esperamos, a partir de estudos<sup>20</sup> sobre os valores linguísticos dessa forma verbal em algumas variedades do espanhol, que a dublagem peninsular apresente

---

<sup>17</sup> Azpiazu (2013), Bermejo Calleja (2017) e Oliveira (2010), especialmente.

<sup>18</sup> Segundo Bravo García (2008).

<sup>19</sup> Representada, em nosso recorte, pelo espanhol falado nas capitais do México, Peru e Argentina – conforme explicamos no Capítulo 5, dedicado à Metodologia.

<sup>20</sup> Airoidi (2015), Azpiazu (2013), Bermejo Calleja (2017), Jara Yupanqui (2013), Lope Blanch (2008a [1961]; 2008b [2004], Moreno de Alba (2003a [1972]; 2003b [1974]; 2003c [2001]), Oliveira (2007; 2010), Rodríguez Louro (2008), especialmente.

usos do PPC não identificados na dublagem neutral. Mais precisamente, na tradução produzida na Espanha o PPC deve ser empregado com valor Perfectivo/Aoristo, função equivalente ao Estágio 4, levando em conta as etapas de gramaticalização<sup>21</sup> – tema debatido no Capítulo 3. Além disso, a dublagem peninsular deve apresentar maior frequência de valores do Estágio 3<sup>22</sup>, pois, no espanhol falado na Espanha, o PPC está em transição do Estágio 3 ao 4, sendo a variedade mais avançada entre as hispânicas. No tocante à dublagem neutral, esperamos identificar maior frequência do pretérito perfeito composto com valores do Estágio 2<sup>23</sup>, seguido do Estágio 3.

⇒ **QUESTÃO 3** – É possível observar, na dublagem neutral do corpus filmico analisado nesta pesquisa, a preferência do espanhol neutral ao emprego do PPS em detrimento do PPC?

⇒ **HIPÓTESE 3** – Segundo Bravo García (2008, p. 45) ao descrever usos e fenômenos linguísticos compatíveis com o espanhol neutral<sup>24</sup> – variedade criada para uso em meios de comunicação<sup>25</sup>, buscando, principalmente, amplo alcance geográfico entre hispano-falantes –, existe, na referida variedade hispânica, preferência ao emprego de formas simples em detrimento de formas compostas. Segundo a pesquisadora, o PPC seria utilizado somente para expressar os significados aspectuais de iteração ou duração<sup>26</sup> – valores equivalentes ao

---

<sup>21</sup> Conforme previsão de Harris (1982).

<sup>22</sup> Equivalente à função de Relevância Presente, que recobre PPC Experiência, PPC Resultado e PPC Passado Recente.

<sup>23</sup> Equivalente à função de Continuidade, que recobre PPC Durativo e/ou PPC Iterativo.

<sup>24</sup> Também chamado, na literatura sobre o tema, de “espanhol internacional”. No meio audiovisual da tradução para dublagem, precisamente, também é conhecido entre os espectadores hispano-falantes como “espanhol latino”.

<sup>25</sup> Incluindo, nessa lógica, produtos audiovisuais traduzidos.

<sup>26</sup> Bravo García (2008, p. 45) faz referência somente à expressão de “*acción repetida*”, isto é, de iteração. Contudo, seguindo seu raciocínio, assumimos que também seja possível o valor de duração, pois trata-se de duas nuances da mesma função: PPC Continuidade. Conforme debatemos em diversos momentos desta dissertação, a partir de pesquisas, no Estágio 2 as situações



Estágio 2 da evolução dessa forma verbal. Nessa direção, esperamos que a baixa frequência do PPC na dublagem neutral do corpus filmico analisado nesta dissertação esteja associada não apenas ao menor estágio de gramaticalização dessa forma verbal em variedades hispano-americanas, como também pelo condicionamento próprio do espanhol neutral, que, preferindo o PPS, diminui a frequência de ocorrência do PPC.

- ⇒ **QUESTÃO 4** – Sobre usos dos dois pretéritos no idioma espanhol, quais são os contextos de uso que apresentam maior aceitação/rejeição considerando a perspectiva do público da dublagem neutral de nosso corpus filmico, isto é, espectadores hispano-falantes?
- ⇒ **HIPÓTESE 4** – Levando em consideração estudos sobre os valores do PPC nas capitais do México, Peru e Argentina<sup>27</sup>, esperamos observar, por meio da aplicação do teste de percepção, aceitação do público no que se refere à ocorrência tanto de PPS como de PPC nos contextos durativo, experiencial e passado recente. Sobre o uso do PPC modal – em contexto condicional de subjuntivo –, esperamos, por um lado, aceitação entre os informantes mexicanos, e, por outro, rejeição na perspectiva dos espectadores peruanos e argentinos, haja vista tratar-se de um uso exclusivo ao espanhol falado no México – um mexicanismo sintático<sup>28</sup> –, incompatível com a proposta do espanhol neutral.

Consideramos suficientes as informações oferecidas ao leitor até o presente momento, tendo em vista o propósito de contextualizar o objeto de estudo e apresentar a proposta de pesquisa. Na sequência (Capítulo 2), resenhamos estudos sobre o fenômeno linguístico em análise, contemplando os antecedentes desta dissertação: meu Trabalho de Conclusão de Curso (GESSER, 2015). Também apresentamos a

---

expressas pelo PPC *continuum* ao longo do tempo através dos valores de duração e iteração.

<sup>27</sup> Airoldi (2015), Jara Yupanqui (2013), Lope Blanch (2008a [1961]; 2008b [2004]), Moreno de Alba (2003a [1972]; 2003b [1974]; 2003c [2001]), Oliveira (2007; 2010) e Rodríguez Louro (2008), principalmente.

<sup>28</sup> Segundo Airoldi (2015), Lope Blanch (2008a [1961]) e Moreno de Alba (2003b [1974]).

trajetória diacrônica percorrida pelo pretérito perfeito composto nos idiomas português e espanhol, bem como os valores dos pretéritos – com ênfase no PPC – em variedades da América Hispânica: México, Peru e Argentina, conforme nosso recorte metodológico. Concernente à dublagem produzida na Espanha, destinada a espectadores/falantes espanhóis, resenhamos estudos sobre os valores dos pretéritos na variedade peninsular.

Posteriormente, dedicamos o Capítulo 3 à apresentação do referencial teórico de base no âmbito da Linguística – o processo de gramaticalização, sob a ótica do Funcionalismo Linguístico norte-americano –, já que o objeto de estudo abrange uma forma verbal em trajetória de mudança via o referido processo: o pretérito perfeito composto do indicativo.

No Capítulo 4, abordamos as características que definem a Tradução Audiovisual, além de suas principais modalidades: a legendagem e a dublagem, com ênfase nesta última. Contextualizamos, também, o meio tradutório no universo hispânico concernente à produção de traduções audiovisuais, com destaque para a dublagem neutral, que carrega a pressão de alcançar um público amplo – os diversos países no contexto hispano-americano –, responsabilidade da qual a dublagem peninsular está isenta.

No Capítulo 5, explicamos detalhadamente os procedimentos metodológicos executados para a realização deste estudo, especificando cada etapa percorrida: (i) composição e organização do corpus; (ii) tratamento estatístico; (iii) primeira análise quantitativa e qualitativa (dados do corpus filmico); (iv) delimitação e criação do teste de percepção; (v) aplicação do teste de percepção; e (vi) segunda análise quantitativa e qualitativa (dados do instrumento de coleta). Também apresentamos o contexto maior da pesquisa, que está inserida no macroprojeto *Corpus do espanhol escrito com marcas de oralidade* (CEEMO), da UFSC.

No Capítulo 6, analisamos e discutimos os dados, contemplando um controle estatístico das ocorrências dos dois pretéritos nas amostras de nosso corpus filmico, bem como um olhar sobre a funcionalidade codificada pelo pretérito perfeito composto nas dublagens neutral e peninsular. Além disso, analisamos um teste de percepção aplicado a falantes nativos espectadores do filme – oriundos do México, Peru e Argentina –, a respeito de algumas escolhas tradutórias observadas (especificamente) na dublagem neutral, produzida em contexto mexicano.

Por último, nas *Considerações finais*, apresentamos as conclusões a que chegamos e sinalizamos as principais questões observadas ao longo da realização deste estudo, apontando direções para pesquisas futuras.



## 2 PESQUISAS SOBRE O FENÔMENO

Apresentamos, neste capítulo, trabalhos dedicados ao tratamento das duas formas do pretérito perfeito do indicativo no espanhol, trazendo, inicialmente (seção 2.1), nossos estudos antecedentes com o propósito de contextualizar a presente pesquisa. Posteriormente, na seção 2.2, convocamos trabalhos de diversos pesquisadores hispanistas (AIROLDI, 2015; AZPIAZU, 2013; BERMEJO CALLEJA, 2017; JARA YUPANQUI, 2013; LOPE BLANCH, 2008a [1961]; 2008b [2004]; MORENO DE ALBA, 2003a [1972]; 2003b [1974]; 2003c [2001]; OLIVEIRA, 2007; 2010; RODRÍGUEZ LOURO, 2008; SPITZOVÁ; BAYEROVÁ, 1987; entre outros) centrados na complexa relação entre as formas *canté* e *he cantado*, apresentando, na seção 2.2.1, a diacronia do PPC – que, como veremos, nasce a partir de uma construção do latim – e o trajeto percorrido, ao longo de sua história, até os valores linguísticos dessa forma verbal nos dias de hoje. No que se refere aos valores atuais dos pretéritos, metodologicamente, optamos por apresentá-los em seções à parte, destinando uma para cada variedade diatópica: mexicana (2.2.2.1), peruana (2.2.2.2), argentina (2.2.2.3) e peninsular (2.2.3). Por tratar-se de um capítulo relativamente extenso – pois a literatura linguística sobre o tema é vasta –, entendemos ser pertinente apresentar ao leitor uma síntese com as principais informações sobre os pretéritos, o que fazemos, finalmente, na seção 2.2.4.

### 2.1 NOSSOS ESTUDOS ANTECEDENTES

Meu interesse pela oposição entre as formas do pretérito perfeito do indicativo surgiu na graduação em Letras, já nos primeiros níveis como aprendiz de espanhol como língua estrangeira. A relação entre essas duas formas no espanhol, os diferentes usos possíveis para a forma composta nesse idioma e a equivalência apenas parcial do PPC no contraste entre o espanhol e o português foram a motivação para a pesquisa realizada em meu Trabalho de Conclusão de Curso (GESSER, 2015), cujos principais resultados socializamos em Oliveira e Gesser (2015).

À luz dos princípios do Funcionalismo Linguístico norte-americano e da vertente funcionalista nos Estudos da Tradução, os objetivos principais da pesquisa foram: (i) controlar a frequência de uso do PPS e do PPC no material de áudio do filme *Tropa de Elite* (2007), tendo como amostras o áudio original – em português brasileiro – e a

versão de áudio dublada em contexto mexicano; bem como (ii) observar as funções desempenhadas pelas duas formas verbais, com ênfase na multifuncionalidade do PPC na amostra em espanhol. Durante o percurso da análise quantitativa e qualitativa, decidimos aplicar um teste de percepção a falantes nativos – mexicanos, especificamente, considerados uma parte do grande público alcançado pela tradução ao espanhol –, com o propósito de verificar a aceitação de alguns usos do pretérito perfeito composto a partir de ocorrências presentes nos enunciados da tradução do filme<sup>29</sup>.

Além disso, no âmbito da Linguística e como análise preliminar, realizamos um controle estatístico dos contextos interrogativos presentes na tradução feita no México, seguido de uma análise qualitativa do uso do PPS e do PPC em determinadas ocorrências da amostra. Essa análise levou em consideração, a partir de Oliveira (2008), os parâmetros cognitivos expostos em Givón (2001); e teve como objetivo observar a possível influência das modalidades *realis* e *irrealis* na escolha do falante por uma ou outra forma verbal, no que diz respeito a perguntas do tipo sim/não – *yes/no questions* – e perguntas introduzidas por pronomes interrogativos – *wh-questions*<sup>30</sup>.

A análise do PPS e do PPC corroborou as seguintes hipóteses formuladas naquele momento: (i) o português e o espanhol se diferenciam no que concerne à frequência de uso das duas formas no corpus investigado; e (ii) o PPC da variedade brasileira do português e o PPC da variedade mexicana do espanhol não compartilham integralmente as mesmas funções, conforme usos da forma composta observados na amostra traduzida, na qual constatamos a multifuncionalidade dessa forma verbal na língua espanhola. Por outro lado, confirmou-se parcialmente a hipótese que motivou a análise dos dois pretéritos em contextos interrogativos, isto é: (iii) verificou-se a noção de “PPS + *realis*” em perguntas *wh*; e (iv) não se confirmou a noção de “PPC + *irrealis*” em perguntas *yes/no* nos dados da amostra em contexto mexicano, devido à alta recorrência do PPS nesses contextos, que, segundo a literatura, seriam mais favoráveis ao emprego da forma composta.

---

<sup>29</sup> Nesta dissertação, julgamos a pertinência da aplicação de uma nova versão do teste de percepção considerando especialmente a amostra do espanhol neutral, lançando mão desse instrumento para verificar o alcance entre a comunidade hispano-americana de certas escolhas linguísticas dessa variedade criada pela indústria audiovisual.

<sup>30</sup> Esses resultados são debatidos na seção 3.2.3.

No que concerne aos resultados obtidos através do teste de percepção, recurso que contou com a participação de falantes nativos oriundos do México, verificamos: (i) baixa aceitação dos informantes a respeito do PPC em contexto de subjuntivo, uso observado em ocorrência da tradução realizada em terras mexicanas; e (ii) alta aceitação do PPC nos contextos experiencial e de negação.

Importa frisar que esta dissertação se apresenta como sequência dos estudos que iniciamos em Gesser (2015) e Oliveira e Gesser (2015), configurando-se como um desdobramento que agora contrasta os dados das amostras das pesquisas anteriores (do português brasileiro e do espanhol traduzido em contexto mexicano) com um terceiro material: a versão de áudio traduzida ao espanhol peninsular. Também é um desdobramento da análise a aplicação de uma versão ajustada do teste de percepção, a partir de erros e acertos identificados em Gesser (2015), procedimentos retomados no Capítulo 5, dedicado à Metodologia.

## 2.2 AS FORMAS SIMPLES E COMPOSTA DO PRETÉRITO PERFEITO: *CANTÉ* E *HE CANTADO*

### 2.2.1 O PPC na diacronia: do latim ao português e ao espanhol modernos

Nos passos de Gesser (2015) e Oliveira e Gesser (2015), apresentamos, nesta seção, a trajetória percorrida pelo pretérito perfeito composto, contemplando desde sua origem – que remete ao latim – até as funções linguísticas atuais. Embora o interesse recaia especialmente sobre o espanhol – língua em que a multifuncionalidade do PPC é amplamente reconhecida por hispanistas –, também apresentamos as diferenças diacrônicas entre esse idioma e o português, levando em consideração as amostras em estudo.

O pretérito perfeito composto do indicativo, forma verbal considerada uma inovação das línguas românicas (ROMANI, 2006, p. 243) por ser inexistente no latim, surgiu a partir de um processo de gramaticalização da construção <*habere* + particípio flexionado>, conforme Oliveira (2010; 2011). Essa perífrase latina tem origem em uma construção do tipo “*epistulam scriptam habeo*” – “tenho a carta escrita” –, a qual, conforme explica Romani (2006, p. 245), de uma expressão que indicava o resultado de uma ação, passou a significar o cumprimento da ação que deu origem ao próprio resultado.

Com o passar do tempo, o verbo latino “*habere*” – que, originalmente, expressava noção de posse – passou a indicar expressão

resultativa através da construção perifrástica <*habere* + objeto modificado + particípio flexionado>, a qual apresentava as seguintes características, conforme Oliveira (2011, p. 60-61):

- ⇒ Constituíam-se a partir de verbos télicos.
- ⇒ O verbo “*habere*” mantinha seu significado independente de posse.
- ⇒ Não havia concordância obrigatória entre o sujeito do verbo flexionado e o sujeito do particípio.
- ⇒ O particípio desempenhava função predicativa referente ao objeto, concordando com este em número e gênero.

Posteriormente, a referida construção passou a desempenhar novas funções. Quando começa a fazer parte do paradigma de tempos verbais das línguas românicas, ela apresenta as seguintes características, segundo Camus Bergareche (2008, p. 65 *apud* OLIVEIRA, 2011, p. 62):

- ⇒ A construção não se restringe somente a verbos télicos. Ela se expande a todos os tipos de predicados.
- ⇒ O verbo flexionado perde o significado autônomo de posse e se transforma em um verdadeiro auxiliar.
- ⇒ A coincidência entre o sujeito do verbo flexionado e do verbo no particípio passado se torna obrigatória.
- ⇒ O particípio passa a fazer parte do verbo, perdendo a marca de concordância de gênero e número.
- ⇒ A ordem “verbo flexionado > particípio passado” se torna cada vez mais fixa e apresenta rigorosas limitações no que diz respeito ao tipo de constituinte sintático a aparecer entre os dois verbos.

Apesar da origem comum do pretérito perfeito composto nas línguas românicas, essa forma verbal evoluiu com ritmos diferentes no que tange ao português e o espanhol.

No português arcaico, existiam as perífrases <haber + particípio> e <ter + particípio> com função de predicativo do objeto, a qual pode ser verificada nos exemplos extraídos de Said Ali (1964, p. 147-154):

(16) *Se a divida he já pagada.*

(17) *Sustentaremos a honra que temos ganhada.*



Os exemplos em (16) e (17) também evidenciam que havia concordância entre o particípio e o complemento, o que indica uma construção resultativa, mostrando que, na etapa em questão, ainda não se tratava de uma forma verbal composta (OLIVEIRA, 2011, p. 66). Apesar da possibilidade de emprego dos dois verbos em português, existia maior frequência de uso da perífrase com o verbo “ter”, segundo constata Mattos e Silva (1989) ao analisar textos da segunda metade do século XIV. Comparando os dois verbos, a autora identifica 34 ocorrências com a construção <ter + particípio> e 5 com a construção <haver + particípio>.

Já se verificava, no século XIII, a preferência pelo verbo “ter”, conforme o trabalho de Cardoso e Pereira (2003). Nesse estudo, observou-se a existência de valores semânticos distintos entre os verbos “ter” e “haver”: o primeiro aparecia com maior frequência de uso em contextos interrogativos; e o segundo, em construções de tempo composto. No século XV, desaparece a concordância entre o particípio e o complemento (OLIVEIRA, 2011, p. 66), sugerindo que houve gramaticalização da construção perifrástica a tempo verbal composto – questão retomada na seção 3.1, momento em que debatemos sobre a gramaticalização do PPC.

Entre os séculos XVI e XIX se verificava o uso do pretérito perfeito composto com valor aspectual perfectivo, o qual desaparece no século XX, conforme Barbosa (2008), trabalho em que a pesquisadora constata maior frequência de uso do PPC com valores de iteração e duração ao longo do referido período. Cabe chamar a atenção para o fato de que estes dois usos citados continuam sendo os valores do PPC no português falado dos dias atuais.

No que concerne à trajetória do PPC no espanhol, Alarcos Llorach (1984 [1970]) considera que o uso da perífrase latina que originou essa forma verbal era menos frequente no latim da Espanha (OLIVEIRA, 2011, p. 63), a qual apresentava noção de estado durativo e resultado presente, além da noção de posse do verbo latino “*habere*”. Fragmentos de “*El Cantar de Mio Cid*”, obra representativa da língua espanhola durante os séculos XII e XIII, mostram que o PPS apresentava a função de expressar qualquer ação pretérita (OLIVEIRA, 2011, p. 64). Em oposição à forma simples, nessa época o PPC espanhol apresentava os seguintes valores: (i) simples pretérito para a variação de estilo; e (ii) expressão do estado – ou de posse – presente, produzido por uma ação anterior (OLIVEIRA, 2011, p. 64).

De modo semelhante à etapa inicial do PPC no português arcaico, observou-se que havia concordância entre o particípio e o complemento

também na perífrase do espanhol, o que evidencia tratar-se de uma construção resultativa (OLIVEIRA, 2011, p. 64), conforme é possível observar no exemplo que reproduzimos a seguir:

(18) *La tierra que me manda yo me la he ganada.*

Contudo, no século XIII, se constata o uso de <haber + particípio> como tempo verbal, conforme a seguinte ocorrência ilustrada por Alarcos Llorach (1984 [1970]):

(19) *Tanto avemos fecho que los dios son yrados.*

No século XV, o PPS mantém a função pretérita e o PPC continua expressando ação durativa ou iterativa (OLIVEIRA, 2011, p. 64). A forma composta aparece com maior frequência de uso no século XV e, no final desse período, verifica-se uma nova função sendo desempenhada pelo PPC: indicar ações pontuais no *presente ampliado*<sup>31</sup>, conforme Alarcos Llorach (1984). Segundo a análise realizada pelo autor da obra “*La Celestina*”, representativa do século XVI, o PPC desempenhava a função de indicar uma ação pontual que antecede imediatamente o presente gramatical e, além disso, continua desempenhando a função de expressar uma ação que se repete até o momento de fala (OLIVEIRA, 2011, p. 65).

Finalizando esta seção que sintetiza a trajetória do pretérito perfeito composto no português e no espanhol, é fundamental destacar que o PPC continua sendo uma forma verbal em processo de gramaticalização nos dois idiomas atualmente. Antecipando brevemente discussão realizada no Capítulo 3 – nosso referencial teórico no âmbito da Linguística –, importa ter em mente que, no que se refere às mudanças de ordem semântico-pragmática no referido processo, estão previstos alguns estágios de evolução para o PPC, a saber:

---

<sup>31</sup> Trata-se de uma noção temporal abstrata, em que Alarcos Llorach (1984 [1970], p. 28-29) propõe uma ampliação/extensão do presente em direção ao passado, questão discutida na seção 3.2.1. Uma paráfrase possível para o uso de “*he salido*” (por exemplo) no *presente ampliado* seria: “neste exato momento do presente, que já se tornou passado enquanto falo, estou saindo”.

Quadro 2 – Estágios de gramaticalização do PPC, com base em Harris (1982) e Oliveira (2010)

<b>Estágios de gramaticalização do pretérito perfeito composto</b>	
<b>Estágio de evolução</b>	<b>Descrição do uso</b>
⇒ <b>Estágio 1:</b> PPC de Resultado	O PPC se restringe à expressão de estados presentes resultantes de ações passadas, sem descrever as ações por si mesmas, por mais recentes que sejam.
⇒ <b>Estágio 2:</b> PPC de Continuidade	O PPC ocorre somente em situações muito específicas, em contextos aspectualmente durativos ou repetitivos (iterativos).
⇒ <b>Estágio 3:</b> PPC de Relevância Presente	O PPC apresenta valor prototípico do <i>Present Perfect</i> de ação passada com relevância presente.
⇒ <b>Estágio 4:</b> PPC Perfectivo/Aoristo	O PPC desempenha função de pretérito (Aoristo <sup>32</sup> ).

Fonte: Elaboração própria.

Tendo em conta os estágios de evolução acima, estabelecemos, a partir dos esforços de Harris (1982), Oliveira (2010) e Squartini e Bertinetto (2000), a funcionalidade do pretérito perfeito composto no espanhol, conforme quadro que organizamos a seguir, em termos de (macro)domínios funcionais codificados por essa forma verbal. Essas funções ficarão mais claras ao longo deste capítulo e sobretudo do Capítulo 3 – especialmente a seção 3.3 –, momento em que determinamos e ilustramos os valores do PPC levados em conta para a análise linguística desta dissertação.

---

<sup>32</sup> Nesta etapa, o PPC substitui o PPS, ficando este último restrito a registros formais, conforme Oliveira (2010, p. 49).

Quadro 3 – Síntese dos valores do PPC, com base em Harris (1982), Oliveira (2010) e Squartini e Bertinnetto (2000)

<b>Macrofunção</b>	<b>Função</b>	<b>Subfunção<sup>33</sup></b>	<b>Categoria mais expressiva (TAM)</b>
<b>⇒ PPC Perfecto/Anterior</b>	Continuidade	Duração	Aspecto
		Iteração	Aspecto
	Relevância Presente	Experiência	Aspecto
		Resultado <sup>34</sup>	Aspecto
		Passado recente	Tempo
<b>⇒ PPC Perfectivo/Aoristo</b>	Perfèctivo/Aoristo	-	Tempo-Aspecto <sup>35</sup>

Fonte: Elaboração própria.

<sup>33</sup> Um detalhe importante é que, nas resenhas apresentadas nas próximas páginas, mantemos a nomenclatura original empregada pelos autores.

<sup>34</sup> Cabe chamar a atenção para o fato de que o valor de Resultado não se refere ao Estágio 1 descrito no Quadro 2. Como vemos a partir da organização acima, trata-se de uma subfunção sob o escopo de Relevância Presente (Estágio 3). A primeira fase da gramaticalização do PPC já foi superada por todas as variedades hispano-americanas, conforme Squartini e Bertinnetto (2000).

<sup>35</sup> Nesta função, equivalente ao último estágio de gramaticalização do PPC, as duas categorias verbais são igualmente expressivas: o PPC codifica Tempo (passado em contexto pré-hodierno) e Aspecto (perfectivo).

Após a apresentação do percurso histórico do pretérito perfeito composto, focamos, na seção seguinte, em seus valores atuais no espanhol americano – variedade linguística genérica, mais ampla, representada, no recorte metodológico desta dissertação, pelas variedades diatópicas mexicana, peruana e argentina – e no espanhol peninsular, cuja delimitação se justifica, metodologicamente<sup>36</sup>, devido às amostras linguísticas estabelecidas para a análise.

## 2.2.2 Os pretéritos no espanhol americano: valores linguísticos

No âmbito das pesquisas sobre as formas do pretérito no espanhol, é frequente o contraste entre determinada variedade hispano-americana e o espanhol falado na Espanha (AIROLDI, 2015; JARA YUPANQUI, 2013; LOPE BLANCH, 2008a [1961]; 2008b [2004]; MORENO DE ALBA, 2003a [1972]; 2003b [1974]; 2003c [2001]; RODRÍGUEZ LOURO, 2008; entre outros trabalhos), fato justificável, naturalmente, pela origem do idioma em território peninsular. Por essa razão, as seções a seguir, focadas nas três variedades americanas pertinentes nesta dissertação – mexicana, peruana e argentina –, acabam antecipando, em alguma medida, reflexão sobre os valores das formas de passado no espanhol peninsular, cuja variedade é retomada, com maiores detalhamentos, em seção posterior (2.2.3), neste capítulo.

### 2.2.2.1 Os pretéritos no espanhol mexicano<sup>37</sup>

Um dos principais nomes de referência no que se refere ao estudo dos pretéritos na variedade mexicana do espanhol, comumente citado em trabalhos interessados no fenômeno linguístico em questão, é o do filólogo Lope Blanch. Em um de seus últimos trabalhos (2008b [2004]), o autor apresenta diversos usos linguísticos, convergentes e divergentes, no que diz respeito ao espanhol mexicano e ao espanhol peninsular. Em meio aos fenômenos apresentados na obra citada, o filólogo discute a

---

<sup>36</sup> Conforme dissemos em páginas anteriores, decidimos aplicar um teste de percepção a falantes nativos – localizados nas capitais do México, Peru e Argentina –, com o propósito de verificar a aceitação de algumas escolhas tradutórias observadas na dublagem neutral. No Capítulo 5, dedicado ao detalhamento metodológico desta pesquisa, explicitamos as razões por trás da seleção de falantes desses três países, bem como as motivações para a aplicação do instrumento.

<sup>37</sup> Esta seção tem como base discussão realizada em Gesser (2015, p. 27-35).

diferenciação existente no uso das formas *canté* e *he cantado* nesses dois territórios de fala hispânica, explicando, em linhas gerais, que a distribuição funcional dos dois pretéritos é distinta, pois, a variedade mexicana estaria atendendo a fatores principalmente aspectuais e a variedade peninsular, em contrapartida, teria valores mais associados a fatores temporais, conforme Lope Blanch (2008b [2004], p. 136).

Especificamente sobre o uso do PPS no espanhol falado no México, Lope Blanch (2008a [1961], p. 20-21) afirma que os valores fundamentais dessa forma linguística são: (i) valores aspectuais de perfectivo e pontual, por um lado; e (ii) valor temporal de passado, por outro.

Lope Blanch (2008a [1961], p. 20-21) também apresenta valores para o PPC, tendo em vista o que considera ser condizente com os usos linguísticos no México. Os valores fundamentais do PPC mexicano, para o autor, são: como valores aspectuais, durativo e iterativo; e valor temporal, um passado que é “*aún presente*”. Há, também, valores secundários: (i) valor de pretérito absoluto (perfectivo), ou seja, equivalente ao significado tradicional de PPS; e (ii) valor de *pluscuamperfecto* de subjuntivo.

Cabe chamar a atenção para esses dois valores secundários associados ao emprego do PPC mexicano. Antecipando discussão sobre o processo de gramaticalização do PPC em línguas românicas, o valor aspectual perfectivo mencionado por Lope Blanch (2008a [1961]) é previsto para o último estágio de evolução do PPC, conforme a literatura sobre o tema. Contudo, essa possibilidade de uso no México não significa, necessariamente, que tal variedade linguística esteja tão avançada na evolução do PPC, pois outros valores – concernentes a outros estágios – são mais recorrentes (“fundamentais”, para o autor citado), estando o valor perfectivo restrito a um conteúdo afetivo muito marcado (LOPE BLANCH, 2008a [1961], p. 29), especificamente. Um dos exemplos oferecidos no estudo resenhado é o seguinte:

- (20) *¡Esta mañana ha caído un aguacero... tremendo!* (LOPE BLANCH, 2008a [1961], p. 29, em nota).

Nesse sentido, a oração exclamativa acima deve ser interpretada, segundo o autor, como a expressão de alto grau de afetividade<sup>38</sup>.

---

<sup>38</sup> Em nossa leitura, o dado em (20) poderia ser interpretado como PPC Passado Recente, especialmente pela presença do complemento temporal “*esta mañana*”.

Quando não for o caso, isto é, quando não há intenção de marcar conteúdo afetivo, o esperado é que um falante mexicano faça uso do PPS: “*esta mañana llovió un poquito*”, por exemplo, segundo explicação de Lope Blanch (2008a [1961], p. 29).

A respeito do valor secundário de *pluscuamperfecto* de subjuntivo, trata-se do emprego do PPC em substituição às formas compostas “*hubiera + participio*” e “*hubiese + participio*”, cujo uso também apresenta carga afetiva por parte do falante mexicano, além de ocorrer exclusivamente na prótase de período condicional, “*si*”, conforme Lope Blanch (2008a [1961], p. 29-30), que apresenta os exemplos reproduzidos abaixo:

- (21) *Se le atrevesó una viejita... ¡chispas!... Que si no ha traído buenos frenos, se la lleva.*
- (22) *¡Qué exacto! ¡Si he estado en esa casa cinco segundos más, me hubiera tocado!*
- (23) *Lo linchan, si ha ganado.*
- (24) *Si ha salido un poquito antes, no lo hubiera recibido a tiempo (LOPE BLANCH, 2008a [1961], p. 30, grifos nossos).*

É importante destacar que o valor secundário que envolve modalidade é, aparentemente, exclusivo ao espanhol mexicano, pois, até onde alcançam nossas leituras, em nenhuma outra variedade hispânica ele é destacado. O valor linguístico em questão, apesar de sua baixa frequência, também foi observado nos dados de Moreno de Alba (2003b [1973]) e Airoldi (2015), trabalhos resenhados mais adiante, nesta seção. Antecipando reflexão do Capítulo 6 – dedicado à análise e discussão dos dados –, a possibilidade de uso do PPC em contexto de condicional é importante nesta dissertação, já que uma das amostras de nosso corpus filmico apresenta ocorrência dessa forma verbal em contexto prototípico de subjuntivo.

Em suma, Lope Blanch (2008a [1961]) defende que a principal diferença, entre as duas formas de pretérito no espanhol falado no México e no espanhol peninsular, reside no valor temporal. Diferentemente do que acontece na Espanha, o autor afirma que, no México, o PPC não é empregado para expressar ações verificadas no *presente ampliado* (ALARCOS LLORACH, 1947; 1984 [1970]) – função codificada, senão, pelo PPS. Nessa perspectiva, enquanto um

falante espanhol diria (25), um mexicano, por outro lado, produziria (26), conforme Lope Blanch (2008a [1961]):

(25) *Ha llegado* *hace un momento*.

(26) *Llegó* *hace un momento* (LOPE BLANCH, 2008a [1961], p. 30).

Segundo o pesquisador, o PPC mexicano não teria como principal significado aspectual o perfectivo – apesar do valor secundário de pretérito absoluto, citado anteriormente em (i), restrito à carga afetiva na perspectiva do falante. Para Lope Blanch (2008a [1961], p. 30), o valor principal associado ao PPC mexicano seria o de “*acción reiterada o continuada que llega hasta el presente, hasta ahora*”. Em outras palavras, e retomando a discussão inicial sobre o PPC ser mais aspectual no México e mais temporal na Espanha, compreende-se, a partir de Lope Blanch (2008a [1961]), que no PPC mexicano a ação passada chegaria até o presente aspectualmente – via duração e iteração –, enquanto no PPC peninsular essa chegada ao “agora” se daria temporalmente.

Nessa direção, Lope Blanch (2008a [1961], p. 25-26) explica que o uso do PPC mexicano pode parecer semelhante ao do PPC peninsular nos casos em que há ligação com o presente. No entanto, o autor defende que, diferentemente da característica existente no PPC da Espanha – a de guardar relação com o “agora”, questão discutida por Alarcos Llorach (1947; 1984 [1970]) –, no caso do PPC mexicano a ação iniciada no passado ainda faz parte do presente (então, não é perfectiva), podendo, inclusive, ser estendida para o futuro<sup>39</sup>. Para o filólogo, o pretérito perfeito composto em território mexicano expressa “*acciones pasadas y a la vez actuales, que se continúan en el presente, que aún no se dan por terminadas*” (LOPE BLANCH, 2008a [1961], p. 26, em nota), isto é, o PPC mexicano seria principalmente imperfectivo e continuativo, diferentemente do PPC peninsular, que, embora guarde relação com o presente – via Tempo –, é aspectualmente perfectivo. Alguns exemplos que contrastam as formas simples e composta no espanhol falado no México, apresentados pelo autor, são os seguintes:

---

<sup>39</sup> Sobre projeção da ação para o futuro, a lógica seguida em Lope Blanch (2008a [1961]) é que, como se trata de aspecto imperfectivo (segundo o autor citado), a possibilidade de as ações continuarem acontecendo futuramente está aberta.



- (27) *Hay que reconocer el valor con que procedió siempre.*
- (28) *Hay que reconocer el valor con que ha procedido siempre.*
- (29) *Siempre fue muy ingenua.*
- (30) *Siempre ha sido muy ingenua (LOPE BLANCH, 2008a [1961], p. 25).*

Nos exemplos em (27) e (28), a diferença é, basicamente, a perfectividade em contraste com a imperfectividade nas ações expressas pelas formas verbais. Na primeira ocorrência, na qual há o emprego do PPS “*procedió*”, a leitura é que “*todo el juicio pertenece al pasado, aunque pudiera ser próximo; de cualquier modo, todo es cosa pretérita, de imposible actualización o continuación*” (LOPE BLANCH, 2008a [1961], p. 25). Em (28), por outro lado, interpreta-se a ação do PPC “*ha procedido*” como algo que acontece – “vem acontecendo” – até o presente e que, além disso, pode continuar ocorrendo: a possibilidade de projeção para o futuro está aberta, segundo explicação do autor citado.

Na ocorrência em (29), por sua vez, o uso do PPS “*fue*” estaria expressando que o emissor mexicano atualmente não mantém contato com a pessoa a quem se refere ou que ela está morta, simplesmente. Em (30), tal pessoa demonstrou ingenuidade no passado, ainda o faz no presente e continuará sendo ingênuo no futuro (LOPE BLANCH, 2008a [1961], p. 25), cuja interpretação está associada ao emprego do PPC “*ha sido*”.

Por conta da possível imperfectividade do PPC mexicano, Lope Blanch (2008a [1961], p. 23) explica que no México não seria natural a construção <*desde que* + PPC> em verbos de natureza pontual, pois haveria um choque entre (por exemplo) verbos como “*llegar*” – o qual expressa uma ação momentânea – e a imperfectividade própria do PPC mexicano. De modo similar, o autor defende que tampouco seria utilizado, no México, o PPC com o elemento interrogativo “*cuando*”, que expressa uma ação pontual. Lope Blanch (2008a [1961], p. 23) explica que em território mexicano o uso natural seria “*cuando vino, yo no estaba en casa*”, “*¿cuándo te lo dijo?*”, “*¿cuándo llegaste?*”, entre outros, porém nunca “*¿cuándo has llegado?*”, cujo uso do PPC seria normal na Espanha, segundo o trabalho resenhado.

Ainda sobre o valor aspectual imperfectivo do PPC mexicano, precisamente, Spitzová e Bayerová (1987) não estão de acordo com alguns dos argumentos defendidos por Lope Blanch (2008a [1961]). Para as autoras, o pretérito perfeito composto no México teria valor

perfectivo, tal como acontece no espanhol falado na Espanha (SPITZOVÁ; BAYEROVÁ, 1987, p. 41). Elas criticam, especialmente, a afirmação de Lope Blanch (2008a [1961], p. 25) sobre a ação expressa através do PPC mexicano poder ser projetada para o futuro, apresentando alguns argumentos, a saber: (i) seria verdade que o PPC não exclui, necessariamente, a possibilidade de a ação continuar no presente ou no futuro, contudo, não há nada – na estrutura verbal *he cantado*, propriamente – que expresse tal possibilidade ou a implique; (ii) quando o falante sabe que a ação não está encerrada no momento de fala é porque o contexto, a própria situação e outras circunstâncias extralinguísticas oferecem essa informação; (iii) uma das funções do PPC – em âmbito geral, não apenas no México – seria designar ações que têm início no passado e duram até o momento da fala, sendo este o limite final da própria ação, porém, o presente não estaria incluso nela (a ação seria perfectiva, logo, estaria encerrada); (iv) assim, o PPC seria um verdadeiro tempo passado (SPITZOVÁ; BAYEROVÁ, 1987, p. 41-42). Nessa direção, as pesquisadoras afirmam que, quando o falante deseja expressar ações com início no passado cuja duração realmente inclui o presente, ele emprega o presente de indicativo, conforme exemplo em (31), abaixo, contrastado com o PPC, em (32):

(31) *Desde hace diez años vivo en Barcelona.*

(32) *Desde hace diez años he vivido en Barcelona* (SPITZOVÁ; BAYEROVÁ, 1987, p. 42).

Para Spitzová e Bayerová (1987, p. 42), em (31), exemplo em que é utilizada a forma verbal de presente, “*vivo*”, deve-se interpretar que o emissor continua morando na localidade em questão<sup>40</sup>. Por outro lado, no exemplo em (32), o falante empregaria o PPC “*he vivido*” para expressar que está se mudando de Barcelona para outro local, sinalizando, nesse sentido, perfectividade na ação de “morar”, conforme interpretação das autoras citadas.

Em linhas gerais, essas pesquisadoras defendem que a diferenciação entre os dois pretéritos no espanhol falado no México não

---

<sup>40</sup> Embora as autoras não aprofundem a discussão, é preciso levar em conta que o significado “passado + presente”, na ocorrência em (31), somente é possível através da combinação [expressão adverbial “*desde hace diez años*” + presente de indicativo]. Em outras palavras, a forma verbal de presente, por si só, não expressaria tal significado.

está nas associações “PPS = passado” e “PPC = passado + presente + possibilidade de projeção para o futuro”, cujos valores são defendidos por Lope Blanch (2008a [1961]; 2008b [2004]). A diferença estaria, senão, naquilo que é descrito por Alarcos Llorach (1947; 1984 [1970]): uma distinção precisamente temporal, em que existe um “*pasado relacionado con el presente*”, associado ao PPC, e um “*pasado separado del presente*”, valor temporal codificado pelo PPS (SPITZOVÁ; BAYEROVÁ, 1987, p. 42).

De modo semelhante à discussão feita em Lope Blanch (2008a [1961]; 2008b [2004]) sobre os pretéritos, Moreno de Alba (2003a [1972]), em estudo centrado nas formas verbais – em geral, não apenas os pretéritos – no espanhol mexicano, analisou 10 horas de gravações das quais houve participação de 22 informantes localizados na Cidade do México, considerados cultos<sup>41</sup> (MORENO DE ALBA, 2003a [1972], p. 25-26). Segundo o autor, tendo em vista o total de horas documentadas, foram registradas 11.398 ocorrências de formas verbais – das quais nos limitaremos a apresentar os dados e a reflexão sobre o PPS e o PPC.

Em uma perspectiva geral, foram verificadas 1.198 ocorrências do pretérito perfeito simples e 292 do pretérito perfeito composto (MORENO DE ALBA, 2003a [1972], p. 33). Apresentando em agrupação à parte os dados das formas verbais de passado, o referido pesquisador constata alta frequência de PPS e baixa frequência de PPC: 43% e 10%, respectivamente (MORENO DE ALBA, 2003a [1972], p. 34).

No que se refere aos números apresentados anteriormente, Moreno de Alba (2003a [1972], p. 34) justifica que, no espanhol falado no México, o PPS tem a função de designar “*acciones puntuales y perfectas*” e o PPC, por outro lado, “*tiene generalmente significación aspectual durativa o reiterativa, matiz diferente del que tiene en España*” – descrições que, como é possível observar, coadunam com o estudo de Lope Blanch (2008a [1961]).

Cabe mencionar, novamente, o uso do PPC em contexto de condicional, observado em outro trabalho de Moreno de Alba (2003b [1973], p. 50): entre os resultados alcançados no referido estudo, há um

---

<sup>41</sup> Isto é, “*profesionistas, con cierta afición a la lectura, que pertenecen a una clase sociocultural elevada*” (MORENO DE ALBA, 2003a [1972], p. 26). Não entraremos no debate sobre a problemática da terminologia “falante culto”. Ao leitor interessado no entendimento sociolinguístico da questão, sinalizamos a leitura de Faraco (2008).

dado – correspondente a 0,2% de seu corpus linguístico – de uso modal do PPC mexicano, em que essa forma verbal ocorre com valor de subjuntivo:

- (33) *Si me ha dicho que él no atiende ese parto, yo me voy con otro doctor* (MORENO DE ALBA, 2003b [1973], p. 50).

A forma “*ha dicho*”, presente na ocorrência em (33), cumpre a mesma função desempenhada pela forma canônica “*hubiera/hubiese dicho*”. Segundo Moreno de Alba (2003b [1974], p. 50), trata-se de uma “*prótasis de cláusula condicional, mexicanismo sintáctico*”, cuja possibilidade de uso já apresentamos, em parágrafos anteriores, a partir da discussão realizada por Lope Blanch (2008a [1961]).

Cabe mencionar um trabalho mais recente de Moreno de Alba (2003c [2001]), cujo propósito é apresentar características particulares dos valores de algumas formas verbais no espanhol falado em contexto hispano-americano (MORENO DE ALBA, 2003c [2001], p. 121). O pesquisador discute, entre outras questões, a oposição PPS/PPC em algumas variedades do espanhol nesse amplo território de fala hispânica. Como ponto de partida, contextualiza a diferenciação entre as formas *canté* e *he cantado* apresentando a definição oferecida por Alarcos Llorach (1947) sobre os valores dos pretéritos no espanhol peninsular:

*En el español peninsular, la mayor o menor distancia cronológica entre la acción expresada y el momento de la enunciación no es relevante para el uso de **canté** o **he cantado**, sino el que esa acción tenga o no relación con el presente. En opinión de Alarcos, si el pretérito no tiene modificadores verbales, “designa un hecho sucedido en el pasado y que tuvo un límite en ese mismo pasado”. Si se consideran los adverbios o modificadores verbales, entonces “se emplea el perfecto simple con los adverbios que indican que la acción se produce en un periodo de tiempo en el que no está incluido el momento presente del que habla: ayer, anoche, el mes pasado, etcétera” (MORENO DE ALBA, 2003c [2001], p. 125-126, grifos nossos).*

No caso do espanhol mexicano, especificamente, Moreno de Alba (2003c [2001], p. 126) explica que o PPS se diferencia da definição

reproduzida anteriormente, pois, seu uso pode abarcar relação com o presente – tornando possível, nessa direção, a presença de modificadores temporais que o incluam: “*hoy llegué tarde*”, “*este año no pude ir*” e “*ahora no me hablaron por teléfono*”<sup>42</sup>, por exemplo –, sem comprometer o caráter perfectivo dessa forma verbal, segundo o autor citado.

Com igual importância, a presença ou ausência de advérbios ou modificadores verbais no PPC do espanhol peninsular sinaliza usos diferenciados<sup>43</sup>:

*Por lo que corresponde al antepresente (he cantado), cuando no hay modificadores verbales, “designa una acción que se aproxima al presente gramatical, esto es, que se produce en el ‘presente ampliado’, en un periodo desde un punto del pasado hasta el ‘ahora’ en que se habla o escribe. Ahora bien, si el antepresente o perfecto aparece acompañado de modificadores temporales, éstos indican que “la acción se ha efectuado en un periodo de tiempo en el que se halla comprendido el momento presente del que habla o escribe: hoy, ahora, estos días” (ALARCOS LLORACH, 1947, p. 117-118 apud MORENO DE ALBA, 2003c [2001], p. 126, grifos nossos).*

O contraste entre essas variedades linguísticas reforça a definição atribuída ao PPC mexicano, já apresentada pelo autor em outros estudos resenhados anteriormente: o pretérito perfeito composto é concebido, no México, como uma forma verbal que “*expresa acciones durativas o imperfectas; fenómenos que, aunque iniciados en el pasado, se continúan en el momento presente*”, segundo reflexão apresentada em Moreno de Alba (2003c [2001], p. 126). Observamos, então, que o autor em referência está de acordo com a imperfectividade do PPC mexicano, valor aspectual defendido por Lope Blanch (2008a [1961]) e questionado por Spitzová e Bayerová (1987), conforme discutimos em parágrafos anteriores.

Tendo-se em conta que no contexto hispano-americano os pretéritos expressam usos diferenciados – em comparação com seus

---

<sup>42</sup> Exemplos oferecidos no estudo resenhado.

<sup>43</sup> Voltamos a tratar dessas questões na seção 3.2.2, dedicada à relação entre o uso do PPC e a categoria Aspecto.

valores em grande parte do território peninsular<sup>44</sup>, precisamente –, é esperado que o PPC apresente menor frequência de emprego comparado com o PPS, conforme enfatiza Moreno de Alba (2003c [2001], p. 128). Em outras palavras, há valores linguísticos expressos na Espanha através do PPC que são, na América Hispânica (e no México, especificamente), atribuídos ao uso do PPS – fato que, estatisticamente, limita o uso da forma composta e aumenta o da forma simples no espanhol hispano-americano.

Um corpus mais recente foi organizado e estudado por Oliveira (2007), buscando controlar a frequência de uso do PPS e do PPC no espanhol atual, a partir de notícias de repercussão internacional publicadas em jornais virtuais (online) durante 2005 e 2006. Interessada no espanhol escrito, a pesquisadora levou em conta sites de notícias de seis países de fala hispânica, a saber: Argentina, Bolívia, Chile, Espanha, México e Peru (OLIVEIRA, 2007, p. 43). A partir da amostra mexicana do corpus organizado, Oliveira (2007, p. 62) verifica alta frequência de PPS e baixa frequência de PPC: 90,6% (259) e 9,4% (27), respectivamente, totalizando 286 dados correspondentes ao México.

Em estudo posterior, baseando-se em uma perspectiva funcionalista de língua, Oliveira (2010) trata de determinar em que estágio do processo de gramaticalização<sup>45</sup> se encontra o PPC de sete capitais hispano-falantes, descrevendo os valores dessa forma verbal nas variedades em análise<sup>46</sup>. Concernente aos resultados sobre a Cidade do México, a autora chega aos seguintes resultados após quantificação e análise de seu corpus:

---

<sup>44</sup> Há regiões da Espanha nas quais o uso dos pretéritos se aproxima dos países hispano-americanos, questão considerada na seção 2.2.3 – adiante, neste capítulo.

<sup>45</sup> Os estágios de gramaticalização do PPC são retomados no Capítulo 3 desta dissertação, dedicado ao referido processo com base no Funcionalismo Linguístico. Cabe relembrar ao leitor, contudo, que as etapas de evolução do pretérito perfeito composto, conforme previsão de Harris (1982, p. 49), já apresentadas de modo sintético em seção anterior, são:

<b>Estágio 1</b>	PPC Resultado
<b>Estágio 2</b>	PPC Continuidade
<b>Estágio 3</b>	PPC Relevância Presente
<b>Estágio 4</b>	PPC Perfectivo/Aoristo

<sup>46</sup> Buenos Aires, Cidade do México, Havana, La Paz, Lima, Madri e Santiago do Chile, conforme Oliveira (2010, p. 180).

**Tabela 1 – Valor do PPC nas notícias publicadas na Cidade do México**

<b>Valor do PPC</b>	<b>Nº. e % de frequência</b>
<b>PPC de Resultado</b> (Estágio 1)	0
<b>PPC de Continuidade</b> (Estágio 2)	33 <b>84,6%</b>
<b>PPC de Relevância Presente</b> (Estágio 3)	6 <b>15,4%</b>
<b>PPC Aoristo</b> (Estágio 4)	0
<b>Total</b>	39 <b>100%</b>

Fonte: Adaptado de Oliveira (2010, p. 227).

Em síntese, os números acima indicam que a variedade da Cidade do México está no Estágio 2 – 84,6% de ocorrências de PPC de Continuidade – e parece avançar em direção ao Estágio 3 – 15,4% de dados que equivalem ao PPC de Relevância Presente –, levando em conta as etapas de evolução dessa forma verbal previstas na literatura.

Com interesse em cinco formas de passado<sup>47</sup> do paradigma verbal do espanhol, Airoidi (2015) analisa um corpus constituído de fala coloquial de usuários cultos localizados na Cidade do México, contemplando, em alguns casos, situações um pouco mais formais, como palestras (AIROLDI, 2015, p. 10). A pesquisadora busca apresentar tendências de uso dos pretéritos, tendo em conta, para a descrição linguística, valores temporais e aspectuais, além de funções discursivas nos níveis narrativo e dialógico, precisamente.

O material linguístico analisado por Airoidi (2015) se constitui de: (i) diálogos conduzidos por entrevistador com um ou dois informantes (40% da amostra); (ii) diálogos livres entre dois informantes (40%); (iii) gravações secretas de conversas espontâneas (10%); e (iv) gravações de palestras, compreendidas como um tipo de situação formal (10%). No que se refere ao perfil dos informantes, houve participação de 69 falantes mexicanos<sup>48</sup> – 35 homens e 34

<sup>47</sup> A autora analisa as formas *amé, he amado, amaba, había amado e hube amado*. Nossa resenha sobre o trabalho de Airoidi (2015) centra a atenção nas duas primeiras: PPS e PPC.

<sup>48</sup> Airoidi (2015, p. 12) explica que todos os falantes de sua amostra linguística são “*hijos de hispanohablantes mexicanos, nacieron en la Ciudad de México, o*

mulheres –, representantes de três grupos etários: (i) entre 25 e 35 anos (30% da amostra); (ii) entre 36 e 55 anos (45%); e (iii) mais de 55 anos (25%).

Em direção aos resultados quantitativos, Airoidi (2015, p. 200) chegou ao total de 12.291 dados, dos quais a forma simples *amé* corresponde a 5.701 ocorrências (46,38%) e a forma composta *he amado*, a 1.238 ocorrências (10,07%)<sup>49</sup>.

Após a quantificação geral da frequência de uso das formas – números apresentados acima –, a autora também quantifica os valores linguísticos associados aos pretéritos, indo em direção à reflexão qualitativa a respeito dos usos identificados no corpus. Essa classificação é um pouco extensa, porém, entendemos ser pertinente considerá-la mesmo que sinteticamente. Assim, organizando a classificação do PPS a partir da discussão de Airoidi (2015, p. 334), temos o seguinte:

- (i) PPS com valor de pretérito perfectivo atual: 254 casos, 4%.
- (ii) PPS com valor de pretérito perfectivo passado: 5.219 casos, 92%.
- (iii) Outros usos do PPS: 228 casos, 4%.

No que diz respeito ao valor em (i), PPS como pretérito perfectivo atual, são situações nas quais a forma simples expressa ações consideradas pelo falante como encerradas em um período de tempo atual, conforme Airoidi (2015, p. 336). Trata-se, em outras palavras, do PPS sendo empregado para fazer referência a eventos realizados no *presente ampliado*. Como vemos, a principal diferença entre o PPS em (i) e (ii) é a distância temporal: o primeiro acontece imediatamente antes do momento de enunciação e o segundo, em um passado mais distante. Alguns exemplos trazidos pela autora são os seguintes:

---

*en ella residen desde pequeños, provienen de un ambiente familiar culto, han realizado estudios sistemáticos, son por lo general lectores habituales, han viajado y hablan o tienen conocimientos del idioma inglés o de otras lenguas”.*

<sup>49</sup> Os resultados numéricos a respeito das outras formas de passado – que não o PPS e o PPC – analisadas por Airoidi (2015, p. 11) são os seguintes: *amaba* = 4.949 (40,26%); *había amado* = 403 (3,27%); e *hube amado* = 0 (0%). Em suma, as maiores frequências de uso correspondem às formas simples *amé* e *amaba*.



- (34) *Fíjate que creo que me serví en exceso.*
- (35) *Esto viene a colación de lo que dijimos antes.*
- (36) *Como mencionamos hace un momento...*
- (37) *Algo te iba yo a contar pero ya se me fué.*
- (38) *¡Ah, no! Ya me acordé (AIROLDI, 2013, p. 336).*

Concernente ao PPS com valor de pretérito perfectivo passado – item em (ii) –, com maior frequência de emprego (92%), Airol di (2015, p. 338) afirma tratar-se do uso canônico do pretérito perfeito simples: “*designar estados que ocurren y concluyen en un intervalo anterior al del ahora de la enunciación*”, um passado que não apresenta nenhuma conexão com o momento de fala, conforme ocorrências que reproduzimos abaixo:

- (39) *Se comenzó como una fábrica chica y ahora es muy grande.*
- (40) *Llegué a vivir a esa casa cuando tenía dos años.*
- (41) *Mi hermano menor nació allí.*
- (42) *Muchos de los hombres que gobiernan México crearon la Revolución (AIROLDI, 2015, p. 338).*

Em direção aos valores linguísticos da forma composta no corpus examinado, organizamos os tópicos abaixo, mantendo a nomenclatura empregada no trabalho de Airol di (2015), levando em conta valores prototípicos para o PPC:

- (i) **PPC com valores prototípicos<sup>50</sup>**: 1.072 casos, 87%. Há subdivisões:
- a. PPC de persistência: 539 casos, 44%.
  - b. PPC de experiência: 309 casos, 25%.
  - c. PPC resultativo<sup>51</sup>: 191 casos, 15%.

<sup>50</sup> A partir da classificação de Comrie (1976), em quem Airol di (2015) se baseia.

<sup>51</sup> Importa recordar que o valor resultativo não se refere ao Estágio 1 da gramaticalização do PPC, senão a uma das subfunções sob o escopo de

- d. PPC de passado recente: 33 casos, 2,66%<sup>52</sup>.
- (ii) **Outros usos do PPC:** 166 casos, 13%. Há, também, subdivisões:
- a. PPC atualizador de fatos passados: 46 casos, 3,71%.
  - b. PPC com valor de *antepresente* de generalização: 116 casos, 9%.
  - c. PPC com valor de *pluscuamperfecto* de subjuntivo: 4 casos, 0,32%.

A respeito do PPC de persistência<sup>53</sup> – classificação em (i-a) –, Airoidi (2015, p. 383) explica que o pretérito perfeito composto expressa uma situação que tem origem no passado e é vista como inacabada, a qual persiste ao longo de um intervalo de tempo que se prolonga até o momento de fala, incluindo-o. Nesse sentido, a autora afirma que, para um falante mexicano, existe uma clara oposição PPS/PPC nesse caso específico: a forma simples expressa uma situação passada que é percebida como desligada (terminada) do presente, enquanto a forma composta indica que a ação é vigente no “agora”. Alguns exemplos do PPC de persistência são os seguintes:

(43) *En el primer semestre terminé de impartir un curso que fue bastante intensivo; después he estado como coordinadora, he estado trabajando conjuntamente con los profesores y estudiantes.*

(44) *La historia de México, enfocada a la historia de las ideas, ha sido la parcela en la que me he movido más* (AIROLDI, 2015, p. 384).

Airoidi (2015, p. 384) afirma que esses usos correspondem à uma aceção de aspecto imperfectivo e temporalmente “*aún presente*”, demonstrando que a autora está de acordo com a imperfectividade do PPC mexicano, questão defendida por Lope Blanch (2008a [1961]) e

---

Relevância Presente (Estágio 3). Conforme já dissemos em nota anterior, o primeiro estágio de evolução do PPC já foi superado por todas as variedades hispano-americanas (SQUARTINI; BERTINETTO, 2000).

<sup>52</sup> Na soma geral das porcentagens, os números foram arredondados por Airoidi (2015). Por essa razão, a soma das subdivisões, apresentada em (i), tem como resultado 87%: o valor 2,66% do item em (i-d) é arredondado para 3%. A mesma lógica é aplicada, pela pesquisadora, na classificação em (ii): “outros usos do PPC”.

<sup>53</sup> Valor que tratamos, nesta dissertação, como PPC Continuidade.

Moreno de Alba (2003a [1972]; 2003b [1974]; 2003c [2001]), resenhados em parágrafos anteriores.

No que tange ao PPC de experiência – item em (i-b) –, são casos nos quais o pretérito perfeito composto é utilizado para expressar fatos vivenciados/experimentados ao menos uma vez antes do momento de fala. Além disso, (i) o falante considera possível que o fato em questão aconteça novamente e (ii) a situação está inserida em uma anterioridade relacionada com um intervalo aberto do passado, isto é, sem determinar término, conforme descrição de Airoidi (2015, p. 388). O diálogo a seguir ilustra essas características e oferece, também, um contraste entre as formas simples e composta do pretérito perfeito:

(45) A: – *Ahí vimos la única faena de Leal.*

B: – *Sí, lo único. Ha sido la única faena aceptable de la feria que está por terminar* (AIROLDI, 2015, p. 388).

Segundo Airoidi (2015, p. 388), o falante A utiliza o PPS “*vimos*” porque faz referência a um evento concreto – “*ver la faena de Leal*” –, compreendido, por ele, como encerrado e passado. O informante B, por outro lado, emprega o PPC “*ha sido*” pois considera que o evento está dentro de uma situação atual e não acabada – “*la feria que está por terminar*” –, em um intervalo de tempo aberto (um passado que ainda é presente), existindo, também, a possibilidade de o evento acontecer novamente. Para a pesquisadora citada, diante da improbabilidade de uma nova realização do evento, o falante B teria empregado o pretérito perfeito simples: “*fue*”.

Interpretados por Airoidi (2015, p. 388) como casos de exceção, há, ainda, alguns usos – correspondentes a 13 ocorrências de seu corpus – do PPC de experiência para fazer referência a um único evento, sem possibilidade aparente de novas realizações, como em (46)<sup>54</sup>:

(46) *El único accidente que he contemplado sucedió un domingo de octubre* (AIROLDI, 2015, p. 388).

---

<sup>54</sup> Uso também identificado por Oliveira (2010) em sua amostra de notícias publicadas por jornal virtual da Cidade do México. Um dos dados discutidos pela autora é: “*Enfatizó que en la agenda de las conversaciones bilaterales de alto nivel se ha abordado el asunto del aviso del gobierno de Estados Unidos sobre inseguridad en las ciudades fronterizas mexicanas*” (OLIVEIRA, 2010, p. 194).

Associado à noção experiencial, a autora explica que o PPC diz respeito a fatos repetidos ou quantificados, razão pela qual é frequente, nesses casos, a presença de expressões quantificadoras, conforme ocorrências reproduzidas abaixo:

- (47) *Esto me ha ocurrido varias veces* (AIROLDI, 2015, p. 389).
- (48) *Dicen que la música ha cambiado cada tres siglos* (AIROLDI, 2015, p. 390).

Além disso, comumente há presença de modificadores que acompanham usos do PPC de experiência, tais como “ya”, “últimamente”, “en los últimos tiempos”, “en esta temporada”, entre outros:

- (49) *Podían haber regresado esa cinta, ya se ha hecho, pero no quisieron.*
- (50) *Yo ya he armado muchos líos por ese motivo.*
- (51) *He leído en esta temporada La montaña mágica, Las llaves del reino...* (AIROLDI, 2015, p. 390).

Por sua vez, o PPC resultativo – classificado em (i-c) – é empregado, segundo Airoldi (2015, p. 391), para “*presentar, en el ahora del que habla, el resultado o efectos de una acción concluida en la anterioridad de su enunciación*”. A autora explica que o falante mexicano recorre a essa função do PPC (i) quando os efeitos da ação passada persistem na atualidade ou (ii) quando ele deseja destacar tais efeitos. Reproduzimos, abaixo, algumas ocorrências:

- (52) *Todas las angustias, temores, dudas, etcétera, de Beatriz han quedado solucionados: a partir de ayer es la Policía de Caminos la que va a quitar placas.*
- (53) *Le han aparecido unas goteras a la casa.*
- (54) *Bueno, hemos llegado a un academicismo completo: todas las fachadas son iguales* (AIROLDI, 2015, p. 392).

Concernente ao PPC de passado recente – valor estabelecido em (i-d), que corresponde a 2,66% das ocorrências da forma composta –, Airoldi (2015, p. 394) afirma que no espanhol falado no México não é comum o emprego do PPC para designar acontecimentos que alcançam

perfectividade antes do momento de fala – valor linguístico mais frequente no espanhol da Espanha –, pois, em terras mexicanas, costuma-se fazer uso do PPS para desempenhar tal função. No entanto, no corpus que analisou, a autora verifica alguns usos de PPC com valor de passado recente, conforme exemplos a seguir:

(55) *Creo que en esa forma he respondido a su pregunta.*

(56) *Por eso he dicho que algunas religiones tienen dogmas (AIROLDI, 2015, p. 394).*

(57) A: – [...] *pero sí es famosa.*

B: – *¿Famosa ha dicho?*

(58) *Tú sabes que **hace poco** han descubierto un nuevo palacio que se llama...*

(59) *Conste que yo he dicho **antes** que Fellini sigue un poco a Buñuel, pero no es imitador de Buñuel (AIROLDI, 2015, p. 395).*

Em direção ao segundo grupo – “outros usos do PPC” –, a autora apresenta, para o valor citado em (ii-a), o PPC como atualizador de fatos passados. Trata-se, segundo Airol di (2015, p. 396), de uma função estilística que abrange, por um lado, casos nos quais o falante deseja fazer referência a acontecimentos passados e concluídos com o propósito de trazer-lhes relevância atual, havendo identificação afetiva com tais fatos; e, por outro lado, casos em que a forma composta é utilizada para destacar acontecimentos em algum contexto narrativo. Reproduzimos alguns dados:

(60) A: – *¿Victoria Ocampo fue amiga de Don Alfonso?*

B: – *Sí. Alfonso le ha hecho una poesía muy bonita.*

(61) A: – *La Biblia fue recogida de la tradición oral...*

B: – *¡No aceptamos eso! La Biblia siempre se ha dado por revelación y ha sido*<sup>55</sup> *la palabra de Dios dada a los hombres mediante profetas* (AIROLDI, 2015, p. 396).

- (62) *Y entonces llegamos en coche de alquiler a la delegación [...]. Nos bajamos en la esquina de Revillagigedo, éste trató de irse ¡y le han dado una entrada! que le escurría sangre por la cara a chorros.*
- (63) *Pero a la hora que volteo veo un tipo patibulario de ahí. ¡Crees que lo he cogido con la rodilla contra la escalera y empecé a gritar!* (AIROLDI, 2015, p. 398).

Por sua vez, o PPC com valor de *antepresente* de generalização – em (iii-c) – é concernente a ocorrências nas quais o momento de referência não coincide com o momento de fala, senão com outra forma verbal do contexto, conforme Airol di (2015, p. 398). Trata-se de predicados com *validez general*, deslocados do momento da enunciação, conforme ilustram os dados que reproduzimos de (64) a (67):

- (64) *El alumno se ha acostumbrado a sólo estudiar en clase y, cuando llega a la facultad, no sabe estudiar.*
- (65) *En el cine uno cree que el actor es muy bueno, y resulta que eso [la escena] lo han repetido mil veces*<sup>56</sup> (AIROLDI, 2015, p. 398).
- (66) *Cuando tú has conquistado una roca de la escalada, tienes que buscar un punto de apoyo.*
- (67) *Cuando ya uno va acercándose al cumplimiento del compromiso, si uno ha ido salvando obstáculos, va uno tranquilizándose* (AIROLDI, 2015, p. 399).

Finalmente, em direção ao valor mencionado em (iii-d), PPC com valor de *pluscuamperfecto* de subjuntivo – 4 dados, correspondentes a

<sup>55</sup> Em nossa leitura, estas duas ocorrências podem ser consideradas PPC Durativo (subfunção sob o escopo de Continuidade), pois são duas situações que duram, especialmente pela presença do complemento adverbial “*siempre*”.

<sup>56</sup> Em nosso entendimento, este dado poderia ser considerado PPC Iterativo (função sob o escopo de Continuidade), leitura gerada especialmente pelo emprego do verbo “*repetir*” e do complemento “*mil veces*”, indicando iteração. Os demais dados, discutidos por Airol di (2015) nesta etapa, permitem visualizar mais facilmente a noção de *validez general*, inclusive porque acompanham sujeitos genéricos: “*el alumno*”, “*tú*” e “*uno*” (com destaque para este último).

0,32% das ocorrências da forma composta –, trata-se de casos já discutidos em páginas anteriores, nesta dissertação, a partir da resenha de Lope Blanch (2008a [1961]) e Moreno de Alba (2003b [1973]). Seguindo o mesmo padrão descrito por estes autores, Airolti (2015) também observa que, nesses casos associados a contextos de subjuntivo, o PPC ocorre na prótase de período condicional, seguindo a lógica: “*si*” + PPC + presente ou forma terminada em *-aba* ou em *-ia* com valor modal. Como ilustração, as ocorrências apresentadas por Airolti (2015, p. 400) são as seguintes:

- (68) *Tu marido lo pudo soportar porque no es un egoísta. Tú contabas con eso. **Si** tu marido ha sido [hubiera sido] un egoísta no **vas** a la universidad.*
- (69) *Y me dijo después el licenciado Uribe: “Señora, no debió haber usted tomado whisky, porque **si** le han tomado [hubieran tomado] el aliento y ven que usted huele a alcohol, **era** muy peligroso.*
- (70) *Puede ser que **si** me ha tocado [hubiera tocado] un marido que no me ha dejado [hubiera dejado] ir ni siquiera a una clase de inglés, **estarían** las cosas distintas (AIROLTI, 2015, p. 400).*

Nesta seção, apresentamos discussão centrada no espanhol falado no México, momento em que resenhamos trabalhos de hispanistas interessados nas formas verbais de passado e seus usos na variedade hispânica em questão. Na sequência, apresentamos reflexão sobre o espanhol falado em terras peruanas – variedade linguística de interesse nesta dissertação, tendo-se em conta o recorte metodológico definido para esta pesquisa.

#### 2.2.2.2 Os pretéritos no espanhol peruano

No que se refere ao uso dos pretéritos no Peru, selecionamos estudos interessados na variedade falada na capital desse país: Lima. Contudo, importa contextualizar que algumas pesquisas, ao tratar do espanhol limenho, também levam em conta outras variedades peruanas, devido ao movimento migratório intenso em território peruano. Para o entendimento dos pretéritos no Peru, tomamos como base, sobretudo, a publicação de Jara Yupanqui (2013), hispanista que se dedica à descrição do uso do PPS e do PPC no país em questão. Com base em uma perspectiva variacionista de língua, essa pesquisadora defende, especialmente, que os valores semânticos assumidos pelo PPC ao longo

do tempo, no Peru, têm relação com o plurilinguismo presente no país (JARA YUPANQUI, 2013, p. 14). Nessa direção, a autora faz distinção entre variedades da costa e andinas, todas em âmbito peruano<sup>57</sup>.

Assim, para a compreensão do contexto linguístico em torno do espanhol falado em Lima, é necessário considerar que houve movimento migratório expressivo de falantes peruanos, originalmente localizados em outras regiões desse país – nos Andes, por exemplo –, em direção à capital. Nesse sentido, Jara Yupanqui (2013, p. 20) conta que o contato do espanhol com línguas indígenas – o quéchua e o aimará, principalmente –, bem como o bilinguismo envolvido nesse contato linguístico, contribuíram para a formação da variedade peruana do espanhol; sobretudo, no que se refere ao espanhol falado na capital do país.

Nessa direção, a pesquisadora apresenta uma série de fenômenos, em diversos níveis linguísticos, que estão associados à variedade andina do espanhol peruano. No que diz respeito ao objeto de interesse desta dissertação<sup>58</sup>, fazendo referência a um fenômeno que se manifesta em nível morfossintático, a autora cita como traço característico do espanhol andino – isto é, a variedade falada na região andina do Peru, diferente da variedade da capital – a possibilidade de emprego do PPC em contextos de pretérito (JARA YUPANQUI, 2013, p. 20), cujo contexto estaria associado, tradicionalmente, à ocorrência do PPS.

Concernente à influência de outras variedades linguísticas do Peru em território limenho, tendo em conta a migração e o estabelecimento dos falantes em sua nova localidade, Jara Yupanqui (2013, p. 21) explica que ao longo das últimas décadas foi acontecendo uma divisão geográfica na capital peruana, a saber: (i) áreas mais antigas; e (ii) áreas mais recentes.

Nas áreas mais antigas, há predomínio de população nativa, isto é, falantes nascidos em Lima, os quais *“tipifican el habla limeña, caracterizándola como una variedad no andina de la costa central”*, conforme Jara Yupanqui (2013, p. 21). A respeito das áreas recentes,

---

<sup>57</sup> Em uma perspectiva mais ampla, temos em conta que todo o Peru é considerado região andina, conforme divisão dialetológica do espanhol estabelecida na literatura, questão contemplada no Capítulo 5, dedicado à Metodologia.

<sup>58</sup> Outros fenômenos associados à variedade andina do espanhol peruano, conforme discussão realizada em Jara Yupanqui (2013, p. 20), são os seguintes: (i) possessivo duplo, como em *“su casa de Juan”*; (ii) ordem sintática O-V; (iii) *leísmo*, como em *“le vi a tu madre”*; entre outros.



estas são habitadas principalmente por “*provincianos de distintas regiones del país, de los cuales una gran mayoría corresponde a hablantes de español andino*”.

Cabe abrir um breve parêntese para comentar que, historicamente, o espanhol falado em Lima se tornou a variedade linguística de maior prestígio no Peru, devido à centralização do poder e da economia na capital. Além disso, é preciso levar em conta que, durante décadas de contato linguístico, Lima foi palco de encontros e relações entre esses grupos de falantes – andinos e não andinos<sup>59</sup> –, gerando influência mútua, e, assim, novos padrões linguísticos foram emergindo nesse contexto social, conforme explicação apresentada em Jara Yupanqui (2013, p. 21-22).

Em direção aos objetivos da investigação de Jara Yupanqui (2013, p. 22), dois são de especial relevância para os propósitos desta dissertação: (i) identificar os valores semântico-pragmáticos do PPC no espanhol falado em Lima; e (ii) determinar o grau de avanço do PPC nos espaços de uso do pretérito perfeito simples.

Para alcançar seus objetivos, a pesquisadora analisou um corpus constituído de material oral; mais especificamente, entrevistas sociolinguísticas com falantes monolíngues de espanhol, realizadas entre junho e julho de 2003. Trata-se de aproximadamente 32 horas de gravação – mais de 178 mil palavras –, correspondentes à fala de 38 informantes adultos (JARA YUPANQUI, 2013, p. 56) da capital peruana<sup>60</sup>. Seu interesse principal foi captar narrativas de experiências pessoais dos participantes, os quais foram classificados, metodologicamente, em dois grupos: “falantes com herança limenha” e “falantes com herança andina”, embora todos eles tenham nascido em Lima, obrigatoriamente.

Concernente à literatura consultada pela autora para nortear a descrição das ocorrências do PPC em seu estudo, Jara Yupanqui (2013, p. 44) levou em consideração, inicialmente, os valores prototípicos dessa forma verbal que são debatidos em Comrie (1976), que propõe classificação para os usos do *perfecto*:

- (i) PPC de resultado.

---

<sup>59</sup> Divisão dialetal do Peru em nível amplo, considerada pela autora no estudo resenhado.

<sup>60</sup> “*Todos los participantes nacieron, crecieron y estudiaron en Lima y aprendieron español como lengua primera*”, explica Jara Yupanqui (2013, p. 60).

- (ii) PPC de situação persistente.
- (iii) PPC de experiência.
- (iv) PPC de passado recente.

Como se referem a significados tradicionais do PPC, é natural que a literatura interessada no fenômeno os tenha em conta para a compreensão do pretérito perfeito composto em diversas variedades do espanhol, razão pela qual já apresentamos – em seção anterior – esses valores a partir de Airolti (2015), pesquisadora interessada na análise de um corpus mexicano. Nesse sentido, entendemos não ser necessário centrar nossa atenção na definição de cada um desses valores novamente, com exceção dos casos em que uma pesquisadora complementa a outra, trazendo informação relevante. Na sequência, apresentamos alguns dados de uso real da língua, levando em consideração, desta vez, o corpus peruano de Jara Yupanqui (2013), representativo da fala de hispano-falantes limenhos.

Em seus dados, Jara Yupanqui (2013, p. 44) observou que o PPC resultativo costuma expressar algum tipo de transformação ou resultado físico, questão ilustrada nas ocorrências abaixo:

- (70) *Me rompieron de un piedrón la cabeza, justo me ha quedado la cicatriz* (JARA YUPANQUI, 2013, p. 44)
- (71) *Ella se tomaba y cualquier hombre que estaba tomando o que estaba medio mariadito, la llevaba cargada a la cama de ella. Entonces, cosas que mi esposo veía. Entonces, ella era la mamá. Incluso la ha dejado todito morado el ojo [...] (JARA YUPANQUI, 2013, p. 45).*

Observa-se, nos dois casos, a expressão do resultado de ações anteriores sendo realizada através do emprego das formas compostas “*ha quedado*” e “*ha dejado*”: em (70), a ação de “*romper de un piedrón*” – codificada pelo pretérito perfeito simples, cabe destacar – resulta, no presente, em uma cicatriz; e em (71), por sua vez, o resultado é de um olho roxo, “*todito morado el ojo*”.

Importa chamar a atenção para o fato de que esses valores de resultado identificados por Jara Yupanqui (2013) no Peru – e, como vimos na seção anterior, por Airolti (2015) no México –, na oralidade, são observados por Oliveira (2010) na escrita, o que coloca em evidência o processo de mudança e os estágios alcançados pelo PPC nessas variedades hispânicas, considerando que a última pesquisadora

citada verifica esses valores em uma amostra altamente monitorada – a linguagem escrita jornalística<sup>61</sup>.

Além de resultados físicos, Jara Yupanqui (2013, p. 46) verificou relação desse valor resultativo do PPC com estados emocionais e psicológicos – como em (72), abaixo – e também com atividades mentais no sentido de haver ou não ativação da memória do falante, conforme ocorrência reproduzida em (73):

(72) *Y este doctor le contestó: – Me ha conmovido su caso. Mándeme las pruebas de Mariana, que se llama la chica y consiga diez mil dólares.*

(73) *Ay, me acuerdo, por ejemplo, no sé, se me ha venido a la mente una vez que no me dejaba ir a la playa con mi hermana (JARA YUPANQUI, 2013, p. 46).*

Ainda discutindo sobre a noção resultativa, a autora enfatiza um caso que, segundo ela, envolve ainda mais abstração no que diz respeito à perspectiva do falante sobre o evento em referência (JARA YUPANQUI, 2013, p. 46). Trata-se do dado que reproduzimos abaixo:

(74) *Pensaron que iba a ser una reunión pero ha sido unos quinceaños (JARA YUPANQUI, 2013, p. 47).*

Contextualizando a ocorrência acima, Jara Yupanqui (2013, p. 46-47) explica que a informante está se referindo à festa de aniversário organizada por ela para sua filha, que completava 15 anos de idade. Por não contar com muitos recursos financeiros, a anfitriã assumiu que a festa não agradaria aos convidados e, por essa razão, terminaria cedo. Porém, acabou se surpreendendo, pois, o evento durou muito mais do que o esperado, e, nesse sentido, a festa pode ser considerada um sucesso – ou, seguindo a lógica do valor do PPC de que estamos tratando, *resultou* em sucesso.

Nessa direção, analisando as escolhas lexicais da falante em (74), observamos oposição entre “*una reunión*” e “*unos quinceaños*”. Em tal contexto, o primeiro termo cumpriria a função de fazer referência a um encontro que não chega a alcançar o status de festa – podendo ser interpretado, então, como uma festa fracassada – e o segundo termo, por

---

<sup>61</sup> Além disso, na amostra oral do México aparece (com frequência baixa, contudo) o PPC Passado Recente via noção temporal de *antepresente*, conforme dados de Airoidi (2015). A língua escrita parece restringir esse valor, considerando os resultados discutidos por Oliveira (2010).

sua vez, estaria manifestando que o evento superou as expectativas, positivamente. A combinação de “*unos quinceaños*” + pretérito perfeito composto “*ha sido*” expressa que o evento em questão teve como resultado uma verdadeira festa de 15 anos!

Sobre o PPC de situação persistente<sup>62</sup>, trata-se do pretérito perfeito composto sendo empregado com valor aspectual durativo e temporalmente aberto (JARA YUPANQUI, 2013, p. 48), cuja possibilidade também já foi observada na variedade mexicana do espanhol<sup>63</sup>. Nesse uso linguístico, o hispano-falante comunica uma situação passada que continua no presente.

O corpus analisado pela pesquisadora apresenta tendência à ocorrência desse valor do PPC com verbos de estado – “*ser*”, “*tener*” e “*vivir*”, entre outros – e modificadores adverbiais que sinalizem alguma relevância no presente – “*siempre*”, por exemplo –, conforme Jara Yupanqui (2013, p. 48), cujos elementos podem ser observados nos dados que reproduzimos a seguir:

(75) *A veces llegaba tarde, pero lo bueno es que, este, yo **siempre he sido** de comunicarles a mis profesores* (JARA YUPANQUI, 2013, p. 48).

(76) ***Siempre he vivido** acá en Lima.*

(77) ***Siempre he tenido** muy buenas relaciones con mis profesores. No era de quedarme callada. No era muy contestona* (JARA YUPANQUI, 2013, p. 49, grifos nossos).

Há, contudo, situações nas quais o falante não emprega modificadores verbais. Nesses casos, a pesquisadora considerou suficiente o contexto extralinguístico para a leitura durativa do PPC em ocorrências como (78):

(78) *Mis mejores vínculos **han sido** los de la universidad*<sup>64</sup> (JARA YUPANQUI, 2013, p. 49).

<sup>62</sup> Também discutido, na literatura, como PPC Continuidade.

<sup>63</sup> Questão contemplada na seção 2.2.2.1, anteriormente.

<sup>64</sup> Para melhor interpretação do valor durativo que persiste no presente, Jara Yupanqui (2013, p. 49) propõe a inserção do modificador adverbial “*hasta ahora*” nesta ocorrência, facilitando, nesse sentido, a leitura do PPC de situação persistente: *Mis mejores vínculos **han sido** [hasta ahora] los de la universidad.*

A presença de elementos de negação – “no” e “nunca”, especialmente – também causa impacto no uso do PPC, favorecendo a interpretação durativa em contextos de continuidade (JARA YUPANQUI, 2013, p. 50). Alguns exemplos oferecidos no trabalho resenhado são:

- (79) *Bueno, tengo poco tiempo. Tengo dos meses trabajando allí. Eh, discusión **no he tenido** [hasta ahora]<sup>65</sup>.*
- (80) *Esas cosas **nunca le he contado** a nadie [hasta ahora], pero con usted no sé.*
- (81) *Yo **nunca** en mi vida **he robado**, **nunca** en mi vida **he robado** [hasta ahora] (JARA YUPANQUI, 2013, p. 50).*

Segundo Jara Yupanqui (2013, p. 50), a ocorrência em (80) deve ser compreendida no sentido de o emissor estar guardando um segredo até a entrevista, momento em que o revela para a pesquisadora. Na sequência, deve-se interpretar a forma de negação “nunca” e o PPC “*he robado*” – elementos presentes no dado em (81) –, como a expressão de um significado que é válido para o passado e continua o sendo para o momento de enunciação, cuja possibilidade segue/seguirá aberta<sup>66</sup> para o futuro – a ação está justamente persistindo, em outras palavras.

Sobre o PPC de experiência, a autora explica que o uso em questão ocorre sem a presença de modificadores temporais, como se a experiência fosse indeterminada no que diz respeito ao Tempo. No corpus examinado pela pesquisadora, os falantes da capital peruana utilizam o PPC experiencial para fazer referência a experiências físicas ou psicológicas (JARA YUPANQUI, 2013, p. 51). Como exemplificação desses usos linguísticos, reproduzimos as ocorrências abaixo:

- (82) *Sí, bueno, la verdad me doy cuenta que cuando uno quiere a una persona, no es necesario, este, a veces uno... pienso que todavía tienes que tener una cantidad de dinero para poder agasajar, pero no, la experiencia que yo **he tenido** con mi hija.*
- (83) *Pero por la... por la experiencia que yo **he vivido** y las cosas que me llevan... me enamoré, me gustó.*

<sup>65</sup> Trata-se da mesma lógica explicada na nota anterior.

<sup>66</sup> Como se trata da negação da ação, deve-se interpretar que o uso em questão, especificamente, refere-se à não realização de “robar”.

- (84) *He tenido miedo que mi mamá se vaya a morir. Algo así. Pero a Dios gracias, a Dios gracias que hasta ahorita mi mamá me sigue acompañándome* (JARA YUPANQUI, 2013, p. 51).

Metodologicamente, a autora optou por considerar, como pertencente ao PPC experiencial, também o valor aspectual iterativo<sup>67</sup> (JARA YUPANQUI, 2013, p. 51), noção que, juntamente com o significado durativo, está associada a contextos de continuidade. É comum, segundo a pesquisadora, a presença de modificadores adverbiais de frequência – “*mucho*” e “*algunas veces*” (dado em (85)) e “*varias veces*” (86), por exemplo – quando o hispano-falante de Lima emprega o PPC com a intenção de expressar ações repetidas:

- (85) *Sí varias porque he viajado mucho adentro del Perú. ¡Qué te puedo decir de situaciones especiales! Bueno uno es que yo en la altura me siento muy mal, entonces a todo sitio donde voy, el primer día soy un desastre, si no descanso, [...] me siento con dolor de cabeza, náuseas, me descompongo totalmente, entonces me ha pasado algunas veces que he viajado por trabajo que no he tenido tiempo de descansar, entonces, sueño, realmente me va mal, estoy en una reunión me siento mal, me empiezo a marear, se me baja la presión, me ha pasado ¿dónde? en Ayacucho, me ha pasado en Cusco, me ha pasado en Arequipa, incluso cuando me fui a Canta, aquí nomás.*

- (86) *Y bueno, **varias veces** ¿no?, nos hemos ido a Venezuela a pasar navidad, año nuevo y bueno nos quedamos allí más o menos un mes* (JARA YUPANQUI, 2013, p. 52, grifos nossos).

Jara Yupanqui (2013, p. 52) observa, a partir de seus dados, que também é possível a expressão de iteração acontecer através do PPC acompanhado de objetos diretos quando estes últimos indicam plural, como por exemplo “*cosas buenas y cosas malas*” e “*gente*” – palavra que, embora seja estruturalmente singular, refere-se a mais de uma pessoa –, conforme exemplos no dado abaixo:

- (87) *Uy he tenido de los dos. He tenido cosas buenas y cosas malas, ah. *Cosas buenas: conocer gente. He conocido a gente, creo que muy**

---

<sup>67</sup> Essa escolha metodológica se difere da que definimos para esta dissertação. Contudo, cabe observar que Jara Yupanqui (2013) não tem interesse principal nos estágios de gramaticalização. Para os propósitos desta seção, é relevante compreender o significado expresso através do PPC nos contextos experiencial e iterativo.

*buena, eh, creo que también cada día vas descubriendo más gente. Dentro de la misma universidad. Pero también he tenido un par de cosas malas. Tuve un problema con una amiga, un poco, pero fue por... creo que fue falla de las dos porque andábamos tan pegadas, tanto tiempo, que creo que yo me terminé asfixiando un poco (JARA YUPANQUI, 2013, p. 52-53, grifos nossos).*

Chama a atenção, ainda, a repetição – da própria forma/estrutura linguística, nesse caso –, do PPC desempenhando a função de que estamos tratando e também estilística, bem como o emprego dessa forma verbal em meio a ocorrências do PPS, como uma estratégia, para dar ênfase às experiências vividas pelo falante limenho, que é acionada por ele durante a narração de suas experiências pessoais:

- (88) *Y lo único que **atinamos fue** a correr y los perros atrás nuestro ¿no? Hemos corrido, hemos corrido. Y lo que **nos demoramos** para escalar la pared lo **hicimos** en menos tiempo. ¡Fun! **Escalamos** rapidísimo. Y **nos fuimos** al colegio pero asustadísimos porque pensábamos de que si nos agarra el perro (JARA YUPANQUI, 2013, p. 53, grifos nossos).*

Em direção ao PPC de passado recente, Jara Yupanqui (2013, p. 54) explica que, nesse caso, a presença de modificadores temporais que expressem proximidade com o momento de fala é visível, como “*hace un momento*” (dado em (89)) e “*todavía poco tiempo*” (90):

- (89) *La he visto **hace un momento**.*

- (90) *Yo **todavía poco tiempo** que me he casado*<sup>68</sup> (JARA YUPANQUI, 2013, p. 54, grifos nossos).

Saindo da proposta de classificação de Comrie (1976), e como diferencial do trabalho de Jara Yupanqui (2013), cabe sintetizar outros valores associados ao uso do PPC, observados durante a análise das narrativas dos informantes liminhos. Em linhas gerais, esses outros valores correspondem:

- ⇒ Ao PPC conferindo maior emoção à fala do informante, em comparação com o pretérito perfeito simples, sendo ambas formas linguísticas empregadas em uma mesma narração (JARA YUPANQUI, 2013, p. 92).

<sup>68</sup> Em nossa leitura, trata-se de um dado ambíguo: passado recente e persistência, “*sigo casado*”.

- ⇒ Ao PPC sendo empregado para interromper a sequência temporal da narração, expressando:
  - Subjetividade através de avaliações, sobre os fatos narrados, realizadas pelo falante.
  - Necessidade de chamar a atenção para algum detalhe considerado importante na história (JARA YUPANQUI, 2013, p. 94).
  
- ⇒ Ao PPC sendo utilizado para expressar aspecto perfectivo, já que os eventos narrados aconteceram vários anos antes das entrevistas, embora seja necessário considerar, também, que eles conservam *relevancia presente* no plano discursivo (JARA YUPANQUI, 2013, p. 94).
  
- ⇒ Ao PPC sendo inserido na fala para dar tom vívido à narração (JARA YUPANQUI, 2013, p. 94).
  
- ⇒ Ao PPC como recurso para interromper a narração, estabelecendo plano comunicativo entre falante – o informante, no caso – e ouvinte, que é a própria entrevistadora (JARA YUPANQUI, 2013, p. 104).

No tocante às considerações finais de Jara Yupanqui (2013, p. 169), importa mencionar algumas de suas conclusões, retomando, nesse sentido, sua divisão metodológica no que se refere aos usuários participantes da pesquisa, a saber: (i) os informantes com herança limenha utilizaram o PPC como recurso estilístico para construir sequências narrativas, no entanto, esse uso está impregnado de subjetividade por parte do falante, sendo associado à avaliação subjetiva e à emotividade, por exemplo; (ii) os participantes com herança andina, por sua vez, realizaram frequentes alternâncias entre o PPS e o PPC; (iii) ainda sobre este último grupo – isto é, falantes cujos antepassados fizeram o movimento migratório “região andina > capital Lima” –, a pesquisadora observou tendência ao emprego do PPC, em detrimento do PPS.

Ainda refletindo sobre valores estatísticos em torno da frequência de uso dos dois pretéritos no espanhol falado em Lima, importa trazer à discussão, novamente, os trabalhos de Oliveira (2007; 2010). Na amostra organizada pela pesquisadora – constituída de notícias publicadas em jornais peruanos virtuais, cabe recordar –, o contraste



PPS/PPC é o seguinte: a forma simples obteve maior frequência de uso, correspondendo a 87,4% (236) dos dados e a forma composta, a 12,6% (34), conforme Oliveira (2007, p. 62).

A respeito da quantificação dos valores codificados pelo pretérito perfeito composto, especificamente, levando em consideração os estágios de gramaticalização do PPC previstos em Harris (1982), os resultados numéricos são os seguintes:

**Tabela 2 – Valor do PPC nas notícias publicadas em Lima**

<b>Valor do PPC</b>	<b>Nº. e % de frequência</b>
<b>PPC de Resultado</b> (Estágio 1)	0
<b>PPC de Continuidade</b> (Estágio 2)	19 <b>44,2%</b>
<b>PPC de Relevância Presente</b> (Estágio 3)	22 <b>51,2%</b>
<b>PPC Aoristo</b> (Estágio 4)	1 <b>2,3%</b>
<b>PPC ambíguo</b>	1 <b>2,3%</b>
<b>Total</b>	43 <b>100%</b>

Fonte: Adaptado de Oliveira (2010, p. 221).

Oliveira (2010, p. 222) chama a atenção para o fato de que a variedade de Lima, em comparação com o espanhol falado em outras capitais hispano-americanas, apresenta usos diferenciados, resultando em um aumento da frequência do PPC no Estágio 3 (51,2%), embora a variedade em questão ainda mantenha uso expressivo do pretérito perfeito composto com valores do Estágio 2 (44,2%). Para compreender o diferencial do PPC peruano – em comparação com outras variedades do espanhol –, é preciso ter em conta que a segunda etapa do processo de gramaticalização da forma composta é a que apresenta maior frequência de uso na maior parte das variedades hispano-americanas. Nesse sentido, esses resultados estatísticos discutidos por Oliveira (2010) indicam que o PPC peruano está em estágio mais avançado quando comparado com o PPC mexicano, contrastando dados apresentados em seção anterior.

Tratando, ainda, de usos diferenciados do PPC em terras peruanas, também é importante observar que, no corpus de Oliveira

(2010), há um dado (2,3%) do pretérito perfeito composto no último estágio de gramaticalização, o qual corresponde ao valor de pretérito perfectivo/aoristo:

- (91) ***El lunes en la noche** hemos entrado a una reunión con los dirigentes de los algodonereros que terminó en la madrugada del martes y hemos firmado un acta de acuerdo* (OLIVEIRA, 2010, p. 223).

Na próxima seção, resenhamos estudos interessados no uso dos pretéritos concernente ao espanhol falado na Argentina, última variedade hispano-americana contemplada nesta dissertação, considerando o recorte metodológico estabelecido para a aplicação de um teste de percepção a falantes/espectadores hispano-americanos.

### 2.2.2.3 Os pretéritos no espanhol argentino

Seguindo a mesma lógica aplicada em seções anteriores deste capítulo – no tocante ao espanhol falado na Cidade do México e em Lima –, convocamos, para esta seção, estudos centrados na variedade linguística de outra capital hispano-americana: Buenos Aires.

Iniciamos a discussão apresentando o trabalho de Rodríguez Louro (2008), pesquisadora que analisa, a partir de um controle estatístico, o uso das formas *canté* e *he cantado* – com ênfase nas funções codificadas pelo PPC – em um corpus no qual houve participação de hispano-falantes situados na cidade de Buenos Aires<sup>69</sup>, especificamente.

Suas hipóteses são: (i) no caso de o espanhol argentino rio-platense de fato apresentar o mesmo comportamento de outras variedades hispano-americanas no que se refere ao uso dos pretéritos – conforme é discutido na literatura –, o PPC deve apresentar maior frequência de uso em comparação com o PPC (RODRÍGUEZ LOURO, 2008, p. 11); (ii) considerando que o uso do pretérito perfeito composto argentino (rio-platense) é semelhante ao da variedade mexicana – segundo estudos consultados –, o PPC argentino deve ser empregado mais frequentemente para expressar os valores de resultado, continuidade e experiência (RODRÍGUEZ LOURO, 2008, p. 19); e (iii) concebendo “estilo” como um fator extralinguístico de relevância para a

---

<sup>69</sup> Diferentemente do que vimos sobre mexicanos e peruanos – a partir de Airoldi (2015) e Jara Yupanqui (2013), respectivamente –, Rodríguez Louro (2008) não sinaliza o perfil de seus informantes argentinos.

ocorrência do pretérito perfeito composto em território argentino, o PPC deve apresentar maior frequência de uso no registro formal, considerando o contraste formal/informal (RODRÍGUEZ LOURO, 2008, p. 11).

No que diz respeito à organização do corpus estudado, a coleta dos dados aconteceu entre 2005 e 2008, através de três instrumentos:

- ⇒ Gravação de **conversas espontâneas** (CE) entre pares ou grupos de três pessoas, totalizando quase 11 horas de material.
- ⇒ Gravação de **entrevistas sociolinguísticas** (ES): aproximadamente 9 horas de registros.
- ⇒ Aplicação de **questionários** (Q): 100 documentos, neste caso (RODRÍGUEZ LOURO, 2008, p. 12).

Como fatores linguísticos, Rodríguez Louro (2008, p. 12) estabeleceu a própria multifuncionalidade do PPC, baseando-se principalmente na previsão de Harris (1982) e levando em conta os valores de: (i) resultado; (ii) continuidade; (iii) experiência; (iv) relevância presente; e (v) notícias recentes. Como fator extralinguístico, a autora delimitou “estilo” como possível condicionador do uso do PPC, contemplando formalidade e informalidade.

Como é possível ver através da consideração de “relevância presente” e “experiência” no mesmo nível funcional, Rodríguez Louro (2008) separa aquilo que Oliveira (2010) e Squartini e Bertinetti (2000), a partir de Harris (1982), consideram estar em relação de escopo no que se refere a um significado maior com nuances de percepção. Conforme Quadro 3 que organizamos na seção 2.2.1, PPC Experiencial é uma subfunção – ao lado de PPC Resultado e PPC Passado Recente – sob o escopo da função Relevância Presente. Em outras palavras, situações do passado relevantes no presente são marcadas, via codificação do PPC, pelas nuances de experiência, resultado e passado recente. Não fica clara, nesse sentido, a escolha metodológica de Rodríguez Louro (2008) por considerar “relevância presente” e “experiência” como valores no mesmo nível de hierarquia funcional, enquanto outros pesquisadores – levados em conta nesta dissertação – tratam o último como um valor sob o escopo do primeiro. Além disso, o valor “resultado” apresentado em posição inicial – (i) – sugere que a autora o considera como equivalente ao Estágio 1, enquanto Oliveira (2010) e Squartini e Bertinetti (2000) o

tomam, importa repetir, como nuance do Estágio 3<sup>70</sup>. Identificando essas divergências metodológicas, na resenha do trabalho realizado por Rodríguez Louro (2008) tomamos o devido cuidado de levar em conta somente informações compatíveis com nossa proposta, de modo a não causar impacto negativo na compreensão dos usos dos pretéritos em território argentino. Assim, optamos por desconsiderar alguns resultados – especialmente estatísticos – alcançados no referido trabalho.

No tocante à quantificação dos dois pretéritos no corpus de Rodríguez Louro (2008), considerando a soma dos dados alcançados a partir dos três instrumentos aplicados<sup>71</sup>, houve maior frequência de uso da forma simples em comparação com a forma composta: 3.252 ocorrências de PPS, por um lado, e 372 de PPC, por outro – números que correspondem a 90% e 10% da amostra (RODRÍGUEZ LOURO, 2008, p. 15), respectivamente.

Sobre a busca da pesquisadora por diferenças de uso possivelmente influenciadas por questões estilísticas, Rodríguez Louro (2008, p. 10) menciona Squartini e Bertinetto (2000, p. 413), os quais afirmam que, no contexto hispano-americano, o PPC é visto pelos falantes como uma forma verbal de prestígio. Além disso, esses autores sugerem que, em variedades do continente em questão, o PPC ocorre mais frequentemente no registro formal, como consequência do prestígio associado ao espanhol peninsular<sup>72</sup>.

Rodríguez Louro (2008, p. 12) explica que o questionário foi elaborado de modo a apresentar 30 diálogos entre A e B, para que o informante de Buenos Aires fizesse a inserção, em um espaço em branco, de uma parte da fala emitida por B. O contexto de interação foi apresentado ao participante através do enunciado de A, sem que houvesse presença de PPS ou PPC em qualquer uma das falas, deixando,

---

<sup>70</sup> Nesse sentido, Squartini e Bertinetto (2000) consideram que o Estágio 1 da gramaticalização do PPC – referente ao valor resultativo – já foi superado por todas as variedades do espanhol.

<sup>71</sup> Isolando os instrumentos, Rodríguez Louro (2008, p. 15) chegou aos seguintes percentuais:

- ⇒ **Conversas espontâneas:** 96,7% equivalem ao PPS e 3,3%, ao PPC.
- ⇒ **Entrevistas sociolinguísticas:** 94,3% equivalem ao PPS e 5,7%, ao PPC.
- ⇒ **Questionários:** 86,1% equivalem ao PPS e 13,9%, ao PPC.

<sup>72</sup> Na seção 2.2.3 – adiante, neste capítulo –, apresentamos estudos interessados no uso dos pretéritos em território espanhol.

então, a escolha por formas verbais nas mãos do próprio participante. Orientando o informante no que se refere ao estilo dos diálogos, a interação entre A e B apresentava elementos léxicos e pragmáticos (RODRÍGUEZ LOURO, 2008, p. 13) que davam pistas sobre a fala em jogo ter registro formal ou informal. Reproduzimos, abaixo, exemplos dessas pistas linguísticas utilizadas pela pesquisadora no questionário:

Quadro 4 – Elementos léxicos e pragmáticos associados ao estilo

	<b>Registro informal</b>	<b>Registro formal</b>
<b>Elementos gramaticais</b>	Uso de pronomes de sujeito e objeto, <i>vos</i> e <i>te</i> , e respectivas conjugações.	Uso de pronomes de sujeito e objeto, <i>usted</i> e <i>le</i> , e respectivas conjugações.
<b>Formas de tratamento e nome</b>	Uso do primeiro nome (“Carolina”, por exemplo) e do pronome de segunda pessoa <i>vos</i> .	Uso de nome completo (como “Carolina Manzi”) ou de somente o sobrenome; e de certas formas de tratamento que expressam formalidade, como <i>señora</i> .
<b>Contraste entre léxico (expressões sinônimas)</b>	Palavras de uso cotidiano:  <i>Muerto</i> <i>Morir</i> <i>Las dos</i> <i>Querer/gustar</i> <i>Para</i> <i>Pasar</i> <i>Preocupada</i> <i>Todo el día</i> <i>Mal</i>	Palavras consideradas cultas:  <i>Fallecido</i> <i>Fallecer</i> <i>Ambas</i> <i>Parecer</i> <i>Con motivo de</i> <i>Suceder</i> <i>Consternada</i> <i>El día entero</i> <i>Incorrecto</i>
<b>Fórmulas de cortesia</b>	Uso de linguagem direta para formular respostas.	Uso de linguagem indireta para formular respostas e uso de fórmulas de cortesia, como <i>disculpe</i> .

Fonte: Adaptado de Rodríguez Louro (2008, p. 13).

A pesquisadora quantificou as ocorrências do PPC nos questionários, classificando-as como “registro formal” ou “registro informal”, seguindo a lógica ilustrada no quadro anterior. Então, chegou ao seguinte resultado: do total de 305 ocorrências do PPC, 219 correspondem ao estilo formal e 86, ao informal (RODRÍGUEZ LOURO, 2008, p. 19). Esses dados indicam que elementos linguísticos associados pelo falante à formalidade favorecem o emprego do PPC e que, em contrapartida, contextos de informalidade não são terreno favorável à ocorrência dessa forma verbal, conforme discussão de Rodríguez Louro (2008, p. 16).

Comparando os três instrumentos de coleta, Rodríguez Louro (2008) verifica que a maior parte das ocorrências de PPC está nos questionários: em contraste com os 305 dados que já citamos, há 20 nas conversas espontâneas e 47 nas entrevistas sociolinguísticas. A autora assume que a alta frequência do PPC, constatada nos questionários, está condicionada pela maior formalidade desse instrumento de coleta, já que a ES e a CE são menos formais (comparadas com o Q), especialmente a conversa espontânea, que costuma ser informal por definição (RODRÍGUEZ LOURO, 2008, p. 17). A ES pode apresentar seções tanto formais como informais, o que provavelmente justifica a frequência do PPC um pouco maior nesses dados, ainda que a entrevista sociolinguística seja, em si mesma, também um contexto artificial (RODRÍGUEZ LOURO, 2008, p. 18).

Em outras palavras, a alta frequência do PPC nos questionários é explicada, por Rodríguez Louro (2008, p. 19), como consequência da variável “estilo”, havendo relação com a própria natureza desse instrumento de coleta de dados, considerada formal. Em outras palavras, a autora está defendendo que, nesse corpus específico, “estilo” atua mais fortemente (isto é, em primeiro plano), colocando as funções mais linguísticas – de expressar continuidade, relevância presente, entre outras – em segundo plano.

Cabe chamar a atenção para o fato de que, das 305 ocorrências do PPC nos questionários, Rodríguez Louro (2008) classificou 80 como usos de PPC Perfectivo/Aoristo, um número expressivo, considerando tratar-se do valor equivalente ao estágio de gramaticalização mais avançado dessa forma verbal, segundo a previsão de Harris (1982). Novamente, em direção ao que resenhamos no parágrafo anterior,

Rodríguez Louro (2008, p. 19) sugere que a alta frequência do PPC aorístico é resultado da variável “estilo”<sup>73</sup>.

Essa possibilidade de uso é importante para os propósitos desta dissertação, pois, no caso de o PPC argentino estar realmente desempenhando função de Perfectivo/Aoristo, seria possível considerar um avanço dessa forma verbal em seu processo de gramaticalização. Cabe recordar que, no último estágio, o PPC expressa qualquer ação pretérita, sem relação com o presente – justamente, valor aorístico. Diante da impossibilidade de observar tal questão no trabalho de Rodríguez Louro (2008), trazemos, mais adiante, outros trabalhos interessados no uso do PPC em território argentino. Antes, contudo, ilustramos alguns usos dessa forma verbal nas amostras da referida pesquisadora.

Assim, no que se refere às funções identificadas no corpus, o PPC foi empregado pelos informantes argentinos principalmente para expressar experiência – dados em (91) e (92) –, resultado – (93) e (94)<sup>74</sup> – e continuidade<sup>75</sup> – (95) e (96). Há, ainda, casos de PPC Perfectivo/Aoristo, ilustrados em (97)<sup>76</sup> e (98). Julgando não ser necessário descrever cada uso do PPC em jogo – pois já o fizemos anteriormente, durante as resenhas sobre as variedades mexicana e peruana –, reproduzimos, abaixo, alguns dados da amostra de Rodríguez Louro (2008):

(91) *Nunca hemos juntado tanto.*

(92) *No he vivido en el exterior nunca.*

---

<sup>73</sup> Importa comentar que o texto da autora leva a entender que, inicialmente, ela não estava esperando o uso de PPC como codificador de situações perfectivas – conforme descrição dos procedimentos metodológicos sobre os fatores controlados (RODRÍGUEZ LOURO, 2008, p. 12), momento em que não há menção à função perfectiva. Posteriormente (RODRÍGUEZ LOURO, 2008, p. 16), contudo, é apresentada quantificação do referido valor.

<sup>74</sup> Em nosso entendimento, trata-se de um dado ambíguo, pois também é possível a leitura de PPC Iterativo devido à presença do objeto plural “*las inversiones*” – questão debatida na seção 3.2.2, sobre a relação entre o uso do PPC e a categoria Aspecto.

<sup>75</sup> Equivalente, nesse caso específico, ao que chamamos de PPC Durativo, subfunção sob o escopo de Continuidade.

<sup>76</sup> Consideramos ser possível também uma leitura de PPC Experiencial, gerada especialmente pela presença do complemento adverbial “*ya*” – conforme discutimos na seção 3.2.2.

- (93) *Gente que ha descubierto un lenguaje.*
- (94) *Con las inversiones que ha traído Italia [al país].*
- (95) ***Siempre** ha influido.*
- (96) ***Siempre** hemos tenido una buena relación.*
- (97) *[Un hijo] de 28 años ya ha cumplido en diciembre.*
- (98) A: – ¡*Qué abrigo más bonito Sra. Marín! ¿Es nuevo?*

B: – *No es nuevo, me lo he comprado el año pasado con motivo de mi cumpleaños* (RODRÍGUEZ LOURO, 2008, p. 17-19, grifos nossos).

Em direção às considerações finais de Rodríguez Louro (2008), selecionamos as que são de maior interesse para os propósitos desta dissertação: (i) o PPS é mais frequente em comparação com o PPC, evidenciando que na Argentina os pretéritos têm comportamento idêntico ao que resenhamos anteriormente sobre o México e o Peru; e (ii) em termos de funcionalidade, o PPC argentino é semelhante ao PPC mexicano, pois, nas duas variedades, expressa os valores de continuidade, resultado e experiência (RODRÍGUEZ LOURO, 2008, p. 21). Além disso, em decorrência da maior frequência de uso do PPC no registro formal, Rodríguez Louro (2008) verifica que (iii) “estilo” é um fator extralinguístico relevante para a ocorrência do PPC em território argentino. Ela conclui, ainda, que essa forma verbal é considerada prestigiosa no espanhol falado em Buenos Aires.

Trazendo os resultados de Oliveira (2010) sobre sua amostra argentina – constituída de notícias publicadas em jornais virtuais –, após tratamento estatístico das funções desempenhadas pelo PPC, a pesquisadora chegou aos seguintes resultados numéricos:

**Tabela 3 – Valor do PPC nas notícias publicadas em Buenos Aires**

<b>Valor do PPC</b>	<b>Nº. e % de frequência</b>
<b>PPC de Resultado</b> (Estágio 1)	0
<b>PPC de Continuidade</b> (Estágio 2)	12 <b>48%</b>
<b>PPC de Relevância Presente</b> (Estágio 3)	10 <b>40%</b>
<b>PPC Aoristo</b>	0



(Estágio 4)	
<b>PPC ambíguo</b>	3 <b>12%</b>
<b>Total</b>	25 <b>100%</b>

Fonte: Adaptado de Oliveira (2010, p. 212).

Na discussão de seus dados, Oliveira (2010, p. 212) observa maior preferência (48%) pela ocorrência do PPC argentino em contextos de continuidade – Estágio 2 –, expressando, principalmente, os valores de duração e iteração. Além disso, há frequência de uso significativa (40%) do PPC no Estágio 3, cuja etapa de evolução está associada a contextos de relevância presente, codificando os valores de experiência, passado recente e resultados de uma situação passada. Em suma, Oliveira (2010) conclui, a respeito de sua amostra de Buenos Aires, que, nessa variedade linguística, o PPC se encontra no Estágio 2 e avança em direção ao Estágio 3 do processo de gramaticalização proposto por Harris (1982).

Cabe organizar as informações: Rodríguez Louro (2008) conclui que (i) o PPC argentino se aproxima do PPC mexicano – estando as duas variedades no Estágio 2 –, em consonância com Oliveira (2010); (ii) o PPC argentino se diferencia do PPC peruano, considerando a preferência dos falantes de Buenos Aires pelo PPS para expressar os significados inseridos na função Relevância Presente.

Na próxima seção, saindo do âmbito da América Hispânica, direcionamos nossa reflexão à variedade peninsular, convocando estudos interessados nos valores linguísticos dos pretéritos em terras espanholas<sup>77</sup>.

### 2.2.3 Os pretéritos no espanhol peninsular: valores linguísticos

Azpiazu (2013) realiza uma cuidadosa revisão da literatura linguística sobre o tema, levando em conta estudos a respeito dos valores das formas *canté* e *he cantado* em diversas regiões da Espanha. O ponto de partida é a norma descrita em Alarcos Llorach (1947) – “*norma alarquiiana*”, nos termos Azpiazu (2013) –, que descreve, como

<sup>77</sup> Conforme explicamos no Capítulo 5 – dedicado à Metodologia –, uma das amostras de nosso corpus fílmico é a tradução em contexto peninsular, destinada especialmente a falantes/espectadores localizados na Espanha.

já vimos em seção anterior, os usos dos pretéritos a partir da seguinte oposição temporal: o PPS seria utilizado para fazer referência a um fato do passado, cujo limite estaria também no passado; e o PPC, por sua vez, designaria um fato do passado que se aproxima do “agora” da enunciação, isto é, o evento passado se realiza no *presente ampliado*, noção temporal proposta por Alarcos Llorach (1947; 1984 [1970]). Nesse sentido, Azpiazu (2013, p. 22) explica que uma diferenciação entre as duas formas pretéritas estaria nos traços [+ atual] para o PPC e [- atual], para o PPS.

Assim, na variedade peninsular o uso dos pretéritos estaria associado também a valores temporais, além de aspectuais, sendo os primeiros observados menos frequentemente em variedades hispano-americanas. Nessa direção, Azpiazu (2013, p. 20) afirma que, no universo hispânico, reconhece-se, na literatura sobre o tema, duas normas de uso por trás do pretérito perfeito composto: (i) em uma delas, o PPC se desenvolveu menos e é empregado, nos dias atuais, para expressar muitos de seus valores aspectuais originais, especialmente em boa parte do continente hispano-americano, mas também em alguns territórios espanhóis, como Ilhas Canárias, Galícia, Astúrias e León; e (ii) na outra norma, o PPC se desenvolveu mais e passou a ser empregado em contextos aspectuais próprios do PPS, havendo, nesse sentido, possibilidade de usos perfectivos – em contextos temporais *pré-hodiernos* e *hodiernos* –, cuja norma está associada à grande parte da Espanha<sup>78</sup>, com exceção das localidades peninsulares citadas no item em (i).

Sobre a segunda norma apresentada, Azpiazu (2013, p. 23) entende que existem dois valores prototípicos para o PPC peninsular, a saber: (a) valor perfectivo *hodierno*, ou seja, o evento está finalizado, mas se localiza no dia de hoje – exemplo em (99) – e (b) valor de passado recente associado a algum evento, cujo uso é ilustrado em (100):

(99) *Hoy no he ido a trabajar.*

(100) *No te he oído bien, ¿puedes repetir?* (AZPIAZU, 2013, p. 23, grifos nossos).

---

<sup>78</sup> Mas não apenas em âmbito peninsular. Azpiazu (2013, p. 20) afirma que em território hispano-americano também é possível, em variedades bastante específicas, como no noroeste da Argentina e no espanhol falado em Cusco, região andina do Peru – possibilidade de uso que já mencionamos, na seção 2.2.2.2.

Conforme explicação da autora citada, esses dois valores ilustrados anteriormente têm relação com a proximidade temporal do evento em direção ao momento de enunciação e, além disso, com o desejo do próprio falante no sentido de incluir tais eventos no presente (AZPIAZU, 2013, p. 23).

Recuperando diversas pesquisas sobre o espanhol falado em localidades peninsulares, e levando em conta esses dois valores prototípicos, Azpiazu (2013) trata de estabelecer se eles são aplicáveis às variedades faladas na Espanha, organizando a reflexão de modo a contemplar as seguintes regiões: (i) noroeste (Galícia, León e Astúrias); (ii) áreas periféricas (País Vasco, Santander, Alicante, Granada, entre outros locais); e (iii) centro (Madri e Salamanca, especialmente). Sinteticamente, apresentamos, na sequência, os pontos mais importantes oferecidos no estudo resenhado.

No que diz respeito ao noroeste espanhol (AZPIAZU, 2013, p. 23), considera-se que as localidades de Galícia, León e Astúrias não são alcançadas pela norma alarquiana, pois há menor desenvolvimento do PPC nas variedades linguísticas faladas nesses lugares. Levanta-se a possibilidade de a menor gramaticalização, em comparação com outras variedades peninsulares, estar associada à influência de outras línguas no contexto geográfico em questão e, também, à própria evolução interna do PPC nessas variedades do noroeste espanhol, simplesmente. Além disso, tem sido observada a possibilidade de uso do PPC com valor aorístico pré-hodierno associado à hipercorreção, por parte dos falantes da cidade de Oviedo (Astúrias).

Concernente às áreas periféricas da Espanha (AZPIAZU, 2013, p. 23), observam-se usos mais condizentes com a norma descrita por Alarcos Llorach (1947), especialmente em Santander, País Vasco, Alicante e Granada, onde há emprego do PPC com os valores prototípicos, isto é, em contextos de anterioridade imediata – contemplada na noção de Passado Recente – e também no que se refere à noção de *presente ampliado*, existindo vínculo claro com o momento de enunciação, conforme discussão realizada pela autora citada. Em locais como País Vasco, Catalunha e Valência, estudos têm chamado a atenção para a maior frequência de uso do PPC em comparação com o PPS em contextos hodiernos, levantando a possibilidade de o espanhol falado nessas localidades sofrer influência de outras línguas, já que são áreas bilíngues da Espanha. Especificamente sobre Alicante, tem sido observada uma distinção mais sistemática por parte dos falantes, na qual contextos perfectivos hodiernos – dentro do “hoje” – estão associados ao PPC e, por outro lado, contextos perfectivos pré-hodiernos

geralmente estão associados ao PPS. Também é possível, contudo, o emprego da forma composta nessas situações, embora seja menos frequente – conforme discussão no trabalho resenhado.

No que tange à região central da Espanha (AZPIAZU, 2013, p. 25), em Salamanca, o PPC é empregado pelos falantes para expressar situações perfectivas, tanto em contexto pré-hodierno como hodierno, com maior frequência de uso neste último. Nessa localidade, a ocorrência do PPC em contextos pré-hodieranos é pouco frequente, conforme Azpiazu (2013, p. 26-27).

Finalmente, a respeito do espanhol falado na capital espanhola – Madri –, Azpiazu (2013, p. 25) recupera estudos que constataram uso abundante do PPC em contextos pré-hodieranos, havendo, inclusive, referências temporais concretas que evidenciam não existir qualquer vínculo com o momento de enunciação – “*ayer*”, por exemplo –, o que torna possível, nesse sentido, a realização de sentenças como (101) na variedade madrilenha:

(101) *Ayer he visto a Juan* (AZPIAZU, 2013, p. 25).

Conforme discussão realizada em Azpiazu (2013, p. 25), observa-se que o uso do PPC em contexto pré-hodierno se torna menos ou mais frequente a depender do nível de distância do evento com relação ao presente, devido à existência de uma motivação temporal-afetiva na perspectiva do falante madrilenho. Em outras palavras, quanto mais próximo o evento estiver do presente, também mais perto a situação está no que se refere à experiência do falante, cuja lógica favorece o uso do PPC. Em direção contrária, quanto maior for a distância temporal do evento com relação ao presente, menos próximo dessa experiência o falante se situa, fazendo-o optar pelo emprego do PPS para expressar um evento sentido como temporalmente distante.

Azpiazu (2013, p. 28) destaca que: (i) existe, na Espanha, certa padronização da escrita, resultando em uma tendência a seguir o sistema descrito por Alarcos Llorach (1947), isto é, respeita-se a oposição temporal entre o PPS e o PPC descrita na norma alarquiiana, fato que, segundo a autora, refere-se (somente) a um pequeno reflexo do uso real da língua espanhola na Península; (ii) ainda não é possível afirmar, categoricamente, que a mesma generalização esteja acontecendo no que diz respeito ao uso do PPC mesmo em contexto hodierno. Especificamente, Azpiazu (2013, p. 28) está se referindo ao fato de que, por enquanto, o PPC hodierno não está suficientemente generalizado para substituir o PPS em toda a Espanha, pois ainda há regiões do país

onde os falantes empregam a forma simples inclusive para fazer referência a eventos acontecidos no “hoje”, além de utilizá-la em contextos perfectivos pré-hodiernos. Por fim, a respeito do processo de gramaticalização do PPC peninsular, a pesquisadora entende que (iii) há evidências de a forma composta estar caminhando em direção às funções aorísticas – que seriam, canonicamente, próprias do PPS –, contudo, ainda falta muito para o processo estar consolidado (AZPIAZU, 2013, p. 29), mesmo em território peninsular.

Sobre a afirmação de o PPC peninsular estar caminhando em direção às funções aorísticas, trata-se do processo de aoristização – ou *aoristic drift*, fenômeno discutido em Squartini e Bertinetto (2000), entre outros. Segundo Bermejo Calleja (2017, p. 406), o referido processo, cujos resultados já são visíveis atualmente em algumas línguas com origem no latim<sup>79</sup>, refere-se a duas possibilidades de uso para o PPC: (i) um uso denominado hodierno, o qual já é relativamente frequente em alguns lugares da Espanha<sup>80</sup>, principalmente na capital Madri; e (ii) um uso que, diferentemente do primeiro, não apresenta qualquer vínculo temporal com o presente, cujo valor tem sido codificado pelo PPS, tradicionalmente.

Ilustrando o valor descrito em (ii), trazemos alguns dados discutidos por Bermejo Calleja (2017). Trata-se de ocorrências do PPC consideradas, pela pesquisadora, como representativas de usos concretos do valor aorístico devido à presença do complemento “*el año pasado*”, delimitando, temporalmente, o evento. Adaptamos, em (102), a interação entre três falantes espanhóis:

- (102) A: – *¿Sabes cuánto ha ganado el año pasado?*  
 B: – *¿Qué?*  
 A: – *¿Sabes cuánto ha ganado el año pasado?*  
 B: – *¿Haciendo qué?*  
 C: – *Saliendo diez minutos en la tele todos los días.*  
 B: – *En el programa de...*

[...]

---

<sup>79</sup> No francês e na variedade oral do norte da Itália (BERMEJO CALLEJA, 2017, p. 406), por exemplo.

<sup>80</sup> Bermejo Calleja (2017, p. 406) chama a atenção para o fato de o emprego do PPC em contextos hodiernos ter se tornado uma marca característica do espanhol peninsular frente às variedades hispano-americanas.

A: – *Y este año gana cuatro millones y medio, pero es que **el año pasado** entre eso y las exclusivas ha ganado cien kilos.*

C: – *No...*

B: – *¡Qué fuerte! ¡Joder!*

C: – *...ha ganado cincuenta y cuatro millones en la tele y cien millones en exclusivas.*

A: – *No, cien en total* (BERMEJO CALLEJA, 2017, p. 419, grifos nossos).

Sobre o uso do pretérito perfeito composto em Madri, cabe trazer à discussão os resultados de Oliveira (2010) a respeito do estágio de gramaticalização do PPC na variedade hispânica em questão, a partir da análise de notícias de jornais dessa localidade, publicadas virtualmente. Após quantificação das funções do PPC madrileno, os resultados numéricos são os seguintes:

**Tabela 4 – Valor do PPC nas notícias publicadas em Madri**

<b>Valor do PPC</b>	<b>Nº. e % de frequência</b>
<b>PPC de Resultado</b> (Estágio 1)	0
<b>PPC de Continuidade</b> (Estágio 2)	17 <b>22,4%</b>
<b>PPC de Relevância Presente</b> (Estágio 3)	57 <b>75%</b>
<b>PPC Aoristo</b> (Estágio 4)	0
<b>PPC ambíguo</b>	2 <b>2,6%</b>
<b>Total</b>	76 <b>100%</b>

Fonte: Adaptado de Oliveira (2010, p. 231).

A primeira questão observada por Oliveira (2010, p. 231) é a alta recorrência de valores da função Relevância Presente na variedade madrilena, correspondentes ao Estágio 3 do processo de gramaticalização dessa forma verbal. Contrastivamente, recuperando a frequência de uso do PPC nas variedades hispano-americanas discutidas em seções anteriores, observamos que o PPC de Madri está mais avançado no processo de mudança (75%), seguido do PPC de Lima (51,2%), do PPC de Buenos Aires (40%) e do PPC da Cidade do

México (15,4%). A autora também chama a atenção para o fato de não haver nenhuma ocorrência de PPC Aoristo – Estágio 4 – em seu corpus de língua escrita. Nesse sentido, importa recuperar observação importante de Oliveira (2010, p. 235) sobre a linha tênue entre Relevância Presente (Estágio 3) e Aoristo (Estágio 4): segundo a pesquisadora, espera-se que “a expansão do PPC para contextos aorísticos decorra do aumento da frequência” de uso dessa forma verbal no terceiro estágio. É possível observar essa questão em seus dados: 75% dos usos do PPC madrileno correspondem à etapa anterior à de Aoristo.

Na sequência, apresentamos uma síntese deste capítulo, recuperando as principais informações tratadas ao longo desta e das últimas seções sobre os valores linguísticos dos pretéritos, situando, nessa tarefa, as variedades hispânicas de interesse nos estágios de gramaticalização do PPC.

#### **2.2.4 Síntese dos valores linguísticos atuais**

Vimos, ao longo deste capítulo, a complexidade dos dois pretéritos no espanhol, especialmente no que se refere ao PPC, forma que pode desempenhar um grande leque de funções e expressar diversos valores linguísticos. Sobre o emprego dos dois pretéritos nas variedades linguísticas contempladas neste capítulo, o PPS apresenta maior frequência de uso em comparação com o PPC, considerando um contraste entre as duas formas no âmbito de uma mesma variedade. Em direção à frequência de uso do PPC no contraste entre variedades hispano-falantes, essa forma verbal é mais produtiva no espanhol peninsular, em consequência do avanço no estágio de gramaticalização.

Em direção à finalização deste capítulo, elaboramos o quadro-síntese apresentado na próxima página buscando facilitar a organização das informações mais importantes no que se refere à (multi)funcionalidade do PPC nas variedades hispânicas de interesse nesta dissertação. No próximo capítulo, discutimos, sob a ótica do Funcionalismo Linguístico norte-americano, o processo de gramaticalização enfrentado pelo pretérito perfeito composto no espanhol, bem como a funcionalidade dessa forma verbal associada a Tempo, Aspecto e Modalidade, entre outras questões.

Quadro 5 – Síntese dos estágios e da funcionalidade do PPC nas variedades hispânicas consideradas, com base em Airoldi (2015), Azpiazu (2013), Bermejo Calleja (2017), Jara Yupanqui (2013), Lope Blanch (2008a [1961]; 2008b [2004]) Moreno de Alba (2003a [1972]; 2003b [1974]; 2003c [2001]) Oliveira (2007; 2010) e Rodríguez Louro (2008)

Inform. em contraste	Variedade do espanhol em nível de capital hispano-falante			
	Cidade do México (México)	Lima (Peru)	Buenos Aires (Argentina)	Madri (Espanha)
<b>Estágio de gramaticalização</b>	Estágio 2, em direção ao 3.  É a mais conservadora entre as hispano-americanas.	Estágios 2 e 3, em equilíbrio nas duas etapas.  É a mais avançada entre as hispano-americanas.	Estágio 2, em direção ao 3.  Entre as hispano-americanas, está um pouco mais avançada que a mexicana, mas não supera a peruana.	Estágio 3 em direção ao 4.  É a mais avançada entre todas as variedades do espanhol.
<b>Funções mais frequentes</b>	Continuidade, seguida de Relevância Presente.	Relevância Presente, seguida de Continuidade.	Continuidade, seguida de Relevância Presente.	Relevância Presente e Perfectivo/Aoristo.
<b>Subfunções mais frequentes</b>	Durativo, Iterativo, Experiencial e Resultado.  Começa a codificar Passado Recente.	Durativo, Iterativo, Experiencial, Resultado e Passado Recente.	Durativo, Iterativo, Experiencial e Resultado.  Embora não seja frequente o valor de Passado Recente, é menos conservadora que a mexicana.	Passado Recente, Resultado, Experiencial.  Com possibilidade de Perfectivo/Aoristo.
<b>Valores diferenciados</b>	PPC em contexto de subjuntivo: “ <i>si he sabido</i> ”.	-	O PPC é empregado para marcar formalidade.	-

Fonte: Elaboração própria.



### **3 FUNCIONALISMO, GRAMATICALIZAÇÃO E MULTIFUNCIONALIDADE: UM DIÁLOGO ENTRE O OBJETO E AS BASES TEÓRICAS DA PESQUISA**

Dada a relação do objeto de estudo com o fenômeno da gramaticalização, dedicamos este capítulo ao tratamento teórico em diálogo direto com o objeto. Assim, logo após a apresentação geral da perspectiva funcional em que se assenta a pesquisa, trazemos, na seção 3.1, a exposição de princípios e mecanismos envolvidos no processo de mudança do pretérito perfeito composto a partir de alguns estudos (BYBEE, 2016; COMPANY, 2003; GIVÓN, 1995; HEINE, 1993; HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; MOURA NEVES, 1997; OLIVEIRA, 2010; SQUARTINI; BERTINETTO, 2000; especialmente).

Neste mesmo espaço, na seção 3.2, refletimos sobre os (macro)domínios funcionais codificados por essa forma verbal complexa, momento em que dedicamos subseções a cada domínio funcional em termos de categoria verbal atuante no uso do PPC: Tempo (3.2.1), Aspecto (3.2.2) e Modalidade (3.2.3). A partir de diversos trabalhos (ALARCOS LLORACH, 1984 [1970]; BELLO, 1841; 1847; CASTILHO, 2010; COMRIE, 1985; 1998 [1976]; FOSSILE, 2012; GIVÓN, 2001; GESSER, 2015; GODOY; DIAS, 2003; OLIVEIRA, 2008; 2010; REICHENBACH, 1947; TRAVAGLIA, 1981; VENDLER, 1967; entre outros), pontuamos os fatores levados em conta durante a análise do PPC, no sentido de que certos elementos favorecem determinadas leituras do valor codificado por essa forma verbal.

Finalmente, na seção 3.3, recuperamos os estágios de gramaticalização do pretérito perfeito composto (HARRIS, 1982; OLIVEIRA, 2010; SQUARTINI; BERTINETTO, 2000) para estabelecer as funções – incluindo macrofunções e subfunções – codificadas por essa forma linguística em evolução. Ao final, também sintetizamos os valores do PPC que buscamos na análise dos dados a partir de nosso corpus fílmico.

No que concerne ao campo teórico em que se assenta este estudo, em linhas gerais, considera-se que o funcionalismo linguístico procura estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas naturais e seus usos, levando em consideração, nessa tarefa, os contextos comunicativos que estão em jogo durante a interação entre os falantes. Para os adeptos dessa perspectiva teórica da Linguística, a linguagem é concebida como um instrumento social, de modo que para explicar a língua os linguistas funcionais vão além da estrutura gramatical, procurando nos

interlocutores, em seus propósitos e no discurso – na situação comunicativa, propriamente –, a motivação para esclarecer os fatos da língua (CUNHA, 2008, p. 157).

Sinteticamente, o funcionalismo linguístico em sua vertente norte-americana pode ser definido a partir das premissas apresentadas em Givón (1995), que reproduzimos a seguir:

- ⇒ A linguagem é uma atividade sociocultural.
- ⇒ A estrutura está a serviço da função cognitiva e comunicativa.
- ⇒ A estrutura é maleável, motivada e não arbitrária.
- ⇒ Mudança e variação estão sempre presentes.
- ⇒ O sentido é dependente do contexto.
- ⇒ Gramáticas são emergentes (GIVÓN, 1995, p. 9).

Em consonância com a perspectiva teórica escolhida para esta dissertação, entendemos, nos passos de Givón (1995), que a língua desempenha funções (em todos os seus níveis), sempre a serviço da comunicação – no contexto de interação entre os falantes, portanto. Como a língua é um fenômeno pragmático, sua gramática emerge no discurso, cuja estrutura (formal) é condicionada pelas necessidades cognitivas e comunicativas de seus usuários. Decorre desse entendimento, então, que formas linguísticas – como o pretérito perfeito composto – surgem para desempenhar funções comunicativas no uso, propriamente.

Com um ponto de partida comum – de que as explicações para a língua devem ser buscadas no uso real –, diversos são os interesses das investigações ancoradas no funcionalismo linguístico norte-americano. Vem à tona, em meio a esses interesses, a possibilidade de estudar fenômenos da linguagem em gramaticalização – tipo de mudança recorrentemente abordado em pesquisas sobre as formas *canté* e *he cantado* no espanhol, especialmente no que se refere a esta última forma (AIROLDI, 2015; COMPANY, 2003; OLIVEIRA, 2010; JARA YUPANQUI, 2013; RODRÍGUEZ LOURO, 2008; entre outros).

Na sequência, tratamos de questões sobre o processo de gramaticalização, mostrando seu impacto no que se refere ao uso do pretérito perfeito composto no espanhol.

### 3.1 PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO: O PPC EM EVOLUÇÃO

Conforme expõem Hopper e Traugott (2003, p. 21), o primeiro estudioso a utilizar o termo “gramaticalização” foi Meillet, definindo-a, basicamente, como “*l’attribution du caractère grammatical à un mot jadis autonome*” (MEILLET, 1912, p. 131 *apud* HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 19). Para esses autores, Meillet foi quem deu o passo inicial para o reconhecimento da importância da gramaticalização, colocando o referido processo como tema central em meio à discussão sobre a mudança linguística (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 21).

Ao longo do tempo e do desenvolvimento de novas pesquisas sobre o assunto, a noção de gramaticalização foi sendo enriquecida, expandindo-se (como veremos adiante) e recebendo ajustes. Nesse sentido, na primeira edição da obra de Hopper e Traugott (2003, p. XV<sup>81</sup>), os autores definiram gramaticalização como o “*processo por meio do qual itens ou construções lexicais surgem, em determinados contextos linguísticos, para servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam desenvolvendo novas funções*” (grifo nosso). Definição nessa direção também é considerada, em alguma medida, nos trabalhos de outros pesquisadores (BYBEE, 2003, p. 602; 2016, p. 169; COMPANY, 2003, p. 9; GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 35; JARA YUPANQUI, 2013, p. 29; LEHMANN, 2015 [1982], p. 1; MOURA NEVES, 1997, p. 113; OLIVEIRA, 2010, p. 101; VALLE, 2014, p. 112-113; entre outros). Dez anos depois, Hopper e Traugott (2003, p. XV) propõem uma atualização para essa definição, a qual, resumidamente, refere-se à substituição de “processo” pelo termo “mudança”.

Ao considerarem que a gramaticalização pode ser estudada a partir de duas perspectivas – histórica ou sincrônica – Hopper e Traugott (2003, p. 2) concluem que esse tipo de mudança por que passam todas as línguas<sup>82</sup> em sua trajetória histórica contempla não apenas o movimento de transformação “lexical > gramatical”, como também “gramatical > mais gramatical”.

A respeito dessas perspectivas para o fenômeno da gramaticalização, cabe dizer que, nesta dissertação, recuperamos estudos

---

<sup>81</sup> Trata-se do prefácio da edição de 2003 da obra em referência, cuja primeira edição é de 1993.

<sup>82</sup> Bybee (2016, p. 170) afirma que “documentação translinguística e histórica deixa claro que a gramaticalização ocorre em todas as línguas o tempo todo”.

diacrônicos interessados no pretérito perfeito composto espanhol para compreender sua trajetória de mudança, contudo, nosso olhar para o comportamento dessa forma verbal é especialmente sincrônico<sup>83</sup>. Interessado na sincronia, o linguista estuda a gramaticalização como um fenômeno sintático, discursivo e pragmático, buscando determinar padrões na língua em uso, conforme os autores citados. Quando o olhar recai diacronicamente, a gramaticalização é vista como uma das causas responsáveis pela mudança linguística, processo no qual um item lexical assume características gramaticais e também – atualizando, uma vez mais, a definição exposta no parágrafo anterior – “um item gramatical se torna mais gramatical”. Nessa mesma direção, em Company (2003, p. 11), a gramaticalização é entendida como mudança sincrônica e diacrônica de modo simultâneo: “*el funcionamiento sincrónico y el acontecer diacrónico de las lenguas se condicionan mutuamente*”.

Nosso objeto de investigação permite observar as duas transformações mencionadas, isto é, tanto no sentido “lexical > gramatical” como “gramatical > mais gramatical”. Como vimos na seção 2.2.1, o pretérito perfeito composto surge a partir do verbo latino “*habere*”, o qual expressava significado de posse – um valor lexical. Com o avanço do tempo, o verbo “*haber*” do espanhol passa a ser empregado em uma construção do tipo <*haber* + particípio invariável>, momento em que expressa significados para além do de posse: valores aspectuais inicialmente, estando “*haber*” gramaticalizado na função de verbo auxiliar (OLIVEIRA, 2010, p. 102). Esse movimento “verbo pleno > verbo auxiliar” (“lexical > gramatical”, em outras palavras), correspondente a uma etapa na história do PPC, é ilustrado no quadro abaixo:

Quadro 6 – Gramaticalização de “*habere*”: de construção lexical a construção gramatical

<b>[construção lexical] &gt; [construção gramatical]</b>		
[ <i>habere</i> ]	>	[ <i>haber</i> + particípio invariável]
↓		↓
Verbo pleno (posse)		Verbo auxiliar

Fonte: Extraído de Oliveira (2010, p. 102).

<sup>83</sup> Considerando três amostras de análise sincrônicas. Em especial, duas traduções para dublagem produzidas em um mesmo período de tempo – conforme recorte e procedimentos metodológicos apresentados no Capítulo 5.

No tocante ao outro movimento possível – “gramatical > mais gramatical” –, este pode ser ilustrado tendo-se em conta o fato de essa construção (já com verbo auxiliar) passar a desempenhar novas funções gramaticais. Em certa etapa de evolução, o PPC expressa valores aspectuais e, com o tempo, passa a codificar também determinado valor temporal<sup>84</sup>. O quadro a seguir contempla o movimento de algo que já é gramatical (PPC Aspecto) a algo ainda mais gramatical (PPC Tempo)<sup>85</sup>, apresentando, também, um dos momentos iniciais da mudança dessa forma verbal, em que o participio da construção resultativa era variável<sup>86</sup>:

Quadro 7 – Gramaticalização de “*habere*”: surgimento de novas funções

<b><i>habere</i> &gt; sintagma resultativo &gt; Aspecto &gt; Tempo</b>		
[ <i>habere</i> + part. variável]	>	[ <i>habere</i> + part. invariável]
↓		↓
Sintagma resultativo		Tempo

Fonte: Extraído de Oliveira (2010, p. 102).

Como vemos, não é possível, considerando o pretérito perfeito composto, o movimento contrário: um item gramatical dar origem a um item lexical. É preciso ter em mente, nesse sentido, que, além de a gramaticalização ser irreversível e gradual (COMPANY, 2003, p. 9), ela também é unidirecional<sup>87</sup>, o que constitui uma das características básicas

<sup>84</sup> Dizemos “também” porque a passagem de um estágio a outro não é brusca (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 45; HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 6): o PPC assume novas funções sem abandonar necessariamente todas as anteriores, daí sua multifuncionalidade. Também cabe considerar, nessa direção, o “princípio da persistência”, a ser discutido mais adiante a partir de Hopper (1991, p. 28): trata-se da relação entre o significado/função de uma forma gramatical e seu histórico como morfema lexical. Nesse sentido, a forma linguística pode acabar refletindo um significado anterior, que era dominante.

<sup>85</sup> No caso do PPC, assumimos que “mais gramatical” se refere ao fato de que essa forma verbal passa a desempenhar novas funções gramaticais: Aspecto > Tempo > Modalidade.

<sup>86</sup> “*Epistulam scriptam habeo*” – “tenho a carta escrita” –, por exemplo, conforme vimos na seção 2.2.1.

<sup>87</sup> Há, contudo, críticas a respeito da unidirecionalidade da gramaticalização – feitas por Janda (2001), segundo Bybee (2016, p. 179) –, isto é, que a evolução de formas linguísticas mantenha, realmente, um curso na mesma direção: lexical > gramatical > mais gramatical. Quando ocorre mudança na direção contrária, o que é bastante raro, geralmente ela diz respeito a casos de lexicalização

do referido processo (MOURA NEVES, 1997, p. 121). Conforme discussão realizada em Oliveira (2010, p. 109, em nota), com ênfase no PPC, a unidirecionalidade envolve mudanças que passam por crescente abstração; por essa razão, “itens lexicais originam itens gramaticais, ou itens gramaticais originam itens mais gramaticais e nunca o contrário”. A esse respeito, Hopper e Traugott (2003, p. 16) afirmam que “*grammatical forms do not in general move “uphill” to become lexical, whereas the reverse change, whereby grammatical forms are seen to have their origins in lexical forms, is widespread and well documented*”.

O conceito de “*cline*” também é relevante para a compreensão do processo de gramaticalização do pretérito perfeito composto. Trata-se, em linhas gerais, de uma metáfora a ser utilizada pelo linguista na observação empírica, levando-se em consideração que, conforme pesquisadores têm observado, existe tendência a formas linguísticas: ou (i) passarem por mudanças do mesmo tipo; ou (ii) apresentarem alguma relação de semelhança, entre si, em ordens parecidas de mudanças (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 6). Em um olhar voltado para a história de determinadas formas linguísticas, um *cline* pode ser compreendido como um caminho natural – *pathway*, segundo os autores citados –, percorrido por elas ao longo de sua evolução, como um esquema que modela o desenvolvimento das formas. Quando o estudo é feito com interesse sincrônico, um *cline* pode ser visto como um continuum, no qual acontece um arranjo de formas ao longo de uma linha imaginária: um de seus extremos corresponderia ao lexical; e o outro extremo, por sua vez, ao gramatical (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 6). Em suma, a ideia em torno do estabelecimento de um *cline*, continuum, caminho, entre outros, é identificar padrões de comportamento a partir do agrupamento de fenômenos.

Conforme explicação desses teóricos que estamos citando, a maioria dos linguistas funcionais está de acordo com o seguinte *cline* para formas linguísticas em processo de gramaticalização como o pretérito perfeito composto:

⇒ Item de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo flexional (HOPPER; TRAUGOTT; 2003, p. 7).

---

(BYBEE, 2016, p. 179). Em nosso entendimento, é visível a ideia de unidirecionalidade no processo de gramaticalização considerando o PPC, forma verbal que estudamos.

Hopper (1991) propõe cinco princípios que permitem identificar se uma forma linguística está em processo de gramaticalização, inclusive em estágios iniciais<sup>88</sup> da mudança:

- ⇒ **Princípio da estratificação/layering** (HOPPER, 1991, p. 22): refere-se ao fato de que novas camadas vão emergindo em domínios funcionais<sup>89</sup>. Nesse movimento, as camadas antigas não necessariamente são descartadas. Há, na verdade, interação entre as camadas antigas e as novas. Como exemplificação, Oliveira (2010, p. 107) explica que é possível visualizar a questão da estratificação quando pensamos na competição existente entre as formas *canté* e *he cantado* no domínio funcional Aspecto. Mais especificamente, a função de Aspecto Perfectivo/Aoristo passa a ser codificada também pelo PPC – já não apenas pelo PPS –, questão presente em algumas variedades atuais do espanhol<sup>90</sup>: as duas formas de passado coexistem, desempenhando a função citada.
- ⇒ **Princípio da divergência/divergence** (HOPPER, 1991, p. 24): refere-se à ideia de que, quando um item lexical se gramaticaliza, a forma original pode tornar-se um elemento lexical autônomo, passando pelas mesmas mudanças enfrentadas por outros itens lexicais. Ilustrando com o pretérito perfeito composto, Oliveira (2010, p. 108) recorda que na

---

<sup>88</sup> Antes de Hopper (1991), Lehmann (1985) também havia proposto alguns princípios, os quais mencionamos abaixo. Contudo, eles são verificáveis mais facilmente em estágios avançados de mudança via gramaticalização. Nesse sentido, a proposta de Hopper (1991) vem à tona como um complemento para a de Lehmann (1985), permitindo ao linguista identificar se determinada forma encontra-se em gramaticalização mesmo em estágios menos avançados do referido processo.

- ⇒ **Paradigmatização/paradigmatization.**
- ⇒ **Obrigatoriedade/obligatorification.**
- ⇒ **Condensação/condensation.**
- ⇒ **Coalescência/coalescence.**
- ⇒ **Fixação/fixation.**

<sup>89</sup> Mais adiante, neste capítulo, discutimos a noção de domínio funcional.

<sup>90</sup> Conforme vimos na seção 2.2.3, no espanhol falado em Madri é possível o uso de PPC Perfectivo/Aoristo.

gramaticalização do verbo “*habere*” do latim (verbo pleno que expressava posse > verbo auxiliar de formas compostas), o item em questão continuou/continua sendo autônomo no espanhol. Alguns exemplos apresentados pela pesquisadora são os seguintes: “*hay gente acá*”, em que há expressão de existência; “*hay que estudiar más*”, envolvendo modalidade deôntica; e “*Juan ha de llegar temprano*”, cujo uso implica futuridade.

- ⇒ **Princípio da especialização/*specialization*** (HOPPER, 1991, p. 25): refere-se à possibilidade de, após uma mudança via gramaticalização, um item tornar-se obrigatório considerando um determinado domínio funcional. Em outras palavras, a escolha por um certo item – em detrimento de outros – vai ficando maior até chegar ao ponto em que ele se torna obrigatório, o que significa que tal elemento se especializou naquela função. Oliveira (2010, p. 108), exemplificando tal princípio, observa que na função de Aspecto Perfecto/Anterior<sup>91</sup>, o pretérito perfeito composto já se especializou em línguas como o português e o espanhol, em âmbito geográfico amplo. Concernente à função de Aspecto Perfectivo/Aoristo – que corresponde a um estágio mais avançado do PPC –, houve especialização dessa forma verbal no francês e no italiano do norte.
- ⇒ **Princípio da persistência/*persistence*** (HOPPER, 1991, p. 28): refere-se à relação entre o significado/função de uma forma gramatical e seu histórico como morfema lexical. Nesse sentido, a forma linguística pode acabar refletindo um significado anterior, que era dominante. Ilustrando com o PPC, Oliveira (2010, p. 108) recupera o fato de que “*habere*”, na construção resultativa <*habere* + objeto modificado + particípio flexionado>, um dos momentos iniciais da mudança do pretérito perfeito composto, apresentava traços do significado semântico original desse verbo latino, que, como já vimos em páginas anteriores, era o de expressar posse.
- ⇒ **Princípio da descategorização/*de-categorialization*** (HOPPER, 1991, p. 30): refere-se a mudanças relacionadas com

---

<sup>91</sup> Função melhor explicitada mais adiante, neste capítulo.



características de categorias. Conforme explicação de Oliveira (2010, p. 109), uma forma linguística em processo de gramaticalização pode perder (ou neutralizar) marcas morfológicas e privilégios sintáticos de categorias plenas – nome e verbo – e passar a assumir atributos característicos de categorias secundárias – participípios, por exemplo. Como ilustração, a pesquisadora recorda que, concernente ao PPC, no movimento de gramaticalização “construção resultativa > forma verbal composta” há perda de traços morfológicos e também sintáticos, a saber:

- i) A construção deixa de ser constituída apenas por verbos télicos, estendendo-se a outros tipos de predicados; ii) torna-se obrigatória a coincidência entre o sujeito do verbo flexionado e do verbo no participípio passado; iii) o participípio passado torna-se parte do verbo, perdendo a marca de concordância de gênero e número e iv) a ordem verbo flexionado e participípio torna-se cada vez mais fixa, apresentando limitações rigorosas em relação ao tipo de constituinte sintático a aparecer entre os dois verbos (OLIVEIRA, 2010, p. 109).

Entre os mecanismos que atuam durante o processo de gramaticalização, cabe apresentar dois: (i) reanálise e (ii) analogia, os quais têm sido reconhecidos como importantes para a compreensão da mudança linguística, especialmente no que diz respeito a fenômenos que se manifestam na morfossintaxe (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 39), que é o caso do pretérito perfeito composto. Para esses autores, a reanálise é o mecanismo mais significativo para o acontecimento da gramaticalização, pois é entendida como um requisito prévio para a implementação da mudança via analogia.

A respeito da reanálise, precisamente, esta pode envolver modificações sintáticas, morfológicas – embora nem sempre seja possível verificá-las na forma – e semânticas, considerando itens que são afetados por tal mecanismo (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 39). Conforme observa Oliveira (2010, p. 104) ao discutir a gramaticalização do PPC, a reanálise “representa a evolução de novas estruturas a partir de outras já existentes, funcionando no eixo sintagmático”. Os efeitos desse mecanismo podem ser visualizados na evolução do verbo “*habere*”, do latim, para a forma verbal do PPC. Como já observamos anteriormente, o significado original desse verbo latino era o de posse;

depois, “*habere*” sofre um aumento semântico: “sem perder seu significado original, passa a desempenhar nova função gramatical – expressão resultativa, quando acompanhada de predicados télicos” (OLIVEIRA, 2010, p. 104). Essa autora observa, ainda, que, no caso da reanálise do pretérito perfeito composto, não se verificam mudanças morfosintáticas – senão semânticas, como vimos –, formalmente falando.

A analogia, por sua vez, pode ser entendida como o “uso de um novo item em um padrão existente, com base em exemplares específicos” e como o “processo pelo qual o usuário [da língua] passa a usar um novo item”, conforme considerações trazidas em Bybee (2016, p. 99). Pensando no pretérito perfeito composto, podemos ter em conta, também, a explicação de Oliveira (2010, p. 105) a respeito do mecanismo em questão, para quem a analogia “representa a generalização de uma nova estrutura a um maior número de contextos, envolvendo, dessa forma, mudanças paradigmáticas”.

Na sequência, reproduzimos quadro que exemplifica as mudanças ocorridas, as quais envolvem o pretérito perfeito composto, por meio dos dois mecanismos de mudança de que estamos tratando – reanálise e analogia –, tendo em conta o percurso: “*habere*” como verbo pleno (que indicava posse) > construção perifrástica resultativa > forma verbal composta (o PPC, propriamente):

Quadro 8 – Etapas de gramaticalização de <*haber* + particípio> como forma verbal composta.

<b>Estágio 1</b>	<i>habere</i> POSSE Construção resultativa	[ <i>epistulam scriptam</i> ] Complemento direto + part. variável (v. télico)
<b>Estágio 2</b>	<i>haber</i> V. AUXILIAR (Forma verbal composta) <b>(por reanálise)</b>	[ <i>escrito la carta</i> ] Part. invariável (v. télico)
<b>Estágio 3</b>	<i>haber</i> V. AUXILIAR (Forma verbal composta) <b>(por analogia)</b>	[ <i>cantado</i> ] Part. invariável (v. télico e atélico)

Fonte: Extraído de Oliveira (2010, p. 106).

Oliveira (2010, p. 106) explica que, concernente ao Estágio 2 apresentado no quadro anterior, acontece a reanálise da construção resultativa “*habere* + complemento direto + particípio variável”, cujo mecanismo a transforma em uma construção de forma verbal composta com “*habere* + particípio invariável” – em verbos télicos, inicialmente. Com o tempo, dá-se uma generalização de uso, através da analogia – no Estágio 3, exposto anteriormente –, e, por essa razão, a construção se expande a todos os tipos de verbos – também com verbos atélicos<sup>92</sup>.

Hopper e Traugott (2003, p. 39) explicam que a reanálise e a analogia – sobre as quais já comentamos anteriormente – estão especialmente associadas a outros mecanismos de mudança linguística, os quais são motivados semanticamente, a saber: a metáfora e a metonímia.

No que diz respeito à metáfora, especificamente, os autores mencionados afirmam tratar-se de um dos processos de mudança de significado mais reconhecidos, o qual é compreendido como a transferência<sup>93</sup> do conceito de um termo concreto/básico para outro em âmbito mais abstrato (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 84). Para Lakoff e Johnson (1980, p. 237), a habilidade de compreender a experiência através de metáforas é tão importante que deve ser considerada um sentido – ao lado da visão, audição e tato –, uma vez que elas oferecem meios de perceber e experienciar o mundo.

O movimento “conceito concreto > conceito abstrato” também é observado no objeto de estudo desta dissertação, remetendo-o ao latim: “o verbo pleno *habere* indicava posse no latim clássico, passando, no

---

<sup>92</sup> Aproveitando a apresentação desses estágios iniciais que envolvem construção resultativa em momento prévio à formação do PPC – como forma verbal composta, propriamente –, cabe mencionar que Bybee, Perkins e Pagliuca (1994 *apud* BYBEE, 2016, p. 170) analisaram uma amostra de 76 línguas, contemplando os maiores grupos linguísticos do planeta. Esses pesquisadores chegaram a diversas conclusões interessantes sobre a “ubiquidade” da gramaticalização; entre elas, que tempos passados e perfectivos têm sua origem (i) em expressões resultativas – seguindo-se a lógica de “ter algo feito” – ou (ii) em verbos com o significado de “acabar”. Sobre a possibilidade mencionada em (i), podemos observar, justamente, uma construção resultativa dando origem ao pretérito perfeito composto, conforme descrevemos em parágrafos anteriores.

<sup>93</sup> Talvez no português o termo mais adequado seja “extensão”, pois “transferência” pode levar à interpretação de que o conceito concreto necessariamente deixou de existir, como se houvesse a substituição de um uso por outro.

latim vulgar, a expressar estados presentes resultantes do passado a partir da construção *habere* + objeto modificado + particípio flexionado”, segundo explicação de Oliveira (2010, p. 103, grifos no original). Em outras palavras, o uso da perífrase resultativa, em estágio anterior à constituição do PPC como forma composta, tornou-se possível graças a um processo de expansão metafórica, em que o significado concreto de “*habere*” se estendeu para um significado abstrato: a própria expressão resultativa (posse > resultado).

Comparando metáfora e metonímia – outro mecanismo de mudança –, Lakoff e Johnson (1980, p. 39) explicam tratar-se de processos cognitivos distintos. Enquanto a primeira é um modo de conceber uma coisa em termos de outra, a segunda tem função referencial. Segundo eles, em casos como “precisamos de *boas cabeças* trabalhando no projeto”, a entidade “boas cabeças” faz referência a “pessoas inteligentes”. Em discussão realizada em Hopper e Traugott (2003, p. 88), a metonímia diz respeito a um processo cognitivo no qual uma entidade conceitual fornece acesso à outra em um mesmo domínio funcional. Em outra oportunidade, Hopper e Traugott (2003, p. 93) afirmam que a mudança linguística via extensão metonímica envolve um determinado significado que, em termos de outro, está no contexto; podendo existir, nesse sentido, relação com inferências pragmáticas durante o ato comunicativo.

Exemplificando com o pretérito perfeito composto, Oliveira (2010, p. 104) defende a interpretação de um uso do PPC por meio de implicaturas conversacionais: em uma ocorrência como “*Mi hermana ha muerto hace diez años”*”, na qual observamos o emprego de “*ha muerto*” para expressar uma situação passada – “*hace diez años*” –, o interlocutor tende a interpretar que o evento da morte do familiar está relacionado com o momento de enunciação, justificando, assim, “o uso do PPC num contexto previsto para o uso do PPS”. Nesse sentido, importa recordar que, considerando o uso mais comum atualmente na oposição *canté/he cantado* em termos de temporalidade, especialmente em território peninsular<sup>94</sup>, tem-se em conta uma associação “PPC/contexto hodierno” (dentro do “hoje”) e “PPS/contexto pré-hodierno” (antes do “hoje”: ontem, semana passada, etc.). Para a autora citada, “o aumento na frequência dessa inferência pode estar conduzindo à ritualização do PPC pré-hodierno”, que corresponde a um valor mais recente da forma composta. Nessa direção, Bybee (2016, p. 172), referindo-se a mudanças linguísticas que envolvem inferência pragmática, afirma que os

---

<sup>94</sup> Conforme vimos na seção 2.2.3.

significados “frequentemente implicados por uma construção no contexto associado podem ser convencionalizados como parte do significado da expressão”.

Outro caso que ilustra a expansão metonímica, já discutido na seção 2.2.2.1, refere-se a um uso perfectivo do PPC em terras mexicanas, discutido por Lope Blanch (2008a [1961]), que está bastante restrito a situações em que o falante deseja marcar conteúdo afetivo, dado convenientemente reproduzido abaixo:

- (34) *¡Esta mañana ha caído un aguacero... tremendo!* (LOPE BLANCH, 2008a [1961], p. 29, em nota).

Concernente à frequência de uso no processo de gramaticalização – importante para a generalização de certo valor linguístico –, Bybee (2003, p. 602) afirma tratar-se não apenas do próprio resultado do referido processo, como também de algo que contribui primariamente para seu acontecimento; representa, em outras palavras, uma força ativa que instiga as mudanças que ocorrem via gramaticalização. Nessa lógica, quanto maior for a frequência de uso do PPC, mais funções essa forma verbal estará desempenhando em determinada variedade linguística, e, nesse sentido, mais avançada esta última estará na evolução do PPC, considerando seus estágios de gramaticalização. Mais recentemente, Bybee (2016, p. 171) explica haver um “efeito autoalimentador” nesse sentido: um aumento na frequência de uso acaba desempenhando papel importante “nas mudanças que ocorrem [via gramaticalização], ao passo que, ao mesmo tempo, algumas das mudanças, em troca, levam a aumentos na frequência de ocorrência”.

Recuperando a ideia da unidirecionalidade do processo de gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 99), levamos em conta o seguinte percurso de desenvolvimento previsto por Heine (1993) para uma forma verbal como o pretérito perfeito composto:

- ⇒ *Completive/resultative* > *perfect* > *perfective* > *past* > *irrealis* (HEINE, 1993, p. 68).

A respeito dessa generalização sobre a evolução de formas linguísticas como o PPC, Heine (1993, p. 67) explica que, quando se dá a conclusão do desenvolvimento lexical/verbal para um conceito gramatical de Tempo, Aspecto ou Modalidade, significa que a forma em gramaticalização iniciou uma nova fase, partindo para outras funções

gramaticais. Acomodando essas ideias no comportamento do PPC (propriamente), Oliveira (2010) adota as seguintes nomenclaturas:

⇒ Resultativo > Anterior > Aoristo (hodierno) > Aoristo (pré-hodierno) > *irrealis*<sup>95</sup> (OLIVEIRA, 2010, p. 110).

A principal questão observada na escolha terminológica de Oliveira (2010) diz respeito à nomenclatura “Anterior” para tratar do *Perfect/Perfecto*, um valor aspectual que envolve uma perspectiva temporal aberta, associada a noções de continuidade. Justificando a troca do termo, Oliveira (2010, p. 139) argumenta que “Perfecto” pode levar à interpretação errônea de “acabado”, já que tem origem na forma latina “*perfectum*”, o que poderia comprometer o entendimento do valor de Aspecto aberto – razão pela qual optamos, nesta pesquisa, pelo emprego do termo “Anterior” para fazer referência a essa etapa do desenvolvimento do PPC, porém, mantendo os dois: “Perfecto/Anterior”. Em direção à escolha de Oliveira (2010), Rodríguez Louro (2008) deixa explícita sua preferência pelo termo “anterior(ioridade)”<sup>96</sup>, conforme podemos observar no trecho a seguir, no qual a autora sintetiza a evolução do pretérito perfeito composto:

*El proceso crucial señalado [en la evolución del PPC] es el de la gramaticalización del significado anterior al perfectivo, finalizado en lenguas como el francés, italiano, rumano y en progreso en algunas variedades del español peninsular. Esta evolución semántica indica un desarrollo [del PPC] desde su significado resultativo (como en latín e inglés antiguo), para luego indicar anterioridad (como en inglés y español), perfectividad (como en francés, italiano del norte y rumano) y, finalmente, pasado (como en alemán)* (RODRÍGUEZ LOURO, 2008, p. 5, grifos nossos).

<sup>95</sup> Conforme discutimos na seção 3.2.3 (mais adiante), existe a possibilidade de o uso do PPC estar começando a sofrer impacto da atuação de *irrealis*. Trata-se, aparentemente, de uma reflexão mais recente na literatura sobre o fenômeno.

<sup>96</sup> No entanto, Rodríguez Louro (2008) opta por “perfectivo” para fazer referência a um valor mais avançado do PPC considerando seu desenvolvimento unidirecional – cuja escolha coincide com a de Heine (1993, p. 68) –, diferentemente de Oliveira (2010), que trata essa noção como um valor de aoristo.

Entendemos que todas as considerações feitas nesta seção são necessárias para compreender a evolução do pretérito perfeito composto – e, nessa direção, sua (multi)funcionalidade no espanhol –, especialmente no que se refere aos valores linguísticos associados ao domínio funcional Tempo-Aspecto-Modalidade (TAM), sobre o qual refletimos na próxima seção, para, finalmente, estabelecer as funções e valores do PPC no corpus fílmico em estudo.

Antes, contudo, não devemos perder de vista que o entendimento sobre a gramaticalização de um fenômeno como o pretérito perfeito composto e das funções desempenhadas por essa forma verbal é útil, também, para o estudo de seu comportamento no âmbito da Tradução. Bybee (2016, p. 174) afirma que a gramaticalização “tem grande potencial para explicar as semelhanças bem como as diferenças entre línguas”. Naturalmente, essa afirmação é válida não apenas no contraste entre línguas – o português e o espanhol, por exemplo –, como também entre variedades de um mesmo idioma, o que está dentro da proposta da presente dissertação: compreender, através do processo de gramaticalização do PPC, o uso dessa forma verbal em duas traduções para dublagem que envolvem variedades hispânicas distintas – o espanhol neutral (dublagem em contexto mexicano) e o espanhol peninsular (dublagem produzida na Espanha).

### 3.2 O PPC E O (MACRO)DOMÍNIO FUNCIONAL TAM

Um domínio funcional pode ser definido como uma área da linguagem coberta por “(macro)funções/significações gramaticais que se projetam, via codificação, em mecanismos linguísticos que se articulam de forma mais, ou menos, recorrente e regularizada, em diferentes níveis” (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 44). Essa codificação de domínios funcionais acontece através da gramática (GIVÓN, 2001, p. 13).

Os domínios funcionais são universais – estão na cognição humana, portanto –, contudo, há línguas (e aqui importa incluir variedades de uma mesma língua, dado os propósitos desta pesquisa) que os codificam de modo distinto (GIVÓN, 2001, p. 25), fazendo uso de estruturas/types diferentes para codificar uma função ou significado. Quando um falante mexicano utiliza a estrutura “*sufrió*” e um espanhol emprega “*ha sufrido*”, ambos fazendo referência ao mesmo evento em que alguém acaba de sofrer um acidente, estando os dois usuários lado a lado observando a situação, significa que suas variedades linguísticas codificam de modo distinto (com estruturas distintas) a mesma função:

expressar um evento imediatamente anterior ao momento de fala. Vemos, assim, que uma pequena parte (segundo o exemplo que oferecemos) de um determinado domínio funcional pode apresentar codificação diferente, em termos de contraste entre línguas/variedades. Diferenças morfossintáticas nesse sentido, entre outros fatores<sup>97</sup>, são responsáveis pela existência de duas traduções para dublagem (por exemplo) produzidas para públicos distintos de um mesmo idioma, cabe recordar.

A respeito de dimensões de domínios funcionais, é possível pensar que em um domínio maior, mais amplo, há domínios menores, levando-se em conta uma lógica de inter-relação. Nesse sentido, Görski e Tavares (2017, p. 44) propõem as noções de macrodomínios, domínios e microdomínios.

Um dos (macro)domínios funcionais mais complexos nas línguas naturais é Tempo-Aspecto-Modalidade (GIVÓN, 2001, p. 285). Nesse raciocínio, Tempo, Aspecto e Modalidade podem ser vistos como domínios funcionais isoladamente, cuja divisão é útil para orientar o pesquisador no entendimento de determinada funcionalidade desempenhada por uma forma linguística, contudo, sem perder de vista, depois, que existe articulação e inter-relação entre domínios. Görski e Tavares (2017, p. 44), utilizando-se da metáfora da lente para refletir sobre a noção de domínio funcional, explicam que TAM:

É um domínio funcional complexo em que as três categorias atuam articuladamente. Se ajustarmos a lente sobre cada uma delas, passamos a perceber três domínios funcionais distintos. Opera-se com a ideia de fenômeno superordenado, cujos limites nem sempre são nítidos e cujo escopo funcional é gradiente: macrofunção > funções > subfunções [...] noção que pode ser estendida para: macrodomínio > domínio > microdomínio funcional (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 44).

Exemplificando com nosso objeto de estudo, recordemos que uma forma linguística como o pretérito perfeito composto está desempenhando, no espanhol, (sub)funções pertencentes a um ou mais

---

<sup>97</sup> Conforme discutimos no Capítulo 4, a produção de dublagem neutral também diz respeito à neutralidade de expressões características de variedades linguísticas – mexicanismos, no caso do espanhol falado no México – e, também, de sotaque.



domínios – de modo articulado, como dito, resultando daí a multifuncionalidade dessa forma verbal. É justamente por essa razão que o PPC pode expressar, em uma mesma variedade linguística (como o espanhol falado em território peninsular, por exemplo), de modo simultâneo:

Quadro 9 – Exemplo de macrodomínio, domínio e microdomínio codificados pelo PPC

<b>Macrodomínio</b> ⇒	<b>Domínio</b> ⇒	<b>Microdomínio</b>
T	Tempo	Passado em contexto hodierno.
A	Aspecto	Perfectivo.
M	Modalidade	<i>Irrealis</i> .

Fonte: Elaboração própria.

Após essa breve explicação e ilustração, tratamos, nas próximas seções, dos domínios funcionais citados acima em termos de categorias verbais, com ênfase no impacto de TAM no que se refere ao uso do pretérito perfeito composto na língua espanhola.

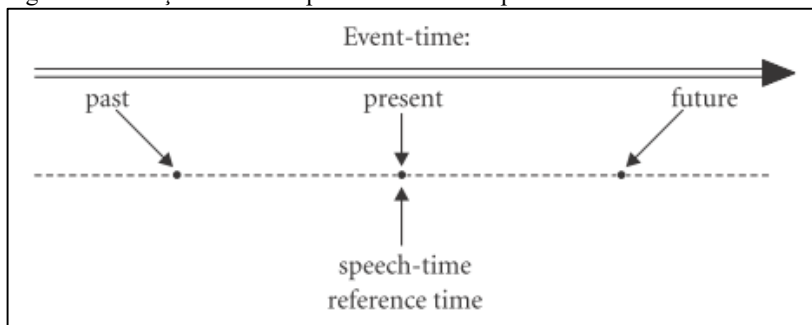
### 3.2.1 O PPC e a categoria Tempo

Tempo/*tense* é a gramaticalização da localização no tempo físico/*time* (COMRIE, 1985, p. 9), cujo fenômeno é considerado pragmático (GIVÓN, 2001, p. 286), pois apresenta ancoragem: (i) da proposição semântica com um ponto temporal externo a ela; e (ii) no ato de fala atual – em outras palavras, no discurso –, realizado pelo falante no momento em que ele emite a sentença, tendo-se em conta, inicialmente, tempos absolutos<sup>98</sup> (GIVÓN, 2001, p. 286).

Givón (2001, p. 285) explica que Tempo abrange a codificação sistemática da relação entre dois pontos distribuídos em uma dimensão linear de tempo (físico/cronológico): o tempo de referência e o tempo do evento. Nessa lógica, a referência temporal não marcada – entendida, pelo funcionalista citado, como *default* – é o tempo de fala. O diagrama a seguir contempla a referida organização linear especificamente para tempos absolutos, ilustrando, além disso, a coincidência entre a referência temporal e o tempo de fala quando não há marcação, conforme proposta de Givón (2001):

<sup>98</sup> Mais adiante, tratamos da diferença entre tempos absolutos e tempos relativos.

Figura 1 – Relação entre Tempo e referência temporal



Fonte: Extraído de Givón (2001, p. 286).

A partir da organização temporal exposta na figura acima, observamos a divisão tripartida do tempo físico/cronológico entre passado (anterioridade), presente (simultaneidade) e futuro (posterioridade). Givón (2001) os descreve do seguinte modo:

- ⇒ **Passado:** um evento/estado é anterior ao tempo de fala.  
Exemplos: “*She watched the whale*” (GIVÓN, 2001, p. 286) ⇒ “Ela observou a baleia” ⇒ “*Observó la ballena*”.
- ⇒ **Presente:** um evento/estado é simultâneo ao tempo de fala.  
Exemplos: “*She is watching the whale*” (GIVÓN, 2001, p. 286) ⇒ “Ela está observando a baleia” ⇒ “*Observa/está observando la ballena*”.
- ⇒ **Futuro:** um evento/estado é posterior ao tempo de fala.  
Exemplos: “*She will watch the whale*” (GIVÓN, 2001, p. 286) ⇒ “Ela observará/vai observar a baleia” ⇒ “*Observará/va a observar la ballena*”<sup>99</sup>.

<sup>99</sup> No âmbito de Tempo, Givón (2001, p. 286) também leva em conta o “habitual” – um evento/estado que acontece “sempre” ou “repetidamente”, segundo o autor. Para os propósitos desta pesquisa, discutimos essas noções como Aspecto (na seção 3.2.2), compreendendo-as como valores aspectuais de duração e iteração.

Considerando o pretérito perfeito do indicativo e os exemplos que adaptamos de Givón (2001), é possível visualizar que a forma simples (*canté*) corresponde a um tempo passado, portanto, o tempo do evento é anterior ao tempo de fala. No entanto, parece não haver (em princípio) posição adequada para a forma composta (*he cantado*). Nesse sentido, é preciso ter em conta que, em línguas naturais (como o português e o espanhol, por exemplo), existe diferenciação entre tempos absolutos e tempos relativos: (i) os primeiros são bem visíveis no diagrama de Givón (2001) reproduzido anteriormente; e (ii) os últimos, por sua vez, são mais complexos – em comparação com os tempos absolutos –, pois tempos relativos estão ancorados em um ponto de referência anterior (passado) ou posterior (futuro) ao tempo de fala (GIVÓN, 2001, p. 286). A questão central é que, nos tempos relativos, o tempo de referência e o tempo de fala não são coincidentes/simultâneos, diferentemente do que acontece nos tempos absolutos.

No caso do PPC, especificamente, Alarcos Llorach (1984 [1970], p. 35) propõe que essa forma verbal seja incluída entre os tempos relativos, junto com o *pluscuamperfecto* e o *futuro compuesto*<sup>100</sup> – “*había cantado*” e “*habré cantado*”, respectivamente. O argumento do autor é que o valor temporal das formas citadas é medido a partir de sua relação com outros tempos (que são absolutos); nesses casos, “*había cantado*” é relativo a “*canté*” e “*habré cantado*”, a “*cantaré*”. Então, seguindo uma lógica semelhante, o autor defende que o PPC também é relativo: ao presente. Há, contudo, diferença em comparação com os outros dois tempos relativos, já que, na proposta do referido linguista, “*he cantado*” é medido a partir do presente gramatical (ALARCOS LLORACH, 1984 [1970], p. 35). Essa relação com o presente gramatical pode ser vista como um resquício da morfologia atribuída ao verbo auxiliar na combinação <*haber* + particípio>, segundo explicação de Alarcos Llorach (1984 [1970], p. 28).

García Fernández (2000) estuda Tempo levando em consideração “estruturas temporais”. Com base em Reichenbach (1947), sobretudo, sua proposta consiste em estabelecer relação entre três elementos distintos para descrever a estrutura dos tempos disponíveis nas línguas naturais: o momento de fala (H), o ponto de referência (R) e o evento (E). Considerando H, R e E, García Fernández (2000) apresenta relações de precedência e de simultaneidade – marcadas, respectivamente, por hífen e vírgula – entre tais elementos, em fórmulas/estruturas que descrevem temporalidade, conforme quadro a seguir:

---

<sup>100</sup> Também chamado de *futuro perfecto*.

Quadro 10 – Estrutura de Tempo considerando formas temporais no espanhol

<b>Estrutura temporal (REICHENBACH, 1947, p. 297)</b>	<b>Denominação em espanhol (BELLO, 1841; 1847)</b>	<b>Nome tradicional em gramáticas do espanhol</b>	<b>Exemplo (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 26-27)</b>
E – R – H	<i>Antepretérito</i>	<i>Pretérito pluscuamperfecto</i>	“Carlos nos contó que Juan <b>había llegado</b> a las tres”
E , R – H	<i>Pretérito copretérito</i>	<i>Pretérito perfecto simple / pretérito imperfecto</i>	“Mi hermano <b>llegó</b> ayer” / “Ayer <b>estaba</b> en Madrid”
R – E – H R – H , E R – H – E	<i>Pospretérito</i>	<i>Condicional</i>	“La prensa anunció el día quince que el presidente <b>dimitiría</b> ayer”
E – H , R	<i>Antepresente</i>	<i>Pretérito perfecto compuesto</i>	“El director <b>ha llamado</b> esta mañana”
H , R , E	<i>Presente</i>	<i>Presente</i>	“ <b>Estudio Derecho</b> ”
H , R – E	<i>Pospresente</i>	-	“ <b>Vamos a comprarlo</b> pronto”
H – E – R H , E – R E – H – R	<i>Antefuturo</i>	<i>Futuro perfecto</i>	“Los actores <b>llegarán</b> a las ocho, pero el público <b>habrá entrado</b> en la sala media hora antes”
H – R , E	<i>Futuro</i>	<i>Futuro</i>	“Lo <b>compraremos</b> la semana que viene”
H – R – E	<i>Posfuturo</i>	-	-

Fonte: Adaptado de García Fernández (2000, p. 26-27).

No que se refere ao PPS/*pretérito*, a estrutura temporal é [E, R – H], que deve ser lida: o evento (E) é anterior ao momento de fala (H) e simultâneo ao ponto de referência (R), que também é anterior ao momento de fala (H). Concernente ao PPC/*antepresente*, a estrutura temporal é [E – H, R] e deve ser lida: o evento (E) é anterior ao momento de fala (H), que é simultâneo ao ponto de referência (R). Vemos, em suma, que a diferença entre PPS/PPC, considerando essas estruturas temporais, está no ponto de referência (R): em “*canté*”, R é anterior a H; e em “*he cantado*”, R é simultâneo a H<sup>101</sup>.

No quadro anterior, vemos que García Fernández (2000) também inclui a denominação de Bello (1841; 1847) para os tempos verbais do espanhol, além da nomenclatura comumente presente em gramáticas desse idioma. Importa observar que a proposta de Bello (1841; 1847) é nomear os tempos relativos ligando os morfemas “*ante*” (anterior) e “*pos*” (posterior) aos tempos absolutos: *pretérito*, *presente* e *futuro*. Assim, entendendo que o significado temporal do PPC é a expressão de algo anterior ao presente – e, também, conectado com o presente –, o referido autor estabelece a combinação [*ante* + *presente*] para nomear esse tempo verbal, além de descrevê-lo: *antepresente*. Nessa lógica, fica visível que, apesar da expressão de passado, o PPC não pode ser considerado (ainda<sup>102</sup>) um autêntico tempo pretérito, tal como o pretérito perfeito simples.

A partir dos parágrafos anteriores, observamos que um fator de importância para compreender a temporalidade do PPC é sua relação com o momento de fala, que é simultâneo ao ponto de referência: o próprio presente, em outras palavras. No Capítulo 2, vimos que diversos autores hispanistas fazem referência à noção de *presente ampliado* de Alarcos Llorach (1984 [1970]), um conceito bastante abstrato, conforme trecho extraído da obra citada:

*El presente es una fracción de tiempo abstracta, y el presente gramatical, como es sabido, está constituido no por un punto, sino por una línea*

<sup>101</sup> Como é possível observar, a ideia de “referência” é intrínseca à categoria Tempo, razão pela qual, em consonância com Oliveira (2010, p. 118), não vemos necessidade de considerá-la como uma categoria à parte – proposta de Givón (2001).

<sup>102</sup> Conforme já vimos anteriormente, a previsão de Harris (1982) para a evolução do PPC estabelece que no último estágio essa forma verbal codificará situações perfectivas e, a partir disso, passará a expressar qualquer ação pretérita, isto é, sem manter conexão com o presente.

*formada por la proyección de varios sucesivos presentes abstractos. Esta línea ideal del presente gramatical entra, por tanto, en el campo del pasado (y, por otra parte, puede prolongarse también en el futuro): cuando digo **veo un perro**, la acción de ‘ver’ ha comenzado en un punto inmediato, pero ya pasado, y se continúa mientras hablo; pero una vez alejado del perro, diré **he visto un perro hace unos momentos**, porque la acción se ha producido en el mismo período de tiempo en que hablo, pero no coincidiendo con el acto de hablar (o escribir). Así, el perfecto compuesto nos da la idea de un presente ampliado hacia el pasado: la línea ideal del presente gramatical se prolonga hacia los hechos pasados. [...] [el PPC] tiene como límite el presente gramatical e indica, por tanto, una acción producida en lo que llamo ‘presente ampliado’ (ALARCOS LLORACH, 1984 [1970], p. 28-29, grifos no original).*

Além dessa ampliação/extensão do presente em direção ao passado, a relação do PPC com o “agora” permite outras noções para descrever o uso dessa forma verbal via Tempo. Sob o escopo de Relevância Presente, o pretérito perfeito composto pode expressar, no âmbito da temporalidade, a subfunção Passado Recente. Squartini e Bertinetto (2000, p. 12) enfatizam que Relevância Presente é uma noção bastante subjetiva, a qual deve ser vista como um sentimento psicológico do falante no tocante a situações passadas com relevância atual – segundo a perspectiva do usuário, cabe frisar. Esse significado do PPC é o que recebe atuação mais expressiva da categoria Tempo, pois, como veremos na próxima seção, o leque de (sub)funções via Aspecto é significativo, inclusive na própria noção de Relevância Presente<sup>103</sup> (HARRIS, 1982; OLIVEIRA, 2010; SQUARTINI; BERTINETTO, 2000; RODRÍGUEZ LOURO, 2008).

Comrie (1985) apresenta diversas considerações a respeito da oposição PPS/PPC a partir do elemento “relevância presente”, com foco no comportamento do fenômeno no inglês. Trazemos, sinteticamente, aquelas que são coincidentes entre esse idioma e o espanhol:

---

<sup>103</sup> Conforme funções e subfunções estabelecidas na seção 3.3, adiante, neste capítulo.

- ⇒ O PPC indica uma situação passada com relevância presente. O PPS, por outro lado, não tem tal conexão com o presente (COMRIE, 1985, p. 25).
- ⇒ É mais comum o uso do PPC para fazer referência a eventos recentes com relevância presente, em comparação com eventos mais remotos – estes últimos correspondem ao PPS (COMRIE, 1985, p. 25).
- ⇒ Na história de diversas línguas românicas, o significado original do PPC foi reinterpretado como tempo verbal de passado recente (COMRIE, 1985, p. 26).
- ⇒ Para o autor, várias pesquisas estão de acordo com a diferença entre o PPC e tempos passados residir na ideia de aquele carregar um componente semântico específico: a relevância presente (COMRIE, 1985, p. 32).

Apesar dessa associação “PPC/passado recente” e “PPS/passado remoto”, importa ter em conta que no final da gramaticalização do pretérito perfeito composto – segundo previsão de Harris (1982) –, espera-se que essa forma verbal codifique qualquer ação pretérita, inclusive remota. No penúltimo estágio de evolução, o PPC codifica a expressão de situações perfectivas/aorísticas e, a partir desse momento, enfrenta uma mudança via aoristização – ou *aoristic drift* –, cujo processo é discutido por Squartini e Bertinetto (2000, p. 403) como “a transformação do Perfecto em um passado perfectivo”. Quando chega ao último estágio, entende-se que essa forma verbal está estável na função de PPC Perfectivo/Aoristo.

Conforme mencionamos na seção 2.2.3, o referido processo diz respeito a duas possibilidades de uso para o PPC: (i) um uso aorístico dentro do “hoje”; e (ii) um uso aorístico que, diferentemente do primeiro, não apresenta qualquer vínculo temporal com o presente. Essas duas noções são tratadas por Oliveira (2010) como hodierno e pré-hodierno.

Como é possível ver, é a partir da atuação de Aspecto – perfectivo/aoristo, nesse caso – que o PPC é conduzido à expressão de situações passadas (Tempo): inicialmente, situações perfectivas em contextos hodiernos e, depois, situações perfectivas em contextos pré-hodiernos. Em outras palavras, estamos lidando com a inter-relação

entre domínios funcionais (A+T), possibilidade sinalizada por Gorski e Tavares (2017, p. 9), como motor para movimento na gramaticalização do PPC. Em suma, espera-se, considerando a atuação combinada [Aspecto + Tempo], que o pretérito perfeito composto expresse, nos momentos mais avançados de sua evolução (nesta ordem): Perfectivo/Aoristo (hodierno) > Perfectivo/Aoristo (pré-hodierno).

Em direção a fatores que auxiliem na análise do PPC via Tempo, a função mais expressiva no âmbito dessa categoria verbal, como já dissemos, é a de Relevância Presente, especialmente a subfunção “passado recente”. Contudo, conforme discutimos na próxima seção, uma das macrofunções esperadas para o PPC é a de Perfectivo/Aoristo. Nos dois casos, interessa-nos identificar qual é o tempo do evento codificado pelo PPC, de modo a interpretar se se trata de um contexto hodierno ou pré-hodierno, conforme pistas sintetizadas abaixo:

- ⇒ Complementos temporais como “*ayer*”, “*la semana pasada*”, “*el otro día*”, etc., conduzem à identificação de um contexto pré-hodierno, favorecendo, assim, a leitura de PPC Perfectivo/Aoristo – em direção aos casos sem conexão com o presente, importa destacar.
- ⇒ Complementos temporais como “*hoy*”, “*esta mañana*” (caso o falante esteja situado no período em questão), entre outros, conduzem à identificação de um contexto hodierno, favorecendo, nesse sentido, a interpretação de que há proximidade temporal da situação passada com o presente – uma subfunção de Relevância Presente.
- ⇒ Além dos casos acima – que preveem a presença de complementos temporais na própria oração em que ocorre o PPC –, importa considerar a possibilidade de essa informação estar ausente (em termos de complemento temporal). Desse modo, para a análise, também olhamos o contexto mais amplo do diálogo em que ocorre o PPC, caso a caso, de modo a buscar tal informação em momentos anteriores do diálogo entre os falantes/personagens: seja via complemento temporal, seja via contexto extralinguístico (isto é, na cena do filme). Em outras palavras, é preciso ver o contexto discursivo e pragmático da ocorrência.



Em direção à finalização desta seção, cabe dizer que, devido à complexidade do PPC, o que sintetizamos anteriormente são apenas pistas para chegar-se a uma certa informação – temporal, nesse caso – sobre a ocorrência em análise, não sendo critério para determinar a (sub)função do PPC, isoladamente<sup>104</sup>. É preciso considerar outros valores do pretérito perfeito composto, sobretudo no âmbito de Aspecto, conforme discutimos na próxima seção.

### 3.2.2 O PPC e a categoria Aspecto

O Aspecto pode ser compreendido como a gramaticalização da categoria “visão”, conforme Castilho (2010, p. 147). Segundo explicação desse pesquisador, é como se o “falante, tangido por um inesperado transporte místico, visualizasse de fora, do alto, do além, os estados de coisas que ele mesmo acionou”; o usuário pode perceber, por exemplo, uma diferenciação entre “o que dura” e “o que começa e acaba”, entre outras questões, tendo-se em conta a expressão de verbos.

Comrie (1998 [1976], p. 3) afirma que, como definição geral de Aspecto, é possível formular que a categoria em questão trata de diferentes maneiras de ver (ou enxergar, no português) a constituição temporal interna da situação, diferenciando-se, nesse sentido, de Tempo. Para esse autor, tanto Aspecto como Tempo estão relacionados com o tempo físico (o *time*, no inglês), contudo, de modo distinto: enquanto Tempo é considerado uma categoria dêitica – que apresenta conexão entre o tempo da situação (expressa pelo verbo) e algum ponto de referência –, Aspecto, por outro lado, diz respeito à constituição temporal interna da situação (COMRIE, 1998 [1976], p. 5), como já dissemos. É possível pensar, então, em associações do tipo “Tempo/tempo externo” e “Aspecto/tempo interno”.

García Fernández (2000) se baseia em Klein (1992) para estabelecer sua definição de Aspecto: trata-se, para eles, de uma relação existente entre o “tempo da situação” e o “tempo do foco”. O primeiro corresponde ao “*tiempo durante el que tiene lugar un evento denotado por la parte léxica del verbo*”; e o segundo, por sua vez, ao “*período durante el cual es válida una determinada afirmación en una ocasión dada*”. García Fernández (2000, p. 46, em nota) esclarece que, diferentemente do que acontece com o tempo gramatical, a relação entre os tempos da situação e do foco não é dêitica. Vemos, contrastivamente, que, enquanto Comrie (1998 [1976]) nada diz sobre o “tempo da

<sup>104</sup> Por essa razão, dizemos que determinadas pistas *favorecem* certas leituras.

situação” para definir Aspecto – senão Tempo –, García Fernández (2000), por outro lado, emprega esse conceito para estudar noções aspectuais<sup>105</sup>. Esse breve contraste entre definições demonstra que, às vezes, resulta difícil precisar o terreno dessas duas categorias verbais, pois a linha que as separa é tênue (OLIVEIRA, 2010, p. 129). A principal diferença entre essas duas categorias se dá sob um ponto de vista semântico: no âmbito de Aspecto, temos as noções de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim; na esfera de Tempo, temos passado, presente, futuro e subdivisões (OLIVEIRA, 2010, p. 129).

A partir de uma revisão da literatura sobre o tema, Fossile (2012, p. 50-51), contrapondo Tempo e Aspecto, sintetiza que este último: (i) expressa a natureza interna da situação; (ii) é uma categoria não dêitica – o que, como vemos, está de acordo com García Fernández (2000) – e, por essa razão, não faz referência a ocorrências no mundo; (iii) determina a duração da situação; (iv) marca as fases da situação (início, meio ou fim); (v) marca a duração da situação; e (vi) expressa o tempo interno ao fato, cuja afirmação vai ao encontro de Comrie (1998 [1976]) a respeito de Aspecto referir-se à constituição temporal interna da situação.

---

<sup>105</sup> Como exemplificação dessa relação entre “tempo da situação” e “tempo do foco”, García Fernández (2000, p. 46) discute as duas situações a seguir (grifos nossos):

(103) *Ayer por la tarde Juan leyó ese artículo tan interesante de Maruja Torres.*

(104) *Ayer por la tarde Juan leía ese artículo tan interesante de Maruja Torres.*

Segundo o autor, no exemplo em (103), em que há presença do PPS “*leyó*”, os tempos da situação e do foco são coincidentes; por essa razão, são afirmadas todas as etapas de “*leer*”, isto é, do início até o final. Em (104), exemplo em que há a forma de imperfeito “*leía*”, o tempo do foco está incluso no tempo da situação, o que significa que uma parte central do evento de “praticar a leitura” é afirmada, contudo, nada sabemos sobre sua conclusão: Juan/João pode ou não ter terminado de ler o artigo (GARCÍA FERNANDEZ, 2000, p. 46). Formalmente, nada indica o término da ação.

Diversas são as maneiras<sup>106</sup> de enxergar a constituição da situação, tendo-se em conta uma perspectiva temporalmente interna. Pensando especificamente na língua espanhola, García Fernández (2010, p. 55) estabelece cinco variedades aspectuais, cuja proposta foi organizada sinteticamente em quadro elaborado por Oliveira (2010, p. 131), que adaptamos na próxima página.

---

<sup>106</sup> A título de ilustração, em um trabalho interessado em noções aspectuais no português e no alemão, Fossile (2012) revisa diversos valores: aspecto perfectivo; aspecto imperfectivo; aspecto durativo; aspecto indeterminado; aspecto iterativo; aspecto habitual; aspecto pontual/momentâneo; aspecto não começado; aspecto não acabado ou começado; aspecto acabado/egressivo; aspecto inceptivo/ingressivo; aspecto cursivo; aspecto terminativo; entre outros. A autora explica que alguns chegam a ser muito parecidos ou até iguais (FOSSILE, 2012, p. 84).

Quadro 11 – Sistema aspectual do espanhol, com base em García Fernández (2000)

<b>Variedade aspectual</b>	<b>Valor semântico</b>	<b>Forma(s) representativa(s) de conjugação</b>	<b>Exemplo</b>
Imperfecto	Apresenta uma fase interna da situação, focalizando seu processo.	<i>Presente.</i> <i>Pretérito imperfecto.</i>	<i>“Hace dos días Juan pintaba su casa”.</i>
Perfectivo ou Aoristo	Apresenta a situação completa, inclusive a finalização da ação.	<i>Pretérito perfecto simple.</i>	<i>“Hace dos días Juan pintó su casa”.</i>
Perfecto	Apresenta o resultado da ação.	Formas compostas com <i>“haber”</i> .	<i>“Juan ha pintado su casa”.</i>
Prospectivo	Apresenta uma parte do período que precede a situação.	Perífrase <i>“ir + a + infinitivo”</i> , em alguns casos.	<i>“Hace dos días Juan iba a pintar su casa”.</i>
Neutral	Variedade que pode ser interpretada como Imperfecto ou como Aoristo.	<i>Futuro simple.</i> <i>Condicional simple.</i>	-

Fonte: Extraído de Oliveira (2010, p. 131).

No que diz respeito ao pretérito perfeito composto, das cinco variedades aspectuais expostas anteriormente as que interessam para o entendimento das macrofunções dessa forma verbal são: (i) Imperfecto; (ii) Perfectivo/Aoristo; e (iii) Perfecto/Anterior, especialmente estas duas últimas, pois elas envolvem funções (e subfunções) do PPC. A variedade em (i) é interessante ser considerada para discussão e contraste entre as outras duas. Tratamos delas adiante.

Segundo explicação Oliveira (2010, p. 140), a variedade aspectual do Imperfecto “põe em evidência a constituição temporal interna de uma situação também ocorrida no passado”, conforme exemplo a seguir:

- (105) *El huracán Rita perdía fuerza ayer, pero de todos modos avanzaba hacia la costa de Texas y Luisiana con vientos de 200 kilómetros por hora...* (OLIVEIRA, 2010, p. 140).

Concernente à variedade do Perfectivo/Aoristo, esta “denota situações ocorridas no passado, sem relação com o presente da enunciação”:

- (106) *Finalmente Pérez Roque lamentó la falta de credibilidad* (OLIVEIRA, 2010, p. 140).

No tocante ao Perfecto/Anterior, trata-se de uma variedade aspectual que “denota situações ocorridas no passado, mas que guardam relação com o presente da enunciação”:

- (107) *Los médicos han optado por mantener al Pontífice en su residencia y no trasladarlo al Policlínico Gemelli de Roma...* (OLIVEIRA, 2010, p. 140).

As formas prototípicas, no que tange à codificação dessas variedades aspectuais mais amplas – Imperfecto, Perfectivo/Aoristo e Perfecto/Anterior –, respectivamente, são (OLIVEIRA, 2010, p. 140-141):

- ⇒ O pretérito imperfeito: “*perdía*” e “*avanzaba*”, em (105).
- ⇒ O pretérito perfeito simples: “*lamentó*”, em (106).
- ⇒ O pretérito perfeito composto: “*han optado*”, em (107).

Naturalmente, devido a estratégias do falante, é possível manipular o Aspecto – via complementos adverbiais, morfologia, entre

outros fatores<sup>107</sup> –, então, nem sempre uma forma está codificando o valor aspectual que prototipicamente expressa. Em direção semelhante, considerando ser comum a associação do aspecto perfectivo com o término/conclusão da situação, Comrie (1998 [1976], p. 19) alerta que é preciso certo cuidado nesse sentido: em línguas em que há oposição entre formas imperfectivas e perfectivas, estas últimas também podem focar o início da ação, especialmente quando são empregados verbos estáticos. No espanhol, por exemplo, a forma perfectiva do verbo “*conocer*” – o PPS “*conoci*”, em outras palavras –, quando utilizada em uma situação como “*conoci a Pedro hace muchos años*”<sup>108</sup>, não está enfatizando a conclusão da ação, senão seu início: trata-se, nesse caso específico, de um aspecto ingressivo. Ciente dessas possibilidades, García Fernández (2000, p. 59) considera, como subvariedades do Perfectivo/Aoristo, os aspectos (i) terminativo e (ii) ingressivo, cuja organização contempla, justamente, as duas possibilidades de foco: ou o início da ação, ou o término.

De modo similar, Oliveira (2010, p. 141) chama a atenção para o fato de o PPC nem sempre expressar valores do aspecto Perfecto/Anterior. Recuperando o que já antecipamos sinteticamente em outros momentos a respeito da gramaticalização do pretérito perfeito composto, é esperado, no último estágio de evolução – segundo a previsão de Harris (1982) –, que essa forma codifique PPC Perfectivo/Aoristo, conforme o exemplo que reproduzimos a seguir:

- (108) *yo es que he ido el otro día por allí: y lo vi/ pero vamos a de todas maneras también/ cuando he ido en el tren ahí he visto obras...*  
(OLIVEIRA, 2010, p. 141).

Sobre o que estamos discutindo, importa recordar que, como vimos na seção 2.2.3, o emprego do PPC Perfectivo/Aoristo é esperado, principalmente, no espanhol falado em Madri. Esse valor mais avançado do pretérito perfeito composto também é considerado em nossa análise – com um olhar atento, sobretudo, nos dados da amostra traduzida em contexto peninsular.

Retomando a organização de variedades e subvariedades aspectuais na língua espanhola – com ênfase nos aspectos Imperfecto,

---

<sup>107</sup> Mais adiante, nesta seção, tratamos de elementos que influenciam na leitura aspectual do PPC.

<sup>108</sup> Exemplo oferecido no trabalho citado.

Perfectivo/Aoristo e Perfecto/Anterior –, elaboramos o seguinte quadro como síntese da proposta de García Fernández (2000, p. 59):

Quadro 12 – Variedades e subvariedades aspectuais no espanhol, com base em García Fernández (2000, p. 56-59)

<b>Variedade aspectual</b>	<b>Subvariedades aspectuais</b>
Imperfecto	⇒ Progressivo ⇒ Habitual ⇒ Contínuo
Perfectivo/Aoristo	⇒ Ingressivo ⇒ Terminativo
Perfecto/Anterior	⇒ Resultativo ⇒ Experiencial ⇒ Continuativo <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Durativo</li> <li>○ Iterativo</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria.

Conforme explicação de García Fernández (2000, p. 56), o Imperfecto Progressivo focaliza um único ponto do evento, como em “*A las cinco Juan escribía una carta, pero no sé si la terminó*”.

O Imperfecto Habitual, por sua vez, acontece em “*predicados que expresan situaciones cuya repetición se toma como una propiedad caracterizadora del sujeto*”: “*Por las mañanas siempre tomaba té*”, por exemplo (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 56).

No que se refere ao Imperfecto Contínuo, trata-se de um aspecto que focaliza um período: “*Durante la reunión me miraba con insistencia*” é um exemplo oferecido por García Fernández (2000, p. 56).

Em direção ao Perfectivo/Aoristo Ingressivo, García Fernández (2000, p. 56-57) considera que tal aspecto acontece quando um complemento adverbial indica um ponto que é o início da situação. Em “*A las tres Juan tocó la puerta*”, por exemplo, o complemento adverbial “*a las tres*” faz referência ao momento em que Juan/João começa a ação de “tocar a porta”; e não ao final dessa situação.

Quando o foco está no término da ação, estamos lidando com um aspecto Perfectivo/Aoristo Terminativo, o qual, segundo García Fernández (2000, p. 57), é a principal leitura dessa variedade

aspectual<sup>109</sup>: “*A las tres hice la comida*” e “*A las cinco leyó el telegrama*” são exemplos.

Concernente ao aspecto Perfecto/Anterior Resultativo, este se refere ao resultado de um único evento, cujo valor aspectual pode ser contrastado com o Perfecto/Anterior Experiencial, o qual, segundo García Fernández (2000, p. 57), expressa um “*estado de cosas que supone estar en posesión de un cierto tipo de experiencia, en el sentido más amplio del término*”. A diferenciação entre essas duas subvariedades aspectuais fica mais clara nos exemplos a seguir, que contam com o emprego do pretérito perfeito composto:

(109) *Juan ya ha llegado* (Perfecto/Anterior Resultativo).

(110) *Juan ya ha llegado a las tres de la mañana (más de una vez)* (Perfecto/Anterior Experiencial) (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 57).

Na sentença em (109), deve-se interpretar que o foco está no resultado do evento da chegada; em outras palavras, no fato de que, agora, Juan/João está aqui. No exemplo em (110), por outro lado, entende-se que não é necessário ele estar aqui neste momento. Contrastivamente, a informação enfatizada no segundo exemplo já não é o resultado de “*llegar*” (a chegada); é, senão, a afirmação de que, em alguma ocasião do passado, Juan/João chegou às três horas da manhã, independentemente de onde ele esteja agora. Trata-se de uma experiência que a pessoa à qual o emissor se refere vivenciou (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 57-58).

Finalmente, no que diz respeito ao Perfecto/Anterior Continuativo, García Fernández (2000, p. 58) explica que em “*determinados contextos, por ejemplo con acciones que se prolongan o que se repiten [...] el Perfecto recibe un valor especial llamado ‘continuativo’, que lo asemeja mucho al Imperfecto*”. Observamos, assim, uma clara referência às noções durativa – “*que se prolongan*” – e

---

<sup>109</sup> No sentido de ser mais frequente que a leitura ingressiva, pois, segundo García Fernández (2000, p. 57), esta leitura apresenta limitações. Em “*A las tres hicieron la nueva carretera*” e “*A las cinco leyó Madame Bovary*”, o conhecimento de mundo do falante choca com uma possível leitura terminativa (foco na conclusão): as ações de “fazer/construir uma estrada” e “ler a obra de Madame Bovary” são incompatíveis com a duração dos complementos adverbiais “*a las tres*” e “*a las cinco*”. Seria necessário mais tempo para que ocorresse a finalização das ações em jogo.



iterativa – “*que se repiten*” –, razão pela qual incluímos esses dois valores aspectuais como variedades, em nível menor, dentro da subvariedade do Continuativo, tendo em conta o quadro que elaboramos anteriormente. Torna-se possível, nessa direção, considerar as seguintes variedades:

- ⇒ Aspecto Perfecto/Anterior Continuativo *Durativo*.
- ⇒ Aspecto Perfecto/Anterior Continuativo *Iterativo*.

Importa refletir sobre a afirmação de que esses valores (durativo e iterativo) sejam semelhantes ao Imperfecto<sup>110</sup>. Para discutir essa proximidade aspectual, García Fernández (2000, p. 58) apresenta os seguintes exemplos com o PPC:

- (111) *He vivido lo suficiente en este país como para saber cómo funcionan las cosas.*
- (112) *Hasta ahora me ha dicho siempre la verdad.*
- (113) *No he comido todavía.*
- (114) *He sido infeliz desde que te conozco* (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 58).

Sob as lentes do autor que estamos citando, interpretam-se as ocorrências de (111) a (114) como situadas no passado. Contudo, como se trata de situações continuativas prolongáveis – durativas, mais precisamente –, nada é dito sobre o final/término dos eventos de “*vivir*”, “*decir la verdad*”, “*comer*” e “*ser infeliz*”, característica também observada no aspecto Imperfecto (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 58). Cabe recuperar que, conforme vimos na seção 2.2.2.1, alguns hispanistas (AIROLDI, 2015; LOPE BLANCH, 2008a [1961]; 2008b [2004]; MORENO DE ALBA, 2003a [1972]; 2003b [1974]; 2003c [2001]; especialmente) defendem que o PPC mexicano codifica imperfecitividade, diferentemente do que é considerado, em outros trabalhos, para o espanhol peninsular (por exemplo), em que o pretérito perfeito composto seria perfectivo. No caso em discussão – isto é, considerando o fato de que tanto no Imperfecto como no Perfecto/Anterior Continuativo coincide a ausência de informação sobre

---

<sup>110</sup> Justamente por essa razão mantivemos, no quadro anterior, o Imperfecto (e subvariedades), buscando contrastá-lo com o Perfecto/Anterior Continuativo.

o término da situação –, Bertinetto (1991, p. 60 *apud* GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 58) considera existir “hibridismo aspectual”.

Direcionando a discussão sobre Aspecto ao pretérito perfeito composto, importa considerar o estudo de Comrie (1998 [1976]), que costuma ser referência no tratamento dos valores aspectuais do PPC<sup>111</sup>, pois esse autor estabelece “tipos de *Perfect(o)*”. Como veremos adiante, algumas noções aspectuais defendidas por esse autor coincidem com a discussão que fizemos a partir de García Fernández (2000). Na sequência, adaptamos a síntese feita por Oliveira (2010, p. 146), que propõe exemplos em espanhol paralelamente aos usos do PPC apresentados originalmente (COMRIE, 1998 [1976], p. 56-60) em inglês:

Quadro 13 – Tipos de *Perfect(o)* estabelecidos por Comrie (1998 [1976])

<b>Tipo de <i>Perfect(o)</i></b> <b>(COMRIE, 1998 [1976],</b> <b>p. 56-60)</b>	<b>Descrição e exemplos</b> <b>(OLIVEIRA, 2010, p. 146)</b>
<b><i>Perfecto</i>/PPC resultativo</b>  <b>“<i>Perfect of result</i>”</b>	Um estado presente é referido como resultado de alguma situação passada. Conforme Comrie [1998 [1976]], esta é a mais clara manifestação da relevância atual de uma situação passada.  (115) <i>John <u>has arrived</u>. / John <u>ha llegado</u>.</i>  Implica-se que “John/João chegou” é o resultado e que ele ainda está aqui (resultativo) <sup>112</sup> .
<b><i>Perfecto</i>/PPC experiencial</b>  <b>“<i>Experiential Perfect</i>”</b>	Uma dada situação ocorreu pelo menos uma vez no passado.  (116) <i>Bill <u>has been</u> to America / Bill <u>ha estado</u> en América.</i>  (117) <i>Bill <u>has gone</u> to America / Bill <u>ha ido</u></i>

<sup>111</sup> Conforme vimos na seção 2.2.2, alguns pesquisadores hispanistas interessados nos valores do PPC no México, Peru e Argentina (AIROLDI, 2015; JARA YUPANQUI, 2013; RODRÍGUEZ LOURO, 2008; respectivamente) têm como ponto de partida, para a busca dos valores do PPC em suas amostras linguísticas, os significados aspectuais que Comrie (1998 [1976]) estabelece para essa forma verbal.

<sup>112</sup> Coincide com a noção resultativa que apresentamos anteriormente a partir de García Fernández (2000).

	<p style="text-align: center;"><i>a América.</i></p> <p>Os exemplos em (116) e (117) marcam a diferença entre o perfectivo experiencial (130) e o resultativo (131). A distinção está entre “<i>be</i>” e “<i>go</i>” (“<i>estar</i>” e “<i>ir</i>”). “<i>Bill has been to America</i>” implica que, pelo menos uma vez – possivelmente mais – Bill, de fato, foi à América (“<i>experiential Perfect</i>”). “<i>Bill has gone to America</i>”, por outro lado, implica que Bill está na América agora (“<i>Perfect of result</i>”)<sup>113</sup>.</p>
<p><b>Perfecto/PPC de passado recente</b></p> <p><b>“<i>Perfect of recent past</i>”</b></p>	<p>Representa a relevância, de uma situação passada, no presente. Comrie [1998 [1976]] lembra que, neste caso, enquanto o espanhol admite uma especificação do tempo por um modificador temporal (do tipo “<i>this morning</i>”), o inglês exclui essa possibilidade.</p> <p>(118) *<i>I've been to the dentist this morning.</i> / <i>He ido al dentista esta mañana.</i></p> <p>“<i>He ido</i>” denota um evento que ocorreu em um passado próximo ao momento da fala<sup>114</sup>.</p>

Fonte: Adaptado de Oliveira (2010, p. 146).

Nos próximos parágrafos, sintetizamos, nos passos de Oliveira (2010), questões que causam impacto na leitura aspectual do pretérito perfeito composto. Antes, contudo, importa ter em mente que os valores

<sup>113</sup> Contraste resultativo/experiencial coincidente com a discussão de García Fernández (2000).

<sup>114</sup> Oliveira (2010, p. 147) chama a atenção para o fato de que esse último valor – o PPC de passado recente –, é discutido por Comrie (1988 [1976]) como um significado de Aspecto. A depender do pesquisador, o valor em questão também pode ser tratado como Tempo. Oliveira (2010, p. 115), por exemplo, discute uma oposição temporal entre os dois pretéritos tendo em conta “PPS = passado remoto” e “PPC = passado próximo”, a depender da variedade hispânica em jogo. Nessa direção, Givón (2001, p. 297) opõe essas duas formas atribuindo-lhes traços de “+/- anterior”: [+ anterior] ao PPS e [- anterior], ao PPC. Em suma, Oliveira (2010, p. 147) está enfatizando que “a linha que separa as categorias Tempo e Aspecto não é óbvia”.

(no âmbito de Aspecto, precisamente<sup>115</sup>) que consideramos para as funções e subfunções dessa forma verbal, com base em Harris (1982) e Squartini e Bertinetti (2000), são:

Quadro 14 – Funções e subfunções aspectuais codificadas pelo PPC

<b>Variedade aspectual</b>	<b>Valor do PPC</b>
⇒ <b>PPC Perfecto/Anterior</b>	⇒ Resultativo. ⇒ Continuativo. ○ Durativo. ○ Iterativo. ⇒ Experiencial.
⇒ <b>PPC Perfectivo/Aoristo</b>	⇒ Perfectivo/Aoristo.

Fonte: Elaboração própria.

Em direção aos elementos que influenciam no uso aspectual do PPC – os quais servem de pista para a identificação das (sub)funções desempenhadas por essa forma verbal nas amostras investigadas nesta dissertação –, temos em conta, a partir de Oliveira (2010): (i) tipos de verbo; (ii) complementos adverbiais; e (iii) complementos verbais. Organizamos o quadro a seguir como proposta de síntese desses elementos<sup>116</sup>, para, na sequência, discuti-los e ilustrá-los:

Quadro 15 – Síntese dos elementos que causam impacto na leitura aspectual do PPC, com base em Oliveira (2010, p. 150-168)

<b>Elemento</b>	<b>Descrição</b>
<b>(i) Tipos de verbo</b>	Trata-se da influência do significado lexical que é inerente aos verbos ( <i>Aktionsart</i> , modo de ação, entre outros) no uso aspectual do PPC.  Com a cautela necessária (e apenas

<sup>115</sup> Conforme vimos em páginas anteriores, o PPC também codifica Tempo. Neste momento, por razões metodológicas, estamos tratando somente de valores aspectuais. No entanto, não podemos perder de vista que, em uma perspectiva mais ampla, o PPC expressa valores de Aspecto (como os que estabelecemos nesta seção) e de Tempo (passado) simultaneamente. Quando o PPC passa a codificar aspecto perfectivo/aoristo, espera-se que, depois, ele passe a expressar qualquer ação passada, tendo-se em conta a gramaticalização dessa forma verbal – questão discutida na seção 3.3, mais adiante.

<sup>116</sup> Oliveira (2010, p. 150) os define como “elementos que atualizam Aspecto”.

	<p>preliminarmente), pode-se considerar o seguinte raciocínio:</p> <p>⇒ Eventos télicos e eventos pontuais &gt; leitura perfectiva.</p> <p>⇒ Eventos atélicos e eventos durativos &gt; leitura continuativa.</p>
<b>(ii) Complementos adverbiais</b>	<p>Trata-se da presença (ou ausência) de complementos adverbiais (CA). Sua ausência pode tornar ambígua a leitura aspectual do PPC.</p> <p>Tipos de CA considerados (OLIVEIRA, 2010, p. 154-164):</p> <p>⇒ CA de duração.</p> <p>⇒ CA de localização.</p> <p>⇒ CA de fase.</p> <p>⇒ CA de frequência<sup>117</sup>.</p> <p>Importa destacar que:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A negação (“<i>todavía no</i>”, por exemplo) conduz à leitura durativa. Ela, em outras palavras, durativiza o predicado.</li> <li>- A presença do elemento “<i>ya</i>” favorece a leitura experiencial.</li> </ul>
<b>(iii) Complementos verbais</b>	<p>Trata-se do número (singular ou plural) do sujeito ou do objeto, na ocorrência do PPC, favorecendo determinadas leituras aspectuais.</p> <p>Há três casos (OLIVEIRA, 2010, p. 164-168):</p> <p>⇒ <b>Caso 1:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Objeto plural &gt; leitura iterativa.</li> <li>- Objeto singular &gt; leitura experiencial.</li> </ul> <p>⇒ <b>Caso 2:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Objeto introduzido por elemento</li> </ul>

<sup>117</sup> Proposta de García Fernández (2000).

	indefinido > leitura experiencial. - Objeto introduzido por elemento definido > leitura perfectiva/aorística.  <b>⇒ Caso 3:</b> - Sujeito plural > leitura iterativa. - Sujeito singular > leitura durativa.
--	--

Fonte: Elaboração própria.

No que diz respeito ao elemento citado em (i), **tipos de verbo**, é pertinente considerá-lo no estudo de Aspecto, pois, os verbos apresentam um significado lexical inerente: se a situação dura, se é pontual/momentânea, se as etapas de seu desenvolvimento são iguais ou diferentes, etc. Segundo discussão realizada em Fossile (2012, p. 56), *Aktionsart* – ou modo de ação, como também é conhecido esse significado intrínseco de que estamos tratando – independe de realizações gramaticais (em termos morfológicos, por exemplo). Assim, tanto no português como no espanhol, o verbo “dormir/*dormir*” expressa uma mesma situação que remete à noção de duração; trata-se, em outras palavras, de um significado inerente à parte lexical desse verbo.

Vendler (1967) é referência importante na classificação de verbos considerando o significado aspectual expresso inerentemente por eles, distribuindo-os em quatro tipos, conforme quadro que organizamos a seguir – com base na síntese de Fossile (2012) –, em que também trazemos exemplos do espanhol extraídos de García Fernández (2000):

Quadro 16 – Classificação de verbos segundo Vendler (1967), com base em Fossile (2012) e García Fernández (2000)

Tipo de verbo (VENDLER, 1967)	Descrição e exemplos (FOSSILE, 2012; GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000)
Estado	<p>⇒ Refere-se a uma situação: <b>durativa</b> (não é pontual/momentânea); <b>homogênea</b> (todas as partes são iguais); <b>não dinâmica</b> (início, meio e fim não são diferentes); <b>atélica</b> (não pressupõe um ponto final); e <b>não agentiva</b> (pois não é uma ação, propriamente). Exemplos: “ser feliz” e “acreditar” (FOSSILE, 2012, p. 60).</p> <p>Exemplo em espanhol: “<i>Ama a Salomé</i>” (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 62).</p>

<p><b>Atividade</b></p>	<p>⇒ Refere-se a uma situação: <b>dinâmica</b> (início, meio e fim são diferentes); <b>atélica</b> (não pressupõe um ponto final); <b>durativa</b> (não é pontual/momentânea); e <b>homogênea</b> (todas as partes são iguais). Exemplo: “correr” (FOSSILE, 2012, p. 58).</p> <p>Exemplo em espanhol: “<i>Camina por el parque</i>” (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 62).</p>
<p><b>Achievement – ou logros (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000)</b></p>	<p>⇒ Refere-se a uma situação: <b>dinâmica</b> (início, meio e fim são diferentes); <b>télica</b> (pressupõe um ponto final); <b>pontual/momentânea</b> (não é durativa); e <b>não homogênea</b> (suas partes são diferentes). Exemplo: “atingir” (FOSSILE, 2012, p. 59).</p> <p>Exemplo em espanhol: “<i>Llegó a la estación</i>” (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 62).</p>
<p><b>Accomplishment – ou realizaciones (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000)</b></p>	<p>⇒ Refere-se a uma situação: <b>dinâmica</b> (início, meio e fim são diferentes); <b>télica</b> (pressupõe um ponto final); <b>durativa</b> (não é pontual/momentânea); e <b>não homogênea</b> (suas partes são diferentes). Exemplo: “construir” (FOSSILE, 2012, p. 59).</p> <p>Exemplo em espanhol: “<i>Construyó la casa</i>” (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 62).</p>

Fonte: Elaboração própria.

A classificação de Vendler (1967), acima, influenciou diversas pesquisas no âmbito de Aspecto – incluindo o trabalho de Comrie (1998 [1976]), que propõe considerar “pares eventivos” levando em conta o significado aspectual inerente aos verbos. Tal proposta é descrita e ilustrada por Fossile (2012, p. 56), conforme quadro que reproduzimos a seguir:

Quadro 17 – Pares eventivos propostos por Comrie (1998 [1976])

<b>Eventos</b>	
<p><b>Evento télico:</b> é aquele que corresponde a uma situação que tende necessariamente e naturalmente a um fim (a um ponto final).</p> <p><u>Exemplos:</u> nascer, morrer, explodir, etc.            (i) João <i>nasceu</i> pela manhã.            (ii) João <i>morreu</i> ontem.            (iii) A bomba de João <i>explodiu</i> meia noite.</p>	<p><b>Evento atélico:</b> é aquele que corresponde a uma situação que não tende necessariamente a um fim (a um ponto final).</p> <p><u>Exemplos:</u> caminhar, correr, chover, ler, etc.            (i) João <i>caminhava</i> pela praça.            (ii) João <i>corria</i> pela quadra de esportes.            (iii) <i>Chovia</i> quando voltei.</p>
<p><b>Evento pontual:</b> quando uma situação (evento) se realiza em um determinado momento/ponto.</p> <p><u>Exemplo:</u> achar, etc.            (i) João <i>achou</i> a chave.</p>	<p><b>Evento durativo:</b> quando uma situação (evento) perdura no tempo.</p> <p><u>Exemplos:</u> procurar, estudar, etc.            (i) João <i>procura</i> a chave da casa.            (ii) João <i>estuda</i> linguística.</p>
<p><b>Evento estático:</b> é aquele em que as fases de um evento não são diferentes, mas iguais/homogêneas. Ou melhor, não é possível observar fases inicial, medial e final.</p> <p><u>Exemplos:</u> conhecer, saber, etc.            (i) João <i>conhece</i> a verdade dos fatos.</p>	<p><b>Evento dinâmico:</b> é aquele em que as fases de um evento são diferentes.</p> <p><u>Exemplos:</u> correr, mastigar, caminhar, pular, etc.            (i) João <i>mastigou</i> bem a carne.</p>

Fonte: Extraído de Fossile (2012, p. 56).

Vemos, nos pares acima, uma oposição do significado aspectual inerente considerando tipos de eventos: evento télico  $\neq$  evento atélico; evento pontual  $\neq$  evento durativo; e evento estático  $\neq$  evento dinâmico. Fossile (2012, p. 57) explica que o significado aspectual inerente pode ser modificado – ou eliminado, ou reforçado – a depender da marca morfológica atribuída ao verbo pelo falante. “Estudar”, por exemplo, é um verbo inerentemente durativo, não obstante, em uma sentença como “João estudou espanhol”, a morfologia combinada com o verbo elimina



o valor de duração, tornando tal sentença perfectiva. Por outro lado, em “João estudava espanhol”, a marca morfológica atribuída ao verbo em questão reforça seu valor durativo, resultando em uma sentença imperfectiva (FOSSILE, 2012, p. 57): com final aberto. Em outras palavras, existe relação entre aspecto inerente (tipo do verbo ou tipo do evento) e aspecto gramatical (perfectivo X imperfectivo, por exemplo), permitindo a manipulação de Aspecto por parte do falante usuário da língua.

Direcionando a discussão ao objeto de nosso interesse, o tipo do evento expresso pelo verbo na ocorrência do PPC contribui, em alguma medida, para sua interpretação aspectual:

- ⇒ **Eventos télicos e eventos pontuais podem favorecer a leitura perfectiva do PPC.** Como vimos, os eventos télicos correspondem a situações que tendem a um ponto final, como “*morirse*”; e os eventos pontuais, a situações acontecidas em um determinado momento ou ponto: “*encontrar algo*”, por exemplo. Essas características podem conduzir à leitura perfectiva do PPC, pois, teoricamente, tais eventos expressam uma situação que é finalizada.
- ⇒ **Eventos atélicos e eventos durativos podem favorecer a leitura continuativa do PPC.** Como vimos, os eventos atélicos correspondem a situações sem tendência a um ponto final, como “*caminar*”; e os eventos durativos, a situações que perduram no tempo: “*estudiar*” e “*dormir*”, por exemplo. Essas características podem conduzir à interpretação continuativa do PPC, pois, teoricamente, tais eventos não marcam/focalizam o término da ação.

Como já mencionamos anteriormente, Aspecto é manipulável. Nesse sentido, Oliveira (2010, p. 182-183) afirma que olhar para situações semelhantes às que estamos discutindo não é, por si só, suficiente na determinação do valor do PPC. Assim, é preciso considerá-las em combinação com outros elementos atualizadores de Aspecto – os complementos adverbiais e verbais –, sobre os quais discutimos nos próximos parágrafos. Na interpretação do valor aspectual do PPC, vemos o tipo de evento somente como uma pista, uma informação ou elemento mais a ser considerado durante a análise dos dados, nunca isoladamente.

Retomando o Quadro 15 que organizamos em páginas anteriores, determinados **complementos adverbiais** – item em (ii) – empregados pelo falante conduzem a certas leituras aspectuais do pretérito perfeito composto. Antes de ilustrar essas questões, contudo, cabe considerar que a ausência de complementos adverbiais também influencia na interpretação do valor do PPC, tornando-o ambíguo, conforme exemplo abaixo:

- (119) *Juan ha hecho sus deberes (todos los días)* (OLIVEIRA, 2010, p. 155).

A presença do complemento adverbial “*todos los días*” leva-nos a considerar um valor iterativo para o uso do PPC em questão. Sem essa informação, por outro lado, a leitura mais provável é a de um valor experiencial: Juan/João teve a experiência de fazer seus deveres.

Além desse comportamento que contempla um contraste presença/ausência de complementos adverbiais, observa-se que alguns elementos podem ser inseridos pelo usuário como estratégia para reforçar determinado valor aspectual. É o caso, por exemplo, de um verbo durativo, como “*vivir*” – em termos de modo de ação, trata-se de um verbo de estado – e o complemento adverbial “*desde que nació*”, segundo o exemplo que reproduzimos na sequência:

- (120) *Juan ha vivido acá (desde que nació)* (OLIVEIRA, 2010, p. 155).

Conforme sinalizamos no Quadro 15 organizado em páginas anteriores, García Fernández (2000) propõe quatro tipos de complementos adverbiais (e algumas subdivisões) que atuam sobre variedades de Aspecto, a saber:

Quadro 18 – Complementos adverbiais de duração, localização, fase e frequência, com base em García Fernández (2000, p. 78-81)

Tipo de CA	Descrição
⇒ CA de duração	<p>Sua função é oferecer informação sobre o desenvolvimento do evento, segundo García Fernández (2000, p. 78). Esse pesquisador explica que os CA de duração estão subdivididos em:</p> <p><b>(i) Quantitativos</b> – “<i>en</i>”, “<i>durante</i>” e “<i>para</i>”, por exemplo. São utilizados para indicar quanto dura o evento: de quando começa até quando termina. No exemplo</p>

	<p>“Esta mañana Juan <u>ha subido</u> las escaleras <b>en tres minutos</b>” (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 78), o complemento adverbial “<i>en tres minutos</i>” quantifica o tempo levado por Juan/João para praticar a ação de “<i>subir las escaleras</i>”, a qual é codificada pelo pretérito perfeito composto.</p> <p><b>(ii) Delimitativos</b> – “<i>desde</i>”, “<i>desde...hasta</i>”, “<i>hasta</i>”, “<i>de...a</i>”, “<i>de ahora en adelante</i>”, “<i>a partir de</i>” e “<i>entre</i>”. Tais complementos adverbiais “<i>nos dan información sobre la duración del evento verbal, pero también sobre el momento en que comienza y/o cesa dicho evento</i>” (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 78). Segundo o pesquisador hispanista, no exemplo “<i>Está durmiendo desde las tres</i>”, o complemento adverbial “<i>desde las tres</i>” indica o início do evento denotado pelo verbo em questão: “<i>dormir</i>”.</p>
<p>⇒ <b>CA de localização</b></p>	<p>Estes indicam o momento em que o evento está situado ou um período que o inclui (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 79). São exemplos desse tipo de CA: “<i>hace + &lt;complemento temporal&gt;</i>”, “<i>ayer</i>”, “<i>la víspera</i>”, “<i>ahora</i>”, “<i>hoy</i>”, “<i>a las tres</i>”, “<i>en Navidad</i>”, etc. Os complementos adverbiais de localização são subdivididos em:</p> <p><b>(i) De intervalo</b> – “<i>ayer</i>”, “<i>el año pasado</i>”, “<i>esta semana</i>”, “<i>últimamente</i>”, etc. Complementos adverbiais desse tipo fazem referência a um período que inclui o evento, como em “<i>Juan llegó ayer</i>”.</p> <p><b>(ii) De ponto</b> – “<i>a las tres</i>”, “<i>en ese momento</i>”, “<i>a medianoche</i>”, entre outros<sup>118</sup>. Expressam o momento da linha</p>

<sup>118</sup> Importa comentar que embora sejam advérbios temporais, a proposta de García Fernández (2000, p. 79) é considerar seu funcionamento no que diz

	temporal em que o evento está situado, com menor ou maior precisão: “ <i>Juan llegó a las tres</i> ” e “ <i>Murió hace años</i> ” são exemplos oferecidos por García Fernández (2000, p. 80).
⇒ CA de fase	São utilizados para indicar diferentes fases do desenvolvimento de um evento (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 80): “ <i>ya</i> ”, “ <i>todavía</i> ”, “ <i>ya no</i> ” e “ <i>todavía no</i> ”, por exemplo. Em “ <i>Juan todavía está aquí</i> ”, pressupõe-se uma fase anterior na qual Juan/João estava aqui e uma fase posterior na qual, possivelmente, ele já não esteja, conforme explicação do autor citado.
⇒ CA de frequência	Este último tipo de complementos adverbiais estabelecido por García Fernández (2000, p. 80) é empregado para indicar quantas vezes um evento aconteceu: “ <i>siempre</i> ”, “ <i>muchas veces</i> ”, “ <i>frecuentemente</i> ”, “ <i>a menudo</i> ”, “ <i>a veces</i> ”, “ <i>nunca</i> ” e “ <i>jamás</i> ” são complementos adverbiais que ilustram essa expressão da frequência.

Fonte: Elaboração própria.

Direcionando a reflexão sobre complementos adverbiais e sua influência no valor aspectual do pretérito perfeito composto, organizamos, em tópicos e de modo sintético, a discussão feita por Oliveira (2010). Assim, temos as seguintes considerações a respeito da relação [CA + uso aspectual do PPC]:

- ⇒ Os CA “*en*” e “*durante*” são incompatíveis com a leitura resultativa do PPC (OLIVEIRA, 2010, p. 159). Como dito anteriormente, os dois complementos em questão são utilizados para medir a distância entre o início e o final da situação, impossibilitando, nesse sentido, o foco no resultado de um evento. Nessa lógica, tornam-se agramaticais sentenças como “\**Ya he comido durante media hora*” e “\**Juan ya ha llegado en diez minutos*”.

---

respeito a variedades de Aspecto. Como explica o autor, fazê-lo não significa dizer que sejam advérbios aspectuais.

- ⇒ **A combinação [CA “durante” + verbo atético] é compatível com a leitura continuativa do PPC** (OLIVEIRA, 2010, p. 159). Esse complemento adverbial, associado a um verbo atético – como “nadar” –, torna possível a leitura continuativa, observada em casos como “He nadado durante media hora”.
- ⇒ **A combinação [CA “en” + verbo tético] é compatível com a leitura continuativa do PPC** (OLIVEIRA, 2010, p. 159). Contrastando com a explicação anterior, diferentemente do que acontece com “durante”, o CA “en” é incompatível com o Aspecto continuativo quando empregado com verbos atéticos. Assim, a sentença “\*He nadado en media hora” é agramatical. Em outras palavras, o complemento “en” funciona com verbos téticos, isto é, aqueles que marcam um final para a situação.
- ⇒ **Os CA “en” e “durante” são compatíveis com a leitura experiencial do PPC** (OLIVEIRA, 2010, p. 159). Das três variedades aspectuais do Perfecto/Anterior discutidas por García Fernández (2000) – Resultado, Continuativo e Experiencial –, esta última é a única compatível com os dois CA de duração de que estamos tratando. O enunciado “*No intentes competir con él; mi primo ya ha subido las escaleras en tres minutos en un montón de ocasiones*” (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 87) é um exemplo<sup>119</sup>.
- ⇒ **O CA “desde hace” é compatível com a leitura continuativa do PPC e, por outro lado, incompatível com a leitura perfectiva** (OLIVEIRA, 2010, p. 161-162). Esse complemento adverbial permite resolver a ambiguidade do PPC, forma verbal que, como já vimos, pode funcionar como Perfecto/Anterior e Perfectivo/Aoristo. Quando há presença de “desde hace” na ocorrência dessa forma verbal, a única leitura possível é a continuativa – durativa, precisamente –, conforme explicação da autora citada. O exemplo oferecido é: “*Juan ha estado enfermo desde hace dos años*”.

---

<sup>119</sup> Embora não seja oferecido um exemplo em que o PPC apareça acompanhado do CA “durante”, García Fernández (2000, p. 85) ilustra a combinação desse aspecto experiencial e o CA em questão através da sentença: “*No fue difícil adaptarse porque ya habíamos vivido en Francia durante varios meses en más de una ocasión*”.

- ⇒ **A combinação [CA “*hasta*” + verbo télico] é incompatível com a leitura perfectiva do PPC** (OLIVEIRA, 2010, p. 162). Para a ocorrência do valor de PPC Perfectivo/Aoristo, é necessário que essa forma verbal funcione com verbos télicos, os quais são incompatíveis com complementos introduzidos por “*hasta*”. Nessa lógica, a sentença “\**He fabricado tu violín hasta esta mañana*” é agramatical, conforme a autora citada.
- ⇒ **O CA “*ya*” favorece a leitura experiencial e resultativa do PPC, mas nunca a continuativa** (OLIVEIRA, 2010, p. 162-163). A presença do CA em questão é relevante para a interpretação do valor do pretérito perfeito composto, pois, elimina a ambiguidade aspectual do PPC Perfecto/Anterior que apresenta três variedades de Aspecto (como já vimos): Resultado, Continuativo e Experiencial. Quando ocorre com o complemento “*ya*”, tem-se, provavelmente, um significado experiencial ou resultativo.
- ⇒ **Os CA “*recientemente*” e “*últimamente*”, nessa ordem, favorecem as leituras perfectiva e continuativa do PPC** (OLIVEIRA, 2010, p. 163). O primeiro é um advérbio de perfectividade, trazendo, em seu funcionamento, a exigência de situações concluídas. O segundo, por outro lado, é um advérbio de imperfectividade – valor que, como já vimos, assemelha-se ao Aspecto Perfecto/Anterior Continuativo –, combinando-se com situações iterativas e durativas. O enunciado “*Su padre ha muerto recientemente*” ilustra o caso da perfectividade e “*Lo he visto mucho últimamente*”, por sua vez, o valor continuativo.
- ⇒ **Os CA de negação, como “*todavía no*”, favorecem a leitura durativa do PPC** (OLIVEIRA, 2010, p. 163-164). Esse tipo de CA deixa em aberto o limite da situação expressa pelo verbo, cuja característica não é semanticamente possível para expressões perfectivas – como a do PPC Perfectivo/Aoristo. Assim, sentenças como “*María todavía no ha hecho las maletas*” são interpretadas como a expressão de um valor durativo. Em outras palavras, considera-se que a negação durativiza o predicado (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 108).

- ⇒ **Em geral, os CA de frequência – como “*siempre*”, “*muchas veces*”, “*frecuentemente*”, entre outros – favorecem a leitura continuativa do PPC: duração ou iteração.**

Apresentamos, até o presente momento, possíveis influências dos complementos adverbiais no que se refere ao uso do pretérito perfeito composto. Nos próximos parágrafos, passamos a levar em consideração, ainda no âmbito de Aspecto, os **complementos verbais** como pistas relevantes para gerar certas leituras aspectuais do PPC – elementos citados em (iii), tendo-se em conta o Quadro 15 que organizamos em páginas anteriores. Em suma, também é possível interpretar o valor aspectual do pretérito perfeito composto tendo como base, nessa tarefa, o número – singular ou plural – do sujeito e do objeto (especialmente deste último) que se ligam ao verbo codificado pelo PPC. Para organizar a discussão, separamos as possibilidades discutidas por Oliveira (2010, p. 164-168) em três casos.

No Caso 1, observa-se uma associação do tipo “objeto plural/leitura iterativa” e “objeto singular/leitura experiencial”, questão mais bem compreendida a partir dos exemplos reproduzidos abaixo:

- (121) *He oído a varias personas que han ido y todos han salido igual de enfadados de lo mal que han comido ahí... han comido muy mal.*
- (122) *He oído a Juan que ha ido y ha salido igual de enfadado de lo mal que ha comido ahí... ha comido muy mal* (OLIVEIRA, 2010, p. 166).

Imaginemos que “*varias personas*” – um objeto plural –, presente na ocorrência em (121), tenha quatro pessoas como referente. Então, a situação de “*oír/ouvir*” contempla quatro realizações da ação expressa por esse verbo: [ouvir a “*persona 1*”] + [ouvir a “*persona 2*”] + [ouvir a “*persona 3*”] + [ouvir a “*persona 4*”]. Os demais verbos destacados – “*ir*”, “*salir*” e “*comer*” – seguem uma lógica semelhante: cada uma das quatro pessoas esteve envolvida nessas ações, em momentos distintos, isto é, separadamente. Em uma ocorrência do PPC que conte com um objeto singular como “*Juan/João*” – exemplo em (122) –, por outro lado, temos uma única realização da ação (portanto, ela não se repete): [ouvir *Juan/João*]. Neste último caso, já não se trata de um aspecto iterativo; senão, de um valor experiencial: o falante teve a experiência de ouvir o

relato de Juan/João, que vivenciou uma situação desagradável quando foi a determinado lugar e a comida não era boa, fato que o chateou<sup>120</sup>.

No Caso 2, a oposição se dá entre (i) objeto introduzido por elemento indefinido (favorecendo uma leitura experiencial) e (ii) objeto introduzido por elemento definido (conduzindo a uma leitura perfectiva), conforme exemplos reproduzidos na sequência:

(123) *Ahí hemos vendido también **alguna obra**.*

(124) *Ahí hemos vendido también (**la / aquella / una**) obra* (OLIVEIRA, 2010, p. 167).

Na situação em (123), o emissor vivenciou a experiência de vender alguma obra (de arte, por exemplo), qualquer uma. Em (124), por outro lado, trata-se de uma obra específica: “*la obra*”, “*aquella obra*” ou “*una obra*”<sup>121</sup>. Esses elementos definidos – artigo, pronome demonstrativo e numeral, respectivamente – conduzem a uma interpretação de perfectividade na ação de “*vender*”, conforme explicação de Oliveira (2010, p. 167).

No que se refere ao Caso 3, passamos a tratar de uma diferença aspectual a partir do número do sujeito, cuja consideração pode levar-nos a leituras distintas: (i) quando o sujeito é plural, a leitura mais provável é a iterativa; (ii) quando o sujeito é singular, é favorecida a interpretação durativa. Importa destacar que, nesses dois casos, estamos lidando com o PPC de Continuidade, variedade que, como vimos em parágrafos anteriores, apresenta comportamento duplo: o PPC *continua* a partir das noções de duração ou iteração. Contrastivamente, Oliveira (2010, p. 167) as discute expondo os seguintes exemplos:

(125) *Pues sí me han gustado **muchos chicos** antes que F//...*

(126) *Pues si me ha gustado **Juan** antes que F//...* (OLIVEIRA, 2010, p. 167).

---

<sup>120</sup> Nesse exemplo, lidamos com duas situações de experiência: (i) a de Juan/João, que passou por uma situação desagradável; e (ii) a do próprio emissor do exemplo em (122), que ouviu o relato da experiência de Juan/João. Todas as formas de PPC são interpretadas como codificação de aspecto experiencial.

<sup>121</sup> Nessa lógica, é preciso considerar que “*una*” também pode cumprir função de numeral e não de artigo indefinido, então, também parece possível a leitura experiencial.



Nas situações trazidas, a lógica é semelhante à que já discutimos anteriormente para o Caso 1. Em (125), devido à presença do sujeito plural “*muchos chicos*”, a ação de “*gustar*” tem várias realizações (portanto, há repetição): [gostar de “garoto 1”] + [gostar de “garoto 2”] + [gostar de “garoto 3”], etc. No exemplo em (126), no qual há o sujeito singular “Juan/João”, trata-se de apenas uma realização da ação de “*gustar*”. Nesse caso, para a leitura durativa, consideramos também o significado aspectual inerente do verbo em questão, que não permite a expressão de uma situação pontual/momentânea, senão durativa.

Oliveira (2010, p. 167, em nota) destaca duas questões importantes nestes últimos exemplos. Uma delas é que o verbo “*gustar*” do espanhol, em comparação com o verbo “gostar” do português, apresenta comportamento gramatical diferente: enquanto no primeiro o elemento posposto ao verbo – “*muchos chicos*” ou “Juan” – desempenha função gramatical de sujeito, no segundo tal elemento exerce função de objeto. A outra questão é que a interpretação iterativa do exemplo em (125) acontece via pragmática: o receptor infere que o emissor tenha gostado de “muitos garotos” em oportunidades diferentes.

Consideramos suficiente a reflexão apresentada nesta seção, na qual discutimos valores de Aspecto codificados pelo PPC e o impacto de alguns elementos no que diz respeito à interpretação aspectual dessa forma verbal. Na próxima seção, apresentamos brevemente a possibilidade de olhar para o comportamento do fenômeno influenciado pela Modalidade.

### 3.2.3 O PPC e a categoria Modalidade<sup>122</sup>

A Modalidade pode ser definida como “a designação, na frase, da atitude do falante com relação ao seu próprio enunciado, a explicitação da atitude psíquica do falante em face da situação que exprime” (TRAVAGLIA, 1981, p. 284). Nessa direção, são noções modais: certeza, prescrição, obrigação, necessidade, volição, intenção, possibilidade, probabilidade, entre outras.

Conforme é possível perceber ao longo do presente capítulo – e também do Capítulo 2, dedicado à resenha de pesquisas sobre o fenômeno –, Tempo e Aspecto são as categorias que atuam mais fortemente no uso do pretérito perfeito composto. Cabe considerar, contudo, uma possível atuação da Modalidade no emprego dessa forma

---

<sup>122</sup> Esta seção tem como base discussão realizada em Gesser (2015, p. 63-71).

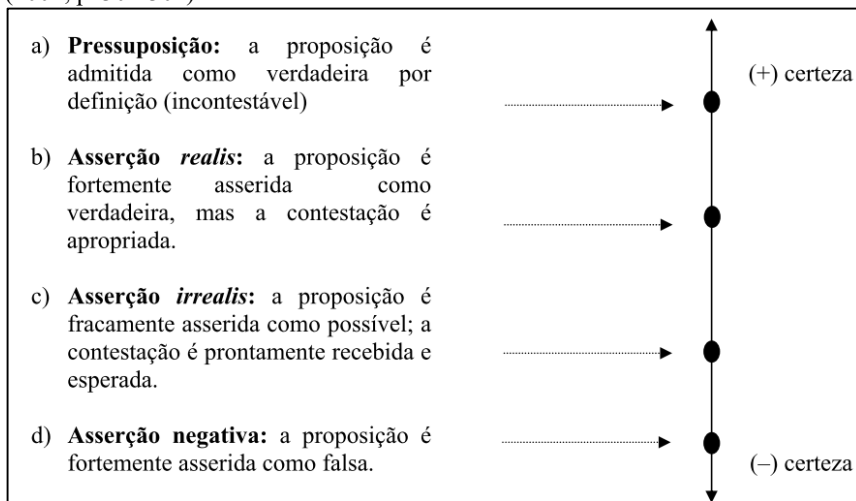
verbal, que, segundo indica o alcance de nossas leituras, passou a ser discutida na literatura mais recentemente.

Com base no estudo de Godoy e Dias (2003) e fundamentada em Givón (2001), Oliveira (2008) examina a oposição entre o pretérito perfeito simples (*canté*) e o pretérito perfeito composto (*he cantado*), levando em conta que essas formas verbais, em certos contextos de uso, podem ser condicionadas pela pressuposição do falante e, principalmente, pelas modalidades *realis* e *irrealis*.

No que diz respeito à pressuposição, Godoy e Dias (2003) defendem que a escolha por uma das duas formas do pretérito perfeito tem relação com os contextos de dúvida e de certeza nos quais a perspectiva do falante está inserida. Nesse sentido, a hipótese formulada pelas pesquisadoras é que, por um lado, contextos de dúvida tenderiam a favorecer o uso do PPC, e, por outro lado, contextos de certeza seriam terreno mais propício ao emprego do PPS.

Posteriormente, Oliveira (2008) testa a hipótese formulada por Godoy e Dias (2003), levando em consideração o gradiente de menor [-] e maior [+] nível de certeza proposicional proposto por Givón (2001), o qual reproduzimos a seguir:

Quadro 19 – Gradiente de certeza das modalidades epistêmicas segundo Givón (2001, p. 301-302)



Fonte: Extraído de Oliveira (2008, p. 14).

Combinando a discussão de Godoy e Dias (2003) sobre a relação da variação entre *cantê/he cantado* e os contextos de certeza/dúvida com o gradiente de certeza no âmbito da modalidade epistêmica proposto por Givón (2001), Oliveira (2008) sugere que contextos interrogativos sejam contemplados na análise do fenômeno, já que, em princípio, devem apresentar algum nível de certeza (alto ou baixo) no que se refere à perspectiva do falante. Assim, a hipótese final divide contextos interrogativos em dois grupos – perguntas sim/não e perguntas *wh* – e prevê, para cada um deles, o uso de uma das formas de passado.

Por um lado, perguntas do tipo sim/não – *yes/no questions* –, devido à maior possibilidade de expressar baixa certeza epistêmica [-certeza], tenderiam a favorecer o uso da forma composta (PPC + *irrealis*). Por outro lado, perguntas introduzidas por pronomes interrogativos – *wh questions* –, por estarem situadas mais próximo da extremidade [+ certeza] do gradiente proposto por Givón (2001), seriam favoráveis ao emprego da forma simples (PPS + *realis*).

Apesar da subjetividade presente na opinião do falante, importa observar que perguntas *wh*, introduzidas por pronomes como “quem”, “que/o que”, “onde/aonde”, “como”, “por que”, etc., estão em um grau mais alto de certeza, pois, estão relacionadas com a pressuposição [+ certeza]. Quando um falante questiona, por exemplo, “**quem** comeu o bolo?”, pressupõe-se que “**alguém** comeu o bolo”<sup>123</sup>. A mesma lógica se aplica aos demais pronomes interrogativos: pressupõe-se a existência de “algo” (quê? o quê?), “algum lugar” (onde/aonde?), “alguma maneira” (como?), “algum motivo” (por quê?), entre outros.

A partir da discussão sintetizada nos parágrafos anteriores, realizamos, em Gesser (2015), uma análise dos contextos interrogativos presentes nos enunciados do filme *Tropa de Elite* na dublagem neutral – tradução produzida em contexto mexicano, cabe recordar –, na tentativa de observar a associação “perguntas sim/não > PPC” e “perguntas *wh* > PPS”. No controle da frequência de uso das duas formas de passado, chegamos, naquele momento, aos seguintes números estatísticos:

---

<sup>123</sup> Naturalmente, pressupõe-se também que existiu um bolo.

**Tabela 5 – Frequência de uso do PPS e do PPC em contextos interrogativos na dublagem neutral**

Forma verbal do pretérito perfeito do indicativo	Contextos interrogativos	
	Perguntas sim/não <i>yes/no questions</i>	Perguntas <i>wh wh questions</i>
<b>PPS</b> <i>canté</i>	31 81,5%	24 96%
<b>PPC</b> <i>he cantado</i>	7 18,5%	1 4%
<b>Total</b>	<b>38</b> <b>100%</b>	<b>25</b> <b>100%</b>

Fonte: Extraído de Gesser (2015, p. 65).

Como é possível ver, verificamos maior frequência de uso do pretérito perfeito simples tanto em perguntas sim/não (contexto favorável ao PPC, segundo a literatura) como em perguntas *wh* (contexto favorável ao PPS): 81,5% e 96%, respectivamente. Sem tornar exaustiva a discussão, observamos, em termos quantitativos, que, embora assinale um leve aumento de PPS em *wh* e de PPC em *yes/no*, a hipótese não se confirma totalmente na amostra analisada, pois a forma simples é altamente produtiva nos dois contextos interrogativos da dublagem neutral.

Posteriormente à quantificação das ocorrências, passamos a refletir qualitativamente sobre os dados – contemplando, nessa tarefa, um olhar atento caso a caso –, de modo a buscar razões que justificassem a alta frequência de uso da forma simples em um contexto previsto, teoricamente, para o PPC. Observamos, então, que a maior parte das perguntas sim/não presentes nos enunciados da amostra neutral não está associada à modalidade *irrealis*: embora esses contextos interrogativos específicos sejam do tipo sim/não, na verdade são perguntas retóricas ou perguntas que estão mais associadas à [+ certeza], conforme ilustramos a partir das ocorrências abaixo:

(127) *¡Romerito! ¡Romerito! ¿No dijiste que irías a estudiar?*

(128) *¿Hiciste la prueba y pasaste?*

(129) *Coronel, ¿me mandó llamar?*

(130) *Ah, ¿ya te gustó la bolsa?* (GESSER, 2015, p. 69).

Os dados trazidos são, na realidade, perguntas cujas respostas os emissores (i) já têm devido a situações anteriores e/ou (ii) não esperam obter como afirmativas ou negativas – “*si*” e “*no*” –, justificando o que estamos discutindo: há ocorrências que não apresentam forte contexto de [- certeza], embora sejam perguntas sim/não. Considerando os contextos dos enunciados, em (127) o emissor na verdade está repreendendo o receptor por não haver cumprido o prometido. Em (128), o emissor sabe que o receptor “*hizo*” (primeiro PPS) a prova e *presupõe* (+ *realis*) que o resultado é positivo (segundo PPS), devido à excitação percebida na fala do receptor. Na mesma direção, em (129) não é esperada uma resposta do tipo sim/não; trata-se, na verdade, de uma pergunta cujo significado seria mantido, sem prejuízos semântico-pragmáticos, se a fala fosse substituída por: “*¿En qué le puedo ayudar?*”, dado o fato de o falante saber que o coronel o havia chamado. Finalmente, na ocorrência em (130), o emissor – o Capitão Nascimento – está torturando um dos fogueiteiros, e, nessa lógica, a pergunta feita pelo protagonista é uma provocação ao personagem que atua, a mando dos traficantes, como vigia no morro. Em suma, nenhum dos casos reflete verdadeiramente contextos de dúvida, o que nos leva a assumir que o nível de certeza atribuído aos tipos de pergunta de que estamos tratando não é meramente uma questão estrutural, senão comunicativa.

Há, também, muitas perguntas que estão relacionadas com o jargão policial, bastante frequente no corpus examinado, devido aos conflitos sociais trazidos na trama do filme *Tropa de Elite* e aos personagens da comunidade de fala retratada na obra cinematográfica em questão, especialmente os policiais do BOPE. São situações em que, através das perguntas do tipo sim/não, o falante/personagem não deseja receber necessariamente uma resposta para algo que não sabe ou não conhece – então, não envolve um contexto de dúvida. Em muitos casos, a intenção do falante é reforçar uma ordem dada anteriormente. Nesses contextos de imperativo, a pergunta (em que o PPS ocorre) funciona como estratégia para enfatizar o pedido, razão pela qual, novamente, não podem ser considerados contextos de dúvida, em termos pragmático-discursivos. Para explicar essa questão, selecionamos as ocorrências a seguir que ilustram o jargão policial e/ou o contexto de imperativo com uso produtivo de verbos ou construções da ordem da percepção e da cognição:

- (131) *Todo el mundo se dirigirá al centro de reunión que está en el centro del complejo. ¿Quedó entendido?*

- (132) *¡Nacimiento! Eso es lo que va a hacerse. La operación comienza mañana. ¿Quedó claro?*
- (133) *¡Todos a formarse! ¿Escucharon?*
- (134) *¡No vuelvas a hablar mal de mi trabajo en esta casa! ¿Quedó entendido?*
- (135) *¿Quedó entendido? ¡Quién manda en esta casa ahora soy yo!* (GESSER, 2015, p. 70-71).

A partir da análise das perguntas (sim/não e *wh*) realizada em Gesser (2015), concluímos que a busca pela atuação das modalidades *realis* e *irrealis* nos contextos interrogativos do filme *Tropa de Elite*<sup>124</sup> não é pertinente para os propósitos desta dissertação – no sentido de realizar um novo tratamento estatístico –, pois a maior parte das perguntas sim/não da amostra em análise reflete, como vimos, mais *realis* que *irrealis*, impossibilitando verificar a hipótese que prevê a associação “perguntas sim/não > *irrealis* > PPC” e “perguntas *wh* > *realis* > PPS”. Assim, tendo em conta essa característica própria de nosso corpus fílmico, optamos por considerar a contribuição da Modalidade em âmbito qualitativo – inclusive em contextos assertivos, além de enunciados interrogativos. Nesse sentido, cabe recordar a possibilidade de sobreposição de valores no emprego do PPC, questão prevista na multifuncionalidade de formas verbais em gramaticalização. Desse modo, conjecturamos que, nos dados analisados nesta dissertação, *irrealis* seja um valor modal sobreposto a outro significado (de Tempo e/ou Aspecto) na ocorrência do PPC, conforme os exemplos abaixo:

- (136) *No he tenido vacaciones en cuatro años.*
- (137) *¿Has perdido la noción del peligro?* (GESSER, 2015, p. 52).

Ilustrando brevemente, observamos, em (136), a sobreposição da noção modal *irrealis* e do valor aspectual durativo – PPC Continuidade –, leitura gerada pela presença da negação e do complemento adverbial “*en cuatro años*”, respectivamente. Além disso, segundo vimos a partir de García Fernández (2000), a negação durativiza o predicado, favorecendo a interpretação de duratividade. Em (137), dá-se uma combinação do valor modal *irrealis* e da noção temporal de

---

<sup>124</sup> Especificamente.

*antepresente*: a situação expressa pelo PPC “*has perdido*” tem relação com o momento de fala.

Consideramos suficiente a reflexão feita nesta seção com o propósito de explicitar que a Modalidade, como categoria verbal, também contribui para o entendimento da (multi)funcionalidade do pretérito perfeito composto no espanhol. Na próxima seção, recuperamos os estágios de gramaticalização do PPC e estabelecemos, de modo preciso, as funções codificadas por essa forma verbal, as quais são levadas em conta durante a análise das amostras linguísticas selecionadas para esta pesquisa.

### 3.3 A MULTIFUNCIONALIDADE DO PPC: RECUPERANDO OS ESTÁGIOS DE GRAMATICALIZAÇÃO E ESTABELECENDO MACROFUNÇÕES, FUNÇÕES E SUBFUNÇÕES

Vimos, ao longo do presente capítulo – e também do Capítulo 2, em que resenhamos estudos sobre variedades hispânicas –, que diversos são os valores identificáveis no uso do pretérito perfeito composto, a depender dos interesses do pesquisador. Para os propósitos desta investigação, delimitamos nossa busca a partir das macrofunções, funções e subfunções presentes nos estágios de gramaticalização do PPC segundo a previsão de Harris (1982), pois é um caminho de base em alguns trabalhos sobre o fenômeno cuja proposta é semelhante à desta dissertação (OLIVEIRA, 2010; SQUARTINI; BERTINETTO, 2000; RODRÍGUEZ LOURO, 2008; especialmente).

Ao estabelecer a funcionalidade do PPC, nesta seção, contemplamos discussão feita nas seções anteriores – especialmente sobre o uso do PPC no âmbito de Tempo e Aspecto. Nessa direção, embora já tenhamos mencionado de modo sintético as etapas de evolução do PPC na seção 2.2.1, julgamos pertinente fechar este capítulo retomando-as para uma discussão que dialogue com as categorias Tempo, Aspecto e Modalidade, razão pela qual reproduzimos o quadro a seguir:

Quadro 2 – Estágios de gramaticalização do PPC, com base em Harris (1982) e Oliveira (2010)

<b>Estágios de gramaticalização do pretérito perfeito composto</b>	
<b>Estágio de evolução</b>	<b>Descrição</b>
⇒ <b>Estágio 1:</b> PPC de Resultado	O PPC se restringe à expressão de estados presentes resultantes de ações passadas, sem descrever as ações por si mesmas, por mais recentes que sejam.
⇒ <b>Estágio 2:</b> PPC de Continuidade	O PPC ocorre somente em situações muito específicas, em contextos aspectualmente durativos ou repetitivos (iterativos).
⇒ <b>Estágio 3:</b> PPC de Relevância Presente	O PPC apresenta valor prototípico do <i>Present Perfect</i> de ação passada com relevância presente.
⇒ <b>Estágio 4:</b> PPC Aoristo/Perfectivo	O PPC desempenha função de pretérito (Aoristo <sup>125</sup> ).

Fonte: Elaboração própria.

Com base nessas etapas de evolução do PPC, Oliveira (2010) analisou um corpus atual do espanhol – contemplando sete variedades diatópicas hispânicas<sup>126</sup> – e identificou as macrofunções: (i) PPC Perfecto/Anterior e (ii) PPC Perfectivo/Aoristo. Conforme vemos na figura que criamos na próxima página, em que organizamos os estágios de evolução segundo Harris (1982) e as funções encontradas por Oliveira (2010), o escopo de Perfecto/Anterior recobre Continuidade e Relevância Presente, além das subfunções destes últimos.

<sup>125</sup> Nesta etapa, o PPC substitui o PPS, ficando este último restrito a registros formais, conforme Oliveira (2010, p. 49).

<sup>126</sup> Conforme resenhamos na seção 2.2.2, Oliveira (2010) contempla jornais virtuais de sete cidades hispano-falantes: Buenos Aires, Cidade do México, Havana, La Paz, Lima, Madri e Santiago do Chile.



Figura 2 – Estágios de gramaticalização, funções e subfunções do PPC, com base em Harris (1982), Oliveira (2010) e Squartini e Bertinetto (2000)



Fonte: Elaboração própria.

Segundo explicação de Squartini e Bertinnetto (2000, p. 406-407), Harris (1982) estabeleceu quatro estágios de evolução para o pretérito perfeito composto a partir de padrões sincrônicos observados em diversas línguas – inclusive, as românicas –, contrastivamente, levando em consideração, nessa tarefa, a oposição PPS/PPC nos idiomas.

No Estágio 1, o PPC apresenta grau muito baixo de gramaticalização, fazendo referência a estados presentes resultantes de ações passadas (SQUARTINI; BERTINETTO, 2000, p. 407), em uma lógica igual à de “*tengo escrito el libro*” – isto é, o livro está finalizado/pronto. Nenhuma variedade hispânica apresenta esse uso do pretérito perfeito composto nos dias atuais.

No Estágio 2, o PPC expressa situações durativas e iterativas – exemplos em (138) e (139), respectivamente –, que têm início no passado e continuam até o momento de fala. Conforme Squartini e Bertinnetto (2000, p. 408), trata-se do significado inclusivo do Perfecto, no qual, como vimos em páginas anteriores, o evento continua em andamento no tempo de referência, que é coincidente com o tempo de fala. Nessa etapa, a noção de relevância presente, discutida na seção 3.2.1, não é possível.

**PPC Continuidade (duração):**

(138) *Las conclusiones, si son intelectualmente honestas, no deberían llegar de forma sencilla y rápida. La figura de Juan Pablo II como símbolo – y este es uno de los pontífices que más ha prestado valor a lo simbólico– es difícil de escrutar...* (OLIVEIRA, 2010, p. 213).

**PPC Continuidade (iteração):**

(139) *Medios italianos e internacionales han explicado en estos días que el prestigio indudable del cardenal Bergoglio en la Santa Sede se inició con su actuación en el Sínodo de 2001, donde hubo “admiración por su trabajo calificado de excelente”, comentó ayer a Clarín un vaticanista* (OLIVEIRA, 2010, p. 213).

O Estágio 3 é considerado um dos mais importantes, pois, segundo Squartini e Bertinnetto (2000, p. 413), o PPC passa a recobrir situações puramente perfectivas, devido ao processo de aoristização que essa forma verbal começa a sofrer, questão que mencionamos na seção 3.2.1. Os autores citados enfatizam que nessa etapa de evolução do PPC o elemento fundamental é a “relevância presente” e que, sobretudo, tal noção deve ser interpretada como subjetiva. Essa noção subjetiva expressa um sentimento psicológico do falante com relação ao que, em sua perspectiva, é relevante no presente. Vimos, na Figura 2, que o PPC

Relevância Presente recobre as subfunções Experiencial, Resultado e Passado Recente. As duas primeiras são subvariedades do Aspecto Perfecto/Anterior (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000), contudo, a lógica seguida para entendê-las como parte de um estágio mais avançado (em comparação com o PPC Continuidade, Estágio 2, que também faz parte do Aspecto Perfecto/Anterior) é que, na perspectiva do falante, trazer a experiência de uma situação passada para o presente – exemplo em (140) –, bem como o resultado atual de uma situação passada (141), é algo relevante para ele. A terceira subfunção – Passado Recente – é a mais expressiva na atuação de Tempo, recobrando contextos que indicam proximidade temporal da situação (142), incluindo a noção de “notícias recentes/*hot news*” (SQUARTINI; BERTINETTO, 2000, p. 414).

**PPC Relevância Presente (experiência):**

(140) *Este Papa ha sido amargamente responsabilizado de trabajar en asociación estrecha de propósitos con Ronald Reagan en los años 80 para producir lo que sucedió a comienzos de la década siguiente: el colapso del llamado "socialismo real" que se encarnaba en la Unión Soviética...* (OLIVEIRA, 2010, p. 214).

**PPC Relevância Presente (resultado):**

(141) *El mundo ha perdido un campeón de la libertad* (OLIVEIRA, 2010, p. 214).

**PPC Relevância Presente (passado recente):**

(142) *EEUU y Rusia están de acuerdo en que Irán y Corea del Norte no tengan armas nucleares. Así lo han afirmado esta tarde los presidentes ruso, Vladimir Putin, y estadounidense, George W. Bush, tras reunirse en Bratislava, la capital eslovaca, en la última etapa de la visita de Bush a Europa* (OLIVEIRA, 2010, p. 238).

No Estágio 4, o processo de aoristização é considerado estável e, assim, torna-se indiferente a distância temporal concernente ao tempo do evento: o PPC é empregado para expressar qualquer ação pretérita – exemplo em (143) – e, além disso, pode ser a única forma utilizada (SQUARTINI; BERTINETTO, 2000, p. 416), ficando o PPS restrito a contextos bastante específicos, como o registro formal (OLIVEIRA, 2010, p. 49).

**PPC Perfectivo/Aoristo:**

(143) *No es nuevo [el abrigo], me lo he comprado el año pasado con motivo de mi cumpleaños* (RODRÍGUEZ LOURO, 2008, p. 19, grifos nossos).

Na próxima página, organizamos em quadro-síntese<sup>127</sup> todos esses valores do pretérito perfeito composto que buscamos na análise dos dados, indicando a categoria verbal de maior expressividade no uso dessa forma verbal.

---

<sup>127</sup> Reproduzido da seção 2.2, por conveniência.

Quadro 3 – Síntese dos valores do PPC, com base em Harris (1982), Oliveira (2010) e Squartini e Bertinetto (2000)

<b>Macrofunção</b>	<b>Função</b>	<b>Subfunção</b>	<b>Categoria mais expressiva (TAM)</b>
<b>⇒ PPC Perfecto/Anterior</b>	Continuidade	Duração	Aspecto
		Iteração	Aspecto
	Relevância Presente	Experiência	Aspecto
		Resultado <sup>128</sup>	Aspecto
		Passado recente	Tempo
<b>⇒ PPC Perfectivo/Aoristo</b>	Perfêctivo/Aoristo	-	Tempo-Aspecto <sup>129</sup>

Fonte: Elaboração própria.

<sup>128</sup> Cabe chamar a atenção para o fato de que o valor de Resultado não se refere ao Estágio 1 descrito no Quadro 2. Como vemos a partir da organização acima, trata-se de uma subfunção sob o escopo de Relevância Presente (Estágio 3). A primeira fase da gramaticalização do PPC já foi superada por todas as variedades hispano-americanas, conforme Squartini e Bertinetto (2000).

<sup>129</sup> Nesta função, equivalente ao último estágio de gramaticalização do PPC, as duas categorias verbais são igualmente expressivas: o PPC codifica Tempo (passado em contexto pré-hodierno) e Aspecto (perfectivo).

Neste capítulo, situamos o fenômeno em meio ao processo de gramaticalização, o qual é responsável pelas mudanças ocorridas (e que continuam acontecendo) no pretérito perfeito composto através da atuação das categorias de TAM. Além disso, orientando a discussão deste capítulo para a análise dos dados, apresentamos pistas que auxiliam na interpretação dos valores codificados pelo PPC, especialmente nas seções 3.2.1 (Tempo) e 3.2.2 (Aspecto). Na sequência, refletimos sobre as amostras linguísticas deste estudo no âmbito da Tradução Audiovisual, contemplando discussão referente ao processo de tradução para dublagem no universo hispânico e, em especial, à variedade neutral do espanhol – praticada no processo tradutório que envolve esse idioma de grande alcance geográfico – e suas implicações para a análise do PPC.

## 4 TRADUÇÃO AUDIOVISUAL

Neste capítulo, apresentamos discussão com interesse especial na esfera da Tradução, de modo a contextualizar, em um primeiro momento (seção 4.1), a Tradução Audiovisual como campo de estudos – a partir de Asensio (2001), Chaume (2001; 2013), Martínez (2001) e Chiaro (2009) –, percorrendo, nesse sentido, desde sua origem no âmbito do cinema até a atualidade. Na sequência (seção 4.2), apoiados em Roig (2001), Koolstra *et al.* (2002), Chaume (2005), Barros (2006), Díaz Cintas e Remael (2007), Chiaro (2009), entre outros, discutimos as duas principais modalidades de tradução audiovisual mais consumidas nos dias atuais: a legendagem e a dublagem. Depois, na seção 4.3, argumentamos sobre nossa escolha pela dublagem em detrimento da legenda no que concerne à seleção das amostras para a análise linguística proposta neste estudo, a partir do conceito de *immediatez comunicativa*, discutido por Koch e Oesterreicher (2007 [1990]). Posteriormente (seção 4.4), com base em Asensio (2001), Martínez (2001), Villa (2002), Izquierdo (2006), Nájjar (2007), Bravo García (2008) e Chaume (2013), apresentamos o panorama de traduções audiovisuais ao espanhol, contemplando a dublagem produzida na Espanha e a dublagem feita em contexto hispano-americano, com atenção especial à tradução ao espanhol neutral e aos fenômenos e usos linguísticos compatíveis com esta última variedade hispânica, buscando descobrir possíveis impactos na ocorrência dos pretéritos no corpus fílmico analisado.

### 4.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA TRADUÇÃO AUDIOVISUAL

As amostras linguísticas selecionadas para este estudo – os materiais de áudio de um filme brasileiro em versões original e traduzidas – estão associadas a um dos campos de pesquisa nos Estudos da Tradução: a Tradução Audiovisual (TAV), compreendida, na perspectiva adotada por Chiaro (2009), como um termo guarda-chuva que abarca as seguintes possibilidades de tradução: (i) a tradução de mídia; (ii) a tradução multimídia; (iii) a tradução multimodal; e (iv) a tradução de tela.

Considerando os propósitos deste trabalho, o maior interesse recai sobre a tradução classificada em (iv), pois, entre os produtos contemplados no que diz respeito à tradução de tela justamente estão os filmes – “*and other products for cinema, TV, video and DVD*”

(CHIARO, 2009, p. 141). Nessa direção, Asensio (2001, p. 20), ao explicar que os estudos em TAV originalmente estavam associados à tradução cinematográfica, cita os seguintes tipos de tradução: dublagem, legendagem, *voice-over*, tradução simultânea, narração e *half-dubbing*, dos quais pode haver produção para diferentes gêneros audiovisuais, como por exemplo ficção, publicidade, documentários, entre outros.

Com vistas a uma perspectiva ampliada dessa definição, surge, então, a noção de tradução de tela/*screen translation*, que procura ser mais abrangente em comparação com a denominação “tradução audiovisual” pelo fato de incluir a tela do computador, permitindo, nesse sentido, considerar também a tradução de programas de informática em geral e videogames (ASENSIO, 2001, p. 20). Apesar da maior abrangência expressa pelo termo surgido posteriormente, cabe esclarecer, contudo, que optamos pelo emprego de “tradução audiovisual” nesta pesquisa devido à maior frequência de uso no contexto acadêmico<sup>130</sup>. Complementando a definição, Chaume (2013, p. 14) explica que, na Universidade, TAV é uma denominação utilizada para fazer referência às transferências semióticas, interlinguísticas e intralinguísticas entre textos audiovisuais. Para esse autor, a tradução audiovisual é uma modalidade de tradução de textos especiais, pois vários códigos de significação, que fazem uso de dois canais de comunicação distintos, convergem em tempo e espaço (CHAUME, 2001, p. 67).

Concernente à origem da TAV ter ocorrido no âmbito do cinema, Chiaro (2009, p. 141) conta que com a introdução das primeiras imagens cinematográficas com falas, na década de 1920 – já que, até então, existia apenas o cinema mudo e o cinema sonoro, os quais não contavam com diálogos falados –, foi necessário encontrar uma solução capaz de permitir a circulação dos filmes apesar das barreiras linguísticas que passaram a existir. Assim, o modo de traduzir o diálogo cinematográfico, fazendo com que o cinema fosse acessível aos falantes de todos os idiomas, tornou-se uma preocupação de diretores/cineastas norte-americanos e europeus, principalmente.

Importa esclarecer que mesmo durante o cinema mudo (1895-1927) eram utilizados recursos linguísticos: os intertítulos,

---

<sup>130</sup> O que provavelmente encontra justificativa no fato de a maior parte das pesquisas acadêmicas – incluindo esta dissertação – no campo da TAV ter interesse na tradução associada a filmes ou séries, por exemplo, havendo menor quantidade de trabalhos centrados em outros produtos abarcados pela tradução de tela, como jogos e programas de computador.



especialmente, que eram textos escritos, curtos, os quais geralmente não passavam de duas linhas, desempenhando a função de apresentar ao espectador uma narração ou diálogo (MARTÍNEZ, 2001, p. 190). Naquele contexto, a tradução da linguagem escrita era feita de dois modos: (i) os intertítulos originais eram cortados e substituídos por outros, com o texto traduzido, antes de o filme ser enviado para o exterior (nesse caso, a obra era traduzida no país de origem); e (ii) não havia tradução “texto escrito > texto escrito”, senão “texto escrito > texto oral”: o filme era vendido sem que houvesse tradução dos intertítulos já no produto, os quais eram apresentados aos espectadores no idioma original, contando, durante a projeção, com a presença de um ator que recitava a tradução para o público (MARTÍNEZ, 2001, p. 190).

O profissional encarregado de apresentar a tradução oral dos intertítulos também tinha a liberdade de oferecer sua interpretação das cenas do filme em exibição com comentários adicionais, o que, segundo Fielding (1980, p. 58), nas palavras de Martínez (2001, p. 190), tratava-se de uma contribuição vital naquele período, pois “*la forma y la estructura de las películas, sobre todo en casos de cambios de posición de la cámara o de montaje, podía confundir a los espectadores*”.

Nessa direção, Martínez (2001, p. 191) conta que Luis Buñuel, importante cineasta espanhol (1900-1983) naturalizado mexicano, reconhecia a importância da presença dos *explicadores* – como eram chamados esses profissionais –, porque, sem eles, provavelmente boa parte dos espectadores não conseguiria acompanhar o argumento da obra cinematográfica. Na descrição de Buñuel (1982) sobre essa realidade:

*En Zaragoza, además del pianista tradicional, cada sala tenía su explicador, o sea un hombre que de pie y junto a la pantalla explicaba la acción en voz alta. [...] El cine aportaba una nueva forma de narración tan sinuosa, tan poco habitual, que a la inmensa mayoría del público le costaba mucho entender lo que pasaba en la película, y cómo se sucedían los acontecimientos de una escena a la otra (BUÑUEL, 1982, p. 43 apud MARTÍNEZ, 2001, p. 191).*

Posteriormente, com o surgimento do cinema falado, em 1927<sup>131</sup>, houve dois efeitos opostos no que concerne ao conceito de língua na época em questão, conforme Martínez (2001, p. 194): (i) o cinema falado e sua tradução a outro idioma constituíam um modo de fazer conhecer – em outras palavras, internacionalizar – uma língua e, conseqüentemente, também uma cultura diferente; e (ii) essa mudança no cenário, por outro lado, supunha a criação de um muro entre as culturas devido à diferença entre os idiomas.

Sintetizando as ideias da autora sobre essas situações contrárias, importa ter em mente que a trajetória cinema mudo > cinema sonoro > cinema falado, cujos efeitos opostos se deram a partir da criação da tecnologia para o armazenamento e gravação de som/fala, resultou em um paradoxo: “*el sonido separaba lo que la universalidad del silencio había unificado*”. Nesse sentido, o silêncio presente no cinema mudo tornava possível mascarar as origens nacionais dos filmes, como uma espécie de esperanto visual, que incluía códigos interculturais, permitindo, assim, que o público imaginasse os diálogos (MARTÍNEZ, 2001, p. 195), independentemente de seu idioma materno, por exemplo. Metaforicamente falando, ocorre a construção de um muro entre os idiomas e as culturas expressas através deles: “*el sonido había desenmascarado la existencia de lenguas y de culturas diferentes*”, nas palavras da referida autora – fato que acaba movimentando o cenário tradutório.

Diferentemente do que acontecia no âmbito da tradução concernente ao cinema mudo – substituição de intertítulos e presença de profissionais *explicadores* –, traduzir o cinema falado tinha um custo alto. No entanto, as produtoras de Hollywood não queriam perder mercado, então, inicialmente, confiou-se na ideia ilusória – e de baixo custo – de que o inglês poderia tornar-se a “língua universal do cinema” (GOMERY, 1980a, p. 158 *apud* MARTÍNEZ, 2001, p. 196), sem a oferta de qualquer tipo de tradução dos diálogos dos personagens. Acreditava-se que tal ideia funcionaria especialmente com musicais,

---

<sup>131</sup> Martínez (2001, p. 192) explica que em 1927 aconteceu a estreia de *The Jazz Singer*, considerado o primeiro filme “falado”, cujo termo entre aspas é empregado para fazer distinção entre o “cinema falado” (linguagem verbal oral) e o “cinema sonoro”, pois, como se sabe, antes dessa estreia já havia produção de sons em obras cinematográficas. Segundo esclarecimento da autora, trata-se, na verdade, de um filme mudo com intertítulos convencionais, mas que conta com alguns diálogos falados. Seria, então, um *part-talkie* (filme parcialmente falado), diferenciando-se dos *talkies* (filmes totalmente falados).

pois a música e a dança presentes nesse gênero audiovisual deveriam ser, por si só, interessantes para o público; porém, não demorou muito para que a reação de alguns países fosse negativa, no sentido de haver invasão do inglês em seus territórios.

O passo seguinte dado pelos estúdios dos Estados Unidos, continua Martínez (2001, p. 196-197), foi produzir legendas de seus filmes oferecendo traduções aos idiomas francês, alemão e espanhol. Assim, os países de destino do produto cinematográfico deveriam escolher uma dessas três versões, cuja lógica, nesse sentido, era a de que algumas nações aceitavam uma segunda língua, a saber: a Turquia, a Grécia e a România, por exemplo, aceitavam o francês; a Holanda, o alemão; e Portugal, o espanhol<sup>132</sup>.

Após uma estratégia curiosa e econômica para o problema tradutório existente – a de cortar as cenas em que houvesse diálogos, substituindo-as por intertítulos com texto traduzido –, houve, em 1930, um aumento da oferta de idiomas para os quais as legendas eram produzidas (MARTÍNEZ, 2001, p. 197). As produtoras passaram a ter filiais estrangeiras que faziam a legendagem dos filmes para a língua local correspondente. Podemos mencionar dois fatos como exemplificação da complexidade existente na exibição de filmes nesse período e contexto históricos, segundo Gregg (1997), citado por Martínez (2001, p. 197): (i) a primeira vez em que *The Jazz Singer* – primeiro filme falado, produzido nos EUA – foi exibido em território parisiense, contou-se com intertítulos em francês (em substituição aos intertítulos originais, em inglês) e também legenda no idioma local, apresentada em outra tela, com a tradução dos poucos diálogos entre os personagens, que eram falados no idioma original; e (ii) no caso do Egito, poliglota no período, os filmes contavam com legendas em francês e, em tela à parte, também em grego e árabe. Apesar dos esforços citados, havia um grande problema impossível de encontrar solução dentro dos limites da legendagem: milhões de espectadores não sabiam ler.

Nessa direção, abria-se caminho para o trabalho em dublagem como possível solução tradutória. Algumas traduções nessa modalidade foram realizadas, contudo, devido à notória deficiência presente na qualidade de som e sincronia/ajuste, houve rejeição por parte da crítica e do público, conforme Martínez (2001, p. 198). A autora também

---

<sup>132</sup> Quanto aos lugares sem aceitação de uma segunda língua – ou de alguma das citadas, aparentemente –, os estúdios simplesmente enviavam a versão original, em inglês, conforme Martínez (2001, p. 197).

menciona a fala de Vincendeau (1988, p. 33), para quem o fracasso inicial da dublagem encontraria justificativa na ideia de que, segundo a percepção dos espectadores, “*cara y voz eran inseparables, y el doblaje ofrecía una impresión de engaño*”. Tal realidade fez com que surgissem questionamentos e o público passou a interrogar sobre a veracidade do cinema como tal, suas possibilidades técnicas e o papel que desempenhava na arte e na vida real, trazendo à tona não apenas uma nova perspectiva tecnológica como também mudanças no que diz respeito à relação entre o próprio cinema e seus espectadores (MARTÍNEZ, 2001, p. 198). Um dado interessante sobre a rejeição das primeiras dublagens é o trecho de uma notícia citada por Vincendeau (1988), que foi publicada em dezembro de 1930 no *Journal of the Society of Motion Picture Engineers*, reproduzida a seguir:

*La principal objeción al doblaje es que muestra a unos actores hablando perfectamente una lengua que desconocen. [...] Me pregunto si algún productor americano se ha planteado decir francamente a su público extranjero, en un letrero, que aunque los actores no hablen la lengua en cuestión han considerado justo, por razones de realismo, doblar las voces* (VINCEDEAU, 1988 *apud* MARTÍNEZ, 2001, p. 198).

Posteriormente, a elaboração de legendas também foi diminuindo<sup>133</sup> de forma significativa e, com o fracasso associado às primeiras traduções para dublagem, surgiu a produção de versões cinematográficas multilíngues: filmes passaram a ser gravados em diversos idiomas de modo simultâneo ou com pouca diferença de tempo entre as versões (MARTÍNEZ, 2001, p. 199).

Nas palavras de Martínez (2001, p. 199), Vincendeau (1988) explicita os seguintes modos como eram gravadas essas versões multilíngues:

⇒ A gravação de um filme em dois ou três idiomas poderia ser feita pelo mesmo diretor. Um exemplo é o caso de G. W. Pabst,

---

<sup>133</sup> Com exceção da produção de legendas na Holanda e na Suécia, que foram “*los únicos países que aceptaron inmediatamente el subtítulo, y éste es el único sistema que siguen utilizando hoy día. Las versiones dobladas son inexistentes*”, segundo Martínez (2009, p. 197).

que dirigiu a gravação de *The Threepenny Opera* (1931) nas versões em francês e alemão.

- ⇒ No caso de obras com saída para mais línguas – chegou-se a gravar até 14 versões –, cada uma poderia ter um diretor diferente, geralmente de nacionalidade correspondente ao idioma de cada versão. A gravação de *The Lady Lies* (1929) é um exemplo, a qual contou com seis diretores diferentes, cada um correspondendo a uma versão distinta do filme em questão.
- ⇒ Poderia haver variação no que diz respeito ao elenco a depender da versão e, principalmente, da habilidade linguística dos atores. Assim, contava-se com o trabalho de profissionais estrangeiros e até políglotas. O ator Pierre Batcheff, que havia emigrado da União Soviética e morava em Paris, deu vida ao mesmo personagem – um árabe – nas versões francesa e estadunidense do filme *Baroud* (1931). Outro exemplo é o de Greta Garbo, a atriz mais bem paga de Hollywood na década de 1930, que decidiu atuar nas versões alemã e sueca nas produções de seus filmes, já que era fluente nesses dois idiomas.

As produções multilíngues – em especial as que eram produzidas em contexto hollywoodiano – careciam de organização, o que, em algum momento, acabou resultando em falta de qualidade e rentabilidade, fazendo com que os estúdios abandonassem os projetos, segundo Martínez (2001, p. 206). Como resultado da baixa qualidade, espectadores que não eram estadunidenses passaram a demonstrar preferência por filmes gravados nos EUA que contavam com a presença de “atores de primeira classe”, os quais podiam ser dublados em idiomas estrangeiros. Em outras palavras, a preferência do público era pelo acesso à boa atuação dos atores hollywoodianos no contexto estadunidense, precisamente; e não por assistir à versão gravada diretamente em seu idioma, devido à performance inferior do elenco que participava da filmagem no contexto do país de destino, segundo a autora citada. Nessa lógica, as versões multilíngues foram diminuindo pouco a pouco, por conta dos altos custos associados à menor rentabilidade e do pouco êxito alcançado por quantidade expressiva dessas produções, questão também sinalizada por Chaume (2013):

*Los interesantes intentos de realizar versiones multilingües [...] en distintas lenguas, supusieron un sonoro fracaso para la industria del cine, tanto por su elevado coste, como especialmente por su impopularidad, ya que las audiencias de los distintos países receptores querían ver a los actores y actrices originales y no a sus homólogos locales (CHAUME, 2013, p. 14).*

Sobre os filmes hollywoodianos em versão espanhola, especificamente, Martínez (2001, p. 204) conta que a maior parte da produção de obras nesse idioma aconteceu em estúdios localizados em Joinville, na França, os quais foram fechados em 1932, fazendo com que a produção desse tipo de obra cinematográfica fosse transferida para Nova Iorque. Nesse contexto, existiram produções cinematográficas em espanhol até 1935, com atores oriundos da Espanha e da América Hispânica estabelecidos em Hollywood, cujo mercado foi percebendo, em pouco tempo, a existência tanto de variedades linguísticas – “*dialectos*”, na terminologia empregada pela autora em referência – como das regiões de fala hispânica, trazendo à tona um obstáculo nesse sentido. Nas palavras de Martínez (2001, p. 204), Gregg (1967) explica que começaram a surgir reclamações, por parte do público dessas versões hispânicas gravadas nos Estados Unidos, no sentido de que o espanhol utilizado nas produções causava estranheza, isto é, não era natural.

Enquanto as versões multilíngues aconteciam – e também sua má administração, em alguns casos –, o trabalho em dublagem foi sendo aperfeiçoado e existindo concomitantemente à produção de versões cinematográficas gravadas em mais de um idioma, apesar do fracasso inicial mencionado em parágrafos anteriores. Sobre o aperfeiçoamento da técnica empregada na dublagem, Chaume (2013) expõe:

*Aunque los primeros doblajes fueron técnicamente muy pobres, y además fueron recibidos por la audiencia con mucha frialdad e indiferencia, la interpretación de los actores y actrices de doblaje fue poco a poco ganando en credibilidad. El ajuste se convirtió en una prioridad, los traductores y adaptadores empezaron a reescribir guiones creíbles y convincentes en la lengua meta, ajustados a todo tipo de sincronías [...] traducciones que creaban la ilusión de estar escuchando diálogos reales o*

*diálogos cinematográficos creíbles que permitían que el espectador se inmiscuyera en la historia narrada en la pantalla y suspendiera su sensación de incredulidad* (CHAUME, 2013, p. 15).

Assim, chegou-se a um momento em que as versões multilíngues deixaram de ser produzidas. Dava-se maior terreno às traduções para dublagem (MARTÍNEZ, 2001, p. 206) em moldes próximos, em alguma medida, dos que conhecemos no presente, devido à melhora observada nas técnicas, especialmente no que diz respeito à sincronia: tornou-se possível trabalhar com trilhas de áudio diferenciadas, acomodando os efeitos sonoros em um espaço e os diálogos traduzidos em outro, por exemplo. Além disso, a autora explica que a dublagem era mais econômica em comparação com a produção multilíngue, chegando a custar um terço do valor desta última.

Finalmente, a partir dos anos 1940, o mercado da tradução de filmes e outros gêneros audiovisuais assume a divisão vivenciada hoje em dia, na qual são oferecidos, para o público de espectadores, produtos dublados e/ou legendados.

Após o breve percurso histórico apresentado até aqui, é conveniente retomar a discussão no que tange à nomenclatura “tradução de tela”. Saltamos ao período atual a partir de Chiaro (2009, p. 141), que chama a atenção para o fato de que nos dias atuais a noção de tela não está restrita às salas de cinema. Complementando a definição e a exemplificação dadas por Asensio (2001) no início desta seção, temos a televisão, computador, aparelhos de DVD, consoles de videogame, aparelhos de GPS e celulares (CHIARO, 2009, p. 141) como dispositivos nos quais é possível experienciar a tradução de tela. Mais recentemente, ainda poderíamos acrescentar a utilização de outro dispositivo dentre as possibilidades mencionadas, tendo em vista a presença da TAV: o *tablet*.

Devido ao considerável aumento da demanda e oferta de produtos audiovisuais, tem havido uma revolução no que concerne à TAV, cuja realidade se manifesta: (i) na multiplicação de redes de televisão regionais e locais; (ii) no aumento de atividades como a educação a distância; (iii) no surgimento de plataformas digitais; (iv) na expansão da televisão a cabo; (v) na expansão das emissões de televisão por satélite (ASENSIO, 2001, p. 21); entre outros.

Nesse sentido, o autor considera que um dos aspectos por trás da revolução citada é o avanço tecnológico, que se concretizou através da emissão de sinal por satélite, da transmissão através de fibra ótica, do

DVD e de produtos multimídia. Segundo ele, naquele momento – em 2001 –, o sinal de satélite permitia transmitir dois canais de áudio (versão dual), oferecendo ao espectador a possibilidade de assistir a um produto audiovisual no idioma original ou em uma versão dublada. Como previsões para um futuro próximo, Asensio (2001) diz o seguinte:

*En un futuro próximo se podrá emitir por satélite en siete canales diferentes, ampliándose la posibilidad de recibir versiones dobladas a más lenguas. La fibra óptica abaratará las limitaciones económicas actuales y será posible recibir tres señales de vídeo para una de audio, de aplicación para las versiones subtítuladas. Las emisiones para sordos pueden simultanear ya la versión original con una ventana con interpretación en lenguaje de signos con teletexto con subtítulo especial para sordos* (ASENSIO, 2001, p. 21).

No que tange à possibilidade de transmitir mais versões traduzidas de um mesmo produto, no contexto atual é possível observar um avanço em direção a essa previsão com o surgimento de plataformas virtuais, como é o caso da empresa Netflix, cujo serviço de *streaming* é bastante consumido no mundo todo hoje em dia. Embora a tecnologia não seja necessariamente a que foi mencionada por Asensio (2001), o efeito parece ser semelhante: a empresa em questão disponibiliza várias traduções para dublagem e legendagem no contexto de um mesmo produto audiovisual, permitindo ao usuário/espectador escolher entre diversas versões<sup>134</sup>, a depender da obra em catálogo.

Apenas ilustrando a dimensão e a importância desse tipo de serviço – e, conseqüentemente, da TAV –, no que diz respeito ao entorno da tradução para dublagem, podem ser oferecidos alguns tipos de materiais de áudio<sup>135</sup>, a saber: (i) o diálogo no idioma original; (ii) traduções dubladas; e (iii) descrição em áudio – este último particularmente destinado a deficientes visuais. Nesse sentido, o ideal é que, futuramente, seja possível disponibilizar versões de descrição em

---

<sup>134</sup> De idiomas e de variedades de uma mesma língua, cabe frisar.

<sup>135</sup> Entendendo que o uso de “áudio dublado” ou “dublagem” não dá abrangência ao áudio oferecido no idioma original, optamos pelo emprego de “material de áudio” com vistas a fazer referência a essas duas noções (original e traduzido), englobando-as em uma categoria mais ampla.



áudio produzidas em diversos idiomas, assim como acontece com a oferta de versões dubladas; e não majoritariamente em inglês – quase sempre quando este é o idioma original do produto audiovisual –, que é o que acontece mais frequentemente na atualidade.

No âmbito da legendagem, além do material escrito com o qual estamos mais habituados no contexto brasileiro – legendas interlinguais: inglês-português, espanhol-português, etc. –, o serviço deverá ser capaz de oferecer legendas destinadas a pessoas surdas, cujo material, que pode estar no mesmo idioma do produto (filmes nacionais, por exemplo) ou ser uma tradução, deverá dar conta das especificidades associadas a esse público: contemplar descrições a respeito de fundos musicais e trilha sonora, interjeições (que às vezes não estão presentes em legendas tradicionais), gritos, ruídos, entre outros aspectos do entorno comunicativo, acontecendo em cena. No mundo ideal – embora acabe saindo da esfera da legendagem –, haverá a opção de acionar uma janela, a ser exibida à parte, na qual será apresentada a tradução do produto audiovisual à língua de sinais, com o auxílio de intérpretes – em consonância com a previsão de Asensio (2001) sobre a tecnologia necessária para a oferta de um serviço como este<sup>136</sup>.

Apesar de alguns detalhes apresentados anteriormente parecerem alheios à proposta desta pesquisa à primeira vista, eles servem para contextualizar a importância e a presença da TAV na vida das pessoas e na sociedade atualmente – em um sentido mais amplo, apresentado, aqui, associado à tecnologia. Muitos produtos e serviços acabam ganhando uma dimensão maior graças à TAV, seja: (i) tornando possível o consumo de um produto de entretenimento, com a oferta de traduções de um filme brasileiro como o *Tropa de Elite*, por exemplo; (ii) contribuindo para o contexto de ensino – na educação a distância, quando videoaulas são legendadas, entre outras possibilidades; (iii) favorecendo a acessibilidade de minorias específicas – deficientes visuais e auditivos, principalmente; entre outros.

Uma vez contextualizada a trajetória de avanços no âmbito da Tradução Audiovisual, tratamos das especificidades da legendagem e da dublagem, consideradas as duas modalidades mais difundidas nos dias atuais, conforme Chiaro (2009, p. 141), justificando, nessa direção,

---

<sup>136</sup> Embora não seja o foco desta pesquisa, cabe dizer que, de fato, a tecnologia para tal já existe nos dias atuais, contudo, questões políticas e interesses comerciais não permitem tornar realidade a oferta da acessibilidade nesse sentido.

nossa escolha pela modalidade oral em detrimento da modalidade escrita.

## 4.2 LEGENDAGEM E DUBLAGEM

### 4.2.1 Aspectos e processos da legendagem

Díaz Cintas e Remael (2007, p. 8-9) definem a legendagem como uma prática tradutória que consiste em apresentar um texto escrito, geralmente posicionado na parte inferior da tela, que se esforça para recontar o diálogo original dos falantes, além de apresentar os elementos discursivos que aparecem em cena – como placas, entre outros – e informações contidas na trilha sonora do produto – músicas, por exemplo. Os produtos legendados têm os seguintes componentes principais: a fala, a imagem e a legenda, havendo interação entre eles. Chiaro (2009, p. 141-142) acrescenta que, diferentemente do que acontece na dublagem – modalidade na qual é utilizado um canal acústico para os fins tradutórios –, no caso da legendagem o meio disponível é visual, sendo apresentada uma tradução escrita em sobreposição à tela.

Na apresentação de uma tipologia para a legenda, Díaz Cintas e Remael (2007, p. 13) explicam que a legendagem está fortemente relacionada com a tecnologia e que uma das questões principais sobre sua classificação é a velocidade com que o desenvolvimento tecnológico foi acontecendo no âmbito dessa modalidade de tradução audiovisual. Nesse sentido, os autores utilizam cinco critérios para o agrupamento dos tipos de legendas: (i) linguístico; (ii) tempo disponível para a criação da legenda; (iii) técnico; (iv) método de projeção; e (v) formato de distribuição. Considerando os propósitos desta contextualização, daremos ênfase ao critério correspondente ao item em (i), entendendo a dimensão linguística como de maior relevância nesse sentido. Sintetizamos a tipologia de legendas proposta pelos referidos autores a seguir:

Quadro 20 – Tipos de legendas a partir do critério linguístico

<b>Tipo de legenda</b>	<b>Propósitos</b>
Legendas intralinguais	<p>⇒ Para pessoas surdas ou com dificuldade de audição.</p> <p>⇒ Com vistas à aprendizagem de idiomas.</p> <p>⇒ Para uso em karaokê.</p> <p>⇒ Para variedades de uma mesma língua.</p> <p>⇒ Para avisos e anúncios.</p>
Legendas interlinguais	<p>⇒ Para ouvintes.</p> <p>⇒ Para pessoas surdas ou com dificuldade de audição.</p>
Legendas bilíngues	-

Fonte: Adaptado de Díaz Cintas e Remael (2007, p. 14).

As legendas intralinguais envolvem uma mudança que parte do oral em direção ao escrito, permanecendo, sempre, dentro do âmbito de uma mesma língua. Assim, Díaz Cintas e Remael (2007, p. 14) defendem que necessariamente não é o caso de haver tradução. Embora não haja discussão por parte dos autores, cabe chamar a atenção para o fato de que, aparentemente, existe uma exceção na lógica de movimento “texto oral > texto escrito” na classificação proposta: trata-se do último tipo deste agrupamento, as legendas “para avisos e anúncios”, que, segundo eles, são informações escritas encontradas em telas de estações de metrô e outras áreas públicas, com fins de publicidade e transmissão de notícias recentes, por exemplo, de modo a não perturbar as pessoas com som (DÍAZ CINTAS; REMAEL, 2007, p. 17). Em nosso entendimento, nessas situações, não necessariamente um texto escrito está condicionado a um meio ou texto oral prévio.

No que diz respeito à segunda classificação, isto é, às legendas interlinguais, estas acabam tendo maior produção nos dias atuais, especialmente no que concerne ao contexto de tradução audiovisual brasileiro: trata-se de legendas em que ocorre tradução de uma língua

para outra, como por exemplo legendas na direção inglês-português e espanhol-português, nas quais o primeiro idioma do par corresponde ao meio oral e o segundo, ao meio escrito – a legenda, propriamente.

Sobre as legendas bilíngues – terceira e última classificação –, os autores explicam que elas são produzidas em contextos geográficos nos quais duas línguas são faladas. É o caso, por exemplo: (i) de legendas em francês e flamengo nos cinemas da Bélgica, em respeito às comunidades desse país; (ii) de legendas em sueco e finlandês na televisão e nos cinemas da Finlândia, devido ao bilinguismo existente naquele país; e (iii) de legendas em hebraico e árabe na televisão da Jordânia e Israel. Nesses contextos de legendas bilíngues, importa levar em conta que os dois idiomas aos quais o diálogo falado é traduzido são apresentados de modo simultâneo, quase sempre fazendo uso de duas linhas: uma para cada idioma. Legendas desse tipo também são especialmente úteis em festivais de cinema internacionais (DÍAZ CINTAS; REMAEL, 2007, p. 18), nos quais a heterogeneidade do público é prevista.

Em direção a questões técnicas em torno da legendagem, o texto traduzido a ser incorporado no produto audiovisual representa uma versão condensada daquilo que está sendo dito oralmente em cena, conforme Chiaro (2009, p. 148). Assim, o texto escrito deve necessariamente ser mais curto em comparação com a extensão das falas que ele traduz, pois, o espectador precisa ler a legenda e ao mesmo tempo não se dar conta dessa leitura, isto é, ela precisa ser inconsciente. Nesse sentido, nas palavras de Chiaro (2009, p. 148), Antonini (2005, p. 213) afirma que existe uma tendência à redução de 40% a 75% dos vocábulos contidos no áudio, de modo que o espectador consiga ler a legenda e também assistir ao filme<sup>137</sup>.

A partir de Antonini (2005, p. 213-214), Chiaro (2009, p. 148) descreve três operações principais no que concerne à produção de legendas eficazes: (i) a **eliminação**, que consiste em suprimir elementos que não alteram o significado do texto original, modificando, nesse sentido, apenas as formas linguísticas do diálogo, como por exemplo hesitações, inícios de falas interrompidos, redundâncias, informações que podem ser apreendidas a partir do meio visual (acenos de cabeça, etc.), entre outros; (ii) a **interpretação** (ou *rendering*), operação na qual o tradutor deve lidar com gírias, presença de dialetos, tabus linguísticos, etc., algumas vezes eliminando-os; e (iii) a **condensação**, que se refere a

---

<sup>137</sup> Elementos pragmático-discursivos, como interjeições e marcadores, são quase sempre ausentes, por exemplo.

uma simplificação ou fragmentação da sintaxe original, com vistas a propiciar uma leitura mais cômoda ao espectador. A respeito deste último item, Koolstra *et al.* (2002, p. 328) chamam a atenção para a importância de, no processo de condensação – mas realmente aplicável a todas as operações –, os profissionais estarem atentos à adaptação do texto original falado sem que haja perda de informações essenciais para a compreensão por parte do público. Segundo os autores, na maioria dos casos, tradutores experientes nessa modalidade da tradução audiovisual são capazes de produzir legendas condensadas sem haver prejuízo de informação.

Em consonância com os cuidados esperados para esse tipo de tradução, apresentados anteriormente, podemos trazer à discussão o conceito de síntese, a partir do relato de Barros (2006), tradutora com experiência em legendagem:

A chave da tradução para legendagem é a síntese. O tradutor precisa saber sintetizar, acima de tudo, para poder proporcionar legendas de qualidade ao espectador, ao mesmo tempo em que esse precisa “levantar os olhos” da legenda para também ver as imagens. Se houver informação demais, a pessoa não tem tempo de assistir e de se entreter o quanto gostaria, tem tempo apenas de ler. Se houver informação de menos, o espectador pode não compreender corretamente um diálogo importante do filme. Isso porque existe um limite de caracteres imposto pelos softwares profissionais de legendagem, que varia em número de um estúdio de legendagem para outro e também quanto à mídia para qual o filme é traduzido (BARROS, 2006, p. 65).

Como é possível perceber, a necessidade de sintetizar os diálogos falados faz com que a legenda seja condicionada por questões físicas – espaço e tempo, especialmente –, havendo, nessa direção, um limite de caracteres no qual o texto escrito deve ser acomodado. Apenas ilustrando para que o leitor possa ter noção, embora haja variação – a depender das normas impostas por cada estúdio de tradução, conforme relato –, Koolstra *et al.* (2002, p. 328) afirmam que o tamanho máximo de uma legenda é de duas linhas, podendo chegar ao total de 64

caracteres<sup>138</sup>. Além disso, a quantidade de caracteres acaba determinando a duração da exibição da legenda em tela: 6 segundos, no máximo, conforme esses autores. Se a legenda tiver menos caracteres, o tempo é diminuído proporcionalmente: 32 caracteres seriam mostrados em tela durante 3 segundos, por exemplo. No entanto, sabemos que as falas podem ser muito rápidas – mais de duas palavras podem ser ditas por segundo, dizem os autores citados –, tornando-se necessária, como solução nesse sentido, a habilidade do tradutor no que diz respeito à condensação – ou síntese, nos termos de Barros (2006).

A respeito desses limites durante o processo de produção da legenda, cabe notar que o espaço – entre letras ou entre letra e símbolo de pontuação, por exemplo – também deve ser levado em consideração, pois, tecnicamente, é compreendido como caractere. Além disso, conforme explicação de Barros (2006, p. 67), há diferenças entre letras magras e letras gordas, isto é, a correspondência entre caractere e letra não necessariamente é de um para um. Segundo a autora, “l”, “i”, “t”, “f”, “x”, “z”, “w”, “y”, “u”, “s”, “j”, “k” e “v” são letras do primeiro tipo e “p”, “o”, “u”, “r”, “q”, “a”, “d”, “g”, “ç”, “b”, “c”, “m” e “n”, do segundo.

#### 4.2.2 Aspectos e processos da dublagem

Concernente à outra modalidade de tradução audiovisual mais difundida atualmente, a dublagem, esta é entendida como a substituição da fala original por uma faixa de voz que tenta acompanhar, da forma mais próxima possível, o diálogo original no que diz respeito ao tempo, à estrutura frasal (*phrasing*) e ao movimento dos lábios, conforme definição apresentada em Chiaro (2009, p. 144). A autora explica que o objetivo dessa modalidade de tradução é dar a impressão de que o diálogo traduzido está sendo proferido pelo elenco original, fazendo com que o espectador possa desfrutar de produtos estrangeiros de modo mais agradável.

Tradicionalmente, explica Chiaro (2009, p. 144-145), há quatro etapas básicas no processo de dublagem: (i) tradução do script; (ii) adaptação para que haja sonoridade natural na língua meta e ajuste ao movimento dos lábios dos atores que aparecem em tela; (iii) gravação por atores/dubladores do novo script – a tradução, propriamente; e (iv) *mixagem* do áudio traduzido na gravação original.

---

<sup>138</sup> Em Chiaro (2009, p. 149), por outro lado, a informação a respeito desse limite é de que, tradicionalmente, as legendas têm entre 30 e 40 caracteres.

Para a autora, geralmente é encomendada uma tradução do tipo palavra por palavra – item em (i) –, literal, a ser entregue ao profissional encarregado da adaptação – etapa citada em (ii) –, que irá transformá-la em um texto com sonoridade mais natural considerando o diálogo na língua à qual se quer traduzir e a necessidade de ajuste labial. Nesse sentido, ela afirma que o adaptador – que, muitas vezes, é o próprio diretor de dublagem – não precisa ser fluente na língua do texto original; basta ser criativo e talentoso o suficiente para adaptar os diálogos, tornando-os convincentes na língua meta. Consonantes a Barros (2006), que ilustra o contexto de dublagem brasileiro, e a Roig (2001) e Chaume (2005), tradutores experientes nessa modalidade de tradução audiovisual no âmbito do espanhol, entendemos que nem sempre – e provavelmente nem seja a prática mais comum hoje – a encomenda é de uma tradução do tipo palavra por palavra, especificamente, motivo pelo qual é preciso modalizar a fala de Chiaro (2009) nesse sentido. Exemplificando esse posicionamento, cabe citar Roig (2001), que, ao relatar sobre seu trabalho como tradutor, apresenta o seguinte trecho de um texto traduzido para dublagem:

Figura 3 – Exemplo de formato de texto em uma tradução para dublagem

Danny	<b>(OFF)</b> Mira, me han autorizado a hacer el intercambio <b>(ON)</b> pero tengo que entrar, <b>(OFF)</b> echar un vistazo y asegurarme de que no hay más rehenes, ¿estamos?
Omar	Sí. Nathan <b>(OFF)</b> ¿Podemos hacer blanco?
Argento	En el dormitorio, <b>(sovoz irónico)</b> pero no está cerca.
Bell	<b>(OFF)</b> ¡Inspector! Me parece que <b>(B)</b> he encontrado algo. <b>(ON)</b> <b>[Son]</b> cuentas en el extranjero./// <i>(Nota: la traducción sería «Son cuentas en paraísos fiscales», pero es demasiado larga. Alternativas: Blanqueo de dinero, Dinero negro).</i>
<b>Inserto</b>	<b>(01.12.32)</b> Extracto de cuenta. Enero de 1996. San Vicente y las Granadinas.

Fonte: Extraído de Roig (2001, p. 276).

Como é possível observar a partir das observações e grifos – feitos pelo próprio profissional citado –, o tradutor de dublagem também está preocupado com questões técnicas envolvidas na modalidade para a qual está traduzindo, não se limitando a oferecer uma tradução do tipo

palavra por palavra, simplesmente. Os trechos “*la traducción sería [...] pero es demasiado larga*” e “*alternativas: blanqueo de dinero, dinero negro*”, por exemplo, mostram que o tradutor já estava considerando questões técnicas relativas ao limite de tempo disponível para a fala – e propondo soluções tradutórias –, o qual será trabalhado pelo adaptador/diretor de dublagem na etapa posterior à da tradução e pelos atores/dubladores.

Nessa direção, ilustrando que o tradutor leva em consideração especificidades técnicas concernentes ao processo de dublagem já pensando na tarefa do adaptador/diretor, Roig (2001) explica o emprego das sinalizações “OFF” e “ON”, visíveis na figura que reproduzimos anteriormente:

*El traductor debe indicar en qué momentos la boca del personaje no está en plano (y marcarlo entre paréntesis con la palabra **OFF** y en qué momentos, la boca vuelve a entrar en plano (y marcarlo con la palabra **ON**). O por explicarlo de otro modo, en el primer texto de Danny, el personaje comienza a hablar cuando la cámara tiene en plano a Omar, tras decir la palabra exchange (intercambio) la cámara lo enfoca, pero vuelve a enfocar la casa de Omar cuando dice take a look (echar un vistazo). Si el personaje está dentro de plano, pero no se le ve la boca (está medio girado o da la espalda a la cámara), se hará una indicación distinta, ya que no es un **OFF** completo (yo suelo usar una B para indicar que no se ve la **Boca**) (ROIG, 2001, p. 276, grifos nossos).*

Sobre a etapa mencionada em (iii), podemos trazer à discussão o relato profissional de Barros (2006, p. 62) a respeito do contexto de dublagem brasileiro – mas certamente válido em âmbito geral. Ela explica que, atualmente, não há necessidade de os atores/dubladores atuarem juntos no estúdio, então, por motivos de melhor qualidade de som e até mesmo de praticidade, tendo em vista a dificuldade que havia na tarefa de conseguir um horário compatível para todo o elenco, esses profissionais gravam suas falas de modo individual, em canais separados – estando presentes, nessa etapa de trabalho, geralmente apenas o dublador e o diretor de dublagem. A dublagem de um longa-



metragem leva, em média, 13 horas, o que equivale a 2 dias de gravação em estúdio, segundo a autora.

Em direção à última etapa do processo de dublagem – a *mixagem* –, depois que cada profissional desempenhou sua função – tradutor, adaptador/diretor e elenco – é chegada a vez do técnico de som, responsável por *mixar* “os canais da forma certa, com os sons originais do filme, e a fala de cada personagem em seu devido lugar”, explica Barros (2006, p. 64). Nesse momento, a dublagem está finalizada, pronta para ser adicionada ao produto audiovisual.

Indubitavelmente, as principais questões técnicas condicionando o trabalho de tradução para dublagem são: (i) o tempo disponível para a fala traduzida, que, logicamente, está limitado à fala do personagem em cena; e (ii) a sincronia/ajuste do texto traduzido. Contudo, como espectador interessado nesse tipo de tradução, já observei<sup>139</sup> que, a depender das características da cena de um filme, por exemplo, existe a possibilidade de que esses limites impostos sejam manipulados: trata-se de uma estratégia na qual o dublador pode iniciar a pronúncia da fala traduzida um pouco antes, em comparação com a fala original, especialmente nos casos em que a câmera não estiver enfocando o personagem ou em trocas de cena, desde que não cause nenhum prejuízo ao produto audiovisual ou estranhamento nesse sentido – sobreposição de falas, por exemplo –, isto é, não comprometendo o “efeito realidade” (CHAUME, 2005, p. 145) almejado.

Chiaro (2009, p. 146) afirma que a tecnologia atual já é capaz de modificar a sincronização dos lábios e a qualidade da voz. A respeito do primeiro caso, há programas que permitem modificar o movimento dos lábios no vídeo, fazendo parecer que o ator em tela está pronunciando palavras diferentes das que pronunciou originalmente. Quanto à modificação da qualidade da voz, a autora explica que há softwares capazes de fazer uma combinação (*match*) entre fala original e fala dublada, resultando na impressão de que o ator original está falando a língua para a qual se está traduzindo, inclusive com seus padrões de entonação.

No entanto, não se trata (ainda) de tecnologias amplamente utilizadas no processo de tradução audiovisual hoje em dia – talvez não deem conta de todas as especificidades da dublagem ou simplesmente ainda não sejam viáveis –, o que faz com que o ajuste ao movimento dos

---

<sup>139</sup> O leitor poderá deparar-se com essa alternância de pessoa do discurso ao longo do texto, que se justifica pelos propósitos enunciativos, ora remetendo ao trabalho coletivo, ora a posições subjetivas do pesquisador.

lábios continue sendo algo que exige muito cuidado durante o trabalho da equipe. Expandindo a noção de ajuste no processo de tradução para dublagem, Chaume (2005) também discute a importância da sincronia cinésica e da isocronia.

No que diz respeito à sincronia cinésica, que está associada à linguagem corporal, Chaume (2005, p. 147) explica que os signos cinésicos podem aparecer acompanhados de palavras que explicitem seu significado, ou que geralmente acompanhem tais signos, ou até mesmo sem a presença de signos linguísticos. Quando há coincidência do signo cinésico nas duas culturas envolvidas na tradução, o tradutor deve “*conocer la representación lingüística convencional que suele acompañar usualmente al signo cinésico en cuestión para no cometer incoherencias*”. Nesse sentido, o autor exemplifica dizendo que há um caso em que o personagem movimenta a cabeça horizontalmente, fazendo com que a maior parte das culturas ocidentais espere uma mensagem negativa, e, no entanto, na tradução dublada o personagem emite um “sim” afirmativo. A justificativa para esse tipo de erro – ou seja, a falta de um ajuste cinésico adequado – provavelmente, segundo Chaume (2005, p. 148), esteja na possibilidade de o tradutor ter realizado a tradução do script sem acesso ao material visual, o vídeo. Em suma, deve haver coerência entre os movimentos corporais do ator em tela e a tradução.

Concernente à isocronia, trata-se da coincidência necessária entre os enunciados do texto original e os enunciados do texto traduzido, no que diz respeito à duração temporal (CHAUME, 2005, p. 149). Quando essa coincidência não ocorre, o tradutor precisa fazer um ajuste no sentido de ampliar ou reduzir o texto traduzido, de modo que o ator/dublador consiga pronunciar no mesmo tempo utilizado pelo ator em tela.

Apenas apresentando a diferenciação entre isocronia e sincronia labial, cabe explicar que esta última se refere principalmente à abertura e ao fechamento da boca. Nesse tipo de ajuste, é necessário considerar que a palavra da tradução deve ser compatível com a articulação física realizada pelo ator em tela, de modo que a dublagem fique o mais natural possível.

Após a breve contextualização das duas modalidades de tradução audiovisual mais consumidas atualmente – a dublagem e a legendagem –, contemplando seu percurso histórico até os dias atuais, bem como a apresentação das questões técnicas envolvidas em cada um desses processos tradutórios, discutimos, na próxima seção, o argumento por

trás de nossa escolha pela modalidade oral em detrimento da modalidade escrita.

### 4.3 A ESCOLHA PELA DUBLAGEM

Conforme vimos anteriormente, as duas principais questões técnicas envolvidas no processo tradutório de produtos audiovisuais são a condensação ou síntese (legendagem) e o ajuste ou sincronia (dublagem). É válido questionar se essas especificidades de cada modalidade de tradução podem causar algum impacto ou condicionamento na ocorrência do objeto desta dissertação, isto é, a expressão de passado codificada pelas formas *canté* e *he cantado*.

À primeira vista, parece razoável considerar que a condensação ou síntese, processo necessário no caso da legenda (BARROS, 2006; CHIARO, 2009; DÍAZ CINTAS; REMAEL, 2007; KOOLSTRA *et al.*, 2002), pode ser mais limitante em comparação com os ajustes ou sincronia da dublagem, pois a estrutura formal <verbo auxiliar *haber* + particípio> do PPC quase sempre ocupará quantidade significativa de caracteres. Se a pessoa gramatical em jogo for “*nosotros*” ou “*vosotros*”, por exemplo, a conjugação do verbo auxiliar – “*hemos*” e “*habéis*” – consumirá mais caracteres ainda. Também vimos, na seção 4.2.1, que até o espaço (entre palavras) é contado como caractere nos softwares profissionais de legendagem, além de haver diferença entre letras magras e gordas, isto é, algumas ocupam mais caracteres que outras. Tendo em conta essas questões, torna-se pertinente considerar a possibilidade de haver menor ocorrência do PPC na legenda em comparação com o áudio dublado, pois, buscando economizar caracteres, na modalidade escrita o tradutor talvez opte por formas linguísticas ou estratégias de tradução que ocupem menos espaço físico em tela<sup>140</sup>. Nessa lógica, estamos considerando que a solução tradutória a evitar o emprego do PPC não comprometa a função linguística, isto é, que a estratégia empregada pelo tradutor não acarrete prejuízo semântico-pragmático no que se refere ao significado do enunciado em tradução.

---

<sup>140</sup> Nesta dissertação, nossa proposta não é comparar as duas modalidades da TAV, mas não podemos ignorar as especificidades técnicas de cada uma, então levamos em conta a possibilidade de a legenda ser menos favorável à ocorrência de PPC, em comparação com a dublagem. Contudo, nosso argumento principal sai do âmbito de possíveis limitações técnicas, conforme explicamos nos parágrafos seguintes.

Antecipando brevemente um dos resultados desta dissertação, como argumento favorável à ocorrência do fenômeno na dublagem, veremos, no Capítulo 6 – dedicado à análise e discussão dos dados –, que apesar de o pretérito perfeito composto não ser empregado no áudio original (português brasileiro), os tradutores das dublagens hispânicas de nosso corpus fílmico escolhem o PPC para codificar a expressão de situações passadas. Essa constatação mostra que, mesmo existindo uma necessidade de ajuste e sincronia no áudio traduzido – algo próprio dessa modalidade de tradução –, as questões técnicas da dublagem parecem não ter influência expressiva na ocorrência dos pretéritos (especificamente) em nossas amostras linguísticas. Caso contrário, os tradutores teriam sido levados a empregar em seus textos provavelmente a forma do pretérito perfeito simples – o que, como dissemos, não acontece –, já que a frequência de uso do PPC no texto original é zero.

Também poderíamos levar em conta que o PPS do português e do espanhol têm articulação relativamente semelhante e, então, o movimento dos lábios deveria ser compatível, em princípio. Contudo, tal argumento seria questionável, pois uma simples diferença de sílaba tônica existente em uma palavra cuja forma é idêntica nos dois idiomas – “*imbecil/imbecil*”, por exemplo – é suficiente para que o tradutor (ou o próprio dublador) precise realizar um ajuste, buscando uma escolha tradutória adequada ao movimento dos lábios do ator em tela. Além disso, pode-se manipular os elementos que estão antes e depois – até mesmo omiti-los – dos pretéritos (segundo nosso interesse) na ordem da sentença, tornando possível, se conveniente, o emprego de uma ou outra forma linguística na tradução, tanto na dublagem como na legendagem. Logo, o contraste entre as questões técnicas próprias de cada uma das duas modalidades de tradução tampouco poderia ser o argumento decisivo para nossa escolha por uma em detrimento da outra, a julgar que, levando em conta todas as possibilidades que ilustramos anteriormente, a única saída seria analisar os enunciados de ocorrência dos pretéritos em cada produto, para, então, verificar qual o tipo de tradução mais favorável à presença das formas de passado, o que não é viável considerando as limitações desta pesquisa<sup>141</sup>.

Assim, nosso argumento decisivo ao escolher a dublagem em detrimento da legenda sai do âmbito das questões técnicas envolvidas no processo tradutório da TAV, chegando à discussão sobre a *immediatez comunicativa*, cujo termo é debatido no trabalho de Koch e Oesterreicher (2007 [1990]). Os autores defendem que as diversas

---

<sup>141</sup> Tempo disponível para sua realização, principalmente.

formas de comunicação realizadas pelo ser humano estão inseridas em um continuum entre a oralidade e a escrituralidade, cujos extremos correspondem, respectivamente, aos polos da *inmediatez comunicativa* e da *distancia comunicativa*.

Em cada um desses polos, entram em jogo determinadas condições para o acontecimento do processo de comunicação (KOCH; OESTERREICHER, 2007 [1990], p. 29), conforme quadro que organizamos a seguir:

Quadro 21 – Condições para a comunicação nos polos da *inmediatez* e *distancia*, com base em Koch e Oesterreicher (2007 [1990], p. 29)

<b>Polo da <i>inmediatez comunicativa</i> (oralidade)</b>	<b>Polo da <i>distancia comunicativa</i> (escrituralidade)</b>
'privacidad', 'familiaridad', 'fuerte implicación emocional', 'anclaje en la situación y acción comunicativas', 'referencialización con respecto al origo del hablante', 'inmediatez física', 'máxima cooperación en la producción', 'alto grado de dialogicidad', 'libertad temática' y 'espontaneidad'	'carácter público', 'desconocimiento', 'falta de implicación emocional', 'desligamiento de la situación y la acción comunicativas', 'imposibilidad de deixis referida al origo del hablante', 'distancia física', 'ausencia de cooperación en la producción', 'monologicidad', 'fijación temática' y 'máxima reflexividad'
(KOCH; OESTERREICHER, 2007 [1990], p. 29).	(KOCH; OESTERREICHER, 2007 [1990], p. 29).

Fonte: Elaboração própria.

Nessa direção, os pesquisadores sustentam que os enunciados linguísticos são sempre discursos imediatos ou distantes, os quais estão ancorados em diferentes tipos de contextos, a saber:

- ⇒ **Contexto situacional:** refere-se a “*personas, objetos y acciones o estados de cosas perceptibles en la situación de comunicación*”.
- ⇒ **Contexto cognitivo**, que se divide em outros dois: (i) o cognitivo individual – “*vivencias comunes de los interlocutores*,

*conocimiento mutuo del uno sobre el otro, etc.” – e (ii) o cognitivo geral – “el conjunto de conocimientos humanos, bien sean socioculturalmente específicos o de carácter universal (hechos culturales, valores, etc.; relaciones lógicas, leyes físicas y biológicas, etc.”.*

⇒ **Contexto comunicativo-linguístico:** refere-se a “*enunciados y partes de enunciados anteriores o posteriores al enunciado en cuestión*” (KOCH; OESTERREICHER, 2007 [1990], p. 31).

Enquanto na comunicação imediata todos os tipos de contextos podem entrar em ação, na comunicação distante, por outro lado, há restrições devido ao caráter digital (discreto) e analógico (global) dos referidos contextos. Para Koch e Oesterreicher (2007 [1990], p. 31-32), dos três contextos que apresentamos anteriormente, somente o terceiro – o linguístico – é considerado digital, porque contribui para a comunicação fazendo uso de unidades discretas claramente identificáveis, sendo os demais contextos, em direção contrária, entendidos como analógicos.

Existe relação entre os contextos citados e as condições comunicativas apresentadas no quadro anterior, as quais, importa repetir, correspondem aos extremos/polos do continuum entre a *inmediatez comunicativa* (oralidade) e a *distancia comunicativa* (escrituralidade). A lógica seguida, nesse sentido, é que quanto mais próximo ou distante uma forma de comunicação estiver de um determinado extremo, mais ou menos restrições existirão no que diz respeito ao processo de comunicação. No geral, a maior parte dos gêneros textuais praticados e vivenciados pelo ser humano não está situada rigidamente em um extremo, tampouco em outro; senão, em um continuum entre a *inmediatez* e a *distancia* comunicativas.

Em direção ao contraste entre a legendagem e a dublagem nessa discussão, é preciso esclarecer que nenhuma das duas modalidades de tradução pode ser situada completamente no extremo esquerdo do continuum, isto é, no polo da *inmediatez comunicativa* (oralidade), pois ambas têm como ponto de partida um texto escrito, ligado à escrituralidade, de algum modo. Como vimos na seção anterior, a dublagem parte de um script a ser traduzido, isto é, trata-se de um texto escrito, o qual, posteriormente, é adaptado e gravado oralmente pelo elenco de dublagem. Nesse sentido, a dublagem estaria situada mais próximo do polo da *inmediatez comunicativa*, em comparação com a legendagem. Apesar de também estar ligada às falas (expressas

oralmente) dos personagens em cena, a legenda está menos próximo do polo da *imediatez comunicativa* porque tem, como resultado, como produto de tradução, um texto escrito – embora oralizado em alguma medida, razão pela qual a legenda tampouco deve ser situada no extremo da direita do continuum, o polo da *distancia comunicativa*.

Encerrando e sintetizando o argumento final, ao tentar situar a dublagem e a legendagem entre as extremidades da *imediatez* e da *distancia* comunicativas, a primeira modalidade de tradução ficaria um pouco mais próximo do polo da oralidade, em comparação com a segunda – levando em conta, nessa tentativa, o processo tradutório envolvido em cada uma delas, conforme descrevemos em páginas anteriores. Apoiados principalmente na proposta de Koch e Oesterreicher (2007 [1990]), assumimos, então, que, em uma perspectiva ampla, a dublagem apresenta menos restrições em contraste com a legenda para representar a comunicação ou interação entre falantes/personagens. Havendo menos restrições no todo, então flui melhor a *imediatez comunicativa* na dublagem, fato que sugere, conseqüentemente, um caminho mais livre para a ocorrência dos pretéritos – nosso maior interesse durante a seleção das amostras. Justificada, assim, nossa escolha pela dublagem como a modalidade que oferece maior liberdade para o tradutor e menos restrições para a expressão comunicativa, na próxima seção contextualizamos a produção de traduções para dublagem no universo hispânico.

#### 4.4 TRADUÇÕES PARA DUBLAGEM NO UNIVERSO HISPÂNICO

Conforme dissemos em linhas introdutórias desta dissertação, a atenção dada à variação linguística, nos dias atuais, deixou de ser uma questão considerada exclusivamente pelo meio acadêmico, tornando-se uma preocupação necessária também em outros âmbitos da sociedade. O próprio meio tradutório e o público de espectadores indicaram a necessidade de que a heterogeneidade linguística recebesse maior atenção, também, em produtos midiáticos – como é o caso dos filmes traduzidos, por exemplo.

No que concerne ao panorama de traduções cinematográficas hispânicas – e de outros gêneros audiovisuais –, em linhas gerais, os filmes estrangeiros que são comercializados ao público hispano-falante costumam receber, pelo menos, duas traduções ao espanhol: (i) uma destinada aos países hispano-falantes do continente americano, onde é praticada a dublagem em espanhol neutral, uma tradução geralmente feita em contexto mexicano ou argentino; e (ii) outra direcionada à

Espanha, onde é comercializada a dublagem em espanhol peninsular, produzida nesse país e para esse público específico. No âmbito das traduções para a América Hispânica, também podem ser solicitadas outras traduções que envolvam profissionais de outros países de fala hispânica – como uma tradução com dublagem gravada por atores argentinos, por exemplo.

No entanto, por motivos de ordem econômica, é bastante comum que as empresas que detêm os direitos de determinado filme deem preferência a uma tradução que possa ser comercializada entre todos os países da América Hispânica, supostamente neutra o suficiente para tal. Historicamente, a tradução para dublagem em espanhol neutral – variedade também conhecida, entre o público hispano-falante, como espanhol latino – tem sido encarregada a casas de dublagem em contexto mexicano, devido à aceitação que a dublagem produzida no México alcançou no continente hispano-americano (NÁJAR, 2007), dinâmica de tradução que, embora não exclusiva, mantém-se fortemente nos dias atuais<sup>142</sup>.

Na sequência, contextualizamos a produção de dublagens em contexto hispano-americano, com ênfase nas versões traduzidas ao espanhol neutral, variedade linguística praticada no âmbito da TAV no contexto diatópico mencionado.

#### **4.4.1 Dublagem em contexto hispano-americano: o espanhol neutral**

Há diversas denominações possíveis para fazer referência ao espanhol neutral: castelhano geral, espanhol neutro, espanhol comum, espanhol standard (IZQUIERDO, 2006, p. 152), espanhol internacional, espanhol pan-hispânico, pan-espanhol e espanhol global (BRAVO GARCÍA, 2008). Especialmente no âmbito de traduções hispânicas cinematográficas, a variedade linguística em questão é bastante conhecida pelo público hispano-falante como espanhol latino e espanhol neutral. A respeito do termo “espanhol latino”, precisamente, consideramos não ser uma denominação adequada por conta da etimologia por trás de “latino”, já que, fazendo-se referência ao latim, os falantes da Espanha também deveriam ser considerados como público da mesma tradução, o que não é a realidade no caso de gêneros audiovisuais traduzidos à variedade neutral: espectadores espanhóis geralmente têm sua própria versão traduzida, devido à forte tradição dubladora naquele país, conforme resenhas mais adiante. Entendemos,

---

<sup>142</sup> Conforme discussão realizada em Gesser (2015, p. 17).



por outro lado, o uso de “latim” como uma tentativa de especificar “*Latinoamérica*”, isto é, o significado seria “espanhol da América Latina”. Independentemente dessa possibilidade, contudo, o ponto de origem continua sendo o latim, o qual, naturalmente, também foi o ponto de partida para o surgimento da variedade peninsular do espanhol, não apenas das hispano-americanas. Bravo García (2008, p. 31) explica que no âmbito da TAV hispânica, existe uma distinção habitual entre “espanhol castelhano” e “espanhol latino” para indicar a variedade à qual um produto audiovisual foi traduzido, sendo o primeiro termo utilizado para fazer menção ao espanhol da Espanha e o segundo, ao espanhol da América Latina – em outras palavras, ao espanhol hispano-americano, neste último caso. Essas nomenclaturas existem para distinguir essas duas variedades mencionadas – que são genéricas, amplas – de variedades locais, como o espanhol mexicano, o espanhol peruano, o espanhol argentino, etc., conforme explicação da autora citada.

Apesar de ser uma realidade no âmbito de traduções de produtos cinematográficos ao espanhol, como pesquisadores hispanistas consideramos problemática a divisão bipartida existente entre hispano-falantes, inclusive o uso de “castelhano” como correspondente somente ao espanhol falado na Espanha. Nesse cenário, em meio às diversas nomenclaturas possíveis nos dias atuais, optamos pelo emprego de “neutral” – espanhol neutral, variedade neutral, dublagem (ao espanhol) neutral, etc. – nesta dissertação, por duas razões: (i) ser mais difundida no meio da tradução audiovisual, especificamente; e (ii) fazer referência à dublagem praticada em contexto hispano-americano, diferenciando-a, através dessa escolha terminológica, da que é produzida na Espanha.

Importa registrar que, assumindo uma perspectiva funcionalista de língua, defendemos que nenhum uso linguístico pode ser considerado neutro – pragmática está sempre em jogo durante a interação –, então, também questionamos o emprego de “espanhol neutral”, “dublagem neutral”, etc. Tendo em conta as nomenclaturas que citamos no início desta seção, à primeira vista a mais apropriada parece ser “espanhol internacional”, contudo, escolhê-la implicaria abrir mão da referência precisa à dublagem praticada em contexto hispano-americano, que se diferencia da peninsular, conforme debatemos mais adiante.

Conforme explicação de Izquierdo (2006, p. 153), o espanhol neutral é uma criação de várias produtoras cinematográficas que, no

México<sup>143</sup>, por volta da década de 1960, fizeram um acordo para estimular uma nova variedade linguística do espanhol, motivadas por questões econômicas associadas aos produtos audiovisuais no mercado hispano-falante. Segundo a autora, o objetivo era “*fijar unas reglas comunes que pudiesen funcionar por encima de fronteras políticas y geográficas, con carácter descriptivo, no prescriptivo*”.

Nessa direção, Chaume (2013, p. 24) expõe que o espanhol neutral é um modelo linguístico artificial, o qual foi criado para uso na dublagem de filmes, séries e desenhos animados com procedência dos Estados Unidos. Tratava-se de uma mistura de traços linguísticos de diferentes variedades do espanhol, faladas na Espanha e na América Hispânica. O resultado, explica o pesquisador, foi um “*constructo extraño, que no empleaba ningún hablante en particular, pero que no era mal recibido tampoco por ninguno de ellos*”, isto é, tratava-se de uma variedade falsa, utilizada especialmente na tradução para dublagem de clássicos da Disney, naquele período.

Em uma perspectiva mais ampla, Bravo García (2008, p. 23) explica que o interesse por um espanhol neutral decorre de mercados culturais linguísticos e de meios de comunicação de massa. Nessa direção, a busca por uma variedade neutral não seria por um espanhol melhor ou por um modelo linguístico a ser utilizado em todos os âmbitos da vida em sociedade; sua finalidade seria, senão, instrumental: “*servir de pauta lingüística en medios destinados al público hispanohablante de diversos países, con variantes autóctonas y contactos interculturales complejos*”, alcançando, nesse sentido, os propósitos comunicativos de um determinado meio de comunicação.

Essa variedade neutral – que busca atingir diversos produtos e gêneros textuais, não apenas cinematográficos – inicialmente também estava pensada para contemplar falantes espanhóis como público-alvo, além de todos os hispano-falantes localizados no continente americano. No entanto, observa-se que, historicamente, a Espanha produz dublagens à parte do contexto da América Hispânica, provavelmente devido ao menor grau de aceitação da variedade neutral no contexto peninsular (BRAVO GARCÍA, 2008, p. 24) e à forte tradição dubladora daquele país, fatos que acabam tornando realidade a divisão já comentada anteriormente: há produção de (pelo menos) uma dublagem

---

<sup>143</sup> A autora explica que também há quem defenda que a variedade neutral teve sua origem em Porto Rico, como é o caso de Cebrián (2004), para quem o espanhol neutral foi inventado pelas “*grandes compañías norteamericanas en Puerto Rico para los doblajes de las películas y es un fracaso*”.

ao espanhol em cada lado do oceano. Ainda assim, falantes espanhóis consomem, com menor rejeição, a variedade neutral em outros gêneros textuais, audiovisuais ou não: literatura, jornais e anúncios publicitários específicos, por exemplo. Apesar dessa realidade, cabe esclarecer que já existiram produtos com presença do espanhol neutral na Espanha, embora sua tradução para dublagem não tenha sido produzida em contexto peninsular: desenhos animados, por exemplo – conforme Chaume (2013, p. 24).

Até os dias atuais, continua havendo discussão expressiva sobre o espanhol neutral, tanto na Espanha como na América Hispânica, em posição contrária e também favorável. Em suma, os principais argumentos contrários nesse sentido, a partir da reflexão realizada em Izquierdo (2006) e Bravo García (2008), são os seguintes: (i) o espanhol neutral seria uma variedade ao mesmo tempo de todos e de ninguém; (ii) tal variedade linguística sequer existiria naturalmente, isto é, ela seria artificial; (iii) se o problema for a heterogeneidade linguística da língua espanhola, o fenômeno da globalização já seria capaz de superar os mitos relacionados com a diversidade (de sotaques, por exemplo); (iv) não seria possível manter as diferenças linguísticas, responsáveis por atribuir identidade ao falantes, e ao mesmo tempo criar uma variedade neutra; (v) o adjetivo “neutral” estaria escondendo um espanhol pobre, o qual levaria a um período de carência comunicativa e idiomática; (vi) não haveria virtude em uma língua que não é de ninguém, no sentido de o espanhol neutral não ter identidade nacional; entre outros.

Por outro lado, no que diz respeito à discussão em favor dessa variedade neutral do espanhol, sintetizamos os seguintes argumentos, também a partir das autoras citadas anteriormente: (i) o espanhol neutral seria uma variedade conveniente para determinados fins comunicativos unicamente, não sendo necessário o abandono de usos linguísticos locais ou particulares em seus devidos âmbitos de atuação por parte dos falantes de espanhol; (ii) tal variedade seria destinada a um grupo geográfico ou sociocultural concreto, ultrapassando fronteiras e proporcionando aceitação e rentabilidade comercial; (iii) a criação da variedade em questão seria capaz de aproximar milhões de falantes de espanhol, contudo, sem fazê-los perder sua identidade; (iv) haveria uma necessidade comunicativa entre as nações hispano-falantes na atual era de globalização, associada à economia; etc.

Em direção ao contexto argentino de dublagem, Bravo García (2008, p. 29) explica que o adjetivo “neutro” é bastante utilizado na América Hispânica, principalmente no que diz respeito aos países “*lingüísticamente más “marcados”, donde con frecuencia el uso de esta*

*modalidad llega a ser obligatorio para los profesionales de la comunicación y de la telemercadería*”<sup>144</sup>. Nesse sentido, o espanhol neutral estaria associado à ausência total de marcas nacionais ou locais, vistas como interferências indesejadas na promoção de alguns produtos, cuja neutralidade também é entendida como um modo de superar fronteiras geográficas. Nas palavras da autora:

*El neutro no muestra indiferencia ante los rasgos propios, pero sí un afán de superación, pues las peculiaridades que vinculan al origen pueden suponer una limitación real, estableciendo claramente una frontera entre el discurso nacional y el internacional. Todo ello puede repercutir en la proyección del profesional de los medios fuera de su patria o en el funcionamiento en el mercado de un determinado producto* (BRAVO GARCÍA, 2008, p. 29, grifo no original).

Na Argentina, por exemplo, devido à população entender sua fala como mais “marcada” em comparação com a de outros falantes no universo hispânico, acabou sendo criada, no imaginário daquelas pessoas, a associação “neutro = não argentino”, conforme Bravo García (2008, p. 29). Assim, o entendimento do adjetivo em questão, naquele país, é de uma fala sem marcas características da variedade argentina do espanhol. Vemos, então, que em uma perspectiva mais regional ou local, esse entendimento por parte dos falantes argentinos evidencia que o espanhol neutral é conhecido pela sociedade, além dos limites de atuação dos profissionais de comunicação e dos estudiosos da linguagem, especialmente.

Ainda no cenário argentino, importa mencionar a existência de uma lei sancionada por aquele governo a respeito da dublagem praticada em produtos exibidos na televisão. Trata-se da Lei 23.316<sup>145</sup>, de 1986, que determina como deve ser feita a “*Utilización del idioma castellano en el doblaje de películas para televisión*” – título da lei em questão –, da qual Bravo García (2008) extraiu o Artigo I, que reproduzimos a seguir:

---

<sup>144</sup> Emprego de aspas no original.

<sup>145</sup> Texto disponível, na íntegra, em: <<http://www.saij.gob.ar/23316-nacional-utilizacion-idioma-castellano-doblaje-peliculas-para-televisión-lns00032891986-05-07/123456789-0abc-defg-98-23000scanyel?>>. Acesso: out., 2017.

*El doblaje para la televisión de películas y/o tapes de corto o largo metraje, la presentación fraccionada de ellas con fines de propaganda, la publicidad, la prensa y las denominadas series que sean puestas en pantalla por dicho medio y en los porcentajes que fija esta ley, deberá ser realizado en idioma castellano neutro, según su uso corriente en nuestro país, pero comprensible para todo el público de la América hispanohablante* (BRAVO GARCÍA, 2008, p. 30).

Dois anos após a publicação oficial da referida lei, explica Bravo García (2008, p. 30), também é publicada uma regulamentação que ilustra o entendimento do governo argentino a respeito do *castellano neutro*, o qual deve ser empregado na dublagem daquele país, a saber: “*Se entenderá por idioma castellano neutro al hablar puro, fonética, sintáctica y semánticamente, conocido y aceptado por todo el público hispanohablante, libre de modismos y expresiones [...] de sectores*”.

Em direção semelhante, a partir de uma crítica sobre o espanhol neutral utilizado nas dublagens praticadas no México, existe um entendimento de que as principais características dessa variedade linguística seriam: (i) o sotaque neutro, com poucos traços regionais ou locais; e (ii) uma linguagem simplificada no que diz respeito à sintaxe e ao léxico empregados, resultando, segundo a perspectiva de alguns estudiosos, no empobrecimento do idioma – discussão apresentada em López Morales (2006, p. 480).

Cabe abrir um parêntese para explicar que, tendo em vista os propósitos desta pesquisa, não é objetivo central tomar partido favorável ou contrário no que tange à discussão sobre o espanhol neutral. Independentemente da possível artificialidade associada à variedade, de sua falta de identidade, entre outros argumentos frequentes nesse sentido, o fato inegável é que ela existe e é praticada, especialmente no que se refere ao meio de traduções audiovisuais em contexto hispano-americano. Nessa direção, é de nosso interesse compreender sua complexidade linguística, buscando descobrir em que níveis da língua, e se possível de que modo, ocorre a neutralidade almejada nos processos tradutórios. Em outras palavras, com ênfase no objeto desta dissertação, interessa-nos compreender se o espanhol neutral tem algum impacto na escolha PPS/PPC – um fenômeno morfossintático –, condicionando, de algum modo, a ocorrência dessas formas nas traduções à variedade neutral.

Na busca pelas características linguísticas do espanhol neutral, tem pertinência destacar a obra de Bravo García (2008)<sup>146</sup>, que busca identificar (e, às vezes, propor) um paradigma do espanhol neutral, tendo em conta traços que afetam seus níveis linguísticos – fonético-fonológico, morfossintático e lexical – a partir das tendências observadas atualmente (BRAVO GARCÍA, 2008, p. 9).

Para a referida pesquisadora, o espanhol neutral é um consenso entre determinado grupo social que desempenha seu trabalho no âmbito da comunicação (BRAVO GARCÍA, 2008, p. 37). Assim, tratando-se de uma variedade linguística com fins de aplicabilidade em meios de comunicação – nos quais, portanto, também estão inseridas as dublagens produzidas em espanhol neutral –, a pesquisadora explica que, em comparação com meios de suporte escrito, os quais contam com uma força normativa desde a criação da imprensa, a tarefa de estabelecer padronização para a língua falada é ainda mais complexa. Nesse raciocínio, a língua falada entra em jogo, pois, as novas tecnologias dão maior importância à *imediatez* da expressão oral (BRAVO GARCÍA, 2008, p. 36).

Entendemos que essa discussão vai ao encontro da reflexão de Koch e Oesterreicher (2007 [1990]) sobre a *imediatez* e a *distancia* comunicativas, que discutimos em seção anterior. Em contraste com a língua escrita, as necessidades são diferentes na entrevista oral, comunicação verbal, notícias, documentários, etc., sendo estes dois últimos gêneros, no entendimento de Bravo García (2008), uma ponte – um continuum, nos termos de Koch e Oesterreicher (2007 [1990]) – entre a escrita e a oralidade, pois, nestes dois casos específicos, o texto precisa já estar escrito para, então, transcender à própria escrita, isto é, ser expresso oralmente.

A respeito de critérios para a seleção dos fenômenos compatíveis com o espanhol neutral, Bravo García (2008, p. 38) explica que em tal variedade é preciso extrair usos que são intrínsecos ao sistema da língua espanhola – em sentido mais amplo, geral. Assim, é necessário fazer uma seleção de traços linguísticos das variedades naturais – peninsular, mexicana, argentina, peruana, etc. –, levando em conta que o espanhol neutral deve responder aos seguintes critérios de seleção:

⇒ “*Refuerzo de la identidad de la lengua española como vehículo de una cultura, sin renunciar al acervo cultural hispánico*”.

---

<sup>146</sup> Em especial, a seção “*Instrumentos para determinar la norma mediática*”, pertencente ao capítulo sobre “*El proceso de selección lingüística*”.

- ⇒ *“Diseño de un estándar vehicular que, incidiendo en lo común, soslaye las características lingüísticas más acusadas de las distintas zonas”.*
- ⇒ *“Generación de un discurso innovador, que evite el purismo o las soluciones tradicionales [...] apreciadas en algunos casos como un lastre frente al dinamismo requerido por el lenguaje mediático”.*
- ⇒ *“Beneficio de la cohesión, ofreciendo un medio de resistencia ante al extranjerismo, al que determinados ambientes podrían ser especialmente vulnerables (tecnología, medios de comunicación, modas, música, etc.)”.*
- ⇒ *“Garantía de una modalidad consensuada de uso internacional que sortea las suspicacias en cuanto a los sentimientos nacionales<sup>147</sup>”.*
- ⇒ *“En definitiva, ofrecer un español ágil y dinámico que se muestre autosuficiente y capaz de responder en tiempo real<sup>148</sup> a las necesidades comunicativas de un mundo [...] en permanente innovación como es el de los medios” (BRAVO GARCÍA, 2008, p. 38).*

Na sequência, Bravo García (2008, p. 39) discute diversos fenômenos e usos linguísticos do espanhol em âmbito geral, acomodando-os na caracterização da variedade neutral, ou seja, sinalizando se determinado fenômeno ou uso linguístico estaria presente ou ausente na referida variedade. Em suma, os critérios descritos são os seguintes (nesta ordem):

- ⇒ O uso linguístico ser comum a todas as variedades diatópicas do espanhol – tratadas, por Bravo García (2008, p. 39), em nível de país hispano-falante.

---

<sup>147</sup> *“Precisamente porque en él se sienten representados los hablantes hispanoamericanos, los respectivos acentos locales son utilizados como tópicos de personajes” (BRAVO GARCÍA, 2008, p. 38).*

<sup>148</sup> Em nossa interpretação, entraria aqui a questão da *inmediatez comunicativa*, levada em conta pela pesquisadora.

⇒ Quando não é o caso, o critério decisivo varia a depender do nível linguístico em jogo.

Os critérios citados são problemáticos, sobretudo o primeiro, tendo-se em conta a árdua tarefa de estabelecer se certo uso ou fenômeno linguístico é comum a todas as variedades hispânicas, especialmente em uma língua com alcance geográfico tão amplo como é o caso do espanhol. O segundo critério, genérico, visivelmente prevê a impossibilidade do primeiro, abrindo caminhos distintos a partir do nível linguístico ao qual corresponda o fenômeno:

- ⇒ No nível **fonético-fonológico**, por exemplo, Bravo García (2008, p. 39) menciona o grau de aceitação social como determinante, em consonância com os propósitos do espanhol neutral de ser uma língua de comunicação.
- ⇒ No **nível morfossintático**, por sua vez, não são apresentados critérios; senão fenômenos e usos linguísticos com prevalência no espanhol neutral, isto é, aqueles que (aparentemente) já estão bem estabelecidos em tal variedade – ilustrados, mais adiante, com base na obra em referência.
- ⇒ Sobre a **seleção lexical**, Bravo García (2008, p. 39) explica ser necessário respeitar a seguinte ordem: léxico com aceitação geral no espanhol > léxico de uso geral na América Hispânica.

Em outro momento do texto, Bravo García (2008, p. 46-47) afirma que, na dublagem neutral produzida em contexto argentino, há uma tendência a aproximar-se do espanhol falado em Madri, desde que os usos ali presentes sejam compreendidos também por falantes hispano-americanos. Como vemos, tal afirmação é contrária ao critério descrito para a seleção lexical – o qual prevê, quando o léxico não é de aceitação geral, usos hispano-americanos e não peninsulares –, demonstrando a complexidade do espanhol neutral.

Em direção às ilustrações trazidas por Bravo García (2008), no nível fonético-fonológico, a pesquisadora menciona: (i) o uso do fenômeno *seseo* em detrimento do *ceceo*<sup>149</sup>; (ii) incentivo ao uso do

---

<sup>149</sup> O fenômeno do *seseo* diz respeito à “*igualación en la pronunciación de los sonidos castellanos correspondientes a las grafías “s” y “z” (y “c” ante las vocales “e”, “i”), con el sonido que corresponde a la letra “s”. [...] los*



*yeísmo*, embora não seja proibido, necessariamente, o uso de seu fenômeno em oposição, o *lleísmo*<sup>150</sup>; (iii) tolerância ao enfraquecimento do fonema /y/, ou seja, à pronúncia da palavra “*ella*”, por exemplo, realizada como [eia], mas, por outro lado, “*no es admisible la pérdida total [ea], característica de zonas centrales de América y de Nuevo México*” (BRAVO GARCÍA, 2008, p. 40); entre outros. No que se refere ao sotaque, a autora explica que, para quem defende sua neutralidade, a ideia central é alcançar uma fala limpa, de modo que não seja possível associá-la a nenhum país específico. Acabou surgindo, nesse sentido, a profissão de *director de acento neutro* no contexto de traduções para dublagem, com maior expressividade especialmente nos estúdios argentinos, em decorrência de o espanhol da Argentina apresentar uma “*cadencia singular y marcada que lo identifica dentro del mundo hispanohablante*” que “*puede convertirse en un condicionante negativo a la hora de buscar una proyección en ámbito internacional*” (BRAVO GARCÍA, 2008, p. 42).

Sobre fenômenos no nível linguístico de maior relevância tendo-se em conta o objeto desta dissertação, diversos usos são discutidos na morfossintaxe. Alguns exemplos são os seguintes: (i) uso de *ustedes* como segunda pessoa do plural, em detrimento de *vosotros*; (ii) uso de *tú* como pronome de tratamento de segunda pessoa do singular, em detrimento de *vos* (*tuteo vs. voseo*); (iii) preferência pela ordem sintática S-V-O (sujeito-verbo-objeto); e (iv) em contextos interrogativos, preferência pela ordem S-V em entrevistas e programas de rua ou para expressar afetividade – “*¿qué tú quieres?*” –, e, por outro lado, em jornais, debates e dublagens, preferência pela ordem V-S – “*¿qué dices tú?*”.

Concernente ao paradigma verbal, Bravo García (2008, p. 45) afirma que no espanhol neutral há preferência por formas simples em detrimento de formas compostas. Na comparação entre o PPS e o PPC, a autora explica que *canté* tem índices de frequência de uso muito maiores

---

*hablantes con seseo tienen un único fonema /s/*”. O *ceceo*, por outro lado, “*tiene dos [fonemas]: /s/, apicoalveolar, y /θ/, posdental o interdental*”, conforme Bravo García (2008, p. 39-40).

<sup>150</sup> O fenômeno do *yeísmo* corresponde à “*desaparición de la diferencia fonológica entre la consonante lateral palatal y la fricativa palatal sonora, de manera que, en la pronunciación, no se distinguen palabras como llamado y cayado*”, conforme o *Diccionario de la Real Academia*. Disponível em: <<http://dle.rae.es/?id=cAb77Q4>>. Acesso: out., 2017. Quando há distinção fonológica, trata-se do fenômeno *lleísmo*.

e que *he cantado* seria a forma verbal preferida na variedade peninsular do espanhol. Por outro lado, Bravo García (2008, p. 45) alerta que a preferência do espanhol neutral pelo PPS não é sinônimo de desuso do PPC na variedade em questão, forma linguística empregada em certos contextos, como por exemplo “*en la acción repetida*”, conforme explicação da autora citada.

Em meio à complexidade do espanhol neutral – que, como vimos, resulta em informações aparentemente contraditórias em alguns casos –, cabe destacar duas possibilidades encontradas a partir da obra de Bravo García (2008): (i) preferência da variedade hispânica em questão pelo PPS em detrimento do PPC, dado significativo levando em conta as questões e hipóteses formuladas nesta dissertação; e (ii) uso do pretérito perfeito composto com valor de “*acción repetida*”. Conforme discutimos nos Capítulos 2 e 3, trata-se do PPC Iterativo, um dos valores dessa forma verbal no Estágio 2 de sua gramaticalização, quando desempenha a função continuativa. Embora não seja mencionado explicitamente por Bravo García (2008), acreditamos que também seja possível o PPC Durativo, um valor semelhante ao PPC Iterativo. Nessa etapa de evolução, as ações expressas pelo pretérito perfeito composto se prolongam (duração) ou se repetem (iteração) ao longo do tempo, chegando até o presente. Em outras palavras, trata-se de duas nuances (subfunções) de uma mesma função: PPC Continuidade. Verificamos essas possibilidades – itens em (i) e (ii) – a partir da dublagem neutral do corpus fílmico desta dissertação, conforme análise e discussão dos dados no Capítulo 6.

Em direção à finalização desta seção, importa contextualizar que, embora a produção de dublagens em espanhol não seja exclusiva de nenhum país hispano-americano – pois há produção de dublagem na Argentina, Chile, Venezuela, etc., e até mesmo nos Estados Unidos –, historicamente, o México acabou se tornando um contexto de grande importância para as distribuidoras de filmes que precisam desse tipo de serviço, cujo trabalho é desempenhado por casas de dublagem localizadas na capital mexicana. A esse respeito, Nájjar (2007, p. 131-132) explica que a dublagem produzida no México foi bem aceita no contexto hispano-americano, país considerado “*el Hollywood del doblaje de la voz*”. Essa é a razão pela qual alguns produtos audiovisuais, que já haviam sido traduzidos anteriormente em outros países de fala hispânica, acabaram recebendo uma nova dublagem em estúdios mexicanos.

Ainda sobre a produção de dublagem em espanhol neutral, especificamente, o México tem forte atuação no mercado de traduções

audiovisuais hispânicas, ao lado da Argentina, com certa presença também. Essa menção ao contexto mexicano de dublagem é importante, pois, uma das amostras linguísticas que constitui nosso corpus filmico foi produzida em tal contexto – tema debatido no Capítulo 5, dedicado à Metodologia, momento em que também rastreamos uma das traduções ao espanhol do filme de nosso interesse.

Cabe mencionar, ainda, que a depender do produto audiovisual e do interesse das empresas que detêm seus direitos, é possível haver produção de mais de uma tradução para dublagem de um mesmo produto cinematográfico, tendo-se em vista, nesse sentido, públicos diferentes dentro do contexto hispano-americano. No Projeto CEEMO<sup>151</sup>, os pesquisadores têm observado essa possibilidade a partir da análise dos filmes *Rio* (2011) e *Metegol* (2013)<sup>152</sup>. Desta última obra cinematográfica, a equipe do referido projeto vem desenvolvendo pesquisas sobre as seguintes versões de material de áudio (original e dublagem): espanhol rio-platense (língua original), espanhol neutral, espanhol peninsular e português brasileiro, embora esta última esteja fora do âmbito hispano-americano.

No caso do filme *Rio*, além de existir uma dublagem destinada ao público mexicano, especificamente, existe outra, em versão neutral, para todos os demais espectadores hispano-americanos. No processo de dublagem desse filme de animação, observa-se uma dinâmica de reaproveitamento de atores/dubladores no que concerne às dublagens em espanhol mexicano e espanhol neutral, pois, conforme foi constatado, o elenco de vozes é igual, o que mostra que as duas versões foram produzidas no mesmo contexto de dublagem. A diferença entre uma versão e outra é que, na tradução ao espanhol mexicano, o uso de mexicanismos<sup>153</sup> está autorizado. Em suma, as dublagens do filme *Rio* com as quais a equipe do CEEMO trabalhou foram as seguintes: espanhol mexicano, espanhol neutral, espanhol peninsular – e, expandindo a abrangência linguística, também português brasileiro<sup>154</sup>.

---

<sup>151</sup> Apresentado com mais detalhes no Capítulo 5, relativo aos procedimentos metodológicos empregados neste estudo.

<sup>152</sup> Parrini *et al.* (2017), Albano (2015) e Oliveira *et al.* (2016).

<sup>153</sup> Definidos, segundo Máñez (2010, p. 1), como “*la pronunciación, palabra, frase o acepción usada en el español de México de modo característico o exclusivo en comparación con otras variantes de la lengua española*”.

<sup>154</sup> Mais informações a respeito das pesquisas desenvolvidas no âmbito do Projeto *Corpus do espanhol escrito com marcas de oralidade* podem ser encontradas em: <<http://ceemo.ufsc.br>>. Acesso: jan., 2018.

Na próxima seção, dando continuidade à contextualização do panorama de traduções audiovisuais ao espanhol no universo hispânico, centramos nossa atenção na dublagem praticada na Espanha, isto é, no processo de tradução para dublagem em contexto peninsular.

#### 4.4.2 Dublagem em contexto peninsular

Historicamente, a Espanha é considerada um país de tradição dubladora. Conforme explica Villa (2002, p. 3), no contexto peninsular a dublagem foi imposta<sup>155</sup> em todo o território, afetando, inclusive, outras línguas oficiais do governo daquele país. Apenas contextualizando, apesar de sair do âmbito do idioma espanhol, cabe comentar que, na Espanha, também é possível a produção de tradução para dublagem considerando as outras três línguas oficiais reconhecidas por aquele governo: o catalão, o basco (*euskera*) e o galego (MARTÍNEZ, 2001, p. 207). No entanto, um produto audiovisual não necessariamente acaba sendo dublado em todos os idiomas oficiais da Espanha<sup>156</sup>.

Em termos quantitativos, em 2002, aproximadamente entre 80% e 100% dos produtos audiovisuais de procedência em língua estrangeira que chegavam à Espanha eram dublados, conforme Villa (2002, p. 4). Contudo, nos últimos anos tem havido uma tendência a maior consumo de produtos legendados, resultando em uma divisão semelhante à que existe atualmente no Brasil: os cinemas (entre outros meios), devido à demanda por parte do público espectador, passaram a oferecer sessões com tradução para dublagem e, concomitantemente, tradução para legendagem (MARTÍNEZ, 2001, p. 208), especialmente em Madri e Barcelona (VILLA, 2002, p. 5).

Em contraste com a reflexão sobre a dublagem neutral (contexto mexicano) discutida na seção anterior, importa comentar que a dublagem peninsular, cujo processo de tradução conta com uma equipe de profissionais localizados na Espanha, também busca certa neutralidade. Trata-se, porém, de uma neutralidade diferente daquela que é almejada no espanhol neutral, pois o objetivo é a tradução espanhola ser entregue somente aos espectadores da Espanha, isto é, seu

---

<sup>155</sup> Pelo regime autoritário de Franco, como medida de proteção, segundo Villa (2002, p. 30).

<sup>156</sup> No caso do filme brasileiro *Tropa de Elite* (2007), por exemplo, o DVD comercializado na Espanha fornece dublagens em espanhol (peninsular), catalão e basco.

propósito tem alcances geográficos menores no que concerne ao público-alvo dos produtos audiovisuais. Sobre o alcance em âmbito peninsular, precisamente, Asensio (2001, p. 29) esclarece que os *“locutores de los medios de comunicación y los actores de doblaje [de España] utilizan [...] un español neutro, que no corresponde a ninguna variedad regional concreta”*.

Em comparação com o espanhol neutral utilizado em dublagens produzidas em contexto hispano-americano, uma dublagem peninsular acaba sendo menos complexa. Nessa direção, Villa (2002) afirma que:

*[...] el doblaje en España es un doblaje autóctono, en un habla mucho más cercana al receptor que lo podría ser un producto doblado en México para un receptor chileno, por ejemplo* (VILLA, 2002, p. 5).

Embora na Espanha não exista produção de dublagens em espanhol neutral, conforme Bravo García (2008, p. 24), há alguma presença dessa variedade linguística no país em questão, que está limitada a produtos culturalmente muito marcados – algumas séries específicas e anúncios, vinculados a um determinado personagem ou país hispano-americano, por exemplo –, os quais geralmente são considerados minoritários.

Diferentemente do espanhol neutral, que é objeto de pesquisas e conta com discussão<sup>157</sup>, não encontramos informações seguras a respeito da neutralidade almejada nas traduções para dublagem produzidas em contexto peninsular. Temos a fala de Villa (2002, p. 5) – citada anteriormente –, para quem a tradução em contexto peninsular é menos complexa comparada com a neutral, já que são propostas (alcances, sobretudo) distintas. Partindo da lógica de que uma tradução feita em contexto peninsular deve ser oferecida apenas dentro do território espanhol, acreditamos que o efeito de neutralidade almejado seja no sentido de evitar sotaque e léxico característicos de regiões específicas da Espanha, pois, geralmente, esses são os traços que, à primeira vista, permitem caracterizar uma fala ou associá-la a um determinado lugar ou falante. Nesse sentido, acreditamos que um fenômeno morfossintático como o PPC – e sua (multi)funcionalidade – não sofra forte influência da neutralidade na fala de atores/dubladores espanhóis, isto é, a tradução

---

<sup>157</sup> Apesar da carência de estudos mais direcionados a fenômenos e usos específicos da língua, como os pretéritos.

para dublagem peninsular não deve condicionar a ocorrência do PPC. Não é o que vimos a partir de Bravo García (2008) para o espanhol neutral, variedade em que há condicionamento dos pretéritos, no que se refere ao emprego das duas formas e aos significados expressos pelo PPC.

Ao longo das páginas deste capítulo, contextualizamos a Tradução Audiovisual e situamos as amostras linguísticas de nosso corpus fílmico no âmbito da dublagem, bem como buscamos descobrir, no que se refere à ocorrência dos pretéritos nos materiais de áudio analisados, possíveis influências do espanhol neutral – variedade para a qual há produção de dublagem no contexto hispano-americano, especialmente no México e na Argentina. Na sequência, apresentamos os procedimentos metodológicos executados para a realização desta pesquisa.

## 5 METODOLOGIA

Antes de dar início à apresentação dos procedimentos metodológicos adotados neste estudo, cabe explicitar o contexto de investigação mais amplo no qual estamos inseridos.

As três amostras fílmicas selecionadas para esta reflexão linguística, bem como nossos estudos antecedentes – resenhados na seção 2.1 – fazem parte do macroprojeto *Corpus do espanhol escrito com marcas de oralidade*<sup>158</sup> (CEEMO), o qual está em desenvolvimento por pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e parceiros de outras instituições acadêmicas.

O CEEMO tem como objetivo central organizar uma amostra diacrônica do espanhol, a partir de gêneros textuais diversos – como narrativas literárias, peças de teatro, poesias populares, filmes e cartas pessoais –, capaz de aproximar a escrita da modalidade oral do espanhol de diferentes regiões dialetais hispano-falantes. Trata-se de um banco de dados online, colocado à disposição de pesquisadores da área de Letras, interessados em fenômenos da linguagem relacionados ao espanhol, especialmente.

No que concerne à amostra fílmica contemplada no referido projeto, também é de interesse no âmbito do CEEMO o contraste entre versões originais de diferentes nacionalidades e suas respectivas traduções a variedades do espanhol, permitindo, assim, o desenvolvimento de pesquisas com foco entre línguas – português e espanhol – e entre diferentes variedades do espanhol – a tradução de um mesmo filme em versões hispânicas realizadas em contexto mexicano e em contexto peninsular, por exemplo (CEEMO, 2015, s/p).

A partir do macroprojeto de investigação citado, emerge a pesquisa que propomos nesta dissertação, para a qual planejamos as seguintes etapas no que concerne à metodologia empregada:

- ⇒ **Composição do corpus (seção 5.1):** identificação, definição e coleta das amostras; transcrição dos materiais de áudio através do programa *Express Scribe Transcription Software* (NCH Inc.); e revisão da transcrição no âmbito do Projeto CEEMO.
- ⇒ **Organização do corpus (seção 5.2):** seleção dos diálogos, presentes no filme, relevantes para a pesquisa (ocorrências das

---

<sup>158</sup> Mais informações sobre o CEEMO podem ser consultadas na página do Projeto: <<http://www.ceemo.ufsc.br>>. Acesso: jan., 2018.

duas formas do pretérito perfeito do indicativo nas três amostras de áudio); e disposição/organização em quadro contrastivo.

- ⇒ **Tratamento estatístico (seção 5.3):** etiquetagem, no corpus, de ocorrências de PPS e de PPC a partir do quadro contrastivo organizado; e rodadas estatísticas por meio do programa *RStudio* (RStudio Inc.).
- ⇒ **Primeira análise quantitativa e qualitativa – dados do corpus filmico (seção 5.4):** exame linguístico da frequência de uso das duas formas de pretérito nas amostras e das funções desempenhadas pelo PPC a partir do tratamento estatístico; e reflexão qualitativa dos números obtidos, levando em consideração fatores de análise na interpretação do valor das ocorrências.
- ⇒ **Delimitação, criação e aplicação do teste de percepção (seção 5.5):** seleção de contextos de uso dos pretéritos identificados na dublagem neutral; definição do perfil do informante, considerando regiões dialetais hispânicas e variáveis extralinguísticas; delimitação da amostra (quantidade de participantes); criação do teste na plataforma *Google Forms* (Google Inc.); hospedagem de trechos de cenas do filme, em formato de vídeo, no *YouTube* (Google Inc.); contato com os informantes; e aplicação do teste, na modalidade online, a falantes hispano-americanos.
- ⇒ **Segunda análise quantitativa e qualitativa – dados do instrumento de coleta (seção 5.6):** leitura dos resultados quantitativos organizados em tabelas; e reflexão qualitativa sobre a percepção dos informantes frente aos usos linguísticos selecionados para o teste, a partir dos números obtidos e de respostas discursivas oferecidas pelos hispano-falantes.

Na sequência, apresentamos de modo mais detalhado os procedimentos metodológicos anteriormente sintetizados em tópicos.



## 5.1 COMPOSIÇÃO DO CORPUS

O trabalho de pesquisa proposto tem como amostras de análise três materiais de áudio do filme brasileiro *Tropa de Elite* (2007): (i) o áudio original, em português brasileiro; e duas traduções ao espanhol, correspondentes à (ii) dublagem neutral (contexto mexicano) e (iii) dublagem peninsular (contexto peninsular).

Nossa escolha pelo filme *Tropa de Elite*, especificamente, justifica-se<sup>159</sup> pelo sucesso que o filme dirigido por José Padilha alcançou no mundo todo, garantindo-lhe traduções a diversas línguas – inclusive, duas traduções de áudio (dublagens) sincrônicas ao espanhol. Ilustrando o êxito obtido pela obra cinematográfica, *Tropa de Elite* recebeu, em 2008, o *Urso de Ouro* no Festival de Cinema de Berlim, além de ter sido indicado a diversos prêmios internacionais.

No que se refere à linguagem utilizada pelos personagens no filme, como critério positivo associado à escolha da obra, consideramos que há um esforço do roteiro em aproximar-se da realidade linguística dos falantes representados em cena. Nesse sentido, o filme *Tropa de Elite* tem como cenário zonas periféricas da cidade do Rio de Janeiro e oferece situações comunicativas cotidianas em um contexto brasileiro.

Assim, defendemos que não se trata de uma linguagem absolutamente artificial, pois a obra cinematográfica em questão procura retratar uma situação real, de fato vivida por pessoas naquele contexto social específico, o que implica um cuidado – por parte do diretor, dos roteiristas, dos atores, etc. – em trazer à tela, entre outros aspectos humanos, a variedade linguística – carioca – daqueles falantes representados pelos personagens nas cenas de um filme baseado em fatos reais.

Após a definição da obra que constitui o corpus fílmico de análise, o procedimento posterior foi a coleta dos materiais de áudio, em suas versões original e traduzidas ao espanhol.

A respeito do material que corresponde à amostra brasileira, considerada o ponto de partida para as duas traduções hispânicas, extraímos o áudio do DVD original distribuído no Brasil, do qual a *Universal Studios* detém os direitos.

Concernente à amostra em contexto peninsular, que constitui uma das traduções ao espanhol de nosso corpus fílmico, também extraímos o

---

<sup>159</sup> Conforme discussão apresentada em Gesser (2015, p. 43).

material de áudio do DVD original<sup>160</sup>, comercializado na Espanha pela *CAMEO MEDIA S.L.*

Seguindo a mesma lógica para a coleta da terceira amostra, outra tradução do *Tropa de Elite* ao espanhol, adquirimos o DVD vendido em lojas mexicanas – o qual também está associado à *Universal Studios*, tal como o DVD brasileiro. Contudo, a versão do disco comercializada no México curiosamente não oferece áudios traduzidos ao espanhol, somente legenda. Como já era de nosso conhecimento a existência de uma dublagem em espanhol neutro, por conta da exibição do filme em canais de TV da América Hispânica, procuramos a tradução em comunidades e fóruns online, principalmente naqueles destinados ao compartilhamento de filmes e séries no geral, os quais, atualmente, são bastante comuns devido à forte cultura virtual. Assim, encontramos uma versão do filme *Tropa de Elite* em “espanhol latino”, como também é conhecida a dublagem neutra entre os espectadores hispano-falantes.

Embora não possamos afirmar categoricamente que a ausência de tradução para dublagem se deva ao fato de a versão do DVD mexicano aproximar-se do DVD brasileiro, parece haver alguma relação nesse sentido, pois os dois produtos são distribuídos pela mesma empresa. Independentemente dessa suspeita, a partir de uma busca no banco de dados *Doblaje Wiki*<sup>161</sup> – no qual é possível encontrar informações, no âmbito de traduções audiovisuais hispânicas, sobre casas de dublagem, diretores e dubladores –, decidimos entrar em contato com algum profissional que tivesse trabalhado diretamente na tradução do *Tropa de Elite* à variedade neutra do espanhol, isto é, dublagem produzida em contexto mexicano.

Importa abrir um parêntese para contextualizar que a motivação para esse contato foi, inicialmente, a escassa informação a respeito da nacionalidade do tradutor, questão que sempre esteve em plano de fundo desde o início desta pesquisa – já em Gesser (2015), precisamente –, dada a importância desse dado, levando em consideração a possibilidade de a variedade linguística do tradutor causar alguma influência nas escolhas tradutórias observadas nos roteiros traduzidos para a dublagem.

No caso de filmes estrangeiros que têm como língua de partida o inglês, sabe-se que, no geral, os tradutores das versões traduzidas no

---

<sup>160</sup> A título de curiosidade, o DVD comercializado na Espanha disponibiliza, além da tradução à variedade peninsular do espanhol, dublagens em catalão e basco (*euskera*).

<sup>161</sup> Banco de dados sobre dublagem em espanhol. Disponível em: <[http://es.doblaje.wikia.com/wiki/Tropa\\_de\\_élite](http://es.doblaje.wikia.com/wiki/Tropa_de_élite)>. Acesso: jul., 2014.

México costumam ser mexicanos. No caso de um filme brasileiro, no qual o idioma original é o português, não encontramos informações seguras que pudessem indicar a nacionalidade do tradutor, isto é, se se trata de um brasileiro, um mexicano, ambos – no caso de um grupo encarregado da tradução – ou se o processo de tradução do *Tropa de Elite* envolveu profissionais oriundos de outros países hispanos, o que é possível. Essa invisibilidade do tradutor também foi constatada em outros trabalhos interessados na análise do filme em questão, como por exemplo o estudo realizado por Esqueda (2012), no qual a autora analisa a tradução de palavras, a partir da legenda em espanhol disponibilizada no DVD brasileiro<sup>162</sup>.

Nessa direção, a partir de informações obtidas no banco de dados sobre dublagens em espanhol, entramos em contato, através de uma rede social, com o dublador mexicano José Arenas, que dá voz ao personagem protagonista do filme *Tropa de Elite* na versão dublada ao espanhol neutral e utiliza a rede para manter contato com seus fãs e divulgar seus trabalhos. Embora a resposta não tenha podido ser contemplada durante o trabalho realizado em Gesser (2015), por conta do tempo tardio, ela traz informações relevantes para esta pesquisa. Reproduzimos, abaixo, a resposta do ator:

*Normalmente nosotros, como intérpretes, no tenemos conocimiento de quién traduce los libretos. El estudio de grabación donde hicimos el doblaje se llama CANDIANI. Espero que allí te puedan ayudar. El director de doblaje para la película [...] fue el señor Jorge Roig (ARENAS, 2015, s./p., grifos nossos).*

Como vemos, a informação a respeito da nacionalidade do tradutor permanece invisível. Contudo, obtivemos o nome do estúdio de dublagem – CANDIANI<sup>163</sup>, uma empresa de serviços televisivos localizada na Cidade do México – e do diretor envolvido no processo de tradução do *Tropa de Elite* ao espanhol neutral: Jorge Roig<sup>164</sup>, diretor e ator de dublagem, nascido na capital mexicana.

<sup>162</sup> Conforme observado em Gesser (2015, p. 45-46).

<sup>163</sup> Página oficial da *CANDIANI Dubbing Studios*: <<http://www.candiani.tv>>. Acesso: mar., 2017.

<sup>164</sup> Página dedicada ao trabalho do diretor/ator, disponível no banco de dados sobre dublagem em espanhol: <[http://es.doblaje.wikia.com/wiki/Jorge\\_Roig](http://es.doblaje.wikia.com/wiki/Jorge_Roig)>. Acesso: mar., 2017.

Retomando a discussão sobre a ausência de tradução de áudio no DVD comercializado em terras mexicanas, a dublagem ao espanhol neutral foi encarregada à empresa CANDIANI especialmente para a transmissão do filme em canais de TV hispano-americanos, conforme o banco de dados consultado. Em nosso entendimento, a tradução para a variedade neutral do espanhol foi encomendada posteriormente ao início da venda do DVD no México, o que justifica a tradução não estar presente no disco comercializado naquele país.

Acreditamos que o rastreamento narrado até este momento – o qual abarcou consultas a banco de dados, contato com profissional mexicano envolvido no processo de tradução e busca por informações a respeito do estúdio de dublagem e do diretor responsável pelo trabalho – seja suficiente para corroborar que se trata, efetivamente, da versão traduzida ao espanhol neutral. Ainda assim, importa comentar brevemente que, para além dessas questões externas à língua, durante o processo de transcrição da amostra em contexto mexicano – etapa apresentada, com maior detalhamento, na sequência –, estivemos atentos a questões linguísticas que indicassem alguma tentativa de neutralidade na tradução.

Geralmente essa neutralidade, almejada nas versões traduzidas ao espanhol neutral, diz respeito a aspectos nos níveis fonético-fonológicos e semântico-lexicais, conforme esclarece Bravo García (2008), trabalho discutido no Capítulo 4, dedicado à Tradução Audiovisual. Em outras palavras, trata-se de neutralidade no âmbito: (i) do sotaque, um esforço por parte dos dubladores mexicanos para neutralizá-lo; e (ii) da ausência de mexicanismos, expressões linguísticas associadas ao espanhol falado no México. Esses aspectos específicos, em termos gerais, foram neutralizados na dublagem em questão, segundo observamos durante a etapa de transcrição.

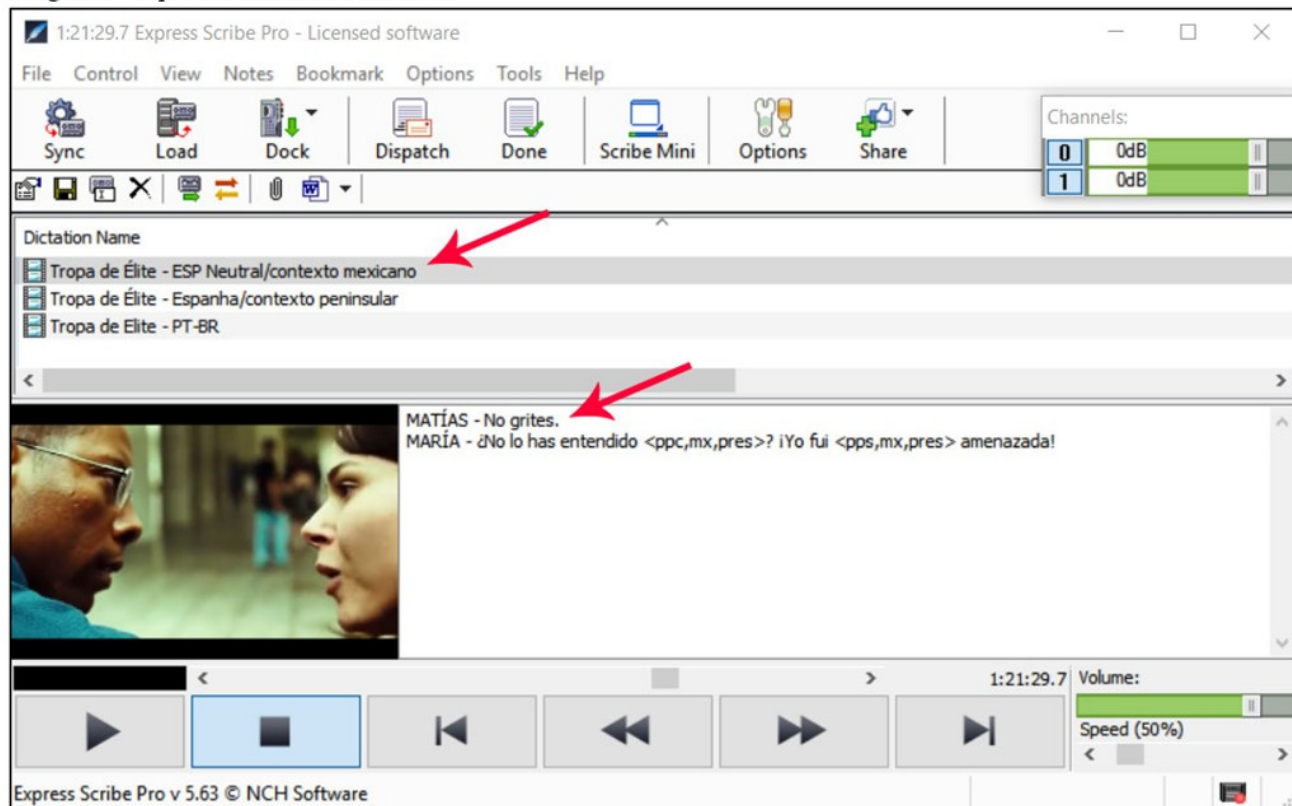
Finalizando a argumentação concernente à amostra traduzida em território mexicano, cabe esclarecer que, sem perder de vista que a dublagem neutral é destinada a diversos países da América Hispânica, optamos, para fazer referência a essa versão traduzida, pela denominação “em contexto mexicano”, pois, como mostramos, o estúdio de dublagem está localizado no México e os profissionais envolvidos no processo de dublagem – diretor e atores/dubladores – são falantes mexicanos.

Após a coleta dos materiais, a etapa seguinte consistiu em transcrever os áudios. No que diz respeito ao áudio original, em português brasileiro, e à tradução ao espanhol neutral (dublagem em contexto mexicano), transcrevemos as duas amostras durante o estudo

realizado em Gesser (2015). Para que houvesse maior qualidade na análise contrastiva dessas duas versões de áudio, decidimos fazer a transcrição passo a passo, a partir de cada cena em observação, por exemplo: transcrição de 2 minutos do áudio em português e, em seguida, os 2 minutos equivalentes do áudio em espanhol, favorecendo a comparação entre as amostras. Em outras palavras, para que não fossem perdidos pontos linguísticos relevantes, transcrevemos os diálogos de uma mesma cena, nos dois materiais, de modo praticamente simultâneo. Nesse momento, já eram destacadas questões linguísticas que surgiam e os dados de interesse, isto é, as falas em que ocorriam as formas simples e composta do pretérito perfeito do indicativo (GESSER, 2015, p. 44).

O áudio traduzido ao espanhol em contexto peninsular, por outro lado, transcrevemos no contexto da presente pesquisa, seguindo uma lógica semelhante à aplicada durante a transcrição das duas primeiras amostras: a partir dos diálogos dos materiais já finalizados – áudio em português e dublagem em espanhol neutral –, fizemos a transcrição da dublagem da Espanha destacando questões linguísticas e as ocorrências de passado.

Para o processo de transcrição das três amostras que compõem o corpus filmico, contamos com o auxílio do *Express Scribe Transcription Software* (NCH Inc.), versão Pro 5.63, um programa profissional desenvolvido para ajudar na tarefa de transcrição de gravações em formatos de áudio e vídeo em geral, oferecendo, nesse sentido, recursos como pausar, retroceder, avançar, ouvir em câmera lenta, entre outros, o que garante maior qualidade ao trabalho do transcritor. Na página seguinte, apresentamos a tela de trabalho principal do programa *Express Scribe*, em que é possível ver os arquivos correspondentes aos três materiais de áudio, o *player* de vídeo, o campo próprio para digitação – com um exemplo de texto transcrito – e botões com comandos.

Imagem 1 – *Express Scribe*: tela de trabalho

Fonte: Elaboração própria.

Certamente, trata-se de uma tarefa complexa e demorada. A depender do trecho do filme, para a transcrição de 5 minutos da obra podem ser necessários 40 minutos de dedicação, exigindo do transcritor muita atenção a todos os detalhes, tanto internos como externos às línguas – português e espanhol – e variedades linguísticas envolvidas – carioca, espanhol neutral e espanhol peninsular. Por essa razão, todo o material transcrito passou por uma cuidadosa revisão no âmbito do CEEMO, cuja etapa contou com a participação de um membro do referido projeto.

Nesse sentido, importa mencionar que, embora nosso interesse recaia sobre o uso das formas de passado nos diálogos presentes nos três materiais de áudio do filme, o processo de transcrição foi além, contemplando a obra como um todo e não apenas as ocorrências de PPS e PPC, levando em conta que as amostras fazem parte do CEEMO e estão disponíveis, integralmente, no banco de dados online<sup>165</sup> do Projeto para uso de toda a comunidade acadêmica interessada no corpus. Numericamente, a transcrição abrangeu 1h55 de cada versão de áudio, totalizando quase 6 horas de material de áudio e aproximadamente 54.600 palavras transcritas.

## 5.2 ORGANIZAÇÃO DO CORPUS

Esta etapa consistiu em organizar o corpus fílmico com as ocorrências relevantes para o estudo, isto é, todas as falas em que ocorrem, ao menos em uma das três amostras, as formas simples ou composta do pretérito perfeito do indicativo considerando os materiais de áudio transcritos. Dizemos que ao menos em uma das três amostras, pois, como se trata de um trabalho que envolve escolhas tradutórias motivadas pela interpretação do tradutor, de fato há casos nos quais, por exemplo, em uma amostra é empregado o PPS ou o PPC, e, na fala equivalente de outra amostra, o mesmo não se verifica, devido a adaptações nas traduções – questão mais bem explicitada adiante.

Organizamos as três amostras em um quadro contrastivo, em documento à parte, no qual as transcrições aparecem lado a lado, respeitando a seguinte ordem de apresentação no que tange à organização em colunas: áudio original em português brasileiro > dublagem em contexto mexicano > dublagem em contexto peninsular. Essa disposição das ocorrências, que facilita a leitura dos dados e

---

<sup>165</sup> Disponível em: <<http://www.ceemo.ufsc.br>>. Acesso: jan., 2018.

favorece a comparação entre os usos linguísticos nas três amostras, é ilustrada a seguir:

Quadro 22 – Corpus filmico: exemplo de organização

<b>Áudio original (português brasileiro)</b>	<b>Dublagem neutra (contexto mexicano)</b>	<b>Dublagem peninsular (contexto peninsular)</b>
VOZ OFF - Meu nome é Capitão Nascimento. Eu chefiava a equipe Alfa do BOPE. Eu já tava naquela guerra faz tempo. E tava começando a ficar cansado dela.	<i>VOZ EN OFF - Soy el Capitán Nascimento. <b>Comandé</b> el equipo Alfa del BOPE. Ya llevaba algún tiempo en esa guerra. Y estaba comenzando a cansarme de ella.</i>	<i>VOZ EN OFF - Soy el Capitán Nascimento. Era jefe del equipo Alfa del BOPE. Llevaba años luchando en esa guerra y ya me estaba cansando de ella.</i>
COADJUVANTE - <b>Trouxe</b> as peças? POMPEU - Trouxe.	<i>SECUNDARIO - ¿Traes las piezas? POMPEU - ¡Claro!</i>	<i>SECUNDARIO - ¿<b>Has traído</b> las piezas? POMPEU - Sí.</i>
ROSANE - Pera aí, amor. Eu <b>botei</b> a mesa pra você ali. Senta lá.	<i>ROSANE - ¡Espera, amor! ¡<b>Puse</b> la mesa para ti! ¡<b>Siéntate!</b></i>	<i>ROSANE - Ahora te lo llevo yo. <b>Ve a sentarte, anda.</b></i>
ROSANE - Ah, Roberto, você <b>chegou</b> tarde ontem e tá saindo correndo agora? Eu <b>dormi</b> muito mal à noite.	<i>ROSANE - Roberto, <b>llegaste</b> tarde ayer ¿y hoy te saldrás corriendo así? <b>Dormí</b> muy mal anoche.</i>	<i>ROSANE - Ah... anoche <b>llegaste</b> tarde ¿y ahora te tienes que ir corriendo? Hoy <b>he dormido</b> fatal.</i>
ROSANE - Não tá bem. Fico sempre te esperando, fico nervosa, ele acaba sentindo. Já não <b>ganhou</b> peso da última vez, né. Ah...	<i>ROSANE - No, no está bien. Yo estoy siempre esperando y estoy nerviosa, él acaba sintiéndolo. Y no <b>ganó</b> peso la última vez. Ah...</i>	<i>ROSANE - No, no está bien. Me pongo muy nerviosa y no <b>he subido</b> de peso desde la última vez. Ah...</i>

Fonte: Elaboração própria.

Comentando brevemente a questão que envolve adaptações tradutórias, a qual acaba fazendo com que tenhamos de lidar com ocorrências que vão além das duas formas de passado, temos, no quadro acima, os seguintes casos:

⇒ O imperfeito traduzido, na dublagem neutra, como PPS: “chefiava > **comandé** > **era**”.



- ⇒ O PPS traduzido, na dublagem neutral, como presente simples: “trouxe > *traes* > *has traído*”.
- ⇒ O emprego do próprio verbo da pergunta para responder afirmativamente, fenômeno recorrente no português brasileiro, sendo traduzido por expressões afirmativas nas duas traduções ao espanhol: “trouxe > *claro* > *sí*”.
- ⇒ O PPS traduzido, na dublagem peninsular, como presente simples: “botei > *puse* > *llevo*”.

Em suma, importa ter em mente é que, nesses casos específicos, sempre haverá PPS e/ou PPC em pelo menos uma das falas em contraste, conforme exemplificamos no quadro contrastivo. Além disso, as situações ilustradas anteriormente, nas quais não ocorrem as duas formas do pretérito perfeito necessariamente nas três amostras, estão previstas no tratamento estatístico no que diz respeito à etapa de etiquetagem, descrita a seguir.

### 5.3 TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Antes da etapa em que executamos as rodadas estatísticas com a intenção de determinar a frequência de uso das duas formas linguísticas em estudo, nosso trabalho consistiu em etiquetar os dados, de modo sistemático, olhando para cada uma das ocorrências nas três amostras, minuciosamente. Tendo como ponto de partida o quadro contrastivo organizado – ilustrado na seção anterior –, fizemos a etiquetagem dos dados, codificando o emprego do PPS e do PPC através das seguintes <etiquetas>, precisamente:

Quadro 23 – Corpus filmico: variáveis e etiquetas

Variáveis		
Forma verbal (ou “fala”)	Amostra filmica	Situação
<b>pps</b> (Pretérito perfeito simples)	<b>br</b> (Áudio original)	<b>pres</b> (Presença)
<b>ppc</b> (Pretérito perfeito composto)	<b>mx</b> (Dub. neutral)	<b>aus</b> (Ausência)
<b>2formas</b> (PPS e PPC – ambos)	<b>es</b> (Dub. peninsular)	<b>semeq</b> (Sem equivalência)
<b>fala</b> <sup>166</sup> Fala		

Fonte: Elaboração própria.

Importa explicitar o porquê de estarmos utilizando “presença” e “ausência” durante a etapa de etiquetagem das ocorrências. Como trabalhamos com amostras contrastivas, em que as falas aparecem ordenadamente, lado a lado, a lógica seguida é semelhante à de uma moeda, isto é, há dois lados com valores opostos: se há ausência, automaticamente é porque não há ocorrência/presença. Só é possível falar de ausência em uma amostra se houver ocorrência/presença nas outras duas amostras – em pelo menos uma delas. Não é possível, no que concerne a uma mesma fala, haver ausência nos três materiais de áudio extraídos do filme, já que, como dito anteriormente, embora tenhamos feito a transcrição de toda a obra cinematográfica, somente selecionamos (organizamos) para o corpus as falas em que ocorrem pelo menos uma das duas formas de passado. Logo, a premissa básica é que sempre haverá ocorrência/presença de PPS ou PPC em pelo menos uma das versões de áudio.

Após a codificação das ocorrências, ou seja, o acréscimo das etiquetas no corpus, o quadro contrastivo anteriormente organizado se atualiza, ficando assim:

<sup>166</sup> Embora não seja uma forma verbal, senão um termo genérico – “fala” –, foi necessário criar essa etiqueta de modo a garantir resultados precisos por meio do preenchimento de todas as variáveis. Em outras palavras, o ideal é que o primeiro campo, “formaverbal”, não esteja vazio, considerando a etiquetagem <formaverbal,amostra,situação>, o que aconteceria sem a criação dessa etiqueta. No corpus, o emprego de <fala> está associado à etiqueta <semeq>, “sem equivalência”, as quais, somadas à <amostra>, oferecem a seguinte leitura: “fala não equivalente, ou sem equivalência, na amostra [br/mx/es]”.

Quadro 24 – Corpus filmico: exemplo de organização após etiquetagem

<b>Áudio original (português brasileiro)</b>	<b>Dublagem neutral (contexto mexicano)</b>	<b>Dublagem peninsular (contexto peninsular)</b>
VOZ OFF - Meu nome é Capitão Nascimento. Eu chefiava <pps,br,aus> a equipe Alfa do BOPE. Eu já tava naquela guerra faz tempo. E tava começando a ficar cansado dela.	VOZ EN OFF - Soy el Capitán Nascimento. Comandé <pps,mx,pres> el equipo Alfa del BOPE. Ya llevaba algún tiempo en esa guerra. Y estaba comenzando a cansarme de ella.	VOZ EN OFF - Soy el Capitán Nascimento. Era <pps,es,aus> jefe del equipo Alfa del BOPE. Llevaba años luchando en esa guerra y ya me estaba cansando de ella.
COADJUVANTE - Trouxe <pps,br,pres> as peças?	SECUNDARIO - ¿Traes <pps,mx,aus> las piezas?	SECUNDARIO - ¿Has traído <ppc,es,pres> las piezas?
POMPEU - Trouxe. <pps,br,pres>	POMPEU - ¡Claro! <pps,mx,aus>	POMPEU - Sí. <pps,es,aus>
ROSANE - Pera aí, amor. Eu botei <pps,br,pres> a mesa pra você ali. Senta lá.	ROSANE - ¡Espera, amor! ¡Puse <pps,mx,pres> la mesa para ti! ¡Siéntate!	ROSANE - Ahora te lo llevo <pps,es,aus> yo. Ve a sentarte, anda.
ROSANE - Ah, Roberto, você chegou <pps,br,pres> tarde ontem e tá saindo correndo agora? Eu dormi <pps,br,pres> muito mal à noite.	ROSANE - Roberto, llegaste <pps,mx,pres> tarde ayer ¿y hoy te saldrás corriendo así? Dormí <pps,mx,pres> muy mal anoche.	ROSANE - Ah... anoche llegaste <pps,es,pres> tarde ¿y ahora te tienes que ir corriendo? Hoy he dormido <ppc,es,pres> fatal.
ROSANE - Não tá bem. Fico sempre te esperando, fico nervosa, ele acaba sentindo. Já não ganhou <pps,br,pres> peso da última vez, né. Ah...	ROSANE - No, no está bien. Yo estoy siempre esperando y estoy nerviosa, él acaba sintiéndolo. Y no ganó <pps,mx,pres> peso la última vez. Ah...	ROSANE - No, no está bien. Me pongo muy nerviosa y no he subido <ppc,es,pres> de peso desde la última vez. Ah...

Fonte: Elaboração própria.

Outro detalhe é que somente empregamos as etiquetas de “ausência” quando esta se dá por não haver nenhuma das duas formas que estamos controlando neste estudo: PPS ou PPC. Melhor explicitando, analisemos o seguinte exemplo reproduzido do quadro anterior, no qual não empregamos a etiqueta <aus>:

Quadro 25 – Corpus filmico: exemplo de situação de etiquetagem

<b>Áudio original (português brasileiro)</b>	<b>Dublagem neutral (contexto mexicano)</b>	<b>Dublagem peninsular (contexto peninsular)</b>
ROSANE - Não tá bem. Fico sempre te esperando, fico nervosa, ele acaba sentindo. Já não ganhou <pps,br,pres> peso da última vez, né. Ah...	<i>ROSANE - No, no está bien. Yo estoy siempre esperando y estoy nerviosa, él acaba sintiéndolo. Y no ganó &lt;pps,mx,pres&gt; peso la última vez. Ah...</i>	<i>ROSANE - No, no está bien. Me pongo muy nerviosa y no he subido &lt;ppc,es,pres&gt; de peso desde la última vez. Ah...</i>

Fonte: Elaboração própria.

Seguindo a codificação apresentada, identificamos, no áudio original, o uso de PPS: “ganhou”. Na dublagem neutral, também há PPS: “*ganó*”. Contudo, na dublagem peninsular, transcrita na terceira coluna, há ausência de PPS, razão pela qual poderíamos ter utilizado as etiquetas específicas para esse caso: <pps,es,aus>. No entanto, há ocorrência/presença de PPC, “*he subido*”. Por conveniência, optamos por evitar uma etiquetagem dupla – <ppc,es,pres> e <pps,es,aus> –, reservando o uso da etiqueta de <aus>, “ausência”, apenas para os casos em que não há ocorrência tanto de PPS como de PPC (ambos), conforme ilustram os dados a seguir:

Quadro 26 – Corpus filmico: exemplo de situação de etiquetagem

<b>Áudio original (português brasileiro)</b>	<b>Dublagem neutral (contexto mexicano)</b>	<b>Dublagem peninsular (contexto peninsular)</b>
VOZ OFF - Meu nome é Capitão Nascimento. Eu chefiava <pps,br,aus> a equipe Alfa do BOPE. Eu já tava naquela guerra faz tempo. E tava começando a ficar cansado dela.	<i>VOZ EN OFF - Soy el Capitán Nascimento. Comandé &lt;pps,mx,pres&gt; el equipo Alfa del BOPE. Ya llevaba algún tiempo en esa guerra. Y estaba comenzando a cansarme de ella.</i>	<i>VOZ EN OFF - Soy el Capitán Nascimento. Era &lt;pps,es,aus&gt; jefe del equipo Alfa del BOPE. Llevaba años luchando en esa guerra y ya me estaba cansando de ella.</i>

Fonte: Elaboração própria.

Vemos, acima, que o áudio brasileiro e a dublagem peninsular apresentam formas de imperfeito – “chefiava” e “*era*”, respectivamente, codificadas com as etiquetas <pps,br,aus> e <pps,es,aus> – e a

dublagem em contexto mexicano, por sua vez, o PPS “*comandê*”. Nesse caso, consideramos pertinente aplicar as etiquetas de ausência.

Além disso, para maior controle dos dados nessa perspectiva contrastiva, mostrou-se relevante a criação da etiqueta <2formas,amostra,aus>, também empregada em casos de ausência, porém, diferentemente da situação explicitada anteriormente, seu propósito é codificar casos em que, em um dos materiais de áudio ocorre o PPS (amostra 1), em outro o PPC (amostra 2), e, no terceiro (amostra 3), há ausência das duas formas verbais, conforme os seguintes exemplos:

Quadro 27 – Corpus fílmico: exemplo de situação de etiquetagem

<b>Áudio original (português brasileiro)</b>	<b>Dublagem neutral (contexto mexicano)</b>	<b>Dublagem peninsular (contexto peninsular)</b>
CARVALHO - Vai todo mundo convergir pro Largo da Raia que fica no centro do complexo. Tá tudo entendido <2formas,br,aus>?	<i>CARVALHO - Todo el mundo se dirigirá al centro de reunión que está en el centro del complejo. ¿Quedó &lt;pps,mx,pres&gt; entendido?</i>	<i>CARVALHO - Nos reuniremos en la parte alta, en el centro del complejo. ¿Les ha quedado &lt;ppc,es,pres&gt; claro?</i>
MARIA - Super bacana! E você, hein? Não fez <pps,br,pres> nada, não? Cadê sua resenha?	<i>MARÍA - ¿Está buenísimo! Y tú ¿qué? &lt;2formas,mx,aus&gt;</i>	<i>MARÍA - Y tú ¿has hecho &lt;ppc,es,pres&gt; tu parte, Dudú?</i>
MATHIAS - E você já procurou <pps,br,pres> saber o que é?	<i>MATÍAS - ¿Y no has intentado &lt;ppc,mx,pres&gt; averiguar por qué?</i>	<i>MATÍAS - ¿Y sabes por qué? &lt;2formas,es,aus&gt;</i>

Fonte: Elaboração própria.

Após a etiquetagem das ocorrências no quadro contrastivo organizado, realizamos o controle estatístico da frequência de uso das formas de passado nas três amostras com o auxílio do *RStudio* (*RStudio Inc.*), versão 1.0.136. Podendo ser utilizado em diversas áreas do conhecimento, com propósitos diversos a depender da pesquisa, essa poderosa ferramenta permite o controle de dados estatísticos de modo preciso.

Em linhas gerais, e considerando os propósitos deste estudo, trabalhamos com três arquivos principais: (i) o corpus – em nosso caso, o quadro contrastivo organizado –, em formato de Excel; (ii) a lista de

etiquetas/variáveis que o programa deve ler, salva em formato .CSV; e (iii) um arquivo de registro, salvo em extensão do próprio *RStudio*, permitindo a criação de scripts com todos os comandos necessários para a rodada estatística, o que facilita o trabalho do pesquisador, já que, desse modo, não é necessário digitar cada instrução, uma por uma, quando se deseja fazer uma rodada estatística que exija várias linhas de comando.

Além disso, a possibilidade de criar scripts oferece maior organização e controle para o usuário que está lidando com muitos dados. Ilustrando com os propósitos desta pesquisa, é possível criar scripts distintos para cada conjunto de etiquetas que desejamos quantificar, por exemplo: (i) um script para quantificação da frequência de uso do PPS na amostra brasileira, a partir do controle das etiquetas <pps,br,pres>, ou seja, “ocorrência/presença de PPS em fala da amostra brasileira”; (ii) outro para quantificar o emprego do PPC na amostra em contexto mexicano, a partir da leituras das etiquetas <ppc,mx,pres>, isto é, “ocorrência/presença de PPC em fala da amostra em contexto mexicano”; e assim sucessivamente, até contemplar as duas formas verbais de passado nas três amostras linguísticas, obtendo, nesse sentido, os resultados numéricos conforme os objetivos estabelecidos para este estudo.

No que concerne à tela de trabalho do programa, este dispõe, em abas, os arquivos abertos – corpus, lista de variáveis para leitura, arquivo de registro de scripts –, permitindo visualizá-los e passar de um a outro facilmente, o que é útil quando se deseja retomar alguma informação, verificar uma ocorrência específica no corpus ou localizar uma linha de comando incorreta e corrigi-la, entre outros. Além disso, a tela principal apresenta um espaço para digitar os comandos e executar scripts: o *console*, onde também aparecem as respostas para as solicitações feitas ao programa através dos comandos executados. Na página seguinte, apresentamos a tela de trabalho do *RStudio* e um exemplo de arquivo, o de etiquetas/variáveis.

Imagem 2 – RStudio: tela de trabalho

The screenshot displays the RStudio workspace. At the top, the menu bar includes File, Edit, Code, View, Plots, Session, Build, Debug, Profile, Tools, and Help. Below the menu is a toolbar with icons for file operations and a search bar labeled 'Go to file/function'. The main editor area shows three open files: 'corpus', 'variaveis', and 'comandos.R'. The 'comandos.R' file is active and displays a data table with 9 rows and 3 columns: 'formaverbal', 'amostra', and 'situacao'. The table content is as follows:

	formaverbal	amostra	situacao
1	pps	br	pres
2	pps	br	aus
3	pps	mx	pres
4	pps	mx	aus
5	pps	es	pres
6	pps	es	aus
7	ppc	mx	pres
8	ppc	mx	aus
9	ppc	es	pres

Below the table, it indicates 'Showing 1 to 10 of 13 entries'. The Environment panel on the right shows 'Global Environment' and states 'Environment is empty'. The Console panel at the bottom displays the R startup message, including information about the license and how to use R.

```
R is free software and comes with ABSOLUTELY NO WARRANTY.  
You are welcome to redistribute it under certain conditions.  
Type 'license()' or 'licence()' for distribution details.  
  
R is a collaborative project with many contributors.  
Type 'contributors()' for more information and  
'citation()' on how to cite R or R packages in publications.  
  
Type 'demo()' for some demos, 'help()' for on-line help, or  
'help.start()' for an HTML browser interface to help.  
Type 'q()' to quit R.  
  
> |
```

Fonte: Elaboração própria.

Posteriormente, para a quantificação da frequência de uso em termos de funcionalidade do PPC identificada na ocorrência, criamos outras <etiquetas> e realizamos novas rodadas estatísticas, conforme quadro a seguir:

Quadro 28 – Corpus filmico: variáveis e etiquetas

<b>Variáveis</b>			
<b>Amostra filmica</b>	<b>Funcionalidade codificada pelo PPC</b>		
	<b>Macrofunção</b>	<b>Função</b>	<b>Subfunção</b>
<b>mx</b> (D. neutral)	<b>ant</b> (Perfecto/Anterior)	<b>cont</b> (Continuidade)	<b>cd</b> (Durativo)
<b>es</b> (D. peninsular)	<b>aor</b> (Perfectivo/Aoristo)	<b>rp</b> (Relevância Presente)	<b>ci</b> (Iterativo)
		<b>paor</b> (Perfectivo/Aoristo)	<b>exp</b> (Experiencial)
			<b>rl</b> (Resultado)
			<b>pr</b> (Passado Recente)
			<b>peaor</b> (Perfectivo/Aoristo)
			<b>amb</b> (Ambíguo)

Fonte: Elaboração própria.

Também mostrou-se pertinente, após a identificação da funcionalidade codificada pelo PPC, uma etiquetagem com foco nos estágios de gramaticalização correspondentes às (sub)funções dessa forma verbal, conforme <etiquetas> abaixo:

Quadro 29 – Corpus filmico: variáveis e etiquetas

<b>Variáveis</b>	
<b>Amostra filmica</b>	<b>Estágio de gramaticalização do PPC</b>
<b>mx</b> (Dublagem neutral)	<b>est1</b> (Estágio 1 – PPC Resultado)
<b>es</b> (Dublagem peninsular)	<b>est2</b> (Estágio 2 – PPC Continuidade)
	<b>est3</b> (Estágio 3 – PPC Relevância Presente)
	<b>est4</b> (Estágio 4 – PPC Perfectivo/Aoristo)
	<b>estamb</b> (Ambíguo)



Fonte: Elaboração própria.

Os exemplos a seguir ilustram as etapas de etiquetagem, descritas anteriormente, no corpus fílmico:

Quadro 30 – Corpus fílmico: exemplo de situação de etiquetagem

<b>Dublagem neutral (contexto mexicano)</b>	<b>Dublagem peninsular (contexto peninsular)</b>
<i>MARÍA - Dudú tiene razón. Dudú tiene razón. ¿Quién no ha pasado &lt;mx,ant,rp,exp&gt; por un retén como el que pasamos en Búzios? Todo el mundo. Siempre sucede. Ya es rutina, André. Solo quieren quitar dinero.</i>	<i>MARÍA - ¡André! ¡André! Dudú tiene razón. Dudú tiene razón. ¿A quién no le han parado &lt;es,ant,rp,exp&gt; en un control como nos pasó a nosotras? A todo el mundo. Todo eso pasa. Es la rutina, André. Esos tíos solo quieren dinero.</i>
<i>MARÍA - Dudú tiene razón. Dudú tiene razón. ¿Quién no ha pasado &lt;mx,est3&gt; por un retén como el que pasamos en Búzios? Todo el mundo. Siempre sucede. Ya es rutina, André. Solo quieren quitar dinero.</i>	<i>MARÍA - ¡André! ¡André! Dudú tiene razón. Dudú tiene razón. ¿A quién no le han parado &lt;es,est3&gt; en un control como nos pasó a nosotras? A todo el mundo. Todo eso pasa. Es la rutina, André. Esos tíos solo quieren dinero.</i>

Fonte: Elaboração própria.

No que se refere à hipótese de preferência do espanhol neutral pelo PPS em detrimento do PPC, propomos, metodologicamente, seguir as seguintes etapas: (i) procurar os usos do PPC na dublagem peninsular; (ii) identificar, então, se esses contextos do pretérito perfeito composto na dublagem peninsular correspondem a usos do PPC nos Estágios 2 e 3; (iii) se for o caso, significa que esses mesmos enunciados poderiam ser oferecidos ao público da dublagem neutral a partir do emprego do pretérito perfeito composto, pois o PPC hispano-americano encontra-se, justamente, nos Estágios 2 e 3; e (iii) contrastivamente, verificar que forma linguística (ou estratégia de tradução) é empregada pelo tradutor da dublagem neutral nesses contextos de uso que poderiam ser codificados pelo PPC. Através dessa lógica de eliminação – viável graças ao fato de as amostras de nosso corpus serem contrastivas –, podemos observar se a ausência do PPC naqueles contextos é resultado do condicionamento do espanhol neutral. Assim, criamos rótulos de acordo com a escolha tradutória que observamos na dublagem neutral: <mx,epps> (emprega a forma de PPS), <mx,eprst> (emprega a forma

de presente), <mx,eimp> (emprega a forma de imperfeito), <mx,einf> (emprega a forma de infinitivo), <mx,omit> (omite o verbo), entre outras. O exemplo abaixo<sup>167</sup> ilustra o contraste entre amostras e a etiquetagem que estamos descrevendo:

Quadro 31 – Corpus filmico: exemplo de situação de etiquetagem

<b>Dublagem peninsular (contexto peninsular)</b>	<b>Dublagem neutral (contexto mexicano)</b>
<i>ROSANE - No, no está bien. Me pongo muy nerviosa y no he subido &lt;es,ant,cont,cd&gt; de peso desde la última vez. Ah...</i>	<i>ROSANE - No, no está bien. Yo estoy siempre esperando y estoy nerviosa, él acaba sintiéndolo. Y no <b>ganó</b> &lt;mx,epps&gt; peso la última vez. Ah...</i>
<i>CARVALHO - Sí. Es un tipo duro. Ha estado &lt;es,ant,cont,cd&gt; chuleando putas en Copacabana.</i>	<i>CARVALHO - Es toda una joyita. <b>Regentea</b> &lt;mx,eprst&gt; prostitutas en Copacabana.</i>

Fonte: Elaboração própria.

O trabalho de codificação/etiquetagem relatado até o presente momento, associado ao programa estatístico, permite-nos alcançar resultados no que diz respeito: (i) à frequência de uso das duas formas de interesse; (ii) à frequência de uso das funções do PPC e os estágios de gramaticalização correspondentes à funcionalidade identificada nas ocorrências dessa forma verbal; e (iii) se na dublagem em contexto mexicano de nosso corpus filmico, há, de fato, preferência ao emprego do PPS em detrimento do PPC. A quantificação descrita nessas três etapas diferentes está associada aos objetivos e às hipóteses desta dissertação.

#### 5.4 PRIMEIRA ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA: O CORPUS FÍLMICO

Após a quantificação das ocorrências, analisamos os resultados estatísticos dos pretéritos e a (multi)funcionalidade do PPC qualitativamente, recuperando estudos sobre o fenômeno linguístico

<sup>167</sup> Devido ao contraste que estamos propondo, nesta nova organização invertemos a posição das amostras: dublagem peninsular > dublagem neutral.

analisado em busca de respostas para as questões iniciais da pesquisa e outras que surgiram durante a análise, no Capítulo 6.

Importa registrar que os fatores de análise – pistas que favorecem determinada leitura temporal, aspectual, etc. –, descritos no Capítulo 3 são levados em conta durante a interpretação minuciosa das ocorrências, caso a caso: tipo de evento (télico, atélico, pontual e durativo), presença e combinação de complementos adverbiais (“*en*”, “*durante*”, “*ya*”, “*últimamente*”, negação, entre outros), complementos verbais (objeto e sujeito singular ou plural) e complementos temporais (“*ayer*”, “*la semana pasada*”, “*hoy*”, etc.).

Também cabe mencionar que, conforme vimos ao longo das resenhas apresentadas no Capítulo 2, o leque de funções desempenhadas pelo pretérito perfeito composto em variedades hispânicas pode ser amplo, a depender dos interesses e da metodologia empregada pelo pesquisador. Resulta difícil definir uma metodologia capaz de captar tantos usos do PPC, então, optamos por seguir o caminho da gramaticalização a partir da previsão de Harris (1982). Tal escolha metodológica, contudo, não impede discutir e buscar respostas para usos não esperados inicialmente, já que, considerando a proposta contrastiva de nosso corpus fílmico, não descartamos absolutamente nenhum dado. Em outras palavras, valores do PPC que escapam à rota de gramaticalização prevista na literatura também são contemplados em nossa análise e discussão dos dados, no próximo capítulo.

## 5.5 DELIMITAÇÃO, CRIAÇÃO E APLICAÇÃO DO TESTE DE PERCEPÇÃO

No que tange ao teste de percepção aplicado a hispano-falantes, a utilização de tal recurso se dá por uma mudança de perspectiva: na impossibilidade de verificar a nacionalidade do tradutor, decidimos focar na percepção dos falantes, espectadores do filme, a respeito de usos das duas formas de passado observados na tradução ao espanhol neutral.

Cabe abrir um breve parêntese para registrar que, tratando-se da etapa do estudo que envolve a participação de seres humanos, submetemos, para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos<sup>168</sup> (CEPSH/UFSC), projeto de pesquisa focado no teste de percepção, detalhando sua criação e justificando a importância da participação dos informantes. Após avaliação, a comissão de ética

<sup>168</sup> Página oficial: <<http://cep.ufsc.br/>>. Acesso: mar., 2017.

concluiu que, como a pesquisa não abrange falantes brasileiros – senão hispano-falantes –, o procedimento de autorização de uso dos dados, entre outros, não se aplica à realização deste trabalho.

Como já dito em linhas anteriores, o *Tropa de Elite* dublado em contexto mexicano, neutral, é uma versão de áudio destinada a espectadores localizados nos diversos países hispano-americanos. Cientes das limitações desta pesquisa, o que inviabiliza contemplar todas as regiões dialetais hispânicas<sup>169</sup> comumente discutidas em estudos do espanhol (ZAMORA VICENTE, 1967; HENRÍQUEZ UREÑA, 1976; MALMBERG, 1974; MORENO FERNÁNDEZ, 2009; 2010; entre outros), optamos por considerar variedades linguísticas de países que representam três (das cinco) zonas dialetais da América Hispânica, a saber:

Quadro 32 – Teste de percepção: regiões dialetais contempladas

<b>Região dialetal</b>	<b>País</b>	<b>Variedade linguística</b>
Região do México e da América Central	México	Espanhol falado na Cidade do México
Região Andina	Peru	Espanhol falado em Lima
Região do Rio da Prata	Argentina	Espanhol falado em Buenos Aires

Fonte: Elaboração própria.

Assim, nosso recorte metodológico abrange falantes das capitais de três países – Cidade do México, Lima e Buenos Aires –, representantes de uma parte expressiva do grande público de espectadores aos quais é destinada a dublagem neutral. Nessa direção, aplicamos o teste a 10 hispano-falantes de cada capital hispânica, totalizando 30 informantes, cuja delimitação consideramos suficiente para o objetivo nesta etapa da pesquisa: obter dados representativos sobre a aceitação/rejeição de determinados usos linguísticos codificados pelo PPS e pelo PPC, a partir de escolhas tradutórias observadas na amostra traduzida no México.

<sup>169</sup> As regiões dialetais, no que diz respeito ao contexto hispano-americano, são:

- ⇒ Região do México e da América Central.
- ⇒ Região do Caribe.
- ⇒ Região Andina.
- ⇒ Região do Chile.
- ⇒ Região do Rio da Prata.

No que diz respeito às variáveis extralinguísticas, objetivando uma amostra mais homogênea quanto possível, julgamos pertinente desenhar o perfil do informante respeitando os seguintes fatores: (i) cidade (capital hispano-falante); (ii) faixa etária; e (iii) escolaridade<sup>170</sup>.

Concernente à localidade, tomamos como relevante limitar a participação a falantes que tenham nascido e sejam residentes na mesma cidade. No que se refere à idade, optamos por considerar duas faixas etárias: (i) 21 a 30 anos e (ii) 31 a 40 anos, com distribuição de 5 falantes por faixa etária em cada capital hispânica. No âmbito da escolaridade, tivemos em conta somente falantes com estudos de nível superior: em andamento ou já concluídos, sem distinção. Cabe dizer, ainda, que convidamos a participar do teste informantes que não fossem da área de Letras e afins.

Importa contextualizar que a metodologia definida nesta etapa da pesquisa se refere a uma versão ajustada do teste de percepção aplicado em Gesser (2015), bem como a uma expansão desse trabalho no que diz respeito às cidades contempladas – e, conseqüentemente, às variedades linguísticas do espanhol envolvidas. Naquele momento, nosso recorte possibilitou a participação de falantes oriundos de Guadalajara (Jalisco, México), cujo teste foi aplicado durante intercâmbio acadêmico<sup>171</sup>. Para a nova versão, após a confirmação de que a tradução feita em terras mexicanas corresponde a uma dublagem neutral – conforme detalhamos em seção anterior, neste capítulo –, a proposta do teste se amplia, de modo a contemplar falantes peruanos e argentinos, além de mexicanos.

No que tange aos ajustes, os resultados da primeira versão do teste indicaram ser apropriado evitar estruturas de distração – fato que justifica a reaplicação desse recurso a falantes mexicanos, cabe destacar. Assim, atualizamos o teste, realçando, nesse sentido, o objeto linguístico de nosso interesse – os pretéritos –, tanto nas instruções apresentadas ao participante como nas proposições. Neste último caso, colocamos em evidência a forma verbal com o emprego de aspas<sup>172</sup>.

---

<sup>170</sup> Decidimos não contemplar “gênero”, pois, levando em conta os estudos resenhados nesta dissertação, o fenômeno linguístico parece não ser sensível a essa variável extralinguística.

<sup>171</sup> Realizado no México, na Universidade de Guadalajara, entre julho/2013 e julho/2014.

<sup>172</sup> Como será detalhado na sequência, para a criação do teste de percepção contamos com a plataforma *Google Forms*, a qual não permite aplicar negrito, itálico, sublinhado, etc., em apenas uma parte da sentença; senão, a todo seu conteúdo. Assim, evitando a poluição que uma formatação excessiva poderia causar, nossa solução foi empregar aspas.

Em direção às proposições apresentadas aos participantes, selecionamos algumas ocorrências das duas formas de passado presentes nos enunciados do filme na versão neutral. Entendemos que as falas dos personagens – e, portanto, também os usos linguísticos codificados nelas – estão amparadas contextualmente através das características pragmáticas disponíveis na cena, da interação entre os falantes/personagens, assim como do próprio contexto mais amplo do filme. Nesse sentido, recortamos<sup>173</sup> trechos das cenas em que as ocorrências selecionadas se dão e inserimos esse material<sup>174</sup> no teste, possibilitando que o informante, ao assistir esses fragmentos em vídeos – hospedados no *YouTube* (Google Inc.) –, recebesse todas as informações concernentes à interação entre os personagens, incluindo os usos linguísticos de nosso interesse. Consideramos que essa estratégia inovadora – apresentar em vídeo, ao participante de testes online, a interação entre personagens/falantes e o contexto pragmático de determinado uso linguístico – pode contribuir positivamente para a coleta de dados em pesquisas. Em outras palavras, trata-se de um recurso especialmente pertinente para a reflexão linguística no âmbito da Tradução.

Apresentamos, abaixo, as sete ocorrências que compõem o teste de percepção:

Quadro 33 – Teste de percepção: ocorrências selecionadas

<b>Dublagem neutral (contexto mexicano)</b>
<i>PAULO - Pero, Sargento... Sargento Rocha, lo que pido es un derecho. No <b>he tenido</b> vacaciones en cuatro años. Solo publique lo que ya estaba planeado.</i>
<i>VOZ EN OFF - Matías era inteligente y dedicado. En Brasil, alguien negro y pobre no tiene muchas oportunidades en la vida, pero a Matías nunca le <b>importó</b> eso.</i>
<i>NETO - ¿Normal? ¿Se <b>han vuelto</b> locos? ¿Hurto en el cuartel es crimen militar!</i>
<i>TINHO - Ya <b>hice</b> esa prueba.</i>
<i>MARÍA - ¿<b>Hiciste</b> la prueba y <b>pasaste</b>?</i>

<sup>173</sup> Com o auxílio do programa de edição de vídeos *Filmora* (Wondershare), versão 2015.

<sup>174</sup> Cada fragmento extraído do filme tem, em média, 40 segundos, e apresenta informações suficientes sobre a interação em que se dá a ocorrência do pretérito em jogo.

<i>NASCIMENTO - Va a acabar hecho una piltrafa. Y podemos tener alta a Fabio, ya <b>he oído</b> hablar de él. Es capitán ¿no? Fabio Barbosa.</i>
<i>REGINA - Señor, yo <b>vine</b> aquí para pedir el derecho de poder enterrar a mi hijo.</i>
<i>ROSANE – Si <b>he sabido</b> que no lo dejarías no me embarazo.</i>

Fonte: Elaboração própria.

Em suma, com a seleção das ocorrências trazidas anteriormente buscamos observar alguns usos dos pretéritos discutidos na seção 2.2. Trata-se, basicamente, de certos valores temporais, aspectuais e modais, sobre os quais pretendemos observar aceitação/rejeição na perspectiva dos hispano-falantes espectadores do filme *Tropa de Elite* traduzido ao espanhol neutral.

Para cada proposição apresentada, o informante selecionou, obrigatoriamente, uma das alternativas abaixo, as quais correspondem ao grau de aceitação/rejeição em sua perspectiva:

- ⇒ “*Me suena natural y refleja mi uso*”. Aceita.
- ⇒ “*Me suena bien, pero no lo diría así*”. Aceita mais ou menos.
- ⇒ “*No me suena natural*”. Rejeita.

Elaboramos o teste de percepção por meio da plataforma *Google Forms* (Google Inc.), que permite a criação de formulários para coleta de dados e oferece os recursos necessários para os propósitos de nosso trabalho. Dividimos a coleta de informações em quatro seções/etapas: (i) dados do perfil do informante; (ii) nível de aceitação/rejeição sobre ocorrências dos pretéritos apresentadas de modo isolado, sem qualquer informação contextual; (iii) nível de aceitação/rejeição sobre ocorrências dos pretéritos apresentadas com as cenas do filme em vídeos, fornecendo, nessa direção, todo o contexto de interação entre os personagens; e (iv) possibilidade de o informante escrever como diria a sentença. Sobre este último item, habilitamos um campo de preenchimento opcional<sup>175</sup>, no qual o participante pôde fornecer

<sup>175</sup> Entre os recursos oferecidos pelo *Google Forms* está a possibilidade de tornar obrigatórios (i) o preenchimento de algum campo e (ii) a seleção de alternativas. Como dito anteriormente, habilitamos um espaço para inserção de conteúdo por parte do informante, único campo facultativo e de preenchimento de texto em todo o formulário. Todos os demais dados – variáveis extralinguísticas e nível de aceitação/rejeição a respeito das proposições – foram

textualmente uma correção da sentença, caso a alternativa selecionada correspondesse a “*me suena bien, pero no lo diría así*” (aceita mais ou menos) ou “*no me suena natural*” (rejeita).

Metodologicamente, optamos por essa divisão entre etapas com e sem a oferta dos contextos comunicativos em vídeos, buscando verificar se existe algum contraste nas respostas oferecidas no teste, como por exemplo um mesmo informante, inicialmente, apresentar rejeição a determinado uso linguístico quando não conta com informações contextuais, isto é, quando a sentença é apresentada de modo isolado – etapa em (ii) –, e, posteriormente, apresentar menor nível de rejeição ao observar a realização do uso na fala do personagem/falante em cena, após assistir ao vídeo e receber o contexto de interação correspondente – etapa em (iii). Em outras palavras, a partir desses momentos distintos que escolhemos pensando na estrutura do teste de percepção, estamos tentando valorizar, em âmbito metodológico, o contexto de uso das ocorrências nesse tipo de recurso de coleta de dados para a análise linguística.

Concernente à aplicação do teste em termos mais práticos, entramos em contato com os informantes a partir de redes internas e externas à UFSC, através de colegas mexicanos, peruanos e argentinos, via e-mail e redes sociais. A aplicação do instrumento de coleta aconteceu entre dezembro/2017 e janeiro/2018.

Nas próximas páginas, apresentamos algumas imagens em que é possível visualizar as etapas do formulário mencionadas anteriormente, bem como algumas das ocorrências dos pretéritos selecionadas a partir da amostra neutral, ilustrando, nesse sentido, a experiência do participante com relação ao teste de percepção que elaboramos.

## 5.6 SEGUNDA ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA: O TESTE DE PERCEPÇÃO

Após a coleta dos dados, analisamos o material a partir de uma perspectiva quantitativa e qualitativa, olhando para cada resposta oferecida pelos informantes, minuciosamente. O *Google Forms* organiza as respostas selecionadas pelos participantes em planilha, favorecendo a leitura dos dados, a qual pode ser exportada em formato de Excel.

---

coletados a partir do recurso de múltipla escolha, cuja seleção de uma das alternativas era obrigatória, garantindo, assim, que não houvesse lacunas em meio aos dados coletados.



No que diz respeito ao tratamento estatístico nesta etapa, a plataforma quantifica as respostas e realiza, automaticamente, o cálculo de porcentagem, gerando gráficos de setores para a apresentação dos dados, tanto aqueles ligados às variáveis extralinguísticas como às respostas dos informantes sobre sua percepção dos usos linguísticos presentes nas proposições.

A partir da análise dos números estatísticos, a etapa seguinte consistiu em discutir qualitativamente sobre a aceitação/rejeição dos hispano-falantes frente aos usos linguísticos que selecionamos, convocando para a reflexão estudos: (i) sobre a multifuncionalidade do pretérito perfeito composto no espanhol; e (ii) acerca das especificidades no que se refere à dublagem neutral no panorama de traduções audiovisuais para esse idioma.

## Recolección de datos lingüísticos



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

### Investigación: Usos del español de América

Investigadores:

Dr<sup>a</sup>. Leandra Cristina de Oliveira (UFSC/DLLE/PPGLg/CEEMO)

Lic. Alison Felipe Gesser (UFSC/DLLE/PPGLg/CEEMO)

[www.ufsc.br](http://www.ufsc.br)

[www.lle.cce.ufsc.br](http://www.lle.cce.ufsc.br)

[www.ppglin.posgrad.ufsc.br](http://www.ppglin.posgrad.ufsc.br)

[www.ceemo.ufsc.br](http://www.ceemo.ufsc.br)

### Datos del hablante

#### Ciudad y país \*

- Ciudad de México (México)
- Lima (Perú)
- Buenos Aires (Argentina)

#### Edad \*

- Entre 21 y 30 años
- Entre 31 y 40 años

#### Nivel de instrucción \*

- Licenciatura u otros estudios superiores

Imagem 4 – Teste de percepção: apresentação de ocorrências sem oferta de contexto

Considere el uso de la lengua española en las oraciones presentadas a continuación y elija una alternativa, con especial atención a las expresiones «entre comillas».

(1) No «he tenido» vacaciones en cuatro años. \*

Me suena natural y refleja mi uso.

Me suena bien, pero no lo diría así.

No me suena natural.

(2) En Brasil, alguien negro y pobre no tiene muchas oportunidades en la vida, pero a Matías nunca le «importó» eso. \*

Me suena natural y refleja mi uso.

Me suena bien, pero no lo diría así.

No me suena natural.

(3) ¿Normal? ¿Se «han vuelto» locos? ¡Hurto en el cuartel es crimen militar! \*

Me suena natural y refleja mi uso.

Me suena bien, pero no lo diría así.

No me suena natural.

(4) – Ya «hice» esa prueba. – ¿«Hiciste» la prueba y «pasaste»? \*

Me suena natural y refleja mi uso.

Me suena bien, pero no lo diría así.

No me suena natural.

Fonte: Elaboração própria.

Imagem 5 – Teste de percepção: apresentação de ocorrências com oferta de contexto em vídeo

Considere el uso de la lengua española en las escenas de la película Tropa de Élite (2007) presentadas a continuación y elija una alternativa, con especial atención a las oraciones ofrecidas abajo de los videos y a las expresiones «entre comillas».



(1) No «he tenido» vacaciones en cuatro años. \*

- Me suena natural y refleja mi uso.
- Me suena bien, pero no lo diría así.
- No me suena natural.



(2) En Brasil, alguien negro y pobre no tiene muchas oportunidades en la vida, pero a Matías nunca le «importó» eso.

\*

- Me suena natural y refleja mi uso.
- Me suena bien, pero no lo diría así.
- No me suena natural.

Fonte: Elaboração própria.

Imagem 6 – Teste de percepção: inserção de conteúdo por parte dos informantes

**En caso de que las oraciones presentadas anteriormente no le suenen bien, escriba cómo usted las diría:**

(1) No «he tenido» vacaciones en cuatro años.

\_\_\_\_\_

(2) En Brasil, alguien negro y pobre no tiene muchas oportunidades en la vida, pero a Matías nunca le «importó» eso.

\_\_\_\_\_

(3) ¿Normal? ¿Se «han vuelto» locos? ¡Hurto en el cuartel es crimen militar!

\_\_\_\_\_

(4) – Ya «hice» esa prueba. – ¿«Hiciste» la prueba y «pasaste»?

\_\_\_\_\_

(5) Y podemos tener alta a Fabio, ya «he oído» hablar de él. Es capitán ¿no? Fabio Barbosa.

\_\_\_\_\_

(6) Señor, yo «vine» aquí para pedir el derecho de poder enterrar a mi hijo.

\_\_\_\_\_

(7) Si «he sabido» que no lo dejarías no me embarazo.



## 6 O USO DOS PRETÉRITOS NO CORPUS FÍLMICO: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Dividimos este capítulo em quatro seções maiores: na primeira (seção 6.1), tratamos da frequência de uso das duas formas de passado no corpus fílmico. Depois (seção 6.2), com interesse na funcionalidade do PPC nas traduções para dublagem, nosso olhar recai sobre a frequência de uso das funções codificadas por essa forma verbal, indo além da quantificação da forma. Considerando a necessidade de interpretar, de modo minucioso, os usos do pretérito perfeito composto nas amostras a partir de sua ocorrência no corpus, dedicamos duas subseções para refletir sobre as funções identificadas na dublagem neutral (6.3.1) e na dublagem peninsular (6.3.2). Na sequência (6.3.3), nossa reflexão tem como foco a hipótese da preferência do espanhol neutral pelo PPS em detrimento do PPC. Por último (seção 6.4), discutimos os dados coletados a partir do teste de percepção aplicado a espectadores da dublagem neutral de nosso corpus fílmico – falantes peruanos e argentinos, além de mexicanos.

### 6.1 A FREQUÊNCIA DE USO DAS FORMAS DE PASSADO<sup>176</sup>

Na quantificação da frequência de uso das duas formas do pretérito perfeito do indicativo, *canté* e *he cantado*, levando em consideração as amostras fílmicas do corpus – o áudio original, em português brasileiro, e duas traduções ao espanhol: dublagem neutral e dublagem peninsular –, as rodadas estatísticas oferecem os seguintes resultados numéricos:

---

<sup>176</sup> Esta seção tem como base discussão realizada em Gesser (2015, p. 49) e Oliveira e Gesser (2015, p. 50).

**Tabela 6 – Frequência de uso dos dois pretéritos no corpus fílmico**

Forma verbal	Amostras de áudio		
	Original (port. brasileiro)	Dub. neutral (contexto mex.)	Dub. peninsular (contexto penins.)
<b>PPS</b> <i>canté</i>	327 100%	295 95,5%	127 50,4%
<b>PPC</b> <i>he cantado</i>	0 0%	14 4,5%	125 49,6%
<b>Total<sup>177</sup></b>	<b>327</b> <b>100%</b>	<b>309</b> <b>100%</b>	<b>252</b> <b>100%</b>

Fonte: Adaptado de Gesser (2015) e Oliveira e Gesser (2015).

A partir da tabela anterior, é possível constatar a alta produtividade do pretérito perfeito simples na expressão de situações passadas, tanto no áudio original como na tradução ao espanhol neutral (produzida no México): uso categórico do PPS na amostra do português e quase categórico na amostra em contexto mexicano – 100% e 95,5% das ocorrências das amostras, respectivamente. Em consequência desses números, o pretérito perfeito composto é forma verbal ausente no material brasileiro e com frequência relativamente baixa no áudio dublado em terras mexicanas: 4,5%.

No que se refere ao terceiro material analisado, representante da variedade peninsular do espanhol, também confirmamos a hipótese formulada, isto é, na leitura vertical, considerando somente a dublagem produzida na Espanha, verificamos maior frequência de uso do PPS: 50,4% das ocorrências presentes na amostra em questão. Na leitura horizontal, contrastando as duas dublagens traduzidas ao espanhol, constatamos maior frequência de emprego do PPC na dublagem peninsular em comparação com a dublagem neutral, o que também vai ao encontro da hipótese formulada.

Cabe chamar a atenção para o fato de a tradução peninsular não apresentar uso categórico (ou quase) de uma forma em detrimento da outra, diferentemente do que observamos no áudio brasileiro e na dublagem neutral. Nessa direção, o PPS e o PPC apresentam frequência

<sup>177</sup> A diferença nos valores totais entre as três amostras (leitura horizontal) se justifica por questões tradutórias, especialmente adaptações feitas pelos tradutores, optando por outras formas que não o PPS e o PPC. Um exemplo é o caso da expressão brasileira “Qual foi?” traduzida na dublagem neutral como “¿Qué pasa?”, em que há substituição de um verbo em passado por um verbo em presente (GESSER, 2015, p. 50, em nota).



de uso bastante próxima – 50,4% e 49,6%, respectivamente –, demonstrando haver produtividade similar dessas duas formas de passado no que diz respeito aos dados do material peninsular.

Comparando os três materiais de áudio no que se refere ao uso do PPC, especificamente, observamos, na leitura horizontal, um movimento crescente da frequência dessa forma verbal: áudio original em português brasileiro (0%) > dublagem ao espanhol neutral (4,5%) > dublagem ao espanhol peninsular (49,6%). A gradação nos números estatísticos obtidos parece ser reflexo de duas questões: (i) estágios de gramaticalização díspares considerando as variedades linguísticas envolvidas nas amostras fílmicas (incluindo o português brasileiro, neste raciocínio); e (ii) certo condicionamento do espanhol neutral no que diz respeito à escolha pelos pretéritos. Conforme discutimos na seção 4.4, considera-se que a dublagem neutral dá preferência ao emprego do PPS em detrimento do PPC (BRAVO GARCÍA, 2008). Assim, combinando [estágios de gramaticalização das variedades dos hispano-falantes espectadores da tradução em questão + pressão do espanhol neutral], esperamos que a frequência de uso do PPC seja menor na dublagem produzida em contexto mexicano. Nesse sentido, importa ter em mente que a tradução peninsular está isenta desse tipo de pressão, pois está pensada para um público menos amplo: destina-se somente aos falantes espanhóis, enquanto a dublagem neutral tem como público-alvo espectadores da América Hispânica, conforme discutimos no Capítulo 4. Essas questões são analisadas nas próximas seções, em que refletimos sobre a funcionalidade do PPC nas amostras que compõem o corpus fílmico. Antes, contudo, importa trazer algumas considerações preliminares para, então, seguir com a análise:

⇒ O PPC brasileiro é o mais conservador entre todas as variedades linguísticas envolvidas nas amostras deste estudo, o que parece justificar o fato de o áudio original apresentar menor frequência em comparação com as duas traduções hispânicas, porém, surpreende chegar a zero<sup>178</sup>.

---

<sup>178</sup> Segundo Barbosa (2008), o português brasileiro codifica somente Continuidade (Estágio 2), cuja função é desempenhada através dos valores de duração e iteração. Conforme veremos adiante, nas traduções ao espanhol o PPC codifica essa função compartilhada entre os idiomas, então, verificar que forma verbal ou estratégia de tradução é empregada nesses contextos continuativos, no áudio original, é uma questão possível em trabalhos futuros.

- ⇒ Recuperando brevemente o que discutimos no Capítulo 2, as variedades mexicana e argentina se aproximam do português, contudo, também codificam nos dias atuais valores mais avançados do PPC – de Relevância Presente (Estágio 3) –, o que pode justificar a maior frequência de uso dessa forma verbal na dublagem em contexto mexicano, comparada com o áudio original – apesar do possível condicionamento do neutral, que causa impacto na frequência do PPC, reduzindo-a. Nessa direção, também cabe ter em mente que a última variedade hispano-americana do recorte metodológico desta pesquisa, a peruana, está um pouco mais avançada em comparação com a mexicana e a argentina, codificando mais frequentemente usos do PPC no Estágio 3.
- ⇒ Em direção à amostra em que o pretérito perfeito composto apresenta a maior frequência entre todas, o espanhol peninsular é a variedade mais evoluída segundo a literatura, codificando, atualmente, também usos de PPC no Estágio 4: Perfectivo/Aoristo. Assim, também é esperada maior frequência dessa forma verbal na dublagem peninsular, justificando, à primeira vista, os resultados apresentados na tabela anterior.

Entendendo a quantificação das formas (precisamente) como uma informação inicial, na próxima seção nosso olhar recai sobre a funcionalidade do PPC, cujo controle estatístico é importante para refletir sobre as funções codificadas por essa forma verbal nas amostras.

## 6.2 A FREQUÊNCIA DE USO DAS FUNÇÕES DO PPC

Na quantificação dos valores codificados pelo pretérito perfeito composto, considerando a análise de todas as ocorrências dessa forma verbal na dublagem neutral (tradução em contexto mexicano) e na dublagem peninsular (tradução produzida na Espanha)<sup>179</sup>, temos, a partir das rodadas estatísticas, os resultados numéricos organizados a seguir:

---

<sup>179</sup> Devido à ausência do PPC no áudio original (português brasileiro), tal amostra não é contemplada neste momento.

**Tabela 7 – A frequência de uso do PPC em nível de função (sob o escopo das macrofunções Perfecto/Anterior e Perfectivo/Aoristo) nas traduções**

Função do PPC <i>he cantado</i>	Tradução hispânica	
	Dub. neutral (contexto mex.)	Dub. peninsular (contexto penins.)
<b>PPC Continuidade</b> (Perfecto/Anterior)	2 14,3%	5 4%
<b>PPC Relevância Presente</b> (Perfecto/Anterior)	11 78,6%	116 92,8%
<b>PPC Perfectivo/Aoristo</b> (Perfectivo/Aoristo)	0 0%	4 3,2%
<b>Outros usos<sup>180</sup></b>	1 7,1%	0 0%
<b>Total</b>	<b>14</b> <b>100%</b>	<b>125</b> <b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria.

Na dublagem neutral, o pretérito perfeito composto desempenha somente a macrofunção Perfecto/Anterior, recobrando as funções PPC Continuidade (2/14 – 14,3%) e PPC Relevância Presente (11/14 – 78,6%). A partir desses resultados numéricos, vemos que o valor Perfectivo/Aoristo é ausente (0/14 – 0%) na tradução destinada aos espectadores hispano-americanos. Além disso, nessa amostra, o PPC apresenta uso (1/14 – 7,1%) não previsto na trajetória de gramaticalização considerada na literatura, questão discutida mais adiante.

Concernente à amostra peninsular, a forma *he cantado* também desempenha a macrofunção Perfecto/Anterior, apresentando usos das funções PPC Continuidade (5/125 – 4%) e PPC Relevância Presente (116/125 – 92,8%). Diferentemente da dublagem neutral, na tradução em contexto peninsular o pretérito perfeito composto codifica o valor de PPC Perfectivo/Aoristo (4/125 – 3,2%), função que corresponde ao estágio mais avançado na gramaticalização dessa forma verbal, cuja ocorrência é esperada em nosso corpus considerando as hipóteses que formulamos.

<sup>180</sup> Classificação que se mostra pertinente, pois observamos um uso modal do PPC não previsto na rota de gramaticalização de Harris (1982), cuja ocorrência é discutida qualitativamente na seção 6.3.1, mais adiante.

A quantificação apresentada na Tabela 7 permite observar algumas questões, sobretudo: (i) maior frequência de uso do PPC Relevância Presente tanto na leitura vertical (contraste entre funções, em uma mesma amostra) como na leitura horizontal (contraste neutral-peninsular, sobre uma mesma função); e (ii) ocorrência de PPC Perfectivo/Aoristo na dublagem da Espanha e, por outro lado, ausência desse valor na tradução neutral. Contudo, essa apresentação não permite visualizar os significados que estão sob o escopo de uma mesma função, razão pela qual também organizamos a frequência de uso do PPC em nível de subfunção, distribuindo os dados na tabela abaixo:

**Tabela 8 – A frequência de uso do PPC em nível de subfunção (sob o escopo das funções Continuidade, Relevância Presente e Perfectivo/Aoristo) nas traduções**

Subfunção do PPC <sup>181</sup> <i>he cantado</i>	Tradução hispânica	
	Dub. neutral (contexto mex.)	Dub. peninsular (contexto penins.)
<b>PPC Durativo</b> (Continuidade)	2 14,3%	5 4%
<b>PPC Iterativo</b> (Continuidade)	0 0%	0 0%
<b>PPC Experiencial</b> (Relevância Presente)	3 21,5%	3 2,4%
<b>PPC Resultado</b> (Relevância Presente)	0 0%	14 11,2%
<b>PPC Passado Recente</b> (Relevância Presente)	8 57,1%	97 77,6%
<b>PPC Perfectivo/Aoristo</b> (Perfectivo/Aoristo)	0 0%	4 3,2%
<b>PPC ambíguo</b>	0 0%	2 1,6%
<b>Outros usos</b>	1 7,1%	0 0%
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>125</b>

<sup>181</sup> A ordem de apresentação dos valores nesta tabela respeita o movimento unidirecional da gramaticalização do PPC, segundo a previsão de Harris (1982): duração e iteração (sob o escopo da função PPC Continuidade); experiencial, resultado e passado recente (PPC Relevância Presente); e perfectivo/aoristo (PPC Perfectivo/Aoristo). O Estágio 1 – PPC Resultado – não é considerado, pois nenhuma variedade hispânica codifica tal função nos dias atuais (SQUARTINI; BERTINETTO, 2000), razão pela qual é inexistente em nosso corpus. Trata-se de uma etapa de evolução superada.

	<b>100%</b>	<b>100%</b>
--	-------------	-------------

Fonte: Elaboração própria.

A partir desta última organização, torna-se possível ver que, sob o escopo da função Continuidade, as duas traduções para dublagem hispânicas apresentam comportamento idêntico no que concerne a PPC Iterativo (0%), mas relativamente distante no valor de PPC Durativo: 14,3% (2/14) na amostra neutral e 4% (5/125), na amostra peninsular. Trata-se de duas nuances de uma mesma função, geralmente tratadas sem distinção no controle estatístico (AIROLDI, 2015; JARA YUPANQUI, 2013; OLIVEIRA, 2010; RODRÍGUEZ LOURO, 2008; por exemplo).

No tocante aos valores recobertos pela função Relevância Presente, sintetizamos aqui para problematização em parágrafos abaixo: a dublagem peninsular apresenta usos de PPC Experiencial (3/125 – 2,4%), PPC Resultado (14/125 – 11,2%) e PPC Passado Recente (97/125 – 77,6%), ou seja, os três valores possíveis sob o escopo em questão. Por outro lado, na dublagem neutral a subfunção PPC Resultado é ausente (0/14 – 0%), amostra em que o pretérito perfeito composto expressa apenas as outras duas nuances de Relevância Presente: PPC Experiencial (3/14 – 21,5%) e PPC Passado Recente (8/14 – 57,1%). Nesse sentido, chama a atenção a ausência desse valor em uma tradução destinada a espectadores cujas variedades linguísticas permitem tal uso do PPC<sup>182</sup>, segundo estudos que resenhamos na seção 2.2.2.

Considerando o movimento de gramaticalização de formas linguísticas, à primeira vista poderíamos cogitar que o PPC ainda não se expandiu a todos os contextos de uso – embora já codifique alguns valores sob o escopo de uma mesma função –, justificando, nesse raciocínio, a ocorrência de PPC Experiencial e de PPC Passado Recente, e, principalmente, a ausência de PPC Resultado. Contudo, este não é o caso, pois, em consulta à literatura (AIROLDI, 2015; JARA YUPANQUI, 2013; RODRÍGUEZ LOURO, 2008; especialmente), vemos que o pretérito perfeito composto codifica a expressão de resultado nas variedades hispano-americanas de nosso recorte metodológico: mexicana, peruana e argentina. Representando o

<sup>182</sup> Embora com frequência menor de PPC Resultado e PPC Passado Recente, em comparação com PPC Durativo, segundo estudos resenhados ao longo desta pesquisa.

espanhol falado no México, por exemplo, onde a dublagem neutral de nosso corpus fílmico foi produzida, Airoidi (2015) verifica frequência de uso significativa para o PPC Resultado: 15% (191/1072)<sup>183</sup>. Nessa direção, levantamos a hipótese de que a ausência desse valor em uma das amostras desta dissertação seja reflexo do condicionamento e da pressão própria do espanhol neutral, variedade linguística que, segundo Bravo García (2008), dá preferência ao emprego do PPS em detrimento do PPC<sup>184</sup> – constatação que mostra a pertinência do diálogo entre estudos da Linguística e da Tradução.

Voltando à quantificação organizada na Tabela 8, cabe destacar que o valor de PPC Passado Recente é o que apresenta maior frequência nas duas traduções para dublagem de nosso corpus fílmico, no contraste (i) tanto entre as possibilidades de uso que estão sob o escopo da função Relevância Presente (ii) como em meio a todas as outras subfunções do PPC. Esse resultado é esperado para a dublagem peninsular, considerando a alta produtividade do PPC na expressão de passado recente no espanhol falado na Espanha, conforme a literatura.

Por outro lado, considerando a quantificação dos valores do pretérito perfeito composto somente na dublagem neutral, chama a atenção PPC Passado Recente ser a subfunção de maior frequência de uso (57,1%), seguido de PPC Experiencial (21,5%), enquanto PPC Durativo apresenta menor frequência: 14,3%. Cabe recordar: (i) que este último valor está sob o escopo da função Continuidade, equivalente ao Estágio 2 da gramaticalização; e (ii) que PPC Passado Recente e PPC Experiencial codificam Relevância Presente, função equivalente ao Estágio 3. Retomando hipóteses iniciais, esperávamos que na dublagem destinada aos hispano-americanos o PPC fosse empregado mais frequentemente para expressar valores do Estágio 2, seguido do Estágio 3, e não o contrário. Nossos dados mostram exatamente o inverso, questão mais bem percebida na tabela a seguir, na qual, por conveniência, agrupamos as subfunções manifestas em cada estágio:

---

<sup>183</sup> Números extraídos do trabalho citado.

<sup>184</sup> Conforme debatemos na seção 6.3.3, adiante.

**Tabela 9 – Estágios de gramaticalização do PPC a partir das funções identificadas nas traduções**

Estágios de gramaticalização (HARRIS, 1982)	Tradução hispânica	
	Dub. neutral (contexto mex.)	Dub. peninsular (contexto penins.)
<b>PPC Resultado</b> (Estágio 1)	0 0%	0 0%
<b>PPC Continuidade</b> (Estágio 2)	2 15,4%	5 4%
<b>PPC Relevância Presente</b> (Estágio 3)	11 84,6%	116 92,8%
<b>PPC Perfectivo/Aoristo</b> (Estágio 4)	0 0%	4 3,2%
<b>Total<sup>185</sup></b>	<b>13</b> <b>100%</b>	<b>125</b> <b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria.

Formulamos a hipótese que previa mais usos “Estágio 2 > Estágio 3” (nesta ordem, precisamente), em primeiro lugar, a partir da descrição de Bravo García (2008) sobre os usos do PPC compatíveis com o espanhol neutral, isto é, somente a expressão de duração/iteração – Continuidade, em outras palavras –, conforme trecho reproduzido abaixo:

*En el paradigma verbal, se marca una preferencia por las formas simples y su aparición tiene índices muy superiores en contextos en los que el español peninsular preferiría el tiempo verbal compuesto. La preferencia por el perfecto simple no quiere decir que haya desaparecido por completo el compuesto, pues éste se usa en determinados contextos, como por ejemplo en la acción*

<sup>185</sup> Como é possível ver, a tabela apresenta percentuais diferentes para a dublagem neutral, em comparação com os números apresentados em páginas anteriores: o total diminui de 14 para 13 dados, pois, neste momento, desconsideramos a ocorrência do PPC classificada como “outros usos”, já que se refere a um valor do PPC que escapa da rota de gramaticalização de Harris (1982), exigindo um tratamento especial.

*repetida*<sup>186</sup> (BRAVO GARCÍA, 2008, p. 45, grifos nossos).

Em segundo lugar, tivemos em conta principalmente os resultados de Oliveira (2010) sobre os estágios de gramaticalização do pretérito perfeito composto no México, Peru e Argentina, uma parte do grande público da dublagem neutral. No corpus da língua escrita examinado pela pesquisadora, o PPC mexicano e o PPC argentino são empregados mais frequentemente para expressar valores do Estágio 2 (84,6% e 48%, respectivamente), seguido do Estágio 3 (15,4% e 40%). Apesar de o PPC peruano ser mais frequente no Estágio 3 (51,2%), seguido do Estágio 2 (44,2%)<sup>187</sup> – destacando-se em comparação com o México e a Argentina –, buscamos, na formulação das hipóteses, encontrar um equilíbrio (uma média) entre as três variedades hispânicas, razão pela qual esperávamos maior frequência do PPC com valores do segundo estágio, seguido do terceiro, na dublagem neutral de nosso corpus.

A possibilidade de a dublagem neutral direcionar-se somente aos espectadores peruanos é facilmente descartada, pois, levando em conta o fato de que a tradução foi produzida em contexto mexicano, o esperado é encontrar traços do espanhol falado no México, tal como confirma o dado que classificamos como “outros usos” – referente a um mexicanismo no nível da sintaxe, discutido na seção 6.3.1.

Em suma, o que estamos observando a partir dos números estatísticos de nosso corpus – que representam o comportamento do PPC no espanhol neutral, em termos práticos – é que Bravo García (2008) está parcialmente correta. Antecipando discussão da seção 6.3.3, a preferência ao emprego do PPS em detrimento do PPC é confirmada no âmbito estatístico de nossa análise, tal como é descrito naquele trabalho. Por outro lado, ao esmiuçarmos a funcionalidade do PPC na dublagem neutral, verificamos que essa forma verbal vai além do valor de duração/iteração (Continuidade – Estágio 2), apresentando, inclusive, maior frequência de uso do PPC no Estágio 3: Relevância Presente. A partir dessa constatação, que mostra um comportamento parcialmente

---

<sup>186</sup> Embora não seja mencionado por Bravo García (2008), assumimos que ao lado do valor de iteração – “*acción repetida*” – seria possível também o valor de duração, pois são duas nuances de significado sob o escopo da mesma função (Continuidade), tratadas, na literatura, sem distinção no controle estatístico dos estágios de gramaticalização.

<sup>187</sup> Todos os resultados numéricos que estamos recuperando de Oliveira (2010) já foram discutidos no Capítulo 2.



incompatível com a descrição de Bravo García (2008) para o emprego do PPC, cabe buscar respostas para a discrepância entre a teoria e a prática – razão pela qual retomamos esse debate mais adiante, a partir de um olhar minucioso no que se refere ao uso do PPC na dublagem neutral.

Em direção à distribuição de nossos dados na coluna correspondente à dublagem peninsular, a quantificação das subfunções do PPC está de acordo com a hipótese formulada: o comportamento observado nessa dublagem é o mesmo descrito na literatura sobre o espanhol falado na Espanha. Assim, o pretérito perfeito composto peninsular codifica usos do Estágio 3 (116/125 – 92,8%), e, por ser a variedade hispânica mais avançada nessa trajetória de gramaticalização, já desempenha nos dias atuais PPC Perfectivo/Aoristo (4/125 – 3,2%), cuja função é prevista no Estágio 4. A baixa frequência de valores referentes ao Estágio 2, tal como verificamos em nossos dados (5/125 – 4%), também é esperada levando em conta a discussão na literatura sobre os usos do espanhol peninsular, conforme trabalhos resenhados na seção 2.2.3.

Sintetizando os parágrafos anteriores, observamos, a partir dos dados de que dispomos: (i) que a dublagem produzida na Espanha reflete a funcionalidade do PPC peninsular discutida na literatura, facilmente identificada em nosso corpus; e (ii) que a dublagem neutral é muito mais complexa. Importa recordar, nesse sentido, que a tradução realizada em contexto mexicano carrega, em todas as etapas de seu processo de produção, a pressão de adequar-se a um público muito mais amplo, preocupação da qual a dublagem peninsular está isenta. Sobre a complexidade da dublagem neutral, fica claro que recorrer à gramaticalização do PPC nas variedades linguísticas do público dessa tradução é uma escolha válida, pois o entendimento desse processo permite explicar os usos do PPC. A única exceção, nesse sentido, é o uso estritamente modal – ocorrência que classificamos como “outros usos” (1/14 – 7,1%), discutida na próxima seção.

Cabe interpretar, então, os valores do pretérito perfeito composto a partir de sua ocorrência no corpus fílmico. Para a leitura dos dados na próxima seção, levamos em conta a organização dos resultados numéricos distribuídos em nível de subfunção – isto é, tal como apresentamos na Tabela 8, mantendo aquela ordem –, pois permite visualizar nuances entre os significados expressos pelo PPC nas duas traduções para dublagem.

## 6.3 A FUNCIONALIDADE DOS PRETÉRITOS NAS TRADUÇÕES PARA DUBLAGEM

### 6.3.1 As funções do PPC na dublagem neutral<sup>188</sup>

Vimos, a partir da organização dos dados na Tabela 8, que a tradução ao espanhol neutral – dublagem produzida em contexto mexicano, destinada aos espectadores hispano-americanos – apresenta somente 14 ocorrências do pretérito perfeito composto (14/309 – 4,5%), contra 295/309 (95,5%) usos do PPS. Apesar da frequência relativamente baixa, esses dados são suficientes para observar a polissemia dessa forma verbal complexa e, nessa direção, ilustrar a ampla possibilidade de uso do PPC no espanhol.

A seguir, refletimos sobre os valores identificados na amostra em questão, iniciando pelas ocorrências que representam o PPC Durativo (2/14 – 14,3%), reproduzidas em (144) e (145):

(144) *SECUNDARIO - Ah, Capitán, pero las piezas nuevas que ordenó no han llegado todavía. ¿Sabe por qué retiro el embrague de este auto?*

(145) *PAULO - Pero, Sargento... Sargento Rocha, lo que pido es un derecho. No he tenido vacaciones en cuatro años. Solo publique lo que ya estaba planeado<sup>189</sup> (CEEMO/Filme/Tropa de Elite/Texto traduzido/Espanhol neutral).*

Nas duas ocorrências acima, o emprego dos pretéritos “*han llegado*” e “*he tenido*” se justifica pela sobreposição da noção aspectual continuativa e da noção modal *irrealis*. Sobre a leitura continuativa, esta indica ações que se prolongam ou se repetem – no caso em discussão, temos apenas a nuance da duratividade, já que nessa amostra a frequência de PPC Iterativo é zero – e podem aparecer em predicados negados, como em “*no han llegado todavía*” e “*no he tenido vacaciones en cuatro años*”. A noção de continuidade é reforçada pela presença dos complementos adverbiais durativos “*todavía*” e “*en cuatro años*”, somada à própria negação, elementos capazes de durativizar o significado (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000). Sob o domínio da

<sup>188</sup> Esta seção tem como base discussão realizada em Gesser (2015, p. 49) e Oliveira e Gesser (2015, p. 50).

<sup>189</sup> Tal ocorrência é uma das que selecionamos para o teste de percepção com vídeos, aplicado a hispano-falantes espectadores da dublagem neutral, cujos dados discutimos na seção 6.4.

Modalidade, a negação também pode causar impacto na escolha pelo pretérito perfeito composto no espanhol, levando em conta a oposição modal entre “PPS/*realis*” e “PPC/*irrealis*”, cuja hipótese é aventada por Oliveira (2008). Em sua amostra, a pesquisadora observou o PPC como forma privilegiada em contextos de menor certeza do falante. Em direção ao cenário por trás da interação entre os usuários representados em cena, no dado em (144) o personagem figurante – “*SECUNDARIO*” –, mecânico do BOPE, está explicando ao colega novato que as peças encomendadas para o conserto de uma viatura não chegaram ainda, e, como não sabe se vai recebê-las, optou por retirá-las de outro carro. Em (145), Paulo está no escritório de seu superior, Sargento Rocha, tentando reivindicar as férias que já havia solicitado anteriormente, então, argumenta estar há 4 anos sem receber o descanso que lhe é de direito – nessa lógica, a ação de “não receber férias” dura um período considerado longo na perspectiva do emissor. As cenas têm a função de mostrar ao espectador a corrupção existente em dois setores distintos do BOPE: o mecânico não recebe as peças para realizar o trabalho porque seu chefe, desinteressado, não recebe dinheiro extra ao fazê-lo; e Paulo não consegue férias pois seu superior somente as concede a quem lhe pagar propina. Nos dois casos, temos situações que continuam/duram ao longo do tempo, chegando a fazer parte do cotidiano.

Outro valor de Aspecto identificado na dublagem neutral é o PPC Experiencial (3/14 – 21,5%), conforme ocorrências apresentadas de (146) a (148):

- (146) *MARÍA* - *Dudú tiene razón. Dudú tiene razón. ¿Quién no ha pasado por un retén como el que pasamos en Búzios? Todo el mundo. Siempre sucede. Ya es rutina, André. Solo quieren quitar dinero.*
- (147) *NASCIMENTO* - *Va a acabar hecho una piltrafa. Y podemos tener alta a Fabio, ya he oído hablar de él. Es capitán ¿no? Fabio Barbosa.*<sup>190</sup>
- (148) *NASCIMENTO* - *¡Dejen de cantar! ¡Dejen... de cantar! ¡Sheriff! Este es el peor grupo que he visto en toda mi vida. Deben seguir marchando, sheriff. ¡Deben parar la canción! ¡No deben parar de andar! ¡Los quiero a todos fuera de esa agua! (CEEMO/Filme/Tropa de Elite/Texto traduzido/Espanhol neutral).*

---

<sup>190</sup> Trata-se de outra ocorrência do PPC que selecionamos para o teste de percepção, analisado na seção 6.4.

Em (146), estudantes de Direito estão em aula discutindo sobre os problemas da sociedade brasileira. Quase todos estão de acordo com a ideia de a polícia ser completamente corrupta, com exceção de Mathias André, que, além de cursar a faculdade, é policial novato. Em meio à discussão, Maria emprega o PPC *“ha pasado”* em um contexto experiencial como estratégia para reafirmar seu argumento de que a PM é corrupta, em uma pergunta retórica: “quem não viveu a experiência de passar por uma blitz e ter de entregar dinheiro à polícia?”. Para a personagem, a existência de atitudes corruptas por parte dos policiais – tal como a arrecadação de dinheiro nas estradas de Búzios – é um fato, uma experiência compartilhada entre as pessoas, vítimas da PM – *“siempre sucede”* e *“ya es rutina”* reforçam tal leitura. Importa recordar que o PPC Experiencial é uma subfunção de Relevância Presente, função mais ampla que recobre situações subjetivas segundo a perspectiva do falante (SQUARTINI; BERTINETTO, 2000), incluindo experiências. Nessa lógica, o falante utiliza o PPC para expressar situações passadas que – para ele, por alguma razão – têm relevância no presente, questão visível na interação de que estamos tratando.

No contexto pragmático da ocorrência em (147), o curso do BOPE está prestes a ser iniciado e certos personagens em nível alto dentro da hierarquia do batalhão – incluindo o Capitão Nascimento, responsável pelas aulas –, analisam as inscrições dos policiais interessados em ascender na carreira. Enquanto olha as folhas com as matrículas na busca por alunos capazes de aguentar a pressão e chegar até o final do curso, o protagonista reconhece o nome de Fábio – um policial corrupto – e emprega o PPC *“he oído”* para expressar uma experiência: em algum momento do passado, possivelmente mais de uma vez, Nascimento experienciou a situação de “ouvir falar sobre Fábio” – na verdade, sobre seus atos corruptos. Além disso, considerando pistas formais na análise desse dado, o complemento adverbial *“ya”* favorece a interpretação experiencial. Em outras palavras, é como se o protagonista dissesse: “devido à experiência que já vivenciei (ouvir coisas sobre Fábio), podemos descartá-lo do curso: ele não vai aguentar a pressão”.

Em (148), último dado com valor experiencial na amostra neutral, Nascimento está treinando os alunos do curso do BOPE quando os interrompe ao observar erros no canto da marcha do grupo, momento em que emprega a combinação [PPC *“he visto”* + complemento adverbial *“en toda mi vida”*]. Conforme discutimos na seção 3.2.2, o elemento *“en”* favorece a leitura de Aspecto experiencial: o emissor emprega tal combinação para afirmar que, dentre todas as turmas que precisou

treinar naquele espaço de tempo – “toda a vida”, informação que também sugere contexto experiencial –, os alunos em cena são sua pior experiência.

Em direção à classificação de maior ocorrência do pretérito perfeito composto na dublagem neutral (8/14 – 57,1%), importa observar que na subfunção PPC Passado Recente – sob o escopo de Relevância Presente – a categoria verbal mais expressiva é Tempo, embora as ações codificadas pelo PPC sejam aspectualmente perfectivas<sup>191</sup> no Estágio 3, conforme discutimos na seção 3.3. Nesses casos, também é fundamental identificar se as situações expressas nos dados de (149) a (156) estão em contexto pré-hodierno<sup>192</sup> (ontem, semana passada, etc.) ou em contexto hodierno (dentro do “hoje”):

- (149) *MATÍAS* - ¿Y no has intentado averiguar por qué?
- (150) *NETO* - ¿Normal? ¿Se han vuelto locos? ¡Hurto en el cuartel es crimen militar!<sup>193</sup>
- (151) *MATÍAS* - ¿Adónde vas? Ven acá. ¿Has perdido la noción del peligro? Si no haces lo que te pido, te arresto. ¿Entendiste? ¡Traficantito! ¿Estás pensando que no sé lo que tú vendes aquí adentro? Mañana al medio día.
- (152) *FABIO* - Ay, Neto, tú eres un angelito en verdad, hermano. ¿No has notado que solo el bando del comandante sube al monte cada semana? ¿Tú crees que él haría alguna cosa gratis? Él va allá a sacar dinero de las apuestas.
- (153) *CORONEL* - ¿Ha quedado claro?
- (154) *CORONEL* - Capitán, lo necesitamos en la misión del Papa. Para mí, misión dada es misión cumplida. ¿Ha quedado claro?

---

<sup>191</sup> Se o Aspecto não for manipulado através da negação, elemento que, conforme já discutimos, tende a durativizar o predicado, tornando difícil visualizar o término da situação.

<sup>192</sup> Se tal informação temporal é confirmada, considera-se que o PPC está codificando valor Perfectivo/Aoristo – a função mais avançada dessa forma verbal, correspondente ao Estágio 4 de sua gramaticalização, segundo previsão de Harris (1982).

<sup>193</sup> Refere-se à outra ocorrência do PPC que selecionamos para o teste de percepção, discutido na seção 6.4.

- (155) *BAIANO* - ¿Te quieres reír en mi cara, niña? ¿Te quieres reír en mi cara, perra? Te voy a dar una explicación: la policía en el morro es el enemigo. ¡Y es Alemán! Cierra la boca, no he terminado. ¿Quién crees que garantiza la paz aquí? ¿La policía? ¡Responde, idiota!
- (156) *MARÍA* - ¿No lo has entendido? ¡Yo fui amenazada!  
(CEEMO/Filme/Tropa de Elite/Texto traduzido/Espanhol neutral).

Em (149), os interlocutores Mathias André e Maria, dois personagens que fazem trabalho humanitário na favela, estão conversando sobre as dificuldades que uma das crianças apresenta nos estudos. O emissor questiona – empregando o PPC – se sua interlocutora, que trabalha há mais tempo na comunidade, não sabe (no momento presente, que é coincidente com o momento de fala) por que razão o menino vai mal na escola. Nesse sentido, temos um contexto de passado recente através da noção temporal de *antepresente* (BELLO, 1841; 1847), em que o PPC “*has intentado*” está diretamente conectado com o momento de enunciação. Observamos, ainda, que a situação é percebida dentro do “hoje” (contexto hodierno), pois o emissor conheceu a criança poucas horas antes. No âmbito da temporalidade, a noção de *antepresente* também justifica o uso dos pretéritos “*han vuelto*”, “*has perdido*” e “*has notado*” em (150), (151) e (152), respectivamente.

As ocorrências do PPC em (153) e (154) são uma estratégia utilizada pelo personagem Coronel para colocar maior peso às ordens dadas anteriormente, reforçando, assim, a noção de imperativo. Nos dois casos, as situações ligadas ao PPC “*ha quedado*” ocorrem dentro do *presente ampliado* (ALARCOS LLORACH, 1984 [1970]), isto é, imediatamente antes do momento de fala. Uma paráfrase possível para esses dois dados, em que lidamos com a noção abstrata de ampliação/extensão do presente em direção ao passado é: “você entende o que eu estou pedindo (neste momento do presente, que já se tornou passado enquanto falo)?”.

Na ocorrência reproduzida em (155), observamos o valor de passado recente também através da noção de *presente ampliado*: o personagem Baiano descobre que Mathias André é policial e está realizando trabalho voluntário na ONG, ou seja, tem acesso ao território comandado pelo traficante mais poderoso do morro. No momento da ocorrência do PPC, o vilão está ameaçando Maria, que, em meio às agressões, tenta explicar que não sabia sobre Mathias André ser policial. Em uma situação de poder, Baiano interrompe Maria, empregando o

PPC “(no) he terminado” para dizer que ainda não terminou – dentro do presente ampliado em direção ao passado – de exteriorizar toda a sua raiva. Cabe observar que a negação – “no” – durativiza o predicado, contudo, tal ocorrência não pode ser considerada PPC Durativo, pois a situação em jogo não está continuando/durando ao longo do tempo; não é, em outras palavras, uma duração expressiva o suficiente, razão pela qual a subfunção PPC Passado Recente prevalece na leitura do dado em questão.

Em (156), última ocorrência em que o pretérito perfeito composto expressa passado recente na dublagem neutral, Maria encontra Mathias André em momento posterior à ameaçada recebida pelo vilão. Durante a discussão, a personagem emprega o PPC “*has entendido*” dentro do *presente ampliado*, como se dissesse ao interlocutor: “você não entende o que estou dizendo (neste momento do presente, que já se tornou passado enquanto falo)?”. Importa observar, além disso, uma oposição entre as duas formas no dado de que estamos tratando – “*has entendido*” e “*fui amenazada*” –, sugerindo, à primeira vista, uma diferenciação de caráter temporal na perspectiva de Maria. Ao olhar atentamente para o desenrolar da trama confirmamos a oposição temporal, pois, como espectadores, verificamos que os dois pretéritos fazem referência a situações acontecidas em períodos de tempo diferentes: o PPC está relacionado com o presente (contexto hodierno), conforme acabamos de explicar; e o PPS, por sua vez, liga-se à ameaça sofrida em outro dia da história (contexto pré-hodierno). Vemos, assim, a escolha por determinadas formas linguísticas como estratégia para delimitar, no momento da interação, eventos temporalmente distintos.

Em síntese, observamos que na amostra do espanhol neutral o PPC expressa passado recente através das noções de: (i) *antepresente* (BELLO, 1841; 1847), dados de (149) a (152); e (ii) *presente ampliado* (ALARCOS LLORACH, 1984 [1970]), dados de (153) a (156). Nesse sentido, a dublagem neutral não codifica passado pré-hodierno através do pretérito perfeito composto – função PPC Perfectivo/Aoristo, equivalente ao Estágio 4.

Classificado como “outros usos [do PPC]”, o último dado (1/14 – 7,1%) apresenta, sem dúvidas, o uso mais interessante do pretérito perfeito composto na dublagem neutral – produzida em contexto mexicano, importa recordar –, pois expressa um valor que escapa da rota de gramaticalização do PPC prevista por Harris (1982), registrado, até onde alcançam nossas leituras, apenas na variedade do México:

(157) ROSANE - Si *he sabido* que no lo dejarías no me embarazo<sup>194</sup>  
(CEEMO/Filme/Tropa de Elite/Texto traduzido/Espanhol neutral).

Acontece, na cena da ocorrência reproduzida acima, uma discussão intensa entre o casal Rosane e Nascimento, pois ele tem se mostrado um companheiro ausente devido ao excesso de trabalho no BOPE, fato que começa a prejudicar a gravidez de sua esposa. Então, a personagem emprega o PPC “*he sabido*” em um contexto claramente modal, evidenciando sua atitude subjetiva frente ao enunciado: “se eu soubesse que você não ia sair [do trabalho], eu não tinha engravidado” (construção empregada no áudio original). Como podemos ver, o PPC está codificando um contexto prototípico de subjuntivo, que seria expresso no espanhol, canonicamente, através da forma do *pluscuamperfecto*: “*hubiera/hubiese sabido*”.

Segundo os trabalhos consultados (AIROLDI, 2015; LOPE BLANCH, 2008a [1961]; MORENO DE ALBA, 2003b [1974]; especialmente), trata-se de um uso pouco frequente do PPC mexicano, representando menos de 1% dos corpora analisados na literatura<sup>195</sup>. Os referidos pesquisadores coincidem na seguinte descrição desse uso: acontece exclusivamente na prótase de período condicional, cuja estrutura é <si + PPC + presente ou forma terminada em *-aba* ou *-ia*>, e tem carga afetiva para o falante. Em (157), o PPC funciona exatamente como descrito, inclusive observamos o conteúdo afetivo, levando em conta a interação entre os personagens na cena de ocorrência. Outra questão importante é que a literatura trata tal uso como um caso de “*mexicanismo sintáctico*”, sugerindo exclusividade à variedade do México.

Nessa direção, chamam a atenção duas questões: (i) se a estrutura “*si he sabido...*” corresponde a um uso de baixa frequência – e, sobretudo, limitada apenas ao espanhol falado em território mexicano –, importa destacar que 1 ocorrência (7,1%) de um total de 14 dados é um número expressivo; e (ii) se se trata de um mexicanismo, surpreende sua ocorrência em um produto audiovisual – uma tradução para dublagem, supostamente neutra – de alcance tão amplo, destinada aos espectadores localizados nos diversos países da América Hispânica. A constatação de

<sup>194</sup> Última ocorrência de PPC que selecionamos para o teste de percepção, cujos dados analisamos na seção 6.4.

<sup>195</sup> Precisamente, em Airoldi (2015) tal uso do PPC equivale a 0,32% do corpus e em Moreno de Alba (2003b [1974]), a 0,2%. Lope Blanch (2008a [1961]) apenas discute qualitativamente, sem controle estatístico.



um mexicanismo no texto traduzido confirma (novamente) o rastreamento, sobre a amostra neutral, que detalhamos na Metodologia: o país de produção da dublagem neutral é o México, sugerindo, ainda, que o tradutor (ou o grupo responsável por essa tarefa) seja mexicano, informação que tentamos coletar a partir de contato, via rede social, com o dublador que deu voz ao protagonista do filme na tradução neutral.

Independentemente dessa possibilidade sobre a nacionalidade do tradutor, é preciso ter em mente que a presença de mexicanismos – em qualquer nível linguístico, sem distinção – é incompatível com a proposta do espanhol neutral, pois refere-se a um uso exclusivo à variedade mexicana, caracterizando-a dentro da comunidade hispânica. Decidimos, então, mudar o foco (variedade do tradutor > variedade do público), centrando nossa atenção na percepção de hispano-falantes espectadores da dublagem neutral – especialmente sobre o uso de “*si he sabido...*”, mas não apenas –, momento em que aplicamos um teste de percepção com o propósito de verificar a aceitação/rejeição dos pretéritos na perspectiva de usuários peruanos e argentinos, além dos próprios mexicanos<sup>196</sup> – questão retomada na seção 6.4, em que discutimos os dados do referido instrumento de coleta.

### 6.3.2 As funções do PPC na dublagem peninsular

A partir da Tabela 8, vimos que o PPC codifica na dublagem peninsular, ao longo de 125 ocorrências, as subfunções PPC Durativo (sob o escopo da função Continuidade), PPC Experiencial, PPC Resultado e PPC Passado Recente (três valores sob o escopo da função Relevância Presente). Além disso, a tradução para dublagem destinada aos espectadores espanhóis apresenta dados com valor de Perfectivo/Aoristo. Assim, considerando todas essas subfunções citadas, verificamos que nessa amostra o pretérito perfeito composto desempenha as duas macrofunções esperadas segundo nossas hipóteses: PPC Perfecto/Anterior (equivalente aos Estágios 2 e 3) e PPC Perfectivo/Aoristo (Estágio 4). Contrastivamente, não observamos a mesma produtividade do PPC na dublagem neutral, amostra em que essa forma verbal não codifica usos de Perfectivo/Aoristo – o estágio mais avançado da gramaticalização do PPC no espanhol.

Nos contextos continuativos que identificamos no corpus fílmico, a dublagem peninsular não apresenta usos de PPC Iterativo – comportamento idêntico ao da dublagem neutral, cabe destacar –,

---

<sup>196</sup> Três grupos linguísticos representantes do amplo público da tradução neutral.

contudo, PPC Durativo tem frequência significativa (5/125 – 4%), conforme dados reproduzidos de (158) a (162):

- (158) *ROSANE* - *No, no está bien. Me pongo muy nerviosa y no he subido de peso desde la última vez. Ah...*
- (159) *SECUNDARIO* - *Si, Capitán, pero los recambios aún no han llegado. Sabe usted...*
- (160) *CARVALHO* - *Sí. Es un tipo duro. Ha estado chuleando putas en Copacabana.*
- (161) *MARÍA* - *Si, lleva casi un año trabajando con nosotros en la ONG. Sí, es buenísimo. Nos ha resuelto muchos problemas. Sí, perfecto. Pero, oiga, ahora tiene que viajar y estará dos semanas fuera. ¿Podría entrevistarle cuando vuelva? Ah, ¡estupendo! ¡Genial! ¡Qué maravilla! Se lo agradezco...*
- (162) *ABOGADO* - *¿Ha pensado en qué hará al acabar la facultad? (CEEMO/Filme/Tropa de Elite/Texto traduzido/Espanhol peninsular).*

Em (158), a leitura continuativa é gerada especialmente pela presença do complemento adverbial “*desde la última vez*”: desde a última vez que fez exames médicos, a personagem (que está grávida) não engordou, situação que continua/dura no período de tempo entre a última consulta de rotina e o momento de fala. Além disso, a negação – “*no*” – contribui para a duração (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000) da ação de “*subir de peso*”.

No que diz respeito ao dado em (159), trata-se do mesmo valor continuativo (via duração) discutido na amostra neutral em páginas anteriores, a partir da ocorrência em (144): o significado de duração é reforçado pela presença do complemento adverbial “*aún*” – na dublagem neutral, o tradutor escolhe “*todavía*” – e pela negação. Além disso, parece haver influência da modalidade *irrealis* na escolha pelo pretérito perfeito composto: o mecânico do BOPE não tem certeza se as peças de que precisa serão entregues a ele.

Em (160), personagens em nível alto no BOPE estão analisando os inscritos no curso a ser ministrado por Nascimento – contexto já descrito anteriormente na análise de outro dado –, momento em que encontram a matrícula de um policial corrupto. Nessa ocorrência do PPC, identificamos o valor durativo levando em conta o próprio contexto da trama do filme e a presença do verbo “*estar*” na construção

[PPC “*ha estado*” + gerúndio “*chuleando*”], um verbo cuja natureza semântica (em termos de modo de ação) é durativa – noção também reforçada, em certa medida, com o gerúndio. No contexto da história do filme, temos a informação de que o policial já vem explorando prostitutas em Copacabana há algum tempo – é justamente por esta razão que ele é conhecido como corrupto –, confirmando a noção continuativa via duração.

No dado em (161), Maria está ao telefone tentando conseguir uma entrevista de estágio para Mathias André. À primeira vista, parece tratar-se de um valor de resultado, devido à escolha pelo verbo “*ha resuelto*” –, que pode focar em resultados (sentidos no presente, ocasionados por situações passadas): os problemas resolvidos, propriamente, cuja solução existe no momento atual. Contudo, importa observar o complemento adverbial “*casi un año*” empregado pela personagem quando questionada sobre o tempo durante o qual Mathias André desenvolve seu trabalho na ONG, explicando que ele já atua na comunidade há quase um ano e que, desde então, resolve diversos problemas naquele lugar. Em outras palavras, a ação de “*resolver muchos problemas*”, praticada por Mathias André, continua/dura há quase um ano, razão pela qual Maria o considera merecedor da oportunidade do estágio.

O último dado representante do PPC Durativo na dublagem peninsular, apresentado em (162), ocorre no momento da entrevista de Mathias André com o advogado, que está selecionando candidatos para a vaga de estágio. Nesse caso específico, o valor durativo somente é percebido quando olhamos para o contexto da conversa entre os dois personagens, pois a ausência de pistas formais – complementos adverbiais, principalmente – pode conduzir-nos à interpretação errônea do dado, classificando-o como PPC Passado Recente, provavelmente a partir da noção de *antepresente*. É preciso ter em conta: (i) que o entrevistador está procurando necessariamente pessoas esclarecidas sobre sua área de atuação – o Direito –, cuja informação é extralinguística; e (ii) que ele conversou com Maria por telefone em momento anterior à entrevista, então sabe que Mathias André vem fazendo trabalho voluntário na favela há quase um ano. Tal período é o tempo mínimo – podendo ser maior, então – que seu candidato tem se dedicado ao trabalho na área. Cabe considerar, também, que “*pensar*” é um verbo atético – característica que favorece a ideia de duração, pois, à primeira vista, não há foco no ponto final da ação –, além de durativo. Em suma, o entrevistador está tentando descobrir se Mathias André pretende seguir trabalhando no campo do Direito – assim como vem

fazendo há, no mínimo, um ano –, pois, se não for o caso, não é vantajoso escolhê-lo para a vaga de estágio. É como se o entrevistador indagasse: “em meio às suas atividades (aulas na faculdade e trabalho na ONG), você também tem pensado se vai seguir carreira na área do Direito?”.

A frequência de uso de PPC Experiencial (3/125 – 2,3%) na amostra de que estamos tratando é coincidente, em termos numéricos, com as três ocorrências desse valor na dublagem neutral – discutidas em páginas anteriores –, conforme dados de (163) a (165) abaixo:

- (163) *MARÍA - ¡André! ¡André! Dudú tiene razón. Dudú tiene razón. ¿A quién no le han parado en un control como nos pasó a nosotras? A todo el mundo. Todo eso pasa. Es la rutina, André. Esos tíos solo quieren dinero.*
- (164) *NASCIMENTO - Pues a este también lo borramos. ¿Qué tal ese Fabio? He oído hablar de él. Es capitán ¿no? Fabio Barbosa.*
- (165) *NASCIMENTO - ¡Dejen de cantar! ¡Basta de cantar! ¡Jefe de equipo! Este es el peor grupo que he visto en mi vida. Y sigan andando, jefe de equipo. ¡Dije “basta de cantar”, no “basta de andar”! ¡Quiero que salgan todos del agua! (CEEMO/Filme/Tropa de Elite/Texto traduzido/Espanhol peninsular).*

Na ocorrência em (163)<sup>197</sup>, durante uma discussão fervorosa entre universitários sobre a corrupção da polícia, a personagem Maria emprega o PPC “*ha parado*” em uma pergunta retórica argumentando que todas as pessoas – “*todo el mundo*” – já vivenciaram a experiência de parar em uma blitz da PM, situação de que os policiais corruptos aproveitam para arrecadar dinheiro – “*esos tíos solo quieren dinero*”. Na perspectiva da falante, trata-se de um fato óbvio – “*es la rutina*” –, uma experiência compartilhada entre as pessoas vítimas da polícia naquele contexto social.

Em (164)<sup>198</sup>, Nascimento está analisando a folha de matrícula de Fábio, momento em que emprega o PPC “*he oído*” para revelar que, como já ouviu coisas negativas sobre seu futuro aluno – uma experiência anterior, provavelmente vivenciada mais de uma vez, a julgar pela opinião bem formada sobre o inscrito –, sabe exatamente com quem está lidando: um policial de caráter duvidoso, que não

<sup>197</sup> Enunciado equivalente ao de (146), da dublagem neutral.

<sup>198</sup> Enunciado equivalente ao de (147), da dublagem neutral.

aguentará a pressão do BOPE, razão pela qual pode ser descartado – “*pues a este también lo borramos*” – da lista de alunos capazes de concluir o curso.

No dado em (165)<sup>199</sup>, o protagonista suspende a marcha dos alunos do curso empregando o PPC “*he visto*” em um contexto experiencial, leitura gerada, sobretudo, pela presença do complemento “*en mi vida*”: durante o período expresso pelo advérbio, o grupo em referência – que está à frente do emissor – é o pior entre todos os que ele já treinou, um verdadeiro fracasso considerando a experiência de Nascimento ao longo de sua vida no BOPE.

Concernente à ocorrência de PPC Resultado (14/125 – 11,2%) – sob o escopo da função Relevância Presente – na dublagem produzida na Espanha, cabe recordar que na expressão desse valor linguístico o falante focaliza resultados sentidos no presente, ocasionados a partir de ações passadas perfectivas, conforme discussão dos dados de (166) a (178):

- (166) TIÃO - *Le hemos quitado el parabrisas, sí, pero también hemos aprovechado el motor de arranque y el embrague, así ya hemos podido arreglar...*
- (167) MARÍA - *¡Has hecho un gran trabajo! De verdad.*
- (168) MATÍAS - *Creo que hemos hecho un buen trabajo.*
- (169) NASCIMENTO - *¿Qué? ¡“Uno de vosotros” una mierda! ¡“Uno de vosotros” una mierda! ¡Quién le ha matado has sido tú! ¡Tú, maricón!*
- (170) MARÍA - *Por tanto, profesor, concluimos que en Brasil la legislación penal funciona como una red que articula diversas instituciones represivas del Estado y que, por desgracia en nuestro país, hoy, la consecuencia de estas micro relaciones de poder de las que habla Foucault ha acabado creando un Estado que protege a los ricos y castiga casi exclusivamente a los pobres.*
- (171) NETO - *¿Cómo que han cambiado el motor?*
- (172) NETO - *Tengo un problema. Han cambiado...*

---

<sup>199</sup> Enunciado equivalente ao de (148), da dublagem neutral.

- (173) *VOZ EN OFF* - *¿El trabajo de la policía no es proteger? Pues bien, el sistema ha hecho de la protección un negocio. Y ahora quien cobra por hacer cumplir la ley también cobra por hacer la vista gorda.*
- (174) *ESTEVÃO* - *Coronel, he comprobado el informe de este aspirante y me ha parecido correcto.*
- (175) *CORONEL* - *No hay problema, pero ¿qué ha sido? ¿Niño o niña?*
- (176) *MARÍA* - *¡Has puesto en peligro mi vida y la de mis amigos!*
- (177) *MATÍAS* - *Eso ha debido de ser cosa de María. Ya no necesito sus favores.*
- (178) *NASCIMENTO* - *¿De dónde las has sacado, hijo? (CEEMO/Filme/Tropa de Elite/Texto traduzido/Espanhol peninsular).*

Em (166), a partir da retirada de algumas peças de um automóvel – “*le hemos quitado el parabrisas*” e “*también hemos aprovechado el motor de arranque*”, duas situações passadas –, o mecânico tem, como resultado presente, a viatura da PM consertada. Importa observar que o valor de PPC Resultado é codificado somente por “*hemos podido (arreglar)*”, única ocorrência do pretérito perfeito composto que destacamos em (166). As outras duas situações – “*hemos quitado*” e “*hemos aprovechado*”, cujos pretéritos expressam passado recente – são responsáveis por uma consequência visível no presente, que é a própria viatura pronta para o uso do interlocutor de Tião. Percebemos a relação de “ação anterior > resultado” – isto é, “retirada de peças > carro consertado” – levando em conta a presença de “*asi*” no discurso do falante, que pode ser interpretado como sinônimo de “então” e “consequentemente”: “fizemos X (retiramos as peças), então/consequentemente temos Y (o carro está consertado)”<sup>200</sup>.

Nas ocorrências do PPC em (167) e (168), após o planejamento de um trabalho a ser apresentado em aula, no curso de Direito, os personagens Maria e Mathias André empregam os pretéritos “*has*

<sup>200</sup> No contexto da cena do filme, o mecânico troca as peças de um carro em perfeito estado e as instala em outro, com defeito. Mostra-se ao espectador uma situação complicada dentro do BOPE: como o superior de Tião não encomenda o material necessário para o conserto – pois não recebe propina ao fazê-lo –, o mecânico substitui as peças de um carro pelas de outro, uma atitude mascarada de solução já que, em um futuro próximo, também terá que consertar a viatura que ficou sem motor.

*hecho*” e *“hemos hecho*” para expressar que, no momento de enunciação, a lição está pronta – um resultado presente (na perspectiva deles), desencadeado a partir de uma situação passada. Em outras palavras, a dedicação dos estudantes (situação anterior) *resultou* em um trabalho que, além de estar finalizado, é de qualidade – *“un gran trabajo”* e *“un buen trabajo”* são características do resultado alcançado pelos emissores. O verbo *“hacer”* também favorece a leitura do valor em questão, seguindo-se a lógica de que um resultado presente somente é alcançado se, antes, alguém *hizer* alguma coisa.

Em (169), Nascimento está em uma missão na favela, situação em que um traficante é morto. Então, o protagonista pergunta ao figurante – outro traficante –, retoricamente, quem é responsável pela morte, pelo cadáver visível em cena. Quando o figurante responde, de modo literal, que quem matou seu colega foi um integrante do BOPE, Nascimento emite (169), empregando os pretéritos *“ha matado”* e *“has sido”* para dizer que, na verdade, os responsáveis por aquele resultado no presente – uma morte violenta – são pessoas exatamente como seu interlocutor, que contribuem para a existência do tráfico de drogas. Focar na morte como resultado presente – codificação via forma de PPC – é uma estratégia do emissor para atingir, psicologicamente, seu receptor.

Na situação apresentada em (170), Maria está finalizando a apresentação de seu trabalho em uma aula do curso de Direito, concluindo que, devido ao funcionamento do sistema brasileiro, o Estado acabou criando uma relação de desigualdade entre as pessoas – um resultado no presente. Tal interpretação é gerada, especialmente, pela presença de *“la consecuencia”* (que introduz, no discurso, um resultado) e *“hoy”*, complemento temporal que especifica o momento em que tal consequência existe. Além disso, a estrutura [PPC *“ha acabado”* + gerúndio *“creando”*], conforme verbos escolhidos pelo tradutor peninsular, favorece a ideia de haver um resultado atual – a desigualdade entre ricos e pobres, em que estes últimos são castigados pelo sistema –, como consequência de algo anterior: microrrelações de poder na sociedade brasileira.

Em (171) e (172), o personagem Neto, novato na polícia, começa a perceber que as coisas não funcionam como esperava. Na primeira ocorrência, utiliza o PPC *“han cambiado”* enfatizando o resultado *“motor trocado”* como algo inaceitável no presente, como se dissesse *“o motor está trocado, o que é errado, e ninguém aqui é penalizado?”*. Cabe chamar a atenção para o fato de o dado não apresentar contexto *irrealis* – embora, sem acesso à história do filme, pudesse parecer devido ao

questionamento –, porque, na perspectiva do personagem, não há dúvidas de que o motor foi trocado – esta é, justamente, a razão por que está furioso naquele momento. Na fala em (172), o mesmo personagem tenta desfazer o resultado presente “motor trocado” entrando em contato com seu superior, que não tem interesse em resolver os problemas da mecânica. Através da combinação [PRES + PPC], Neto informa ao chefe que, no momento de enunciação, tem um problema: o motor trocado.

Em (173), o narrador – uma “voz *en off*” – explica ao espectador o funcionamento de (mais) um esquema de corrupção praticado pela polícia: cobrar dinheiro de comerciantes para proteger seus estabelecimentos. Quando emprega o PPC “*ha hecho*”, o narrador focaliza o resultado presente do esquema, que é a transformação da proteção em um negócio rentável para os policiais corruptos, algo visível naquele contexto social. Assim como em (167) e (168), o verbo “*hacer*” favorece tal interpretação: um resultado existe no presente apenas se alguém *fizer* alguma coisa em momento anterior.

No enunciado em (174), Estevão conversa com seu interlocutor sobre o relatório feito por um novato – “*aspirante*” –, documento revelador de diversos pontos problemáticos no funcionamento da PM. O interlocutor recusa o relatório, pois os dados ali apresentados comprometem sua reputação, momento em que Estevão tenta convencê-lo, empregando o PPC, de que o resultado no presente é um bom relatório: “*y me ha parecido correcto*”. Em outras palavras, aquilo que se tem no momento de enunciação é um documento confiável – um “produto” que é resultado de um trabalho anterior –, informação expressa via codificação do PPC. Importa observar que, por outro lado, o pretérito “*he comprobado*” refere-se a uma situação diferente, acontecida horas antes – portanto, um passado recente (contexto hodierno).

Em (175), Nascimento se torna pai e o Coronel lhe pergunta, a respeito daquele resultado visível no presente: “é menino ou menina?”. O personagem utiliza o PPC para obter uma informação sobre o filho nascido, que existe no presente. A interpretação de (176) segue o mesmo raciocínio: por conta de situações passadas – isto é, Mathias André ter trabalhado na ONG da comunidade sem informar a ninguém sobre ser policial –, o resultado no momento atual é a vida de Maria e seus amigos estar em perigo, uma consequência visível no presente.

Sobre o dado em (177), à primeira vista parece um contexto de dúvida (+ *irrealis*) na perspectiva do emissor, favorecendo a escolha pelo PPC em um uso modal: “*eso ha debido de ser*”, isto é, a entrevista



para a qual foi chamado possivelmente foi arranjada por Maria. No entanto, consultando a cena da ocorrência verificamos que, na verdade, Mathias André tem certeza absoluta de que a oportunidade surgida é resultado de atitudes anteriores de Maria. Assim, “*eso ha debido de ser cosa de Maria*” pode ser interpretado, no português, como “isso [a entrevista] só podia mesmo ser coisa dela”. A segunda parte do dado favorece a identificação do contexto de uso pouco *irrealis* na perspectiva do emissor, confirmando que ele sabe exatamente quem lhe conseguiu a entrevista: “*Ya no necesito sus favores*”. Em suma, a interpretação final é a de um resultado que existe no presente: a entrevista conseguida.

No último dado de PPC Resultado na dublagem peninsular, apresentado em (178), Nascimento está em missão na favela quando encontra diversos objetos que, para ele, obviamente foram roubados por seu interlocutor; entre os quais, um par de tênis. O protagonista, então, pergunta ao rapaz de onde ele tirou esse calçado – “*¿de dónde las has sacado?*” –, um resultado (ter, no presente, um par de tênis) conseguido a partir de uma situação anterior (o roubo). Pragmaticamente, a intenção de Nascimento é clara: obter de seu interlocutor uma confissão pelo crime cometido, enfatizando, através do emprego do PPC, o resultado de uma ação passada, que está visível no momento de interação entre os dois personagens. Não se trata de um contexto de dúvida/*irrealis* – apesar da estrutura interrogativa –, pois Nascimento sabe de onde o figurante tirou (como ele conseguiu) aquele par de tênis: praticando um crime.

PPC Passado Recente é o valor que apresenta maior frequência de uso na amostra peninsular (97/125 – 77,6%), exigindo um cuidado especial na análise de suas ocorrências. Nesse sentido, realizamos a interpretação dos 97 dados e os classificamos levando em conta as noções temporais identificadas, conforme quantificação organizada na tabela a seguir:

**Tabela 10 – Noções temporais identificadas sob o escopo de PPC Passado Recente na dublagem peninsular**

<b>Noção temporal</b>	<b>Nº. e %</b>
<i>Antepresente</i>	55 56,7%
<i>Presente ampliado</i>	42 43,3%
<b>Total</b>	97 100%

Fonte: Elaboração própria.

Como é possível ver, as duas noções temporais geralmente oferecidas como descrição do PPC peninsular<sup>201</sup> são identificadas na amostra destinada aos espectadores localizados na Espanha. Além disso, observamos que as duas noções de Tempo apresentam frequência de uso relativamente próxima: a subfunção PPC Passado Recente contempla 57,7% (55/97) usos de *antepresente* e 43,3% (42/97), de *presente ampliado*, tendo-se em conta a dublagem peninsular do corpus fílmico analisado.

Cabe recordar que a noção temporal de *antepresente* (BELLO, 1841; 1847) diz respeito a uma situação “*anterior ao presente*”: uma ação acontecida em um passado recente (contexto hodierno) que está conectada com o momento de enunciação. A noção temporal de *presente ampliado* (ALARCOS LLORACH, 1984 [1970]), por sua vez, refere-se a uma ação quase sempre imediatamente anterior ao momento de enunciação – portanto, também deve ser vista como passado recente (contexto hodierno) –, uma ampliação/extensão do presente em direção ao passado. Como vemos, trata-se de uma noção abstrata, razão pela qual propomos, quando conveniente, paráfrases durante a análise do valor de *presente ampliado* – estratégia que já utilizamos quando discutimos alguns dados da dublagem neutral, em seção anterior.

Outra questão relevante sobre a subfunção de que estamos tratando é a importância de identificar se a ação acontece em contexto hodierno (dentro do “hoje”) ou contexto pré-hodierno, seja através de elementos formais – como complementos temporais – ou consultando as cenas e a cronologia do filme para buscar a informação temporal na própria história. Então, (i) se as ações estão dentro do “hoje”, temos uso de PPC Passado Recente; e (ii) se as ações estão fora do “hoje” – ontem, semana passada, etc. –, o valor é de PPC Perfectivo/Aoristo. Em outras palavras, tendo em conta os significados – em nível de subfunção – do pretérito perfeito composto contemplados nesta pesquisa, PPC Passado Recente se opõe, temporalmente, a PPC Perfectivo/Aoristo.

Em direção à interpretação das ocorrências classificadas como PPC Passado Recente na dublagem peninsular, diante da limitação espacial – que nos impossibilita refletir textualmente caso a caso –, optamos por discutir 15 dados representativos de cada noção temporal,

---

<sup>201</sup> Conforme trabalhos que resenhamos, na seção 2.2.3, sobre a variedade peninsular do espanhol.

iniciando pelo valor de *antepresente* a partir dos enunciados de (179) a (193):

- (179) ROSANE - *Ah... anoche llegaste tarde ¿y ahora te tienes que ir corriendo? Hoy he dormido fatal.*
- (180) GUZMÁN - *Sh. Señores, calma. Eh... todo el mundo va a hablar, pero oigamos a Matías. Hace un rato que ha levantado la mano. Adelante.*
- (181) SECUNDARIO - *Sí, pero es que, Capitán, hoy... hoy ya he arreglado.*
- (182) FABIO - *¿Me ha mandado llamar, señor?*
- (183) CORONEL - *El lunes quiero un nuevo informe en mi mesa porque este... no ha existido.*
- (184) NASCIMENTO - *Hola, cariño. ¿Ha roto aguas? ¿Estás segura? Mantén la calma. ¿Recuerdas lo que dijo la doctora? Que hay tiempo. Tranquila. Voy ahora mismo. Enseguida estoy ahí. ¿De acuerdo? ¡Cero-Dos!*
- (185) FABIO - *Tíos, si no hubierais venido me habrían matado. El BOPE ha traído su arma.*
- (186) ANTUNES - *Ustedes han venido aquí por su propia voluntad. Nadie, absolutamente nadie, les ha invitado. Y ninguno, ninguno de ustedes es bienvenido. Preparen sus almas, porque sus cuerpos ahora nos pertenecen. Declaro inaugurado el nuevo curso de Operaciones Especiales.*
- (187) NASCIMENTO - *Ah... el señor lo está pasando mal. ¡Cero-Dos! ¡Si usted vomita la comida sobre la de sus compañeros, sus compañeros van a tener que comerse esa mierda de vómito porque usted ha vomitado, señor Cero-Dos!*
- (188) MATÍAS - *Un momento. ¿Qué ha pasado?*
- (189) DUDÚ - *¡Ese policía hijoputa! ¡Ha amenazado con detenerme!*
- (190) PERIODISTA - *Los cuerpos pertenecen a la estudiante Roberta Fontes, hija del empresario Alceu Fontes, y al asistente social Pedro Rodríguez. La periodista Ana Luisa ha entrevistado al Secretario de Interior que acaba de hacer una declaración oficial*
- (191) NASCIMENTO - *Ha recibido dos balazos en su espalda.*

- (192) *MARÍA - He ido a la comisaría, André, y me han dicho que ellos no me... no me pueden ayudar.*
- (193) *MARÍA - Está bien. Está conmigo en mi casa. Pero... si han llevado a Roberta y a Rodríguez (CEEMO/Filme/Tropa de Elite/Texto traduzido/Espanhol peninsular).*

Em (179), o PPC “*he dormido*” ocorre em um contexto de passado perfectivo hodierno, marcado pelo complemento adverbial “*hoy*”, que indica proximidade da situação com o momento de fala, noção temporal de *antepresente*. Observamos, também, uma oposição via Tempo considerando a escolha por dois pretéritos no mesmo dado: o PPC faz referência a um passado próximo, como dissemos; e o PPS “*llegaste*” expressa um passado mais distante, em contexto pré-hodierno, cuja situação está ligada ao complemento “*anoche*” – “ontem à noite”.

Concernente ao dado em (180), Gusmão, que é professor, tenta controlar a discussão entre os estudantes de Direito, pedindo silêncio para que Mathias André possa falar, pois ele já havia levantado a mão: “*ha levantado la mano*”. A conexão entre essa ação acontecida em um passado recente com o momento de fala – a noção de *antepresente*, propriamente – é percebida devido à presença do complemento “*hace un rato*”.

Em (181), o personagem coadjuvante – “*SECUNDARIO*” – explica ao interlocutor, Capitão, que não irá pagar (novamente) a propina para manter seu estabelecimento comercial em segurança, pois entregou o dinheiro a um policial que havia chegado horas antes, isto é, a ação expressa por “*he arreglado*” acontece em contexto pré-hodierno: “*hoy*”, no dado em questão, especifica o tempo.

A respeito do PPC em (182), o personagem Fábio é convocado minutos antes por seu superior e, ao encontrá-lo, emprega “*ha mandado*” para conectar a própria convocação (ação passada) ao “*agora*”, que é coincidente com o momento de fala. Seguindo-se uma lógica semelhante, em (183), o Coronel destrói o relatório/*informe*, elaborado anteriormente por seu interlocutor, empregando o PPC “*(no) ha existido*” como estratégia para enfatizar que, no momento de fala, o documento que o prejudica é inexistente. No dado em questão, a presença da negação não durativiza de modo expressivo o predicado – razão pela qual não pode ser considerado PPC Durativo –, já que a destruição do relatório acontece exatamente no momento em que o personagem emite (183).

Em (184), Nascimento conversa por telefone com sua esposa, que está grávida. Minutos antes da ligação, a bolsa estoura: “*ha roto aguas*”. À primeira vista, esse dado poderia ser interpretado como PPC Resultado, contudo, levando em conta a natureza semântica de “*romper*”, um verbo pontual, torna-se difícil visualizar “bolsa estourada” como um resultado que persistirá no presente dos falantes/personagens envolvidos na interação. Nesse sentido, o conhecimento de mundo também tem papel importante, contribuindo para o entendimento de que a situação “bolsa estourada” não pode continuar no presente, isto é, manter-se válida. Assim, a interpretação final é a de uma situação (pontual e) anterior – o rompimento da bolsa – conectada ao momento de fala de Nascimento, noção temporal de *antepresente*. Como último detalhe observado nesse dado, importa registrar a oposição temporal PPS/PPC: “*ha roto*” ocorre em contexto hodierno (dentro do “hoje”), enquanto “*dijo (la doctora)*” faz referência a uma situação passada em contexto pré-hodierno, momento em que a personagem grávida teve consulta médica.

Sobre a ocorrência em (185), Fábio emprega o PPC “*ha traído*” referindo-se a uma situação anterior – que é a chegada do BOPE na favela –, relevante no momento de enunciação do personagem. Importa recordar que o valor linguístico em discussão é bastante subjetivo (SQUARTINI; BERTINETTO, 2000), pois leva em conta a perspectiva do falante: a chegada do BOPE mantém conexão temporal com o momento de fala de Fábio porque ele caiu em uma armadilha, está preso no morro vigiado por traficantes armados e corre risco de vida. “A chegada do BOPE” e “cair em uma armadilha” são situações passadas que estão conectadas com “estar preso no morro” e “correr risco de vida”, duas situações válidas no momento de enunciação daquele personagem.

Em (186), o personagem Antunes introduz o curso do BOPE, colocando os pretéritos “*han venido*” e “*ha invitado*” como situações passadas – em contexto hodierno, conforme desenrolar da trama – relacionadas com o presente, leitura gerada pela presença de “*aquí*” e “*ahora*”, elementos que conectam as referidas situações com o momento de fala. Pragmaticamente, a intenção do emissor é dizer aos alunos que o curso não será nada fácil: independentemente de eles estarem ali por vontade própria, ninguém os convidou, ninguém é bem-vindo e, a partir daquele momento de enunciação, seus corpos não lhes pertencem mais.

Os três pretéritos “*ha vomitado*”, “*ha pasado*” e “*ha amenazado*” – presentes nos dados de (187) a (189) – expressam situações que mantêm conexão (relevância) com o momento de enunciação de

Nascimento, Mathias André e Dudu, respectivamente. No primeiro caso, o interlocutor do protagonista vomitou segundos antes da fala reproduzida em (187) e tal situação impacta no presente, pois atrapalha o almoço dos demais personagens em cena. No segundo caso, o emissor percebe, durante a interação com outros personagens, que algo grave aconteceu dentro do “hoje” (contexto hodierno), causando algum impacto em seu momento de fala, em (188). Por último, horas antes do enunciado em (189) o personagem Dudu, fornecedor de drogas na universidade, é ameaçado por um policial, situação que causa impacto em seu momento de fala, cuja conexão é percebida levando em conta o insulto disponível no dado: “*¡Ese policía hijoputa!*”.

Em certo momento da história, é noticiada em jornal da televisão a morte de dois personagens. Em (190), o PPC destacado faz referência à entrevista concedida pelo Secretário, ocorrida momentos antes do enunciado de que estamos tratando, cuja proximidade da situação é marcada por “*que acaba de hacer*”. Assim, a declaração feita durante a entrevista – situação em contexto hodierno – está conectada com o momento de fala do emissor de (190), noção temporal de *antepresente*.

Nos três últimos dados desse valor temporal, ter acesso ao contexto cronológico do filme é primordial para identificar as funções desempenhadas pelo PPC. Todas as ações cuja forma sublinhamos – “*ha recibido*” (191), “*he ido*”, “*han dicho*” (192) e “*han llevado*” (193) – são perfectivas, portanto, estão finalizadas. Em (191), a especificação do objeto “*dos balazos*”, ligado ao verbo télico “*recibir*”, dá-nos a informação aspectual de que a ação está concluída. Em (192), “*ir*” e “*decir*” também são ações concluídas, pois, como espectadores, sabemos que Maria não está mais na delegacia/*comisaría*; senão, em sua casa falando ao telefone com seu interlocutor. Em (193), a ação de “*llevar a Roberta y a Rodríguez*”, cujo verbo é télico, também está finalizada – sabemos, inclusive, que esses dois personagens não apenas foram levados, como também já foram mortos por quem os levou. Resta, então, verificar o tempo em que aconteceram as ações consultando a própria história do filme – já que, como vemos, não há complementos temporais nesses dados para guiar-nos na interpretação –, momento em que buscamos identificar se as situações em jogo estão dentro ou fora do “hoje”. Com essa informação extralinguística, podemos determinar se se trata de PPC Passado Recente (contexto hodierno) ou PPC Perfectivo/Aoristo (contexto pré-hodierno). Após essas consultas, verificamos que: (i) a ação de “receber (levar) dois tiros” aconteceu horas antes da fala em (191), então, no mesmo dia; (ii) as ações de “ir” e “dizer” estão em contexto hodierno, pois Maria foi à

delegacia no mesmo dia em que emite (192); e (iii) a ação de “levar” também aconteceu no mesmo dia em que a personagem fala (193). Em suma, nos três dados o PPC codifica valores de passado recente em contexto hodierno: situações acontecidas dentro do período de tempo denominado “hoje”.

Em direção à noção temporal de *presente ampliado*, segundo valor possível sob o escopo da subfunção PPC Passado Recente, discutimos os dados de (194) a (208), na sequência:

- (194) *MATÍAS* - ¿A quién le has disparado? ¿A quién le has disparado?
- (195) *MARCINHO* - ¡Mierda! ¿Quién ha disparado, tío?
- (196) *FABIO* - Déjame hablar, por favor, cálmate. ¡Oiga! ¡Oiga! ¡Ese hijo de puta me ha colgado en la cara!
- (197) *FABIO* - Sí... antes habíamos tener parte. Ahora el comandante ha dicho que no y se queda todo para él. ¡Vaya, mierda!
- (198) *SECUNDARIO* - Se ha desmayado, Capitán.
- (199) *NASCIMENTO* - ¡Se ha acabado el tiempo, señores!
- (200) *NASCIMENTO* - ¡El Cero-Uno se ha rendido! ¡El Cero-Uno se va!
- (201) *NASCIMENTO* - ¡No le oigo, Cero-Dos! ¡No le he oído!
- (202) *NASCIMENTO* - Cara al frente. Lentamente, Cero-Seis, con mucho cuidado. Avanza con calma. ¿Qué debes hacer ahora? Con calma examina el área. ¿La has examinado? Ahora avanza, avanza lentamente. Eso es, lentamente. Buen trabajo, Cero-Seis. Buen trabajo, muchacho. Has examinado y avanzas. Avanza ahora. Sí, ya, adelante. Eso es. Eso es. Mantén la calma. ¿Qué haces ahora? Espera. ¿Ha llegado tu apoyo? Ha llegado. Puede desatarse un infierno, pero tú mantendrás la calma. La vista al frente. ¿Está despejado? ¿Puedes salir? Adelante, si puedes avanzar, hazlo. Continúa. Esto es, Cero-Seis. Muy bien.
- (203) *NETO* - ¡Capitán! ¡Capitán! El cohetero ha ido hacia...
- (204) *NETO* - Han llamado del despacho de un abogado. Han confirmado tu entrevista para un trabajo mañana a medio día.

- (205) *SECUNDARIO* - Te he dicho que te calles. ¡Joder! ¡Cállate o te doy a ti también!
- (206) *MATÍAS* - Solo te he hecho una pregunta. ¿Se puede saber qué haces aquí?
- (207) *NASCIMENTO* - ¡Quién manda en esta puta casa soy yo! ¡Y <ênfasis> tú </ênfasis> no abrirás nunca más la boca para hablar de mi batallón en esta casa! ¿Me has entendido? ¿Lo has entendido? ¡Quién manda en esta puta casa soy yo!
- (208) *NASCIMENTO* - ¡Qué no suba nadie! ¡Qué no suba nadie! ¡Qué no suba nadie! ¿Me habéis oído? (CEEMO/Filme/Tropa de Elite/Texto traduzido/Espanhol peninsular).

Em uma missão de resgate – de um personagem policial, que caiu em uma armadilha –, Mathias André emite (194) quando seu interlocutor começa a atirar contra traficantes. A ação codificada pelo PPC “*has disparado*” acontece no *presente ampliado*, isto é, imediatamente antes do momento de fala do emissor, como se este dissesse: “em quem você está atirando (neste momento do presente, que já se tornou passado enquanto falo)?”. O mesmo contexto de uso está presente na ocorrência em (195); a única diferença é que, nesta última, o emissor é um dos traficantes do morro – Marcinho –, que acaba de ouvir os mesmos tiros dados pelo interlocutor de Mathias André em (195).

Em (196), Fábio está furioso porque descobre que alguém esteve nos estabelecimentos comerciais recolhendo o dinheiro de sua propina, então telefona para outro personagem na tentativa de entender o que acontece. Seu interlocutor simplesmente desliga o telefone, então, imediatamente, no *presente ampliado*, o emissor emprega o PPC destacado para expressar que o receptor acaba de encerrar a ligação: “*me ha colgado en la cara*”. A primeira parte do dado – “*Déjame hablar, por favor, cálmate. ¡Oiga! ¡Oiga!*” – acontece durante a ligação e a segunda, em que se dá a ocorrência do PPC, é a própria noção temporal abstrata de que estamos tratando: “neste exato momento do presente, que já se tornou passado enquanto estou falando, ele simplesmente desliga o telefone em minha cara”.

A ocorrência de “*ha dicho*”, no dado em (197), faz referência a uma ação acontecida imediatamente antes do momento de fala de Fábio, situação visível consultando a cena do filme e levando em conta, também, a presença do complemento adverbial “*ahora*”. O comandante, interlocutor de Fábio, acaba de dizer que todo o dinheiro arrecadado por



meio do jogo do bicho – outro esquema ilegal, praticado pela polícia carioca – já não será dividido com o emissor.

De (198) a (201), os pretéritos “*ha desmayado*”, “*ha acabado*”, “*ha rendido*” e “*he oído*” expressam situações acontecidas imediatamente antes do momento de fala dos emissores. Em (198), o personagem coadjuvante diz a Nascimento que uma terceira pessoa – um dos “vigias” do morro, que atua a mando de um traficante poderoso – acaba de desmaiar no *presente ampliado*, após ser torturado pelo emissor, um policial do BOPE. Em (199), o tempo que os alunos tinham para almoçar acaba exatamente no momento em que Nascimento está empregando o PPC “*ha acabado*”. O pretérito “*ha rendido*”, utilizado pelo emissor em (200), também expressa uma ação que acaba de acontecer: Zero-Um, identificado como policial corrupto, desiste do curso por não aguentar a pressão colocada por Nascimento, que o está treinando<sup>202</sup>. Em (201), o emissor pressiona outro personagem corrupto, fazendo-o dizer em voz alta que está desistindo do BOPE. Então, Nascimento emprega o pretérito “(no le) *he oído*” no *presente ampliado*, como se dissesse: “neste momento do presente, que já se tornou passado enquanto falo, não estou ouvindo você dizer que desiste”. A forma de PRES no início do dado – “*le oigo*” –, expressando o mesmo verbo que o PPC destacado na segunda parte, também favorece a interpretação de que a ação de “ouvir” acontece no *presente ampliado*.

Em (202), Nascimento realiza o treinamento de Zero-Seis – na realidade, André Mathias – em território inimigo, dando-lhe instruções de como agir quando estiver em uma missão, passo a passo. Então, emprega “*has examinado*” e “*ha llegado*” dentro do *presente ampliado* como estratégia para dizer ao interlocutor que, embora precise ser cauteloso, deve agir imediatamente após perceber as ações expressas pelos referidos pretéritos. Em outras palavras, é como se o protagonista dissesse: “você acabou de analisar/*examinar* o lugar, então avance

---

<sup>202</sup> A ação de “desistir/*renunciar*” acontece imediatamente antes da fala de Nascimento em (214), conforme diálogo que reproduzimos a seguir:

*NASCIMENTO* - ¿Cree que no sabemos que los traficantes le pagan? ¿Que está suelto... que está suelto de los corredores de apuestas? ¿Sabe por qué su número es el Cero-Uno? Porque va a ser el primero en renunciar. ¡Y yo voy a hacer que renuncie! ¡Pidame que le deje irse! ¡Pida que renuncia! ¡Pidámelo! ¡Le voy a joder vivo, hijueputa!

*CERO-UNO* - Sí, señor. ¡Renuncio! ¡Señor! ¡Renuncio! (CEEMO/Filme/Tropa de Elite/Texto traduzido/Espanhol peninsular).

imediatamente” e “você acabou de ver que seu reforço/apoyo chegou; deve, então, seguir em frente agora mesmo”.

Nos dados em (203) e (204), Neto utiliza o PPC para expressar aos interlocutores que as ações de “*ir*”, “*llamar*” e “*confirmar*” acontecem imediatamente antes de suas falas. Na primeira ocorrência, o personagem fogueteiro/*cohetero* – encarregado de avisar, soltando fogos, quando a PM invade o território dos traficantes – foge em direção contrária à de Neto e Nascimento, policiais em missão no morro. Em (204), Neto acaba de falar por telefone – “*han llamado*” – com alguém do escritório de advogados que acaba de confirmar – “*han confirmado*” – a entrevista de estágio de seu interlocutor. Como espectadores, temos acesso à informação temporal sobre quando se dá o acontecimento das ações: no *presente ampliado*, propriamente, considerando também a perspectiva do emissor em cena. Apenas recordando a importância do acesso à cronologia dos fatos – especialmente quando há ausência de complementos formais que deem informação temporal –, se a ligação telefônica tivesse acontecido em outro dia (contexto pré-hodierno), “*han llamado*” estaria codificando PPC Perfectivo/Aoristo em (204).

As falas em (205) e (206) acontecem em um contexto de discussão entre falantes. No primeiro caso, o personagem coadjuvante – “*SECUNDARIO*” – pede ao interlocutor que se cale, empregando o pretérito “*he dicho*” dentro do *presente ampliado*, como se dissesse: “estou pedindo (neste momento do presente que já se tornou passado enquanto falo) para você ficar calado”. No segundo caso, Mathias André responde à agressividade de sua interlocutora, dizendo que naquele momento – que corresponde ao *presente ampliado* do falante retratado em cena –, simplesmente havia questionado sobre algo: “*solo te he hecho una pregunta*”.

Nas ocorrências de PPC destacadas em (207) e (208), Nascimento emprega “*has entendido*” e “*habéis oído*” como estratégia para enfatizar a ordem dada por ele em momento imediatamente anterior aos enunciados, uma espécie de reforço de imperativo. É como se dissesse a cada um dos interlocutores: “você entendeu/ouviu a ordem que estou dando (neste momento do presente, que já se tornou passado enquanto falo)?”. Importa chamar a atenção, também, para a possibilidade de o PPC estar funcionando como marcador discursivo nesses dois dados – além de expressar a noção temporal de *presente ampliado* –, considerando os tipos dos verbos escolhidos pelo tradutor da dublagem peninsular: de cognição e percepção – “*entender*” e “*oír*”, respectivamente. Essas funções em âmbito mais discursivo escapam da rota de gramaticalização do PPC segundo a previsão de Harris (1982),

em que nos baseamos para estabelecer as funções dessa forma verbal, razão pela qual não contemplamos, nesta dissertação, um tratamento para marcadores discursivos.

Em direção ao valor de PPC Perfectivo/Aoristo na amostra peninsular (4/125 – 3,2%), trata-se de uma subfunção não identificada na dublagem neutral (contexto mexicano), que corresponde ao estágio de gramaticalização mais avançado do pretérito perfeito composto:

(209) *TINHO* - *Sí, María. He hecho el examen.*

(210) *MARÍA* - *¿Lo has hecho?*

(211) *NETO* - *Capitán, yo solo quiero arreglar los coches, pero le confieso que no me he alistado para ser mecánico.*

(212) *MARÍA* - *¡No me calmo! ¡No tenías ningún derecho a ponerme en peligro! ¡Me han amenazado, André! (CEEMO/Filme/Tropa de Elite/Texto traduzido/Espanhol peninsular).*

Nesses quatro dados exclusivos ao PPC na dublagem peninsular, a interpretação de passado perfectivo/aoristo (contexto pré-hodierno), que se opõe temporalmente ao valor de passado recente, somente é possível quando consultamos a cronologia dos eventos apresentados na história do filme e a própria perspectiva dos personagens – o que eles sabem ou não. Em (209), “*el examen*”, um objeto introduzido por elemento definido, favorece identificar que se trata de uma ação perfectiva, isto é, encerrada. Contudo, essa informação presente na sentença não nos diz nada sobre quando aconteceu a prova: se dentro ou fora do “hoje”. O falante emite (209) como resposta a uma pergunta de sua interlocutora, que tem conhecimento da possibilidade de Tinho praticar a ação de “fazer a prova”, porém, ela não sabe quando se deu efetivamente a realização dessa ação. Pelo contexto da história, como espectadores já sabemos que a prova feita por Tinho está em contexto pré-hodierno, informação extralinguística que nos permite classificar o dado como PPC Perfectivo/Aoristo<sup>203</sup>. Quando Maria recebe a informação de perfectividade dessa situação – através do pretérito “*he hecho*” na fala de Tinho –, ela emprega o PPC destacado em (210),

---

<sup>203</sup> Nesse sentido, é primordial observar que Tinho, o emissor que praticou a ação, obviamente sabe que sua prova aconteceu em contexto pré-hodierno, assim como os espectadores do filme.

fazendo referência (novamente) à situação perfectiva que é a realização da prova; trata-se, portanto, de outro uso de PPC Perfectivo/Aoristo.

Em (211), o emissor está insatisfeito, pois, como é novato no trabalho, foi colocado aleatoriamente para trabalhar na mecânica, setor da polícia cheio de problemas. Então, ele procura seu superior e emprega o PPC destacado para expressar sua insatisfação, dizendo-lhe que não escolheu trabalhar na PM para consertar carros. Como espectadores, sabemos que o pretérito “*he alistado*” faz referência a um evento em contexto pré-hodierno, fora do “hoje” em que Neto enuncia (211), isto é, o momento de seu alistamento na polícia aconteceu em outro dia, razão pela qual interpretamos o dado em questão como PPC Perfectivo/Aoristo. Importa comentar que, apesar da presença da negação – capaz de durativizar o predicado, em certos casos, conduzindo a uma leitura de PPC Durativo –, o verbo “*alistarse*” é télico e, por essa razão, implica um fim (em termos de modo de ação). Em outras palavras, a natureza semântica do verbo não permite que a situação do alistamento continue ao longo do tempo. Sabemos que essa informação inerentemente lexical – a conclusão da situação – pode ser manipulada a depender da estratégia empregada pelo falante, inserindo alguma informação na sentença<sup>204</sup> (por exemplo) para dizer ao interlocutor que tal ação continua aberta no momento de fala, no entanto, como vemos, não é o caso de “*he alistado*” em (211).

No último dado de PPC Perfectivo/Aoristo, Maria discute com seu interlocutor por causa de uma ameaça sofrida anteriormente. Novamente, na sintaxe, não contamos com a presença de qualquer complemento que ofereça a informação temporal sobre quando a ação denotada pelo PPC “*han amenazado*” aconteceu, porém, a cronologia da história do filme permite saber que o traficante mais poderoso do Complexo do Alemão ameaçou Maria em um momento fora do “hoje” em que ela enuncia (212). Como espectadores, sabemos: (i) que no momento em que ela era agredida e sofria a ameaça à qual se refere, Mathias André (seu interlocutor) participava do curso do BOPE ministrado por Nascimento; e (ii) que o casal teve a oportunidade de reencontrar-se somente em outro dia – justamente quando acontece o enunciado de que estamos tratando.

Em direção à classificação de PPC ambíguo (2/125 – 1,6%) na dublagem destinada aos espectadores espanhóis, reproduzimos esses dados em (213) e (214), a seguir:

---

<sup>204</sup> Apenas exemplificando, a presença de um CA de frequência como “*muchas veces*” permitiria visualizar o dado (225) como a expressão de Continuidade.

(213) *NETO* - ¡Se ha jodido todo, tío!

(214) *NASCIMENTO* - ¡Ya has perdido la partida! Vas a morir  
(CEEMO/Filme/Tropa de Elite/Texto traduzido/Espanhol peninsular).

Duas interpretações são possíveis para o PPC “*ha jodido*” em (213). Parece, por um lado, fazer referência a uma situação anterior que mantém conexão com o momento de fala, noção temporal de *antepresente* – PPC Passado Recente, portanto. Consultando a cena da ocorrência, temos a informação de que “*todo*” diz respeito ao plano de Neto, que acabou não tendo o efeito esperado, devido a uma reviravolta na história. Por outro lado, justamente a possibilidade de existir esse “efeito” no presente – inclusive, de continuar válido naquela realidade – permite pensar também em um PPC Resultado: tudo acabou mal e o que existe para o emissor é um plano que deu errado, cujas consequências no presente são graves.

Em (214), “*has perdido*” pode estar sendo empregado: (i) com valor temporal de *presente ampliado*, um dos significados sob o escopo de PPC Passado Recente; ou (ii) como estratégia para anunciar um resultado no presente, ou seja, a morte do interlocutor, que está prestes a acontecer. No contexto de interação, o protagonista enuncia (214) enquanto aponta uma arma para o vilão, o traficante mais poderoso da favela. A presença de “*ya*” favorece a possibilidade de foco em um resultado (a ser) sentido no presente: “já está feito, sua morte já é um fato”. A intenção é dramatizar a fala, mostrando ao espectador que o vilão está encurralado e não há como ele escapar; sua morte – a “perda”, resultado de “*has perdido*” – poderia ser, na perspectiva de Nascimento, um fato que existe no presente. No entanto, cabe observar que o pretérito em questão ocorre também em um contexto de *presente ampliado*, como se em (214) Nascimento dissesse: “neste exato momento do presente, que já se tornou passado enquanto falo, você está sendo derrotado por mim”.

Importa recordar que, conforme discutimos na seção 6.2 a partir da quantificação da frequência das funções do PPC no corpus fílmico, observamos dados ambíguos somente na dublagem peninsular. No processo de gramaticalização de uma forma linguística, a existência de dados ambíguos pode ser entendida como a transição entre etapas de sua evolução, porém, em nosso caso, trata-se de ambiguidade semântico-pragmática em nível de subfunção. Por essa razão, os valores PPC Passado Recente e PPC Resultado – possíveis leituras para os dados em (213) e (214) – são dois significados sob o escopo de um mesmo estágio

de evolução: o Estágio 3, que corresponde à função Relevância Presente. Nessa direção, o percentual de 1,6% de dados ambíguos, considerando o uso do pretérito perfeito composto na dublagem peninsular, não reflete transição entre estágios de gramaticalização dessa forma verbal; senão, nuances (isto é, significados similares) de uma mesma função linguística.

### **6.3.3 Contraste entre as traduções para dublagem: a hipótese do neutral<sup>205</sup>**

Neste momento, retomamos a discussão sobre a influência do espanhol neutral no que se refere à ocorrência do PPC na dublagem praticada em contexto mexicano. Buscando identificar contextos de uso favoráveis ao PPC hispano-americano – México, Peru e Argentina, em nosso recorte –, propomos, metodologicamente, seguir algumas etapas: (i) procurar os usos do PPC na dublagem peninsular – amostra que, como mostramos em seções anteriores, reflete com facilidade os usos do PPC na variedade hispânica mais avançada, e, além disso, está isenta da pressão do neutral; (ii) identificar, então, se esses contextos do pretérito perfeito composto na dublagem peninsular correspondem a usos do PPC nos Estágios 2 e 3; (iii) se for o caso, significa que esses mesmos enunciados poderiam ser oferecidos ao público da dublagem neutral a partir do emprego do pretérito perfeito composto, pois o PPC hispano-americano encontra-se, justamente, nos Estágios 2 e 3; e (iii) contrastivamente, verificar que forma linguística (ou estratégia de tradução) é empregada pelo tradutor da dublagem neutral nesses contextos de uso que poderiam ser codificados pelo PPC. Através dessa lógica de eliminação – viável graças ao fato de as amostras de nosso corpus serem contrastivas<sup>206</sup> –, podemos tentar observar se a ausência do

---

<sup>205</sup> Diferentemente da análise funcional que realizamos até o presente momento, nesta seção o foco é a forma, pois, a proposta é observar se há preferência do espanhol neutral ao emprego do PPS em detrimento do PPC, cuja hipótese formulamos a partir de Bravo García (2008). Segundo a pesquisadora, existe uma preferência que aparentemente se baseia em escolhas formais, reduzindo a frequência de ocorrência do PPC. Apesar desse interesse mais formal, sinalizamos em nota algumas questões importantes no que se refere à funcionalidade observada.

<sup>206</sup> Importa ter em mente que não estamos realizando um contraste entre textos original e traduzido, senão entre duas traduções de um mesmo produto. Trata-se de uma possibilidade de que dispomos, considerando que o material de áudio original (em português) não oferece usos do pretérito perfeito composto.

PPC naqueles contextos é resultado do condicionamento do espanhol neutral. Em outras palavras, não havendo qualquer outra questão condicionando a ausência do PPC nesses enunciados, assumimos que o emprego do PPS, se constatado<sup>207</sup>, justifique-se pela preferência do espanhol neutral por uma forma em detrimento da outra.

A partir da Tabela 8 organizada na seção 6.2, temos a quantificação dos valores correspondentes ao Estágio 2 (PPC Durativo e PPC Iterativo) e Estágio 3 (PPC Experiencial, PPC Resultado e PPC Passado Recente), cuja frequência de uso acomodamos, convenientemente, na tabela abaixo. Note que, devido ao contraste que estamos propondo, nesta nova organização invertemos a posição das amostras: dublagem peninsular > dublagem neutral.

**Tabela 11 – A frequência de uso do PPC em nível de subfunção dos Estágios 2 e 3 nas traduções**

Subfunção do PPC	Tradução hispânica		
	Dub. peninsular (contexto penins.)	Dub. neutral (contexto mex.)	Diferença (penins. - neutral)
<b>PPC Durativo</b> (Estágio 2)	5	2	3
<b>PPC Iterativo</b> (Estágio 2)	0	0	0
<b>PPC Experiencial</b> (Estágio 3)	3	3	0
<b>PPC Resultado</b> (Estágio 3)	14	0	14
<b>PPC Pas. Recente</b> (Estágio 3)	97	8	89
<b>Total</b>	<b>119</b>	<b>13</b>	<b>106</b>

Fonte: Elaboração própria

Como é possível ver, existem 106 ocorrências do PPC na dublagem peninsular que, teoricamente, poderiam ser codificadas pela mesma forma verbal na dublagem neutral. Em uma leitura geral das duas amostras, há, por um lado, coincidência de PPC Iterativo (0 – 0) e

<sup>207</sup> Nesse sentido, é preciso levar em conta que o tradutor tem a possibilidade de optar por diversas estratégias – emprego de outras formas, omissão de verbos, expressões, entre outras –, isto é, não necessariamente esperamos, no contraste proposto, PPC na dublagem peninsular > PPS na dublagem neutral.

PPC Experiencial (3 – 3), e, por outro lado, diferença de PPC Durativo (5 – 2), PPC Resultado (14 – 0) e PPC Passado Recente (97 – 8).

Sobre os enunciados em que há ocorrência de PPC Durativo na dublagem peninsular e ausência na dublagem neutral (3/106), verificamos, a partir do contraste abaixo, que:

⇒ O tradutor da dublagem neutral opta pela forma do PPS (2/3): “*he subido* > *ganó*” e “*ha resuelto* > *resolvió*”.

Dublagem peninsular (contexto peninsular)	Dublagem neutral (contexto mexicano)
<i>ROSANE - No, no está bien. Me pongo muy nerviosa y no <b>he subido</b> de peso desde la última vez. Ah...</i>	<i>ROSANE - No, no está bien. Yo estoy siempre esperando y estoy nerviosa, él acaba sintiéndolo. Y no <b>ganó</b><sup>208</sup> peso la última vez. Ah...</i>
<i>MARÍA - Sí, lleva casi un año trabajando con nosotros en la ONG. Sí, es buenísimo. Nos <b>ha resuelto</b> muchos problemas. Sí, perfecto. Pero, oiga, ahora tiene que viajar y estará dos semanas fuera. ¿Podría entrevistarle cuando vuelva? Ah, ¡estupendo! ¡Genial! ¡Qué maravilla! Se lo agradezco...</i>	<i>MARÍA - Sí, él trabaja para la ONG. Está desde hace casi un año. Y lo hace muy bien. Ya <b>resolvió</b><sup>209</sup> nuestros problemas. Sí, claro. No se preocupe. Escuche... André tuvo que viajar. Va a estar dos semanas fuera. ¿Puede ser dentro de dos semanas? ¡Excelente! Sí, gracias. Hasta luego. Adiós.</i>

⇒ O tradutor da dublagem neutral opta pela forma do presente (1/3): “*ha estado* (*chuleando*) > *regentea*”.

Dublagem peninsular (contexto peninsular)	Dublagem neutral (contexto mexicano)
<i>CARVALHO - Sí. Es un tipo duro. <b>Ha estado</b> chuleando putas en Copacabana.</i>	<i>CARVALHO - Es toda una joyita. <b>Regentea</b> prostitutas en Copacabana.</i>

<sup>208</sup> Cabe observar a mudança de pessoa gramatical: *yo* > *él*.

<sup>209</sup> Embora não seja o foco neste momento, olhando para o uso do PPS “*resolvió*” parece haver uma mudança de função: enquanto a dublagem peninsular codifica uma noção continuativa, a neutral expressa valor resultativo, leitura gerada pela presença do complemento adverbial “*ya*”.



Em direção aos enunciados em que há ocorrência de PPC Resultado na dublagem peninsular e ausência na dublagem neutral (14/106), verificamos, na sequência, que:

⇒ O tradutor da dublagem neutral opta pela forma do PPS (7/14): “*hemos hecho > quedó*”, “*ha acabado (creando) > acabó (creando)*”, “*han cambiado > cambiaron*”, “*ha hecho > transformó*”, “*has puesto > pusiste*” e “*has sacado > sacaste*”.

Dublagem peninsular (contexto peninsular)	Dublagem neutral (contexto mexicano)
MATÍAS - <i>Creo que <b>hemos hecho</b> un buen trabajo.</i>	MATÍAS - <i>Creo que nuestro trabajo <b>quedó</b> más que bien.</i>
MARÍA - <i>Por tanto, profesor, concluimos que en Brasil la legislación penal funciona como una red que articula diversas instituciones represivas del Estado y que, por desgracia en nuestro país, hoy, la consecuencia de estas micro relaciones de poder de las que habla Foucault <b>ha acabado</b> creando un Estado que protege a los ricos y castiga casi exclusivamente a los pobres.</i>	MARÍA - <i>Bueno, profesor. Y concluimos, por lo tanto, que en Brasil la legislación penal solo funciona como una red que articulan diversas instituciones represivas del Estado y desgraciadamente nuestro país, hoy, la resultante de esas micro relaciones de poder de las que Foucault habla <b>acabó</b> creando un Estado que protege a los ricos y castiga casi exclusivamente a los pobres.</i>
NETO - <i>¿Cómo que <b>han cambiado</b> el motor?</i>	NETO - <i>¿Y cómo que le <b>cambiaron</b> el motor?</i>
NETO - <i>Tengo un problema. <b>Han cambiado</b>...</i>	NETO - <i>Tengo un problema. Es que <b>cambiaron</b>...</i> <sup>210</sup>
VOZ EN OFF - <i>¿El trabajo de la policía no es proteger? Pues bien, el sistema <b>ha hecho</b> de la protección un negocio. Y ahora quien cobra por hacer cumplir la ley también cobra por hacer la vista gorda.</i>	VOZ EN OFF - <i>¿Que el negocio de la policía no es proteger? Entonces, el sistema <b>transformó</b> la protección en negocio. Ahora, quien cobra por hacer cumplir la ley también cobra por hacerse de la vista gorda.</i>
MARÍA - <i>¡<b>Has puesto</b> en peligro</i>	MARÍA - <i>¡Tú <b>pusiste</b> mi vida en</i>

<sup>210</sup> A fala de Neto é interrompida pela de outro personagem.

<i>mi vida y la de mis amigos!</i>	<i>riesgo y la de mis amigos!</i>
<i>NASCIMENTO - ¿De dónde las <b>has sacado</b>, hijo?</i>	<i>NASCIMENTO - ¿De dónde <b>sacaste</b> estos tenis, hijo?</i>

⇒ O tradutor da dublagem neutral opta pela forma do presente (4/14): “*has hecho > está*”, “*ha parecido > está*”, “*ha debido > es*” e “*ha sido > es*”.

<b>Dublagem peninsular (contexto peninsular)</b>	<b>Dublagem neutral (contexto mexicano)</b>
<i>MARÍA - ¡<b>Has hecho</b> un gran trabajo! De verdad.</i>	<i>MARÍA - ¡<b>Está</b> muy bueno! ¡El trabajo está buenísimo, André!</i>
<i>ESTEVAÑO - Coronel, he comprobado el informe de este aspirante y me <b>ha parecido</b> correcto.</i>	<i>ESTEVAÑO - Coronel, supervisé el trabajo del aspirante y este informe <b>está</b> correcto.</i>
<i>MATÍAS - Eso <b>ha debido</b> de ser cosa de María. Ya no necesito sus favores.</i>	<i>MATÍAS - Eso <b>es</b> cosa de María. No quiero más favores de ella ya, Neto.</i>
<i>CORONEL - No hay problema, pero ¿qué <b>ha sido</b>? ¿Niño o niña?</i>	<i>CORONEL - No hay problema. Dígame una cosa: ¿<b>es</b> niño o niña?</i>

⇒ O tradutor da dublagem neutral opta por adaptar, omitindo verbos (1/14): “*hemos podido > más dos vehículos de la calle como...*”.

<b>Dublagem peninsular (contexto peninsular)</b>	<b>Dublagem neutral (contexto mexicano)</b>
<i>TIÃO - Le hemos quitado el parabrisas, sí, pero también hemos aprovechado el motor de arranque y el embrague, así ya <b>hemos podido</b> arreglar...</i>	<i>TIÃO - Está dañado el parabrisas, lo sé, pero, oiga, aproveché el motor de arranque, el embrague, <b>más dos vehículos de la calle como...</b></i>

⇒ Em duas ocorrências (2/14) presentes no mesmo enunciado – reproduzido na sequência –, não é possível verificar a estratégia empregada na dublagem neutral, pois o áudio mantém as falas originais, em português. Independentemente dessa falha da tradução produzida em contexto mexicano, observamos a

preferência ao emprego do PPS na dublagem neutral nos enunciados em que a dublagem peninsular emprega o PPC para expressar resultado<sup>211</sup>.

Dublagem peninsular (contexto peninsular)	Dublagem neutral (contexto mexicano)
<i>NASCIMENTO</i> - ¿Qué? ¡“Uno de vosotros” una mierda! ¡“Uno de vosotros” una mierda! ¡Quién le <b>ha matado</b> <b>has sido</b> tú! ¡Tú, maricón!	<fala,mx,semeq>  * Apresenta enunciado não traduzido, em português.

No tocante aos enunciados em que há ocorrência de PPC Passado Recente na dublagem peninsular e ausência na dublagem neutral (89/106), verificamos, na comparação entre as duas traduções, que:

⇒ O tradutor da dublagem neutral opta pela forma do PPS (67/89)<sup>212</sup>: “*has disparado* > *diste*”, “*ha quedado* > *quedó*”, “*ha matado* > *mató*”, “*ha matado* > *(lo) hizo*”, “*he visto* > *vi*”, “*he descubierto* > *descubrí*”, “*has terminado* > *terminó*”, “*han expuesto* > *dijeron*”, “*he venido* > *vine*”, “*ha visto* > *vio*”, “*ha mandado* > *mandó*”, entre outros.

Dublagem peninsular (contexto peninsular)	Dublagem neutral (contexto mexicano)
<i>MATÍAS</i> - ¿A quién le <b>has disparado</b> ? ¿A quién le <b>has disparado</b> ?	<i>MATÍAS</i> - ¿A quién le <b>diste</b> , amigo? ¿A quién le <b>diste</b> ?
<i>CARVALHO</i> - Nos reuniremos en la parte alta, en el centro del complejo. ¿Les <b>ha quedado</b> claro?	<i>CARVALHO</i> - Todo el mundo se dirigirá al centro de reunión que está en el centro del complejo. ¿ <b>Quedó</b> entendido?
<i>NASCIMENTO</i> - “Estudiante”, ya. Ven para acá. Mírala bien. ¡Más de cerca! ¿Ves a tu	<i>NASCIMENTO</i> - ¡Pon la cara ahí! ¡Pongas la cara! ¿Estás viendo eso? ¿Ves el agujero? ¿Quién <b>mató</b>

<sup>211</sup> Importa registrar que essa falha observada na dublagem neutral não interfere na funcionalidade do PPC na dublagem peninsular (contraste entre subfunções em uma mesma amostra), discussão que já realizamos na seção 6.3.2.

<sup>212</sup> Devido a limitações espaciais, ilustramos essa escolha pelo PPS na dublagem neutral apresentando 10 enunciados.

<i>colega? ¿Ves este agujero? ¿Ves este agujero aquí? ¿Quién ha matado a este tío? ¿Quién ha matado a este tío?</i>	<i>a ese idiota? ¡Dime quién lo hizo!</i>
<i>SECUNDARIO - No lo he visto.</i>	<i>SECUNDARIO - Yo no vi.</i>
<i>NETO - He descubierto cómo arreglarle el Parque Móvil. Ven conmigo, tengo que explicárselo a Fabio. ¡Tú ven conmigo!</i>	<i>NETO - Descubrí cómo voy a salir de este taller. Acompáñame, tengo que explicarle el plan a Fabio. ¡Vamos! ¡Tú ven!</i>
<i>GUSMÃO - Muy bien. ¿Has terminado?</i>	<i>GUZMÁN - Ujum. Está bien. ¿Terminó?</i>
<i>GUSMÃO - Jum. Creo que María y... y todo su grupo han expuesto con claridad como las relaciones de poder, y no solo el Estado, moldean instituciones perversas. Y ahora para concluir vamos a hacer el análisis de un caso. Dame un ejemplo de una institución de ese tipo.</i>	<i>GUZMÁN - Creo que María y que todo el grupo nos dijeron con claridad cómo las relaciones de poder, y no en verdad el Estado, moldean instituciones perversas. Ahora, para concluir, podríamos hacer un análisis del caso. ¿Quién da un ejemplo de una institución de ese tipo?</i>
<i>REGINA - Señor, he venido para pedirles que me dejen enterrar a mi hijo.</i>	<i>REGINA - Señor, yo vine aquí para pedir el derecho de poder enterrar a mi hijo.</i>
<i>ESTEVIÃO - Mire, señor. Este informe es correcto. ¿No ha visto el mapa de...?</i>	<i>ESTEVIÃO - Coronel, este informe tenía fundamento de estadística. ¿Usted no vio la mancha...?</i>
<i>FABIO - ¿Me ha mandado llamar, señor?</i>	<i>FABIO - Coronel, ¿me mandó llamar?</i>

⇒ O tradutor da dublagem neutral opta por adaptar, omitindo verbos ou a própria expressão em que o PPC peninsular ocorre (11/89)<sup>213</sup>: “habéis oído > Ø”, “he arreglado > Ø”, “has entendido > Ø”, “he oído > Ø”, “ha dicho > Ø”, “ha dicho > Ø”, “ha roto > Ø”, entre outros.

<sup>213</sup> Devido a limitações espaciais, ilustramos essa omissão de verbos (ou da própria expressão) na dublagem neutral apresentando 10 enunciados.

<b>Dublagem peninsular (contexto peninsular)</b>	<b>Dublagem neutral (contexto mexicano)</b>
<i>NASCIMENTO - ¡Qué no suba nadie! ¡Qué no suba nadie! ¡Qué no suba nadie! ¡Qué todos se queden aquí! ¿Me <b>habéis oído</b>?</i>	<i>NASCIMENTO - ¡No va a subir nadie! ¡No va a subir nadie! ¡No va a subir nadie! Todos se quedan aquí. ¡No se muevan! ¡No va a subir nadie!</i>
<i>SECUNDARIO - ¡Al suelo! ¡Al suelo! ¡Ya lo <b>habéis oído</b>! ¡No os mováis! Al suelo ¡joder! ¡Me cago en la puta!</i>	<i>SECUNDARIO - ¡No se muevan! ¡No se muevan! ¡Todos al suelo! ¡Al suelo! ¿Dónde está la droga?</i>
<i>SECUNDARIO - Venga. ¡Arriba! ¿No lo <b>habéis oído</b>?</i>	<i>SECUNDARIO - Vamos. ¡Arriba!</i>
<i>SECUNDARIO - <b>He arreglado</b> con esos de ahí. Son los hombres de Oliveira.</i>	<i>SECUNDARIO - Con la patrulla que va llegando. Lo arreglé con Oliveira.</i>
<i>BAIANO - Escúchame bien. Ve a casa de tu madre. Llévate al crío y no vuelvas hasta que yo te lo diga. ¿Me <b>has entendido</b>?</i>	<i>BAIANO - Escucha bien lo que voy a decirte: vete a la casa de tu madre, llévate el niño ¡y solo vuelve cuando recibas un recado mío!</i>
<i>FABIO - ¡Oiga! ¡Oiga! Oliveira, soy el Capitán Fabio. Estoy aquí buscando unos recambios, pero <b>he oído</b> que tú tienes ahora y no entiendo qué está pasando.</i>	<i>FABIO - ¿Hola? ¿Hola? ¿Hola? Oliveira, el Capitán Fabio.</i>
<i>FABIO - Sí... antes habíamos tener parte. Ahora el comandante <b>ha dicho</b> que no y se queda todo para él. ¡Vaya, mierda!</i>	<i>FABIO - No... y hay más: antes repartíamos el dinero. Ahora es solo el escuadrón del comandante.</i>
<i>FABIO - Pero, aspirante, ¿qué estás haciendo con ese rifle? Por el amor de dios, tú no vienes a la favela conmigo. Tú te quedas aquí. ¿Me <b>has entendido</b>?</i>	<i>FABIO - Pero ¿qué diablos hace, aspirante? ¿Usted de fusil conmigo? Por amor de dios, hermano, no me vaya a hundir allá arriba, haga las cosas bien. Está en mi comando.</i>
<i>NASCIMENTO - ¡Qué no suba nadie! ¡Qué no suba nadie!</i>	<i>NASCIMENTO - ¡No va a subir nadie! ¡No va a subir nadie! Todos</i>

<i>¡Qué no suba nadie! ¿Me <b>habéis oído</b>?</i>	<i>se quedan aquí. ¡No se muevan! ¡No va a subir nadie!</i>
<i>NASCIMENTO - Hola, cariño. ¿<b>Ha roto</b> aguas? ¿Estás segura? Mantén la calma. ¿Recuerdas lo que dijo la doctora? Que hay tiempo. Tranquila. Voy ahora mismo. Enseguida estoy ahí. ¿De acuerdo? ¡Cero-Dos!</i>	<i>NASCIMENTO - Hola, amor. ¿La fuente? ¿Estás segura? Cálmate. Recuerda lo que dijo la doctora Claudia. Toma tu tiempo. Tranquila ¿sí? En cuanto pueda salgo para encontrarte allá. ¿Está bien? ¡Cero-Dos!</i>

⇒ O tradutor da dublagem neutral opta pela forma do presente (6/89): “*has traído > traes*”, “*he cogido > retiro*”, “*han confirmado > quiere*”, “*has entendido > (me) entiendes*”, “*ha entrevistado > está*” e “*he hecho > discuto*”.

<b>Dublagem peninsular (contexto peninsular)</b>	<b>Dublagem neutral (contexto mexicano)</b>
<i>SECUNDARIO - ¿<b>Has traído</b> las piezas?</i>	<i>SECUNDARIO - ¿<b>Traes</b> las piezas?</i>
<i>SECUNDARIO - Sí, por eso <b>he cogido</b> el embrague de este.</i>	<i>SECUNDARIO - ¿Sabe por qué <b>retiro</b> el embrague de este auto?</i>
<i>NETO - Han llamado del despacho de un abogado. <b>Han confirmado</b> tu entrevista para un trabajo mañana a medio día.</i>	<i>NETO - Te llamaron de la oficina del Teniente Carvalho. <b>Quiere</b> una entrevista contigo mañana a las 10 de la mañana y la confirmé.</i>
<i>NASCIMENTO - ¡Quién manda en esta puta casa soy yo! ¡Y tú no abrirás nunca más la boca para hablar de mi batallón en esta casa! ¿<b>Me has entendido</b>?</i>	<i>NASCIMENTO - ¡Quién manda en esta casa ahora soy yo! ¡Y tú no vas a volver a abrir la boca para hablar de mi batallón en esta casa! <b>Me entiendes</b> ¿o no?</i>
<i>PERIODISTA - Los cuerpos pertenecen a la estudiante Roberta Fontes, hija del empresario Alceu Fontes, y al asistente social Pedro Rodríguez. La periodista Ana Luisa <b>ha entrevistado</b> al Secretario de Interior que acaba de hacer una declaración</i>	<i>PERIODISTA - Se cree que los cuerpos son de la estudiante Roberta Fontes, hija del empresario Alceu Fontes, y del trabajador social Pedro Rodríguez. La reportera Ana Luisa <b>está</b> con el Secretario de Seguridad Pública que acaba de hacer una declaración sobre el caso.</i>

<i>oficial.</i>	
<i>MATÍAS - Solo te <b>he hecho</b> una pregunta. ¿Se puede saber qué haces aquí?</i>	<i>MATÍAS - No <b>discuto</b> contigo. Solo quiero saber qué haces aquí.</i>

⇒ O tradutor da dublagem neutral opta por adaptar, empregando expressões (2/89): “*has hecho* > “¿cómo estás hoy?” e “*he dicho* > “¡perra!”.

<b>Dublagem peninsular (contexto peninsular)</b>	<b>Dublagem neutral (contexto mexicano)</b>
<i>MARÍA - ¡Ya no se reirán de ti! Podrás sacar buenas notas. Hola, Tinho. ¿<b>Has hecho</b> el examen?</i>	<i>MARÍA - No se burlará nadie. Y tú vas a tener buenas calificaciones. Hola, Tinho. ¿<b>Cómo estás hoy?</b></i>
<i>SECUNDARIO - Te <b>he dicho</b> que te calles. ¡Joder!</i>	<i>SECUNDARIO - ¡<b>Perra!</b> ¡Perra maldita!</i>

⇒ O tradutor da dublagem neutral opta pela forma de futuro perifrástico (1/89): “*he subido* > *voy a subir*”.

<b>Dublagem peninsular (contexto peninsular)</b>	<b>Dublagem neutral (contexto mexicano)</b>
<i>NASCIMENTO - ¡Renán! ¡Renán! Ese tío mató a Neto. <b>He subido</b> a buscarle y voy a acabar con él hoy mismo.</i>	<i>NASCIMENTO - ¡Renán! ¡Renán! Ese infeliz mató a Neto. <b>Voy</b> a subir a buscarlo y voy a matarlo a patadas. Usted haga lo que quiera.</i>

⇒ O tradutor da dublagem neutral opta pelas formas do imperfeito (1/89) e do infinitivo (1/89): “*ha traído* > *iba (a matar)*” e “*has examinado* > *esperar*”.

<b>Dublagem peninsular (contexto peninsular)</b>	<b>Dublagem neutral (contexto mexicano)</b>
<i>FABIO - Tíos, si no hubiérais venido me habrían matado. El BOPE <b>ha traído</b> su arma.</i>	<i>FABIO - Oigan, si ustedes no llegan, aspirantes, me muero. Esa gente me <b>iba</b> a matar<sup>214</sup>.</i>

<sup>214</sup> Em direção à nota anterior, neste momento importa observar que a construção apresenta um verbo em forma de imperfeito: “*iba*”.

<p><i>NASCIMENTO - Cara al frente. Lentamente, Cero-Seis, con mucho cuidado. Avanza con calma. ¿Qué debes hacer ahora? Con calma examina el área. ¿La <b>has examinado</b>? Ahora avanza, avanza lentamente [...]</i></p>	<p><i>NASCIMENTO - ¡Atención! Despacio. Ahora despacio. Despacio. Lleguen con calma. ¿Qué van a hacer ahí? Con calma, hay que ver antes. <b>Esperar</b>... pasar. Cero-Seis. Bien, muchacho, eso es [...]</i></p>
---	---

Não é de nosso interesse discutir caso a caso. Sabemos que, nas línguas naturais, há diversas maneiras – formas linguísticas ou estratégias apoiadas na interação – de dizer a mesma coisa – função semântica representacional básica ou função semântico-pragmática, inclusive mais gramatical. Sabemos, ainda, que no contraste entre as duas dublagens algumas escolhas dos tradutores podem parecer desacertadas, contudo, é preciso recordar que a comparação que estamos realizando não é entre textos original e traduzido; senão, entre duas traduções. Então, nosso contraste não tem o áudio original em português como parâmetro<sup>215</sup>. Além disso, nosso interesse é outro: identificar os enunciados em que uma dublagem emprega o PPC e a outra acaba apresentando outra forma ou estratégia de tradução.

Nessa direção, organizando todo o contraste peninsular-neutral apresentado nas páginas anteriores, contemplando as escolhas tradutórias e os enunciados que serviram de ilustração, criamos a seguinte tabela:

---

<sup>215</sup> Cabe recordar, nesse sentido, que o áudio original (português brasileiro) de nosso corpus fílmico não apresenta usos de PPC, conforme mostramos a partir da quantificação das formas – seção 6.1.



**Tabela 12 – Escolhas tradutórias da dublagem neutral em contraste com enunciados de PPC na dublagem peninsular**

Estratégia de tradução empregada na dub. neutral	Dublagem peninsular		
	PPC Durativo	PPC Resultado	PPC Pas. Recente
Forma do PPS	2	7	67
Forma do presente	1	4	6
Adaptação – omissão de verbos	-	1	11
Adaptação – emprega expressão	-	-	2
Forma do imperfeito	-	-	1
Forma do infinitivo	-	-	1
Forma do futuro perifrástico	-	-	1
Enunciados não verificáveis <sup>216</sup>	-	2	-
<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>14</b>	<b>89</b>
<b>Total geral</b>	<b>106</b>		

Fonte: Elaboração própria.

Como é possível ver, nos enunciados em que na dublagem peninsular o PPC ocorre como Durativo, Resultado e Passado Recente – valores também possíveis nas variedades hispano-americanas<sup>217</sup> –, a estratégia de tradução mais frequente na dublagem neutral é o uso da forma do pretérito perfeito simples: 2/3 (PPC Durativo), 7/14 (PPC Resultado) e 67/89 (PPC Passado Recente).

É difícil precisar se apenas o espanhol neutral está atuando, porém, observamos que na dublagem neutral existe uma tendência a maior emprego do PPS mesmo em contextos possíveis para o PPC (76/89). Nesse sentido, em trabalhos futuros é pertinente definir uma

<sup>216</sup> Trata-se do enunciado em que a dublagem neutral mantém a fala original, em português, não sendo possível verificar escolhas tradutórias.

<sup>217</sup> Embora com frequência menor de PPC Resultado e PPC Passado Recente, em comparação com PPC Durativo, segundo estudos resenhados ao longo desta pesquisa.

metodologia capaz de esmiuçar as estratégias de tradução a partir da língua de partida, o texto/áudio em português, que foi o material que serviu de base para os tradutores das duas versões ao espanhol. Em nosso caso, descartamos a amostra do áudio original em um primeiro momento por não contar com ocorrências de PPC, contudo, é pertinente analisar os contextos de uso em que nas traduções ocorre a forma composta interpretando qualitativamente os mesmos enunciados no idioma de partida, cuja escolha abrirá um leque de possibilidades que deverá ser contemplado na metodologia do pesquisador. Diante das limitações deste estudo, nossa tentativa de amenizar a falta de ocorrências de PPC na amostra em português foi propor um contraste entre as duas traduções, assumindo riscos.

Retomando o que discutíamos, na seção 6.2, a partir da quantificação da funcionalidade do PPC nas duas amostras de nosso corpus fílmico, Bravo García (2008) afirma: (i) que no espanhol neutral há preferência ao emprego do PPS em detrimento do PPC; e (ii) que no espanhol neutral o PPC expressa somente o valor de iteração – nuance da função Continuidade, que é equivalente ao Estágio 2 da gramaticalização dessa forma verbal. Sobre este último item, embora não seja mencionado por Bravo García (2008), levamos em conta também o valor de duração, pois são significados similares sob o escopo de uma mesma função do PPC.

Por meio da quantificação de estratégias tradutórias da dublagem neutral, apresentada na tabela anterior, confirmamos o que Bravo García (2008) defende em (i): no espanhol neutral, há preferência por uma forma em detrimento da outra (PPS/PPC), mesmo em contextos de uso que seriam condizentes com os valores do pretérito perfeito composto em certas variedades hispano-americanas – mexicana, peruana e argentina, em nosso recorte –, fato que reduz a frequência de uso do PPC na dublagem neutral como um todo.

No tocante ao item em (ii), não observamos uso do PPC com valor de iteração – apenas de duração – na dublagem neutral. Conforme mostramos anteriormente, a frequência de PPC Iterativo em nosso corpus é zero. Além disso, e em direção ao fato de maior importância sobre a amostra neutral desta dissertação, constatamos uso expressivo de PPC Passado Recente nessa dublagem, conforme quantificação e discussão realizadas nas seções 6.2 e 6.3.1.

Diante da comprovação de que o espanhol neutral, em nosso corpus, dá preferência à forma simples, então existe de fato um condicionamento nesse sentido por parte dessa variedade hispânica. Por outro lado, como justificar as 8 ocorrências de PPC Passado Recente na

dublagem neutral? Trata-se da subfunção do pretérito perfeito composto com maior frequência (8/14 – 57,1%) na amostra de que estamos tratando, um dos valores possíveis no Estágio 3, assim como o PPC Experiencial (21,5% – 3/14). Juntos, esses dois valores correspondem a 78,6% (11/14) das ocorrências de PPC na dublagem neutral. Considerando estudos interessados nos estágios de gramaticalização do PPC em variedades hispano-americanas, o esperado seria observar, na dublagem neutral, maior frequência dessa forma verbal com valores do Estágio 2, seguido do Estágio 3, e não o contrário – conforme discutimos na seção 6.2.

A partir da constatação de um comportamento parcialmente divergente com relação à descrição de Bravo García (2008) para o emprego do PPC no espanhol neutral, a resposta para a discrepância entre a teoria e a prática sugere levar em conta a própria evolução do PPC (via gramaticalização) em direção à multifuncionalidade. Recuperando os resultados de Oliveira (2010), torna-se visível a pertinência desta última afirmação: de modo mais ou menos intenso, todas as três variedades do espanhol – mexicana, peruana e argentina – estão em transição do Estágio 2 ao Estágio 3. A língua, como organismo vivo, natural, cuja gramática está (sempre) emergindo para desempenhar funções a serviço da comunicação, busca resistir ao condicionamento próprio do espanhol neutral, uma força externa, relativamente artificial. Em suma, o Estágio 3 representa, nos dias atuais, a evolução do PPC nas variedades hispano-americanas de nosso recorte metodológico.

Nessa direção, observamos, então, que há questões linguísticas – em outras palavras, usos naturais – que escapam do controle pretendido no âmbito da Tradução, apesar do condicionamento visível na dublagem neutral, inexistente na dublagem peninsular. Além de valores de PPC Passado Recente na tradução destinada aos espectadores hispano-americanos, o uso modal “*si he sabido...*” ilustra esse fato, pois, conforme discutimos em páginas anteriores, trata-se de um mexicanismo no nível da sintaxe, incompatível com a proposta do espanhol neutral. Por essa razão, decidimos aplicar um teste de percepção a espectadores que representam o público da tradução produzida em contexto mexicano – cujos resultados discutimos na próxima seção.

## 6.4 A PERCEPÇÃO DE ESPECTADORES HISPANO-FALANTES SOBRE USOS DOS PRETÉRITOS NA DUBLAGEM NEUTRAL

### 6.4.1 Percepção sobre uso de PPC em contexto durativo

Na primeira proposição do teste, apresentamos aos informantes uma ocorrência do pretérito perfeito composto em contexto continuativo – expressando a nuance de duração –, convenientemente reproduzida abaixo. Na próxima página, organizamos, em tabela, os resultados numéricos a respeito da percepção dos espectadores sobre o uso em questão.

- (145) *PAULO - Pero, Sargento... Sargento Rocha, lo que pido es un derecho. **No he tenido vacaciones en cuatro años.** Solo publique lo que ya estaba planeado* (CEEMO/Filme/Tropa de Elite/Texto traduzido/Espanhol neutral).

Tabela 13 – A percepção de espectadores hispano-falantes sobre uso de PPC em contexto durativo

Alternativa selecionada pelo informante	Espectadores hispano-falantes											
	Mexicanos (Cidade do México)				Peruanos (Lima)				Argentinos (Buenos Aires)			
	21 – 30 anos		31 – 40 anos		21 – 30 anos		31 – 40 anos		21 – 30 anos		31 – 40 anos	
	Sem vídeo	Com vídeo	Sem vídeo	Com vídeo	Sem vídeo	Com vídeo	Sem vídeo	Com vídeo	Sem vídeo	Com vídeo	Sem vídeo	Com vídeo
“Me suena natural y refleja mi uso” [+]	5/5 100%	5/5 100%	4/5 80%	5/5 100%	4/5 80%	4/5 80%	3/5 60%	4/5 80%	0/5 0%	1/5 20%	2/5 40%	2/5 40%
“Me suena bien, pero no lo diría así” [+/-]	0/5 0%	0/5 0%	1/5 20%	0/5 0%	1/5 20%	1/5 20%	1/5 20%	0/5 0%	4/5 80%	4/5 80%	3/5 60%	3/5 60%
“No me suena natural” [-]	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	1/5 20%	1/5 20%	1/5 20%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%
<b>Total</b>	10 100%				10 100%				10 100%			
<b>Total geral</b>	30											

Fonte: Elaboração própria.

A primeira questão observada é a troca de respostas – equivalentes a níveis de aceitação/rejeição sobre PPC em contexto durativo – após acesso ao contexto de interação em que se dá a ocorrência do PPC. Recuperando os dados a partir dos rótulos de aceitação entre colchetes – [+] indicando que lhes soa natural e que reflete seu uso; [+/-] indicando soar-lhes bem, embora seu uso fosse distinto; e [-] sugerindo um uso não natural (talvez concebido como agramatical) –, entre os mexicanos, um informante seleciona [+/-] na primeira etapa (sem vídeo) e, na segunda (com vídeo), escolhe [+]. Exatamente o mesmo comportamento é observado por meio das alternativas selecionadas por um espectador peruano. Entre os argentinos, percebemos duas questões: (i) um informante seleciona [-] quando não tem acesso ao contexto e, depois, escolhe [+/-] quando assiste à cena de ocorrência; e (ii) um falante escolhe [+/-] na primeira etapa e [+], na segunda. Esse movimento crescente – já que nenhum informante diminuiu a aceitação após acessar o contexto por meio do vídeo – mostra a importância do contexto de interação para a percepção dos usuários. Em suma, nossa estratégia metodológica possibilitou aumento de aceitação do dado por parte de três falantes<sup>218</sup>.

As respostas revelam que o emprego de PPC Durativo na dublagem neutral, segundo a perspectiva do público, é totalmente aceitável para os falantes mexicanos: 100% das escolhas finais<sup>219</sup> correspondem à alternativa [+], nas duas faixas etárias que controlamos. Entre os peruanos, a aceitação não é total, porém, também é alta: 80% dos espectadores liminhos selecionaram [+], tanto a primeira geração (4/5) como a segunda (4/5). Para os argentinos da primeira geração, a aceitação é mediana – [+/-] –, cuja escolha foi feita por 80% (4/5). A segunda geração também escolhe majoritariamente a alternativa intermediária: 60% (3/5), seguida de [+] com 40% (2/5), indicando haver boa aceitação. Em uma visão geral, o que observamos é a boa aceitação de PPC Durativo por parte dos espectadores das três capitais.

---

<sup>218</sup> O fato de observarmos certa tendência de rejeição a um dado apresentado na forma escrita e maior aceitação quando o mesmo dado aparece situado na interação sugere, a nosso ver, a importância de levar-se em conta os impactos desse tipo de escolha metodológica nos resultados obtidos a partir de testes de percepção ou testes de atitude de natureza semelhante.

<sup>219</sup> Consideramos como “escolha final” a resposta selecionada pelo informante na segunda etapa do teste, que corresponde à percepção do espectador após assistir ao vídeo.

Em direção à terceira etapa do teste, na qual os informantes puderam inserir textualmente uma sugestão (ou correção) para a sentença, contamos com participação expressiva: nove hispano-falantes, considerando mexicanos (1/10), peruanos (3/10) e argentinos (5/10). Organizando essas respostas, temos o seguinte cenário:

- ⇒ O informante oriundo da Cidade do México, um dos representantes da primeira faixa etária, sugere mudança de verbo: “*he tenido* > *he tomado*”. Em outras palavras, o PPC é mantido, questão esperada já que o participante em questão selecionou [+] nas duas etapas anteriores do teste. Trata-se, então, de uma escolha lexical.
- ⇒ Os três limenhos sugerem mudança de forma verbal: “*he tenido* > *tuve*”. Dois deles, que são da primeira geração, selecionaram [+] nas etapas anteriores do teste, sugerindo, então, que os dois pretéritos podem expressar valor durativo, não havendo qualquer rejeição para o PPC. Mesmo no Peru, em que o pretérito perfeito composto está um pouco mais avançado em comparação com outras variedades hispano-americanas, a literatura considera que as duas formas continuam vivas, conforme resenhas apresentadas no Capítulo 2. O terceiro limenho, que é da geração mais velha<sup>220</sup>, também propõe a troca PPC > PPS. Nesse caso, trata-se do informante que selecionou [-] nas duas etapas do teste (sem e com vídeo), única escolha negativa (i) que se mantém após acesso ao contexto e (ii) que corresponde à rejeição total do uso de PPC Durativo.
- ⇒ Entre os cinco argentinos, um informante – segunda geração – sugere mudança de verbo: “*he tenido* > *he salido*”. Novamente, a mudança é apenas lexical, mantendo o PPC. As outras quatro sugestões foram dadas por espectadores jovens: três correspondem à troca PPC > PPS. Entre estes últimos, dois informantes selecionaram [-], sugerindo que, para eles, somente

---

<sup>220</sup> A diferença entre gerações pode sugerir um avanço na gramaticalização, no caso de os mais jovens tenderem a aceitar mais o PPC em comparação com os mais velhos. Em trabalhos futuros, convém averiguar essa possibilidade com maior controle da variável “faixa etária”, além de um número maior de informantes representativos, no que se refere aos cuidados metodológicos de estudos variacionistas.

o pretérito perfeito simples codificaria o valor durativo no contexto de uso oferecido no teste. Um deles escolheu a opção intermediária [+/-], então, o PPC empregado na dublagem neutral soa bem, mas ele prefere o PPS naquele contexto. O último informante argentino, também da geração jovem, sugere a troca de “*no he tenido vacaciones en cuatro años*” por “*hace cuatro años que no tengo vacaciones*”, isto é, sua proposta é inverter a sintaxe, trocar o elemento que introduz o complemento adverbial – “*en > hace*” – e, principalmente, o PPC pela forma do presente. Essa mudança de forma verbal não surpreende, pois, o presente também pode expressar valor durativo, especialmente com a presença de um complemento adverbial com informação do passado. Essa combinação “passado + presente” se assemelha, em certa medida, ao PPC durativo: há uma situação anterior que continua até o momento de fala.

Como conclusão, os resultados estão de acordo com a hipótese formulada, em que esperávamos boa aceitação de PPC Durativo por parte do público. Conforme discutimos ao longo deste trabalho, o uso em questão diz respeito ao Estágio 2 da gramaticalização do pretérito perfeito composto, em que se encontram as três variedades linguísticas de nosso recorte: mexicana, peruana e argentina.

#### 6.4.2 Percepção sobre uso de PPS em contexto durativo

Seguindo nossa estratégia de intercalar os pretéritos no teste de percepção, o segundo dado que apresentamos aos informantes se refere à ocorrência de PPS em um contexto continuativo – através de duração –, conforme enunciado abaixo:

- (215) *VOZ EN OFF - Matías era inteligente y dedicado. En Brasil, alguien negro y pobre no tiene muchas oportunidades en la vida, pero a Matías nunca le importó eso* (CEEMO/Filme/Tropa de Elite/Texto traduzido/Espanhol neutral).

Na próxima página, organizamos a tabela com os números que correspondem à percepção dos participantes do teste sobre o dado acima.



Tabela 14 – A percepção de espectadores hispano-falantes sobre uso de PPS em contexto durativo

Alternativa selecionada pelo informante	Espectadores hispano-falantes											
	Mexicanos (Cidade do México)				Peruanos (Lima)				Argentinos (Buenos Aires)			
	21 – 30 anos		31 – 40 anos		21 – 30 anos		31 – 40 anos		21 – 30 anos		31 – 40 anos	
	<i>Sem vídeo</i>	<i>Com vídeo</i>	<i>Sem vídeo</i>	<i>Com vídeo</i>	<i>Sem vídeo</i>	<i>Com vídeo</i>	<i>Sem vídeo</i>	<i>Com vídeo</i>	<i>Sem vídeo</i>	<i>Com vídeo</i>	<i>Sem vídeo</i>	<i>Com vídeo</i>
<i>“Me suena natural y refleja mi uso”</i> [+]	5/5 100%	5/5 100%	4/5 80%	4/5 80%	2/5 40%	3/5 60%	4/5 80%	4/5 80%	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%
<i>“Me suena bien, pero no lo diría así”</i> [+/-]	0/5 0%	0/5 0%	1/5 20%	1/5 20%	2/5 40%	2/5 40%	1/5 20%	1/5 20%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%
<i>“No me suena natural”</i> [-]	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	1/5 20%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%
<b>Total</b>	10 100%				10 100%				10 100%			
<b>Total geral</b>	30											

Uma questão interessante neste dado é o uso da negação “*nunca*” + pretérito perfeito simples. Na Introdução deste trabalho, dissemos ser comum em materiais didáticos a explicação gramatical de que, na presença de expressões como “*nunca*” e “*siempre*” (entre outras), deve ser utilizado o pretérito perfeito composto. À primeira vista, observamos, então, que a própria existência do enunciado (215) na dublagem neutral vai na contramão dessa afirmação.

Sobre a possibilidade de troca de respostas, vemos, a partir da tabela organizada na página anterior, que todos os participantes mexicanos e argentinos mantêm suas escolhas nas duas etapas do teste: sem e com vídeo. Entre os peruanos, por outro lado, dois informantes – com idade entre 21 e 30 anos – mudam sua percepção sobre o uso linguístico oferecido: (i) um deles seleciona [+/-] e, depois, [+]; e (ii) outro escolhe [-] no primeiro momento e [+/-], no segundo momento. A possibilidade de contar com o contexto de interação, nesse caso, levou a um aumento na aceitação do dado. Assim como na ocorrência discutida anteriormente, nenhum informante apresentou maior rejeição após assistir ao vídeo.

Temos, então, o seguinte resultado em uma leitura geral: os mexicanos jovens aceitam completamente (100%) o uso do PPS em [contexto durativo + “*nunca*”]. De modo semelhante, os mexicanos da segunda geração também apresentam percepção positiva para o dado, quase chegando à aceitação total: 4/5 (80%) selecionaram [+] e 1/5 (20%), [+/-].

No que diz respeito aos espectadores do Peru, a primeira geração praticamente se dividiu entre as alternativas de aceitação máxima e de aceitação intermediária: 60% (3/5) e 40% (2/5), respectivamente. A segunda geração de limenhos, por sua vez, escolheu majoritariamente (4/5 – 80%) a opção [+], contra um informante (1/5 – 20%) que selecionou [+/-] – resultados que evidenciam haver boa aceitação do dado, também para os falantes peruanos. Para os espectadores de Buenos Aires, a aceitação é total (5/5 – 100%) levando em conta a percepção das duas faixas etárias.

Em direção às sugestões oferecidas textualmente pelos hispano-falantes, para a sentença em questão contamos com a participação de três peruanos (3/10):

- ⇒ Um deles, que representa a geração jovem, propõe mudança de forma verbal: “*importó* > *ha importado*”. Cabe destacar que o falante selecionou [+] nas etapas anteriores do teste, sugerindo, então, que tanto o PPS como o PPC são aceitáveis para a

expressão do valor aspectual durativo no contexto de uso que oferecemos.

- ⇒ O segundo informante, também com idade entre 21 e 30 anos, propõe a mudança “*importó* > *importará*”. Trata-se de uma das respostas alteradas nas etapas sem e com contexto de interação: sem acesso ao vídeo, o falante selecionou [-]; depois, com acesso à dublagem neutral, sua escolha mudou para [+/-]. Embora a sugestão do informante seja estruturalmente compatível com o enunciado apresentado no teste, a mudança do PPS por uma forma de futuro não impacta na oposição entre os pretéritos, que é a questão de nosso interesse, diferentemente da correção anterior. Sua proposta sugere, talvez, que a situação expressa pelo verbo “*importar*” pode projetar-se em direção ao futuro, já que não há nada na sentença especificando o término da ação. A lógica é que, se Mathias André nunca se importou até o momento de fala, provavelmente vai continuar não o fazendo, a menos que uma nova informação surja e modifique tal interpretação.
- ⇒ O terceiro limenho sugere a troca da negação – “*nunca* > *no*” – e de “*importó* > *importa*”. A mudança por uma forma de presente também é compreensível, pois o valor aspectual em questão tem a característica de continuar até o momento de fala, justificando certa compatibilidade semântica com a forma de presente.

Na totalidade, o que observamos é a boa aceitação do PPS, em um contexto durativo, para os informantes das três capitais hispânicas, resultado que vai na contramão da explicação gramatical comumente oferecida em materiais didáticos. Contudo, esmiuçando os dados, cabe observar algumas questões: (i) os peruanos são os que apresentam menor aceitação, embora em nenhum caso a rejeição seja total; (ii) o movimento mais expressivo de troca de respostas – nas etapas sem e com contexto em vídeo – foi observado entre os espectadores limenhos; (iii) nas escolhas finais, nenhuma das gerações peruanas chegou a 100% para a alternativa [+], que corresponde a uso natural, diferentemente do que observamos nas escolhas dos mexicanos e argentinos; e (iv) entre as sugestões oferecidas textualmente, a única que propõe a troca do PPS pelo PPC foi feita por um limenho. Esse comportamento destaca os

falantes peruanos em meio aos mexicanos e argentinos, sugerindo que, em algum momento do teste, houve dúvida sobre o emprego do PPS naquele contexto de uso. Em outras palavras, a aceitação não foi total e parece não ter sido completamente espontânea, diferentemente do que sugerem as respostas dos argentinos e, em direção semelhante, os dados dos mexicanos. Essas questões podem ter relação com o fato de o espanhol peruano já estar mais evoluído na gramaticalização do PPC – estável no Estágio 2 e avançando, com mais força, em direção ao Estágio 3. Nesse sentido, não parece aleatório um informante peruano sugerir o PPC, enquanto os demais – mexicanos e argentinos – aceitam o PPS sem maiores problemas<sup>221</sup>, chegando a 100% entre os falantes de Buenos Aires.

#### 6.4.3 Percepção sobre uso de PPC em contexto experiencial

Outra sentença que apresentamos aos informantes, através do teste de percepção, refere-se ao PPC Experiencial em (147), discutido anteriormente neste capítulo, cujo dado reproduzimos convenientemente abaixo. Organizamos os resultados em tabela exposta na próxima página.

- (147) *NASCIMENTO - Va a acabar hecho una piltrafa. Y podemos tener alta a Fabio, ya he oído hablar de él. Es capitán ¿no? Fabio Barbosa* (CEEMO/Filme/Tropa de Elite/Texto traduzido/Espanhol neutral).

---

<sup>221</sup> Considerando que nenhum deles ofereceu, textualmente, sugestões (ou correções) para a proposição de que estamos tratando.

Tabela 15 – A percepção de espectadores hispano-falantes sobre uso de PPC em contexto experiencial

Alternativa selecionada pelo informante	Espectadores hispano-falantes											
	Mexicanos (Cidade do México)				Peruanos (Lima)				Argentinos (Buenos Aires)			
	21 – 30 anos		31 – 40 anos		21 – 30 anos		31 – 40 anos		21 – 30 anos		31 – 40 anos	
	Sem video	Com video	Sem video	Com video	Sem video	Com video	Sem video	Com video	Sem video	Com video	Sem video	Com video
“Me suena natural y refleja mi uso” [+]	2/5 40%	4/5 80%	4/5 80%	5/5 100%	2/5 40%	2/5 40%	1/5 20%	2/5 40%	0/5 0%	0/5 0%	2/5 40%	2/5 40%
“Me suena bien, pero no lo diría así” [+/-]	3/5 60%	1/5 20%	1/5 20%	0/5 0%	1/5 20%	3/5 60%	3/5 60%	3/5 60%	3/5 60%	4/5 80%	3/5 60%	3/5 60%
“No me suena natural” [-]	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	2/5 40%	0/5 0%	1/5 20%	0/5 0%	2/5 40%	1/5 20%	0/5 0%	0/5 0%
<b>Total</b>	10 100%				10 100%				10 100%			
<b>Total geral</b>	30											

Fonte: Elaboração própria.

O contraste entre as duas primeiras etapas – representadas pelas colunas “sem vídeo” e “com vídeo” – mostra que o acesso à cena de ocorrência do PPC foi importante para espectadores das três capitais hispânicas. No que diz respeito à alternativa que corresponde ao maior nível de aceitação – [+], –, entre os mexicanos houve um aumento de 40% para 80% na primeira geração e de 80% para 100%, na segunda. Entre os espectadores do Peru, o aumento foi na segunda faixa etária: de 20% para 40%. Na alternativa intermediária – [+/-], –, o acesso ao vídeo possibilitou um aumento de 20% para 60% no Peru e de 60% para 80%, na Argentina, considerando os espectadores com idade entre 21 e 30 anos dos dois países citados.

Olhando para as escolhas finais dos informantes, o PPC Experiencial apresentou aceitação total na perspectiva dos mexicanos com idade entre 31 e 40 anos: 100% (5/5). Entre os representantes da primeira geração – ainda do México –, 80% (4/5) selecionaram a alternativa que corresponde à aceitação máxima para a proposição: [+]. A maior parte dos espectadores peruanos (3/5 – 60%) nas duas faixas etárias controladas selecionou a opção intermediária, contudo, 40% (2/5) escolheram a alternativa “*me suena natural y refleja mi uso*”.

Aceitação média também é observada entre os hispano-falantes de Buenos Aires: 60% (3/5) e 40% (2/5) da segunda geração selecionaram, respectivamente, [+/-] e [+]. Não houve aceitação máxima por parte dos argentinos com idade entre 21 e 30 anos, porém, 80% (4/5) deles selecionaram a opção intermediária: [+/-]. Em geral, observamos boa aceitação do dado, já que houve rejeição total na perspectiva de apenas um espectador de Buenos Aires.

Em direção às sugestões (ou correções) oferecidas textualmente, na terceira etapa do teste houve participação de informantes oriundos das três capitais, isto é, Cidade do México (1/10), Lima (3/10) e Buenos Aires (4/10):

- ⇒ O falante mexicano, que selecionou [+/-], sugere a troca PPC > PPS. Significa que ele aceita o uso do pretérito perfeito composto, mas prefere o emprego da forma “*oi*”.
- ⇒ Os três peruanos propõem manter o PPC, mas retirar o complemento adverbial “*ya*”, fato que sugere a possibilidade de esses falantes terem percebido algum tipo de redundância na proposição. Em outras palavras, se em sua variedade o PPC for utilizado mais frequentemente para expressar experiência, a

forma verbal por si só já carrega tal significado, não sendo necessária a presença de outros elementos. Na dublagem peninsular, por exemplo, verificamos que a tradução apresenta PPC Experiencial sem “*ya*”, sugerindo ser desnecessária, em variedades mais avançadas, a presença do referido complemento adverbial.

⇒ Os quatro argentinos sugerem a troca PPC > PPS. Dois deles propõem, ainda, mudança lexical: “*oí > escuché*”.

Esses resultados mostram que, apesar da aceitação mediana – a partir da leitura geral dos dados –, número expressivo de informantes propõe o emprego do pretérito perfeito simples para expressar experiências, especialmente argentinos. Nossa hipótese é confirmada em termos estatísticos: verificamos boa aceitação de PPC Experiencial na perspectiva de falantes das três capitais; contudo, chama a atenção mexicanos apresentarem maior aceitação em comparação com peruanos. Nessa direção, não podemos perder de vista que, embora a aceitação de espectadores do Peru não seja a mais alta numericamente, os três informantes peruanos ofereceram informações valiosas textualmente, propondo manter o PPC e retirar o complemento adverbial “*ya*”. Esse fato sugere que, se não houvesse tal elemento na sentença, esses três informantes teriam selecionado a alternativa que corresponde ao maior nível de aceitação: [+].

#### 6.4.4 Percepção sobre uso de PPS em contexto experiencial

Em direção à quarta proposição do teste, selecionamos um diálogo que oferece ocorrências de PPS em contexto experiencial, o qual trazemos abaixo:

(216) *TINHO - Ya hice esa prueba.*

*MARÍA - ¿Hiciste la prueba y pasaste? (CEEMO/Filme/Tropa de Elite/Texto traduzido/Espanhol neutral).*

No contraste entre as duas primeiras etapas do teste, observamos, a partir da tabela organizada na próxima página, que praticamente todos os informantes mantêm suas respostas após acessar o contexto de interação a partir do vídeo, com exceção de um espectador de Buenos Aires, que troca [-] por [+/-]. Novamente, o acesso à ocorrência situada na interação favorece a aceitação do dado.

Tabela 16 – A percepção de espectadores hispano-falantes sobre uso de PPS em contexto experiencial

Alternativa selecionada pelo informante	Espectadores hispano-falantes											
	Mexicanos (Cidade do México)				Peruanos (Lima)				Argentinos (Buenos Aires)			
	21 – 30 anos		31 – 40 anos		21 – 30 anos		31 – 40 anos		21 – 30 anos		31 – 40 anos	
	Sem vídeo	Com vídeo	Sem vídeo	Com vídeo	Sem vídeo	Com vídeo	Sem vídeo	Com vídeo	Sem vídeo	Com vídeo	Sem vídeo	Com vídeo
“Me suena natural y refleja mi uso” [+]	3/5 60%	3/5 60%	5/5 100%	5/5 100%	2/5 40%	2/5 40%	2/5 40%	2/5 40%	4/5 80%	4/5 80%	4/5 80%	4/5 80%
“Me suena bien, pero no lo diría así” [+/-]	2/5 40%	2/5 40%	0/5 0%	0/5 0%	2/5 40%	2/5 40%	2/5 40%	2/5 40%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	1/5 20%
“No me suena natural” [-]	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	1/5 20%	1/5 20%	1/5 20%	1/5 20%	1/5 20%	1/5 20%	1/5 20%	0/5 0%
<b>Total</b>	10 100%				10 100%				10 100%			
<b>Total geral</b>	30											

Fonte: Elaboração própria.



Olhando para as escolhas finais dos informantes – coluna “com vídeo” –, vemos que a primeira geração de mexicanos se divide entre [+] e [+/-]: 60% (3/5) e 40% (2/5), respectivamente. A segunda geração apresenta 100% (5/5) de aceitação máxima – [+] – para o uso do PPS em contexto experiencial. No que diz respeito aos peruanos, as duas faixas etárias apresentam exatamente o mesmo comportamento em todas as alternativas: 40% para [+] e [+/-], por um lado, e 20% para rejeição total, por outro. Entre os espectadores argentinos, há boa aceitação: nas duas gerações, 80% escolheram [+]. Entre os jovens, 1/5 (20%) rejeita completamente e 1/5 (20%) apresenta aceitação mediana.

Em suma, o PPS em contexto experiencial é relativamente bem aceito pelos três públicos, com maior aceitação no México e na Argentina e menor, no Peru – resultado esperado, considerando a maior evolução do PPC peruano, já codificando nos dias atuais, com maior frequência, o valor experiencial.

Na terceira etapa do teste, contamos com sugestões/correções de seis informantes, oriundos dos três países de nosso recorte: México (2/10), Peru (3/10) e Argentina (1/10), conforme discussão a seguir:

- ⇒ Os dois mexicanos, que selecionaram [+/-] nas primeiras etapas do teste, propõem o preenchimento do sujeito na fala de Maria: “¿*Tú ya la hiciste?*”. Eles também sugerem o emprego do complemento adverbial “*ya*”, ausente na fala de Maria e presente na de Tinho, no início da interação entre os personagens. Essa correção sugere que “*ya*” carrega informação semântica sobre contextos experienciais. Um detalhe que os diferencia, contudo, é que um deles propõe o uso da expressão “*qué tal*” na segunda parte da fala de Maria: “¿*Y qué tal pasaste?*”. Em suma, em todos os casos o PPS é mantido pelos dois informantes com idade entre 21 e 30 anos.
- ⇒ Entre os três peruanos, um deles selecionou [-], propondo, também, mudar as falas dos personagens para: “*Ya realicé esa prueba*” e “¿*Has hecho la prueba y has pasado?*”. Observamos, nesse caso, duas questões: (i) mudança lexical “*hice > realicé*”, existindo, provavelmente, uma questão estilística em jogo; e (ii) oposição PPS/PPC motivada pela modalidade epistêmica *irrealis*, conforme hipótese de Oliveira (2008). É possível argumentar que, na perspectiva desse falante limenho, a personagem Maria deveria empregar o PPC porque não sabe

realmente (*irrealis*) se Tinho foi aprovado. O segundo informante de Lima sugere a troca “*hice > he hecho*”, preferindo, então, o emprego de PPC Experiencial nesse contexto de uso da dublagem neutral. Cabe recordar que esta última sugestão coincide com a escolha tradutória que constatamos na dublagem destinada aos falantes espanhóis, podendo haver alguma relação nesse sentido, já que a variedade peruana é a que mais se aproxima do espanhol peninsular em termos de gramaticalização do PPC. O terceiro e último informante limenho propõe o emprego dos pretéritos “*hicistes*” e “*pasastes*” na fala de Maria – um caso de hipercorreção na língua espanhola, sobre o qual discute Collazos (2015). Importa destacar que as sugestões influenciadas por estilo (formalidade) e hipercorreção não impactam na oposição entre os pretéritos, já que nos dois casos o PPS é mantido por esses participantes do teste.

⇒ Finalmente, o espectador argentino sugere apenas mudanças lexicais: “*hice > di*” e “*hiciste > diste*”, mantendo o pretérito perfeito simples na expressão de experiências.

#### 6.4.5 Percepção sobre uso de PPC em contexto de passado recente

A sentença abaixo, também selecionada para o teste de percepção, oferece uma ocorrência de PPC Passado Recente através da noção temporal de *antepresente*:

(150) *NETO - ¿Normal? ¿Se han vuelto locos? ¿Hurto en el cuartel es crimen militar!* (CEEMO/Filme/Tropa de Elite/Texto traduzido/Espanhol neutral).

Sobre possíveis diferenças na percepção sem e com acesso ao contexto de interação em vídeo, observamos, a partir da tabela organizada na sequência, que os espectadores mexicanos e argentinos mantêm suas respostas. Por outro lado, três peruanos selecionam respostas diferentes entre uma etapa e outra, evidenciando a importância do vídeo para seu julgamento sobre o uso linguístico em questão: um limenho escolhe a alternativa intermediária [+/-] e, após assistir ao vídeo, [+]; e dois espectadores desse país trocam [-] por [+/-]. Assim como aconteceu nas sentenças anteriores, nesta o movimento é sempre crescente, não havendo casos de menor aceitação após o informante visualizar o contexto de ocorrência do PPC.

Tabela 17 – A percepção de espectadores hispano-falantes sobre uso de PPC em contexto de passado recente

Alternativa selecionada pelo informante	Espectadores hispano-falantes											
	Mexicanos (Cidade do México)				Peruanos (Lima)				Argentinos (Buenos Aires)			
	21 – 30 anos		31 – 40 anos		21 – 30 anos		31 – 40 anos		21 – 30 anos		31 – 40 anos	
	Sem vídeo	Com vídeo	Sem vídeo	Com vídeo	Sem vídeo	Com vídeo	Sem vídeo	Com vídeo	Sem vídeo	Com vídeo	Sem vídeo	Com vídeo
<i>“Me suena natural y refleja mi uso”</i> [+]	3/5 60%	3/5 60%	5/5 100%	5/5 100%	1/5 20%	2/5 40%	2/5 40%	2/5 40%	1/5 20%	1/5 20%	2/5 40%	2/5 40%
<i>“Me suena bien, pero no lo diría así”</i> [+/-]	2/5 40%	2/5 40%	0/5 0%	0/5 0%	3/5 60%	3/5 60%	2/5 40%	3/5 60%	3/5 60%	3/5 60%	3/5 60%	3/5 60%
<i>“No me suena natural”</i> [-]	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	1/5 20%	0/5 0%	1/5 20%	0/5 0%	1/5 20%	1/5 20%	0/5 0%	0/5 0%
<b>Total</b>	10 100%				10 100%				10 100%			
<b>Total geral</b>	30											

Fonte: Elaboração própria.

À primeira vista, considerando as escolhas finais dos participantes – isto é, a resposta selecionada na etapa com vídeo –, o que observamos é maior aceitação por parte dos mexicanos: 60% (3/5) e 100% (5/5) da primeira e da segunda gerações, respectivamente, selecionaram a alternativa [+]. Os outros 40% (2/5) dos mexicanos com idade entre 21 e 30 anos escolheram a alternativa intermediária [+/-]. A maior parte dos peruanos, por sua vez, apresentou aceitação mediana nas duas faixas etárias: 60% (3/5) selecionaram [+/-], seguido de 40% (2/5) para [+] – também nas duas gerações controladas. As respostas dos argentinos se aproximam das escolhas dos peruanos, contudo, entre os espectadores de Buenos Aires há um caso (1/5 – 20%) de rejeição total para o contexto de uso, cujo informante tem idade entre 21 e 30 anos.

Em suma, observamos: (i) diferença significativa entre as duas gerações mexicanas; (ii) equilíbrio entre os falantes peruanos, considerando as faixas etárias; e (iii) aproximação entre argentinos e peruanos, mas com um caso de rejeição total entre os informantes de Buenos Aires. Nesse sentido, cabe observar as sugestões oferecidas textualmente pelos informantes, de modo a verificar se o que causa problemas é o PPC Passado Recente ou se há outras questões em jogo. Temos, na terceira etapa do teste, a participação de quinze hispano-falantes, considerando mexicanos (4/10), peruanos (4/10) e argentinos (7/10), conforme discutimos a seguir:

- ⇒ Os quatro mexicanos são da primeira geração. Dois deles sugerem a troca PPC > PPS e, também, “*hurto* > *robo*”. Os outros dois propõem: (i) mudança de forma verbal PPC > PRES; (ii) troca de verbo: “*han vuelto* > *están*”; e (iii) mudança lexical “*hurto* > *robo*”. Esta última sugestão é coincidente nas respostas dos quatro informantes oriundos do México. Cabe destacar que um deles selecionou [+], sugerindo, então, que o PPC Passado Recente da dublagem neutral está de acordo com seu uso. Os demais selecionaram [+/-], o que demonstra haver alguma incompatibilidade com a ocorrência do pretérito perfeito composto na proposição. Dois destes últimos propuseram a troca do PPC pelo PPS.
  
- ⇒ Entre os quatro espectadores do Peru, dois são da primeira faixa etária e outros dois, da segunda. O que marcou [+/-] nas etapas anteriores do teste, sugere a troca PPC > PRES: “*han vuelto* > *están*”. Os outros três propõem a troca PPC > PPS, com a

diferença de que um deles selecionou [+] – sugerindo, então, que para ele os dois pretéritos podem codificar o valor temporal em questão –, enquanto dois deles propõem tal correção após ter selecionado [+/-].

- ⇒ Entre os sete argentinos, quatro são da primeira geração e três, da segunda. Um deles sugere a troca PPC > PRES, de modo semelhante a falantes dos outros países: “*han vuelto > están*”. Os outros seis propõem a mudança PPC > PPS, fato que, sem dúvidas, chama a atenção pela correção coincidente. A quantidade de sugestões oferecidas pelos espectadores de Buenos Aires é compatível com o nível de aceitação que observamos nas etapas anteriores do teste.

Organizando e filtrando todas essas informações, temos o seguinte: a proposta de PPS em substituição ao PPC – nosso maior interesse – é feita por dois mexicanos, dois peruanos e seis argentinos. Como vemos, a presença do pretérito perfeito composto no contexto de passado recente é aceita, mas boa parte dos informantes prefere o emprego do PPS. Esses resultados – isto é, o fato de que os espectadores aceitam uma forma, mas empregariam a outra – parecem refletir a evolução do PPC nas variedades hispano-americanas, conforme defendíamos na seção anterior. Se não fosse o caso, a rejeição de PPC Passado Recente seria alta. Recuperando discussão que já realizamos, nas três variedades de nosso recorte o PPC se encontra em transição, do Estágio 2 ao Estágio 3 de sua gramaticalização.

Por fim, chamam a atenção duas questões a respeito das escolhas dos mexicanos: (i) a aceitação total por parte da segunda geração, pois, considerando tratar-se de um uso (teoricamente) novo no espanhol falado no México, o esperado seria existir maior aceitação dos falantes jovens e não o contrário<sup>222</sup>; e (ii) em contraste com as escolhas feitas pelos espectadores de Lima, o mais provável – considerando a literatura – seria haver maior aceitação entre os peruanos e não entre os mexicanos. Nesse sentido, cabe destacar que o PPC peruano está um pouco mais avançado em comparação com o PPC mexicano, conforme já discutimos. Essas duas questões carecem de respostas, sugerindo a necessidade de um controle mais sofisticado das gerações, especialmente dos espectadores mexicanos.

<sup>222</sup> PPC Passado Recente corresponde a 2,66% (33/1072) da amostra oral analisada por Airolti (2015), conforme resenhamos na seção 2.2.2.1.

Em suma, levando em conta as respostas das primeiras etapas do teste, mas, também, as correções oferecidas textualmente, verificamos aceitação mediana por parte do público no tocante ao PPC Passado Recente na dublagem neutral de nosso corpus fílmico.

#### 6.4.6 Percepção sobre uso de PPS em contexto de passado recente

A partir do enunciado que trazemos abaixo, apresentamos aos informantes hispano-americanos do teste de percepção uma ocorrência do pretérito perfeito simples em contexto de passado recente:

(217) REGINA - *Señor, yo vine aquí para pedir el derecho de poder enterrar a mi hijo* (CEEMO/Filme/Tropa de Elite/Texto traduzido/Espanhol neutral).

No contraste entre as etapas sem e com acesso ao contexto de interação, observamos, a partir da tabela organizada na próxima página, que dois peruanos da primeira geração trocam [+/-] por [+]. Entre os da segunda geração, um mudou [-] por [+/-]. Referente aos espectadores de Buenos Aires, também houve aumento da aceitação do dado nas duas gerações: um informante da primeira troca [+/-] por [+] e um da segunda, [-] por [+/-]. Como vemos, os participantes da Cidade do México mantêm intactas suas respostas.

As escolhas finais dos hispano-falantes evidenciam: primeiramente, aceitação total (100%) por parte dos mexicanos das duas faixas etárias. Entre os peruanos, os da primeira geração se dividem entre [+/-] e [+] com 60% e 40%, respectivamente. As mesmas respostas, nessa ordem, são selecionadas por 80% e 20% dos limenhos mais velhos. Os representantes da Argentina apresentam comportamento idêntico, nas duas faixas etárias: 60% escolhem [+] e 40%, [+/-]. Estatisticamente, há boa aceitação do dado – com destaque para os mexicanos, que apresentaram aceitação máxima.

Tabela 18 – A percepção de espectadores hispano-falantes sobre uso de PPS em contexto de passado recente

Alternativa selecionada pelo informante	Espectadores hispano-falantes											
	Mexicanos (Cidade do México)				Peruanos (Lima)				Argentinos (Buenos Aires)			
	21 – 30 anos		31 – 40 anos		21 – 30 anos		31 – 40 anos		21 – 30 anos		31 – 40 anos	
	Sem video	Com video	Sem video	Com video	Sem video	Com video	Sem video	Com video	Sem video	Com video	Sem video	Com video
“Me suena natural y refleja mi uso” [+]	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	5/5 100%	0/5 0%	2/5 40%	1/5 20%	1/5 20%	2/5 40%	3/5 60%	3/5 60%	3/5 60%
“Me suena bien, pero no lo diría así?” [+/-]	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	5/5 100%	3/5 60%	3/5 60%	4/5 80%	3/5 60%	2/5 40%	1/5 20%	2/5 40%
“No me suena natural” [-]	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	1/5 20%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	1/5 20%	0/5 0%
<b>Total</b>	10 100%				10 100%				10 100%			
<b>Total geral</b>	30											

Fonte: Elaboração própria.

Em consequência da percepção positiva por parte dos espectadores da Cidade do México, não surpreende que nenhum mexicano tenha oferecido correções para a proposição, diferentemente dos falantes de Lima (4/10) e de Buenos Aires (2/10), conforme discutimos a seguir:

- ⇒ Entre os quatro limenhos, um propõe a troca “*acá > aquí*”: o PPS, portanto, fica inalterado. Sua escolha nas etapas iniciais do teste foi [+/-], evidenciando que o único problema percebido na sentença diz respeito ao advérbio de lugar.
- ⇒ Os outros três espectadores peruanos sugerem a troca “*vine > he venido*”. Cabe destacar, nesse sentido, que os três selecionaram, na segunda etapa do teste, a opção intermediária [+/-]. Em contraste com a correção oferecida, fica claro que a presença do pretérito perfeito simples naquele contexto de passado recente é um problema na perspectiva desses participantes limenhos, o que certamente se justifica pelo maior avanço do PPC na capital peruana, conforme já discutimos em outros momentos deste trabalho.
- ⇒ No tocante aos dois informantes argentinos, ambos sugerem a troca “*acá > aquí*”. Um deles propõe, ainda, a troca lexical “*derecho > autorización*”. Então, o problema é de ordem lexical sem relação com a forma verbal, já que o PPS não é modificado por eles.

Sintetizando todas essas informações, a conclusão para a percepção dos espectadores sobre o uso do PPS “*vine*” em contexto de passado recente parece visível nos estágios de gramaticalização do PPC (considerando a possível oposição entre as duas formas): (i) os mexicanos – com destaque para o fato de haver 100% de aceitação máxima: [+], cuja variedade é a mais conservadora entre todas as hispânicas (OLIVEIRA, 2010), aceitam com facilidade o PPS no contexto em questão; (ii) a maior parte dos argentinos (60% e 40%) também aceita bem a forma do PPS em passado recente; e (iii) os peruanos, por sua vez, destacam-se entre os anteriores pois a maioria não selecionou “*me suena natural y refleja mi uso*”, senão a alternativa intermediária, ou seja, aceitam o PPS, mas preferem outra forma naquele contexto. Merece destaque o fato de que as correções oferecidas



por espectadores de Lima revelam, justamente, a preferência pelo emprego do PPC – sugestão não apresentada por nenhum hispanofalante das outras duas capitais.

#### **6.4.7 Percepção sobre uso de PPC em contexto de subjuntivo**

A última proposição do teste de percepção é um dos dados mais interessantes da dublagem neutral, convenientemente reproduzido abaixo. Os resultados numéricos, por sua vez, estão organizados em tabela, na próxima página.

- (157) *ROSANE* - Si he sabido que no lo dejarías no me embarazo  
(CEEMO/Filme/Tropa de Elite/Texto traduzido/Espanhol neutral).

Tabela 19 – A percepção de espectadores hispano-falantes sobre uso de PPC em contexto de subjuntivo

Alternativa selecionada pelo informante	Espectadores hispano-falantes											
	Mexicanos (Cidade do México)				Peruanos (Lima)				Argentinos (Buenos Aires)			
	21 – 30 anos		31 – 40 anos		21 – 30 anos		31 – 40 anos		21 – 30 anos		31 – 40 anos	
	Sem vídeo	Com vídeo	Sem vídeo	Com vídeo	Sem vídeo	Com vídeo	Sem vídeo	Com vídeo	Sem vídeo	Com vídeo	Sem vídeo	Com vídeo
“ <i>Me suena natural y refleja mi uso</i> ” [+]	3/5 60%	3/5 60%	1/5 20%	2/5 40%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%	0/5 0%
“ <i>Me suena bien, pero no lo diría así</i> ” [+/-]	2/5 40%	2/5 40%	3/5 60%	3/5 60%	1/5 20%	1/5 20%	0/5 0%	0/5 0%	1/5 20%	1/5 20%	1/5 20%	2/5 20%
“ <i>No me suena natural</i> ” [-]	0/5 0%	0/5 0%	1/5 20%	0/5 0%	4/5 80%	4/5 80%	5/5 100%	5/5 100%	4/5 80%	4/5 80%	4/5 80%	4/5 80%
<b>Total</b>	10 100%				10 100%				10 100%			
<b>Total geral</b>	30											

Fonte: Elaboração própria.

Entre a primeira etapa (sem contexto) e a segunda (com contexto), observamos que os espectadores peruanos e argentinos mantêm intactas suas respostas, comportamento que sugere não haver qualquer dúvida no que diz respeito à percepção sobre o uso proposto. Entre os mexicanos, por outro lado, um movimento crescente é visível nas alternativas selecionadas pelos representantes da segunda geração: um informante troca [-] por [+/-] e outro, [+/-] por [+]. Ratifica-se, assim, que o acesso ao contexto de interação favorece, em alguma medida, a aceitação da ocorrência.

Em direção ao nível de aceitação do dado na leitura geral, observamos alta rejeição considerando a perspectiva de peruanos: 80% (4/5) e 20% (1/5) dos limenhos da primeira geração selecionaram, respectivamente, [-] e [+/-]; e os da segunda foram categóricos, já que 100% (5/5) escolheram a alternativa que corresponde à menor aceitação possível: “*no me suena natural*”. A rejeição também é visível na primeira faixa etária de Buenos Aires, que apresenta o mesmo comportamento dos peruanos jovens: 80% e 20% escolheram [-] e [+/-], nessa ordem. A segunda geração de Buenos Aires também rejeita: 80% (4/5) consideram que o PPC “*si he sabido*” não é natural. Sem dúvidas, a percepção dos mexicanos sobre o dado em questão é destaque: (i) nas respostas finais, não há rejeição total em nenhuma das duas gerações; (ii) os mais jovens aceitam um pouco mais (60% contra 40%); e (iii) na perspectiva dos mexicanos da segunda geração, o nível de aceitação é inverso – [+/-], seguido de [+] –, mas continua mediano. Em suma, o que observamos é aceitação de média para alta na percepção dos espectadores da Cidade do México e, por outro lado, forte rejeição entre peruanos e argentinos.

Cabe recordar, brevemente, o que já discutimos em páginas anteriores: o emprego do PPC em contexto prototípico de subjuntivo é exclusivo à variedade mexicana, chegando a ser considerado, na literatura (AIROLDI, 2015; LOPE BLANCH, 2008a [1961]; MORENO DE ALBA, 2003b [1974]; especialmente), um mexicanismo no nível da sintaxe. Trata-se de um uso modal, com forte carga afetiva por parte do falante mexicano que o utiliza, conforme pudemos confirmar – e também os usuários participantes de nosso teste – a partir do vídeo que oferece a interação entre os personagens. Certamente, a presença de PPC com valor característico do México é incompatível com a proposta do espanhol neutral no âmbito da Tradução Audiovisual, pois esta última envolve um produto – uma dublagem – que busca alcançar os diversos países da América Hispânica.

Tendo em vista essas questões, passemos à síntese das correções sugeridas pelos informantes, cuja etapa do teste contou com a participação de mexicanos (3/10), peruanos (5/10) e argentinos (7/10):

- ⇒ Entre os três mexicanos, dois propõem a troca “*si he sabido > de haber sabido*” e um, o emprego da forma canônica: “*si hubiera sabido*”. Este último selecionou [+], sugerindo que o uso do PPC naquele contexto é natural, assim como a forma composta canônica.
- ⇒ Os cinco peruanos, sem exceção, sugerem a troca “*si he sabido > si hubiera sabido*”.
- ⇒ Os argentinos, por sua vez, dividem-se entre a forma canônica (4/10) e o imperfeito (3/10): “*si sabía*”.
- ⇒ Importa destacar que quando os informantes sugerem a forma canônica, a oração subordinada (segunda parte da sentença) é modificada: “*no me embarazo*” transforma-se em “*no me habría embarazado*”. Quando os argentinos propõem o uso de “*si sabía*”, a segunda parte se mantém como na ocorrência da dublagem neutral: “*no me embarazo*”. Essas correções por parte dos argentinos sugerem que a segunda parte da sentença – estrutura subordinada em forma de presente – pode influenciar na escolha por “*si sabía*”.

Nossos dados mostram que o uso de que estamos tratando tem maior aceitabilidade entre espectadores mexicanos – embora a aceitação não seja total – e que não é reconhecido por falantes peruanos e argentinos, cujos resultados confirmam a hipótese que formulamos sobre a percepção de “*si he sabido*” no teste. Essa constatação também sugere que a dublagem neutral de nosso corpus fílmico foi produzida em contexto mexicano e que o tradutor seja hispano-falante daquele país. Nessa direção, a presença de um mexicanismo em um produto de amplo alcance geográfico mostra que há questões linguísticas – usos naturais – que escapam do controle pretendido no âmbito da Tradução: a língua, organismo vivo, cuja gramática emerge, tenta resistir ao condicionamento externo (o próprio espanhol neutral, neste caso). Apesar da baixa frequência na amostra neutral como um todo, as poucas

ocorrências (14/309) de PPC refletem a evolução dessa forma verbal na língua espanhola.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, analisamos a expressão temporal de passado codificada pelas duas formas do pretérito perfeito do indicativo no idioma espanhol: o pretérito perfeito simples (*canté*) e o pretérito perfeito composto (*he cantado*), com ênfase nesta última, uma vez que diversos estudos – citados ao longo desta pesquisa – discutem a complexidade dessa forma verbal na língua em questão. Para o exame linguístico, elaboramos, a partir do filme brasileiro *Tropa de Elite* (2007), um corpus constituído da transcrição de enunciados presentes em três materiais: (i) áudio original, em português; (ii) tradução ao espanhol neutral (dublagem em contexto mexicano); e (iii) tradução ao espanhol peninsular (dublagem produzida na Espanha).

A partir de um controle estatístico da frequência de uso das duas formas de passado e (sobretudo) da funcionalidade desempenhada pelo PPC no corpus fílmico, analisamos os dados em uma perspectiva quantitativa e qualitativa buscando responder às questões desta pesquisa, bem como testar as hipóteses formuladas inicialmente.

Como é possível ver a partir da Tabela 6 que organizamos na seção 6.1, confirmamos a Hipótese 1, pois, no que se refere à quantificação das formas dos pretéritos, verificamos: (i) maior frequência de ocorrência do PPS em comparação com o PPC, tanto na dublagem neutral como na dublagem peninsular (contraste entre formas em uma mesma amostra); e (ii) maior frequência do PPC na tradução ao espanhol peninsular, comparada com a tradução ao espanhol neutral (contraste entre amostras, com interesse em uma forma). Esse comportamento coincide com a descrição dos pretéritos debatida na literatura<sup>223</sup>, a partir da qual formulamos a hipótese; e reflete, nesse sentido, a alta produtividade da forma do pretérito perfeito simples na expressão de situações passadas no espanhol falado em contexto hispano-americano<sup>224</sup>: 95,5% (295/309) da amostra neutral de nosso corpus fílmico, contra 4,5% (14/309) ocorrências do PPC. Na dublagem produzida na Espanha, como consequência do estágio mais avançado do PPC peninsular na trajetória de sua gramaticalização – fato atestado em

---

<sup>223</sup> Airoldi (2015), Jara Yupanqui (2013), Lope Blanch (2008a [1961]; 2008b [2004]), Moreno de Alba (2003a [1972]; 2003b [1974]; 2003c [2001]), Oliveira (2007; 2008; 2010), entre outros.

<sup>224</sup> Representado, em nosso recorte metodológico, pelas variedades mexicana, peruana e argentina.

estudos resenhados nesta dissertação<sup>225</sup> –, a frequência de emprego dessa forma verbal é alta (49,6% – 125/252), praticamente igualando-se à do PPS (50,4% – 127/252). Cabe destacar que, apesar da baixa frequência do PPC na dublagem neutral, suas 14 ocorrências permitem observar a multifuncionalidade codificada por essa forma verbal em gramaticalização.

Ainda sobre a menor frequência da forma do pretérito perfeito composto na dublagem neutral – destinada aos espectadores localizados nos diversos países da América Hispânica, cabe recordar –, conjecturamos, na Hipótese 2, ser resultado: (i) dos estágios de gramaticalização díspares do PPC no contraste entre variedades do espanhol; e (ii) do condicionamento próprio do espanhol neutral, que dá preferência ao emprego do PPS em detrimento do PPC<sup>226</sup>. Levamos em conta, nessa direção, a seguinte lógica:

**[[PPC peninsular] vs. [[PPC mexicano + PPC peruano + PPC argentino] + neutral]]**  
**[[Estágio] vs. [[média entre os estágios] + pressão do neutral]]**

Assim, em direção à funcionalidade identificada nas traduções hispânicas, confirmamos parcialmente a segunda hipótese formulada. Por um lado, verificamos que nessa amostra o pretérito perfeito composto desempenha somente a macrofunção Perfecto/Anterior, recobrando PPC Continuidade (2/14 – 14,3%) e PPC Relevância Presente (11/14 – 78,6%)<sup>227</sup>, duas funções esperadas; contudo, nossa hipótese previa frequência de uso inversa. A partir de estudos que consideram a atual transição entre estágios de evolução dessa forma verbal, esperávamos que ela codificasse valores do Estágio 2<sup>228</sup>, seguido do Estágio 3<sup>229</sup>. A ordem de frequência de uso inversa (Estágio 3 > Estágio 2) sugere a própria evolução do PPC hispano-americano, pois, de modo mais ou menos intenso, as variedades mexicana, peruana e argentina seguem seu rumo na trajetória de mudança dessa forma verbal, conforme a literatura<sup>230</sup>. Em outras palavras, estáveis no Estágio 2, todas

<sup>225</sup> Azpiazu (2013), Bermejo Calleja (2017) e Oliveira (2010), especialmente.

<sup>226</sup> Segundo Bravo García (2008).

<sup>227</sup> Conforme Tabela 8, que organizamos na seção 6.2.

<sup>228</sup> Equivalente à função de Continuidade, que recobre PPC Durativo e/ou PPC Iterativo.

<sup>229</sup> Equivalente à função de Relevância Presente, que recobre PPC Experiência, PPC Resultado e PPC Passado Recente.

<sup>230</sup> Especialmente, os resultados de Oliveira (2010).



elas caminham atualmente em direção ao Estágio 3<sup>231</sup>, razão pela qual na dublagem destinada aos espectadores hispano-americanos é possível essa forma verbal ocorrer com valor de PPC Passado Recente (57,1% – 5/14) e PPC Experiencial (21,5% – 3/14), além de PPC Durativo (2/14 – 14,3%)<sup>232</sup>. A partir desses resultados numéricos, vemos, ainda, que nossa amostra do espanhol neutral destoa do que expõe Bravo García (2008, p. 45) sobre o PPC codificar somente iteração nessa variedade, já que a frequência de PPC Iterativo é zero (0% – 0/14) na dublagem em questão.

Ainda no âmbito da dublagem neutral de nosso corpus, observamos uso do pretérito perfeito composto não previsto na trajetória de gramaticalização dessa forma verbal: PPC modal “*si he sabido*” (7,1% – 1/14), em contexto prototípico de *pluscuamperfecto* de subjuntivo. Segundo estudos citados, trata-se de um mexicanismo sintático que ocorre exclusivamente em contexto de condicional e que, além disso, envolve carga afetiva na perspectiva do falante, comportamento identificado em sua ocorrência na dublagem produzida no México. Seu emprego no corpus fílmico foi decisivo para a aplicação do teste de percepção a espectadores peruanos e argentinos, além de mexicanos, cujas conclusões retomamos mais adiante.

No que se refere à funcionalidade identificada na dublagem peninsular, a forma *he cantado* também desempenha a macrofunção Perfecto/Anterior, apresentando usos das funções PPC Continuidade (5/125 – 4%) e PPC Relevância Presente (116/125 – 92,8%). Diferentemente da dublagem neutral, na tradução em contexto peninsular o pretérito perfeito composto codifica o valor de PPC Perfectivo/Aoristo (4/125 – 3,2%), função que corresponde ao estágio mais avançado de sua gramaticalização, cuja ocorrência era esperada já que a variedade peninsular é a mais evoluída, em termos de trajetória de mudança, entre as hispânicas.

Sintetizando as conclusões até agora, observamos, a partir de nossa análise: (i) que a dublagem produzida na Espanha reflete a funcionalidade do PPC peninsular discutida na literatura, facilmente identificada em nosso corpus fílmico; e (ii) que a dublagem neutral é muito mais complexa. Nesse raciocínio, é preciso ter em mente que nossa proposta não era identificar os estágios de gramaticalização do PPC hispano-americano a partir da tradução neutral (entendendo que

---

<sup>231</sup> Com destaque para a variedade peruana, a mais avançada entre as hispano-americanas.

<sup>232</sup> Conforme Tabela 8, que organizamos na seção 6.2.

esta não seja uma amostra representativa para fazê-lo); era, senão, buscar compreender a complexidade do espanhol neutral a partir do comportamento do fenômeno dos pretéritos, levando em consideração, nessa tarefa, o que a literatura descreve (principalmente) para o uso do PPC nas variedades linguísticas do público receptor dessa tradução. Sobre sua complexidade, fica claro que recorrer à gramaticalização do PPC nas variedades linguísticas dos espectadores é uma escolha válida, pois o entendimento do referido processo permite identificar a funcionalidade dessa forma verbal. Tem destaque, nesse sentido, o uso modal “*si he sabido*”, que escapa à previsão de Harris (1982), sugerindo um espraiamento do PPC mexicano a outros contextos.

Justamente buscando entender a complexidade da dublagem produzida em contexto mexicano, tivemos em conta, na formulação da Hipótese 3, a possível preferência do espanhol neutral ao emprego do PPS em detrimento do PPC, conforme descrição de Bravo García (2008, p. 45) sobre o paradigma verbal dessa variedade linguística. Nessa direção, contrastamos as duas traduções para dublagem e observamos que, em diversos casos, o tradutor poderia ter empregado o PPC, mas optou majoritariamente pelo PPS – e, com menor frequência, por outras formas e estratégias de tradução. Não havendo outra questão condicionando a ausência do PPC nesses enunciados, assumimos, através de uma lógica de eliminação, que o emprego do PPS nesses contextos de uso seja resultado da pressão exercida pela variedade neutral. Essa constatação foi possível graças ao caráter contrastivo das amostras de nosso corpus filmico. Assim, embora a descrição oferecida por Bravo García (2008) sobre a funcionalidade do PPC no espanhol neutral – somente iteração, conforme recuperamos anteriormente – não tenha sido verificada em nossa análise, por outro lado, a preferência dessa variedade ao emprego de uma forma em detrimento da outra parece ter sido confirmada. Nossa escolha metodológica pelo contraste entre as duas traduções foi uma alternativa para amenizar o fato de o áudio original não apresentar ocorrências de PPC, contudo, em trabalhos futuros é pertinente definir uma metodologia capaz de esmiuçar as estratégias de tradução a partir da língua de partida, o texto/áudio em português, que foi o material que serviu de base para os tradutores das duas versões ao espanhol.

Em direção à Hipótese 4, confirmamos, através do teste de percepção aplicado a hispano-falantes: (i) aceitação tanto de PPS como de PPC nos contextos durativo, experiencial e passado recente, na percepção de mexicanos, peruanos e argentinos; e (ii) por um lado, aceitação do PPC “*si he sabido*” somente entre os informantes da

Cidade do México, e, por outro, alta rejeição desse mexicanismo sintático na percepção dos espectadores representantes de Lima e Buenos Aires.

A aceitação de PPC Passado Recente na percepção do público hispano-americano sugere ser pertinente considerar a própria evolução do PPC como resposta para a alta frequência desse valor na dublagem neutral, pois, se não fosse possível seu uso, haveria rejeição da proposição. Entendemos que a língua – por ser um organismo vivo, natural, cuja gramática está (sempre) emergindo para desempenhar funções a serviço da comunicação – busca resistir ao condicionamento próprio do espanhol neutral, uma força externa, relativamente artificial. Nessa lógica, importa recuperar que o Estágio 3 – em que ocorre a subfunção PPC Passado Recente, sob o escopo de Relevância Presente – representa, nos dias atuais, a evolução do PPC nas variedades hispano-americanas que controlamos.

Sobre o PPC em contexto de subjuntivo ser aceito por mexicanos – ainda que não 100% – e altamente rejeitado por peruanos e argentinos, alguns pontos merecem destaque: (i) certamente, trata-se de um uso incompatível com a proposta do espanhol neutral, variedade que se pretende ampla em alcance geográfico; (ii) mesmo havendo pouca frequência de PPC como um todo na dublagem neutral, observar que um mexicanismo aparece entre as 14 ocorrências dessa forma verbal é algo significativo; e (iii) a presença de um uso exclusivo à variedade mexicana em uma dublagem neutral evidencia que há questões linguísticas – usos naturais – que escapam do controle pretendido no âmbito da Tradução, trazendo à luz (novamente) a ideia da evolução da língua, que é viva e busca resistir a um condicionamento externo.

Ainda sobre o teste de percepção, foi acertada a escolha metodológica pela inclusão dos vídeos, com o propósito de apresentar ao informante/espectador o contexto de interação em que se dão os usos linguísticos. Esse recurso, viável graças às tecnologias atuais – formulários online, edição e hospedagem de vídeos, entre outros –, mostrou, no contraste entre as etapas sem e com acesso à cena das ocorrências, uma tendência pelo aumento da aceitação dos dados, sugerindo a validade do método. A aplicação do instrumento não foi o objetivo central desta pesquisa, contudo, julgamos pertinente a realização do experimento dado o nosso diálogo com a Tradução, ainda que convidando um número reduzido de informantes. Para trabalhos futuros, sugerimos a ampliação da amostra.

Sobre a constituição do corpus a partir de material filmico, cabe destacar que o acesso à interação, bem como a todas as informações

linguísticas e extralinguísticas, é importante para o pesquisador, assim como o é para a percepção dos informantes que participam de testes. Em nosso caso, poder contar especialmente com a cronologia dos fatos foi determinante para identificar valores temporais codificados pelo PPC nas amostras analisadas, já que em muitos dados não existiam elementos formais capazes de orientar-nos nesse sentido. Em outras palavras, a vantagem da amostra fílmica está no acesso às informações discursivas e pragmáticas em jogo durante a interação, inclusive à perspectiva dos falantes representados em cena, o que favorece compreender suas escolhas por determinados usos linguísticos.

Nessa direção, a transcrição do filme brasileiro *Tropa de Elite* constitui amostra rica para estudos na área de Letras, especialmente no âmbito da Linguística e da Tradução. Os pesquisadores interessados têm acesso ao corpus fílmico analisado nesta dissertação, cujos materiais de áudio (original e dublagens) estão disponíveis integralmente no banco de dados online do Projeto CEEMO<sup>233</sup>.

---

<sup>233</sup> Página oficial: <<http://www.ceemo.ufsc.br>>. Acesso: jan., 2018.

## REFERÊNCIAS

AIROLDI, Fulvia C. *El subsistema de los tiempos pasados de indicativo en el español. Semántica y sintaxis*. Ciudad de México: Instituto de Investigaciones Filológicas (Universidad Nacional Autónoma de México), 2015.

ALARCOS LLORACH, Emilio. Perfecto simple y compuesto en español. In: *Revista de Filología Española*, 1947, p. 108-139.

\_\_\_\_\_. *Gramática funcional del español*. Madrid: Gredos, 1984 [1970].

ALBANO, Carine S. *La variación en los tiempos verbales en la variedad neutral del doblaje al español de la película Río*. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras Espanhol). Florianópolis: Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras (DLLE/CCE/UFSC), 2015, 56 p.

ANTONINI, Rachele. The perception of subtitled humor in Italy. *Humor*, 2005, p. 209-225. Disponível em: <<http://academic.csuohio.edu/kneuendorf/frames/subtitling/Antonini.2005.pdf>>. Acesso: out., 2017.

ARENAS, José. *Contato via Facebook*. 09/04/2015, 22h27. Facebook Messenger.

ASENSIO, Roberto M. Campos de estudio y trabajo en traducción audiovisual. In: DURO, M. (coord.). *La traducción para el doblaje y la subtitulación*. Madrid: Cátedra, 2001.

AZPIAZU, Susana. Antepresente y pretérito en el español peninsular: revisión de la norma a partir de las evidencias empíricas. *Anuario de Estudios Filológicos*, vol. XXXVI, 2013, p. 19-32.

BARBOSA, Juliana B. *Tenho feito/fiz a tese: uma proposta de caracterização do pretérito perfeito do português*. Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, 2008.

BELLO, Andrés. *Análisis ideológico de los tiempos de la conjugación castellana*. Caracas: Ministerio de la Educación, 1841.

\_\_\_\_\_. *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos*. Madrid: EDAF, 1847.

BERMEJO CALLEJA, Felisa. Pretérito perfecto compuesto (PPC) en un corpus oral del español peninsular: monólogos y conversaciones. *Orillas Revista D'ispanística*, 2017, p. 405-426.

BARROS, Lívia R. R. de S. *Tradução Audiovisual: a variação lexical diafásica na tradução para dublagem e legendagem de filmes de língua inglesa*. Dissertação de Mestrado em Linguística. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

BRAVO GARCÍA, Eva. *El español internacional: conceptos, contextos y aplicaciones*. Madrid: Arco Libros, S. L., 2008.

BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016

BYBEE, Joan. Mechanism of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.

CARDOSO, Adriana; PEREIRA, Sandra. Contributos para o estudo da emergência do tempo composto em português. *Revista ABRALIN*, v. II, n. 2. Brasília: ABRALIN, 2003, p. 159-181.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CCAPS. *Guía de estilo Ccapes del español latinoamericano*. v. 2.0, 2017.

CEBRIÁN, Juan L. *Entrevista concedida ao jornal La Capital*. 20 nov. 2004.

CEEMO. *Corpus do espanhol escrito com marcas de oralidade: gêneros textuais*, 2015. Disponível em: <<http://ceemo.ufsc.br/el-proyecto/generos-textuales-de-interes/>>. Acesso: jan., 2018.

CHAUME, Frederic. Más allá de la lingüística textual: cohesión y coherencia en los textos audiovisuales y sus implicaciones en traducción. In: DURO, M. (coord.). *La traducción para el doblaje y la subtitulación*. Madrid: Cátedra, 2001.

\_\_\_\_\_. *Los estándares de calidad y la recepción de la traducción audiovisual*. Puentes, nº. 6, 2005, p. 5-12.

\_\_\_\_\_. Panorámica de la investigación en la traducción para el doblaje. *Trans. Revista de Traductología*, nº. 17, 2013, p. 13-34.

CHIARO, Delia. Issues in audiovisual translation. In: MUNDAY, J. (Ed.) *The Routledge companion to translation studies*. New York: Routledge, 2009, p. 141-165.

CHOZAS, Diego; DORNELES, Flavia. *Dificultades del español para brasileños*. Madrid: Ediciones SM, 2003.

COLLAZOS, Ana M. D. *Desarrollo sociolingüístico del voseo en la región andina de Colombia (1555-1976)*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2015.

COMPANY, Concepción. *Gramaticalización y cambio sintáctico en la historia del español*. Ciudad de México: Instituto de Investigaciones Filológicas (Universidad Nacional Autónoma de México), 2003.

CUNHA, Maria A. F. da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de lingüística*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 157-176.

COMRIE, Bernard. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

\_\_\_\_\_. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998 [1976].

DÍAZ CINTAS, Jorge; REMAEL, Aline. *Audiovisual Translation: Subtitling*. Manchester: St. Jerome, 2007.

DURÃO, Adja B. de A. B. *Español [básico I]: curso de español para hablantes de portugués*. Madrid: Arco Libros, 2001.

FARACO, Carlos A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FIELDING, Raymond. The Technological Antecedents of the Coming of Sound. In: CAMERON, E. W. (coord.). *Sound and the Cinema*. New York, 1980, p. 57-64.

FOSSILE, Dieysa K. Valores aspectuais do português brasileiro e do alemão: uma proposta de síntese. In: MOURA, H., BORGES, M., SANTANA, A. P. (Orgs.) *Cognição, Léxico e Gramática*. Coleção Linguística. V.1. Florianópolis: Insular. 2012. p. 47-93.

GARCÍA FERNÁNDEZ, Luis. *La gramática de los complementos temporales*. Madrid: Visor Libros, 2000.

GESSER, Alison F. *Funcionalidad de formas verbales de pasado: análisis lingüístico de una película brasileña traducida al español*. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras Espanhol). Florianópolis: Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras (DLLE/CCE/UFSC), 2015, 233 p.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

\_\_\_\_\_. Tense, aspect na modality I: functional organization. In: *Syntax – an introduction*. V.1. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001, p. 285-335.

GODOY, Elena; DIAS, Luzia S. La oposición modal de los pretéritos perfecto compuesto y simple del español: una perspectiva cognitiva. *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos*, n. 1. Madrid, 1990, p. 53-65.

GÖRSKI, Maria E.; TAVARES, Maria A. O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. (Orgs.) *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola. 2017. p.35-63.

GREGG, Eugene S. *The Shadow of Sound*. New York: Vantage Press, 1968.



HARRIS, Martin. The “past simple” and “present perfect” in Romance. In: VINCENT, N.; HARRIS, M. (eds.). *Studies in the Romance Verb*. London: Croom Helm, 1982, p. 42-70.

HEINE, Bernd. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. New York Oxford: Oxford University Press, 1993.

HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. *Observaciones sobre el español en América y otros estudios filológicos*. Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 1976.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. v.1. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-35.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].

IZQUIERDO, Isabel G. El español neutro y la traducción de los lenguajes de especialidad. In: *SENDEBAR (Revista de la FTI)*, n. 17, 2006, p. 149-167.

JANDA, Richard D. Beyond “pathways” and “unidirectionality”: on the discontinuity of language transmission and the counterability of grammaticalization. In: CAMPPBELL, L. (Ed.). *Grammaticalization: a critical assessment*. *Language Sciences*, v. 23, n°. 2-3, p. 265-340, 2001.

JARA YUPANQUI, Margarita. *El perfecto en el español de Lima: variación y cambio en situación de contacto lingüístico*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2013.

KLEIN, Wolfgang. The Present Perfect Puzzle. *Language*, 68, 1992, p. 525-552.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. *Lengua hablada en la Rumania: español, francés, italiano*. Traducción: SERENA, Araceli L. Madrid: Gredos, 2007 [1990].

KOOLSTRA, Cees M.; PEETERS, Allerd L.; SPINHOF, Herman. The Pros and Cons of Dubbing and Subtitling. *European Journal of Communication*, 2002, p. 325-354.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago, 1980.

LEHMANN, Christian. Grammaticalization: Synchronic variation and diachronic change. *Lingua e Stile*, 1985, p. 303-318.

\_\_\_\_\_. *Thoughts on grammaticalization*. Munich: Lincom Europa, 2015 [1982].

LOPE BLANCH, Juan M. Sobre el uso del pretérito en el español de México. In: LOPE BLANCH, J. M. *El español americano*. Ciudad de México: Instituto de Investigaciones Filológicas (Universidad Nacional Autónoma de México), 2008a [1961].

LOPE BLANCH, Juan M. Español de México frente al español de España. In: LOPE BLANCH, J. M. *El español americano*. Ciudad de México: Instituto de Investigaciones Filológicas (Universidad Nacional Autónoma de México), 2008b [2004].

LÓPEZ MORALES, Humberto. El futuro del español. *Anuario del Instituto Cervantes (2006-2007)*, 2006. Disponible em: <[https://cvc.cervantes.es/lengua/anuario/anuario\\_06-07/lengua.htm](https://cvc.cervantes.es/lengua/anuario/anuario_06-07/lengua.htm)>. Acceso: out., 2017.

MALMBERG, Bertil. *La América hispanohablante: unidad y diferenciación del castellano*. 3 ed. Madrid: ISTMO, 1974.

MARTÍNEZ, Natalia I. Doblaje y subtitulación: una aproximación histórica. In: DURO, M. (coord.). *La traducción para el doblaje y la subtitulación*. Madrid: Cátedra, 2001.

MATTOS E SILVA, Rosa V. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1989.

MÁYNEZ, Pilar. En torno al concepto y uso de “mexicanismos”. *Estudios de cultura náhuatl*, v. 41, México, 2010.

MORENO DE ALBA, José G. M. de. Frecuencias de las formas verbales en el español hablado en México. In: ALBA, José G. M. de. *Estudios sobre los tiempos verbales*. Ciudad de México: Instituto de

Investigaciones Filológicas (Universidad Nacional Autónoma de México), 2003a [1972], cap. 2, p. 25-42.

\_\_\_\_\_. Transposiciones temporales y modales en las formas del indicativo. In: ALBA, José G. M. de. *Estudios sobre los tiempos verbales*. Ciudad de México: Instituto de Investigaciones Filológicas (Universidad Nacional Autónoma de México), 2003b [1974], cap. 3, p. 43-61.

\_\_\_\_\_. Valores de algunas formas verbales en el español americano. In: ALBA, José G. M. de. *Estudios sobre los tiempos verbales*. Ciudad de México: Instituto de Investigaciones Filológicas (Universidad Nacional Autónoma de México), 2003c [2001], cap. 7, p. 121-132.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Qué español enseñar. Entrevista a Carmen Pastor*. Instituto Cervantes, 2004. Disponible em: [http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca\\_ele/publicaciones\\_centros/PDF/munich\\_2003-2004/04\\_entrevista.pdf](http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/publicaciones_centros/PDF/munich_2003-2004/04_entrevista.pdf). Acesso: maio, 2017.

\_\_\_\_\_. *Las variedades de la lengua española y su enseñanza*. Madrid: Arco Libros, 2009.

\_\_\_\_\_. *La lengua española en su geografía*. Madrid: Arco Libros, 2010.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco; OTERO ROTH, Jaime. *Atlas de la lengua española en el mundo*. Madrid: Fundación Telefónica y Barcelona: Editorial Ariel, 2016 [2007], 3ª edición.

MOURA NEVES, Maria H. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MILANI, Esther M. *Gramática de espanhol para brasileiros*. São Paulo: Saraiva, 2006.

NÁJAR, Salvador. *El doblaje de voz: orígenes, personajes y empresas en México*. Libro digital. Ciudad de México, 2007. Disponible em: <http://www.salvadornajar.com/>. Acesso: nov., 2014.

OLIVEIRA, Leandra C. de. *As duas formas do pretérito perfeito: análise de corpus*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

\_\_\_\_\_. *A atuação das modalidades epistêmicas “pressuposição” e “irrealis” no uso dos pretéritos perfeito simples e perfeito composto em espanhol*. Working papers em lingüística, v. 9 [2]. Florianópolis: UFSC, 2008, p. 11-21.

\_\_\_\_\_. *Estágio de gramaticalização do pretérito perfeito composto no espanhol escrito de sete capitais hispano-falantes*. Tese de Doutorado em Linguística. Florianópolis: Programa de Pós-graduação em Linguística (CCE/UFSC), 2010.

\_\_\_\_\_. “He vivido” y “tenho vivido”: funciones y trayectorias de cambio del perfecto compuesto español y portugués. *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos*, 2011, p. 60-80.

OLIVEIRA, Leandra C. de; GESSER, Alison F.; ALBANO, Carine S.; TAVORA, Beatrice; BRANDELERO, Diare; URÓN, Hernán C. S. Pesquisas linguísticas com base na amostra filmica Rio: olhares para a dublagem em português e em três variedades do espanhol. In: BUTTURI, A.; OLIVEIRA, L. C. de; PEDRALLI, R.; GUIMARÃES, N. S.; XHAFAJ, D. C. P. (Org.). *Estruturalismos, pós-estruturalismos e outras discussões*. X Semana Acadêmica de Letras da UFSC. Curitiba: CRV, 2016, 1ª ed., p. 179-187.

OLIVEIRA, Leandra C. de.; GESSER, Alison F. Funcionalidade de formas verbais de passado: uma interface entre linguística e tradução. In: *XVII Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL 2014)*. João Pessoa: Estudos lingüísticos e filológicos, 2014, p. 2733-2749.

\_\_\_\_\_. La expresión temporal de pasado en el material de audio de una película brasileña traducida en México. Guadalajara: *Revista Verbum Et Lingua*, 2015, v. 5, p. 39-56.

PARRINI, Carolina F.; SALVIO, L. Agata; ALBANO, Carine S.; BRANDELERO, Diare; PICHETTI, Geanne Z. C.; URÓN, Camilo H. S. Pesquisas do espanhol na oralidade: estudos em linguística, literatura e tradução. In: BUTTURI, A. J.; FRITZEN, C.; MORITZ, M. E.; GUIMARÃES, N. S.; PEDRALLI, R. (Orgs.). Curitiba: CRV, 2017, p. 341-355.

REICHENBACH, Hans. *Elements of Symbolic Logic*. New York: Macmillan Company, 1947.

RODRÍGUEZ LOURO, Celeste. Usos del Presente Perfecto y el Pretérito en el español rioplatense argentino. *Actas del XV Congreso Internacional de La Asociación de Lingüística y Filología de América Latina*. Montevideo, 2008.

ROIG, Xosé C. El traductor de películas. In: DURO, M. (coord.). *La traducción para el doblaje y la subtitulación*. Madrid: Cátedra, 2001.

ROMANI, Patricia. Tiempos de formación romance I: los tiempos compuestos. In: COMPANY, C. (dir.). *Sintaxis histórica de la lengua española. Primera parte: La frase verbal*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica/Universidad Nacional Autónoma de México, 2006, p. 241-346.

SPITZOVÁ, Eva; BAYEROVÁ, Marcela. Posición del perfecto compuesto en el sistema temporal del verbo en el español de México. *Études Romanes de Brno*, 1987, XVIII(9), p. 37-50.

SQUARTINI, Mario; BERTINETTO, Pier M. The simple and compound past in Romance Languages. In: DAHL, Ö. *Tense and aspect in the languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000, p. 385-402.

TRAVAGLIA, Luiz C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlandia: EDUFU, 1981.

VALLE, Carla R. M. *Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição*. Tese de Doutorado em Linguística. Florianópolis: Programa de Pós-graduação em Linguística (CCE/UFSC), 2014.

VENDLER, Zeno. Verbs and Times. In: *Linguistics in philosophy*. New York: University Press, 1967, p. 97-121.

VILLA, Rosa M. P. *La influencia del doblaje audiovisual en la percepción de los personajes*. Tesis doctoral. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2002.

VINCENDEAU, Ginette. Hollywood Babel. *Screen*, 1988, p. 30-41.

ZAMORA VICENTE, Alonso. *Dialectología española*. Madrid: Editorial Gredos, 1967.